



## MANOEL SOBREIRA

Agente de passagens e passaportes



CORRESPONDENTE DE TODAS  
AS COMPANHIAS DE  
NAVEGAÇÃO

Venda de passagens em qualquer das classes para todos os portos da Europa, África e Americas do Norte e Sul

*Serviço especial e garantido para França e America do Norte*

Tratam-se e solicitam-se todos os documentos para passageiros, incluindo licenças a mancebos maiores de 14 annos, tropas activas e reserva.

→ **Pardilhos** ←

## PASSAGENS E PASSAPORTES

Para o Brazil, Argentina, America do Norte, Cuba, Mexico, França, Africa e qualquer outro ponto do estrangeiro, colónias e ilhas adjacentes.

Habilitam-se todos os emigrantes rapidamente e por preços módicos.

Tiram-se retratos aos emigrantes e a quem quer que seja, para cujo fim se encontra montado um serviço fotografico.

Agente,

DOMINGOS LUIZ DA CONCEIÇÃO

PARDELHAS

Marco Paulo Marques Pereira

# Migrações Portuguesas. O caso dos concelhos de Estarreja e Murtosa

Relatório de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Prof. Doutora Ana Isabel Ribeiro e pela Prof. Doutora Adélia Nunes e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Marco Paulo Marques Pereira

M i g r a ç õ e s P o r t u g u e s a s .  
O c a s o d o s c o n c e l h o s d e  
E s t a r r e j a e M u r t o s a

Relatório de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela  
Prof. Doutora Ana Isabel Ribeiro e pela Prof. Doutora Adélia Nunes e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Setembro de 2017

# MIGRAÇÕES PORTUGUESAS. O CASO DOS CONCELHOS DE ESTARREJA E MURTOSA

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	Relatório de estágio
<b>Título</b>	Migrações Portuguesas. O caso dos concelhos de Estarreja e Murtosa.
<b>Autor</b>	Marco Paulo Marques Pereira
<b>Orientadora</b>	Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro
<b>Coorientadora</b>	Professora Doutora Adélia de Jesus Nobre Nunes
<b>Júri</b>	Presidente: Doutora Ana Alexandra Ribeiro Luís. Vogais: 1. Doutora Adélia Jesus Nobre Nunes 2. Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro
<b>Identificação do Curso</b>	Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário
<b>Áreas Científicas</b>	História e Geografia — Formação de professores
<b>Especialidade / Ramo</b>	História e Geografia — Formação de professores
<b>Data da Defesa</b>	24-10-2017
<b>Classificação</b>	17 valores



## ÍNDICE

Introdução.....	p. 5
I. O Estágio.....	p. 8
1 O meio .....	p. 8
2. A escola .....	p. 9
3. As turmas.....	p. 9
4. Actividades desenvolvidas ao longo do estágio .....	p. 10
5. Metodologia de trabalho e prática pedagógica.....	p. 14
6. Balanço do estágio.....	p. 16
II. O contexto português .....	p. 18
1 Demografia .....	p. 18
2. Migrações .....	p. 21
2.1. Emigração para o Brasil, até meio do século XX.....	p. 21
2.2. Destinos da emigração na segunda metade do século XX .....	p. 25
III. Demografia dos concelhos de Estarreja e Murtosa ao longo da história.....	p. 26
1 Concelho de Estarreja.....	p. 32
2. Concelho da Murtosa.....	p. 34
3. Ocupação do litoral.....	p. 36
IV. Migrações internas .....	p. 39
1 Varinas de Lisboa .....	p. 40
2. Pesca do Sável .....	p. 42
V. Emigração.....	p. 50
1. Até meados do século XX (Brasil).....	p. 50
2. Segunda metade do século XX (Estados Unidos da América, Venezuela e França) .....	p. 57
3. Século XXI (Europa).....	p. 61



4. Marcas da emigração na origem e no destino.....	p. 63
VI. Aplicação didáctica .....	p. 68
1. Visita de estudo .....	p. 70
2. Aula de preparação, com workshop de pesquisa de fontes .....	p. 72
3. Preparação da visita de estudo.....	p. 75
4. Decurso da visita de estudo .....	p. 75
5. Avaliação .....	p. 76
Conclusão .....	p. 78
Bibliografia.....	p. 84
Apêndices e Anexos – Parte científica .....	p. 100
Apêndices e Anexos – Parte didáctica.....	p. 187
1. Horário do Professor Estagiário .....	p. 188
2. Aula de preparação para a Visita de Estudo (Powerpoint).....	p. 189
3. Aula de preparação para a Visita de Estudo (planificação).....	p. 195
4. Projecto de Actividade – Visita de estudo.....	p. 201
5. Roteiro da Visita de Estudo .....	p. 203
6. Autorização do encarregado de educação para participação do seu educando.....	p. 205
7. Ficha de Trabalho e respectivas soluções.....	p. 206
8. Avaliação da Visita de Estudo.....	p. 209
Índices de Apêndices e Anexos .....	p. 210

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relatório do estágio realizado, do curso de Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Inicia-se com a descrição desse estágio e o balanço do percurso formativo, passando depois ao aprofundamento do tema científico escolhido, e terminando com a aplicação didáctica do mesmo.

Os concelhos de Estarreja e Murtosa situam-se no Norte da Ria de Aveiro, do distrito com o mesmo nome, assentando grande parte do seu território numa planície aluvial do Quaternário. Estarreja possui cerca de 27 mil habitantes, distribuídos por 108 km<sup>2</sup>, e actualmente cinco freguesias (sete antes da reorganização administrativa de 2013): Avanca, União de Freguesias de Beduído e Veiros, União de Freguesias de Canelas e Fermelã, Pardilhó e Salreu. Por sua vez o concelho da Murtosa tem cerca de 10500 habitantes e 73 km<sup>2</sup>, distribuídos por quatro freguesias: Bunheiro, Monte, Murtosa e Torreira. Em 1926 criou-se o concelho da Murtosa, destacado do de Estarreja, com o qual mantém grandes afinidades. As actividades económicas tradicionais dos dois concelhos estão intimamente relacionadas com a Ria de Aveiro, com excepção para a indústria química que começou a desenvolver-se em Estarreja a partir da década de 1940. A emigração constituiu desde meados do século XIX a real alternativa de sustento para grande parte da população destes concelhos, principalmente quando se agravaram as restrições à pesca e à apanha do moliço.

No presente trabalho pretende-se estudar a população dos dois concelhos, em particular o movimento da população ao longo da história. Partindo de uma profunda relação entre a história e a geografia, aplicam-se métodos e conceitos desta para diferentes períodos daquela. Assim, feita uma contextualização da realidade portuguesa, começa-se por quantificar a população de cada freguesia ao longo da história e elaborar pirâmides etárias para momentos diferenciados, no intuito de compreender como e porquê tem evoluído a população. Os dados obtidos são fundamentais para o estudo que a seguir se faz, das migrações internas e da emigração. Optou-se por não abordar a

imigração, apesar de se ter ponderado fazê-lo inicialmente, uma vez que esta sempre foi pouco expressiva e a informação a seu respeito escassa. É sobretudo a emigração que suscita um interesse mais cuidado, tendo sido destino inicial o Brasil (segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX) e depois os Estados Unidos da América, Venezuela e França (segunda metade do século XX), dirigindo-se a diferentes pontos da Europa a nova emigração do século XXI. Cada momento e destino com as suas características, mas também com a sua influência na cultura local e com os seus nomes de destaque. O estudo de caso assume algumas particularidades em relação ao contexto nacional, do que são exemplos mais visíveis as motivações para emigrar e a dimensão proporcional do contingente migratório. Por fim, coube pensar na aplicação didáctica do tema, para o que se recorreu a diferentes propostas. Concretizando, realizou-se uma visita de estudo, conhecendo *in loco* o espaço estudado no tema científico e algumas das suas particularidades pertinentes. Neste caso visitou-se a casa-museu Ferreira de Castro, procurando conhecer melhor a vida e obra deste escritor, ambas profundamente ligadas à emigração para o Brasil. No concelho da Murtosa apontaram-se especificidades do território, da economia e da vivência das gentes, que determinaram o recurso massivo à emigração. A visita foi precedida de uma aula de preparação, com um workshop de pesquisa de fontes, aproveitando parte dos apêndices e anexos aqui apresentados.

O estudo da população integra-se nas metas curriculares de geografia no 9.º ano, sumariamente (A – Contrastes de Desenvolvimento, alínea II/1./1.1.), de forma mais intensa no 8.º ano (todo o ano, mas com particular incidência na sua primeira metade, ou seja, A – População e Povoamento, e B – Actividades Económicas), assim como na Área de Integração (ensino secundário) e no Clube Europeu (em funcionamento no Colégio Bissaya Barreto). No tocante à disciplina de história o estudo da população relaciona-se com as metas curriculares do 8.º ano (D – A civilização industrial no século XIX, alíneas I/2./2.5. e II/1./1.1. a 1.6.) e do 9.º ano (o século XX de modo geral). Ao longo da experiência lectiva do estágio, e no âmbito da mesma, realizaram-se diferentes actividades centradas no estudo da população, em particular a emigração e concretamente o estudo de caso aqui abordado.

Para os concelhos de Estarreja e Murtosa não existe nenhum trabalho de fôlego sobre a população ou concretamente sobre as migrações. O que existe são apenas informações parcelares que aqui se coligem e são indicadas na bibliografia. Por outro

lado não se pretende replicar nenhum estudo já feito sobre qualquer outra localidade, mas sim realizar algo novo e original, atentando nas especificidades locais.

As fontes e bibliografia utilizadas são vastas e diversificadas, como se pode constatar na sua relação apresentada no final. Privilegia-se o trabalho com fontes, pese embora as lacunas que estas possuem, não perdendo de vista diversificada bibliografia, nalguns casos estudos e noutros de outra natureza, assim como o inquérito directo a emigrantes. Entre as lacunas das fontes destaca-se o não ter sido possível encontrar informação estatística publicada, ao nível do concelho, para parte do século XX e para o século XXI. A informação coligida é tratada, procurando obter um conhecimento mais aprofundado da realidade. Deste modo faz-se a análise dos dados, mormente as estatísticas sobre o tema, tendo particularmente em conta as tabelas numéricas elaboradas *ad hoc* e colocadas em apêndice, a partir das quais foram realizados gráficos de vários tipos, para mais fácil leitura. Imagens e textos ajudam igualmente ao estudo da população local. Teve-se ainda em atenção algumas indicações que constam de estudos indicados na bibliografia.

## **I. O ESTÁGIO**

No âmbito do Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, decorreu no ano lectivo 2015/2016 o respectivo estágio, com prática pedagógica supervisionada, no Colégio Bissaya Barreto (Coimbra).

Na área científica de História foi orientadora do estágio no Colégio a professora Joana Damasceno, acompanhada por parte da Faculdade pela Doutora Ana Isabel Ribeiro.

Por seu turno a orientadora no Colégio, na área científica de Geografia, foi a professora Catarina Pinto, representando a Faculdade o Doutor Albano Figueiredo.

### **1. O MEIO**

Situa-se o Colégio Bissaya Barreto no lugar de Bencanta, freguesia de São Martinho do Bispo (desde 2013 União de Freguesias de São Martinho do Bispo e Ribeira de Frades), que possui 14,3 km<sup>2</sup> e 14147 habitantes (Censos/2011), no concelho e distrito de Coimbra.

O lugar de Bencanta concretamente, do lado sul do rio Mondego, dista cerca de 5 Km de automóvel dos Paços do Concelho de Coimbra, isto é, do centro administrativo do concelho. No respeitante a transportes e comunicações é servido pela estrada A31, diversos percursos dos autocarros dos SMTUC (Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra) e um apeadeiro da Linha do Norte dos caminhos-de-ferro. A economia local encontra-se particularmente centrada no sector terciário, inserindo-se no contexto da cidade de Coimbra.

Destaca-se, nas proximidades do Colégio, a existência de diversas instituições de ensino superior, designadamente o Instituto Superior Bissaya Barreto, a Escola Superior Agrária de Coimbra e o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra (ISCA-C). Distingue-se o Instituto Superior Bissaya Barreto, por se encontrar junto do Colégio (em cujas instalações antes funcionou), no *Campus do Conhecimento e da Cidadania*, ambos inseridos no complexo da Fundação Bissaya Barreto.

Actualmente possui as licenciaturas de Direito e Solicitadoria, bem como os mestrados em Direito e Gerontologia Social e várias pós-graduações, tendo antes ministrado outras licenciaturas e cursos, entre as quais a mais antiga e marcante foi a de Serviço Social.

## **2. A ESCOLA**

Sendo um estabelecimento de ensino particular, o Colégio Bissaya Barreto dá resposta a diferentes níveis de ensino, concretamente 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, assim como cursos profissionais nível 4 e Academia de Línguas.

As instalações do colégio situam-se num espaço de campo e tranquilo, ao mesmo tempo que a apenas 10 minutos do centro da cidade de Coimbra, ocupando as antigas instalações do Instituto Superior Bissaya Barreto, adaptadas às novas funções. Desta adaptação resultou um espaço que, além de salas de aula generalistas e especializadas, possui secretaria, bar, refeitório, biblioteca, auditório, pavilhão multiusos e piscina. Existe ainda o apoio de transporte escolar com autocarro próprio.

Dando continuidade às respostas sociais para crianças e jovens surdos da Fundação Bissaya Barreto, alargando-as à comunidade ouvinte, foi criado em Setembro de 2003 o Colégio Bissaya Barreto, destinado ao 1.º ciclo. A partir do ano lectivo 2009/2010 o Colégio passou a funcionar com turmas do 1.º, 2.º e 3.º ciclos, estando em funcionamento 11 meses por ano (encerra apenas em Agosto), deste modo proporcionando um vasto conjunto de actividades extra-curriculares, inclusivamente nos períodos de férias dos alunos.

O pessoal docente inclui 17 professores para o primeiro ciclo, 17 para o segundo ciclo, 17 para o 3.º ciclo, 5 para os cursos profissionais e 7 formadores externos. A maioria dos professores indicados são comuns ao 1.º, 2.º e 3.º ciclos. No quadro de pessoal do Colégio acrescem ao corpo docente um total de 11 não docentes.

No ano lectivo 2015/2016 cada ano de escolaridade, entre o 1.º e o 7.º anos, funcionou com duas turmas. Por sua vez o 8.º e o 9.º anos tiveram uma turma cada. Os alunos utilizam, obrigatoriamente, um uniforme comum do Colégio.

## **3. AS TURMAS**

Acompanharam-se as aulas da turma do 8.º ano (História) e do 9.º ano (Geografia). A turma do 8.º ano era constituída por 14 rapazes e 10 raparigas, totalizando 24 alunos.



Por sua vez o 9.º ano possuía 19 rapazes e 4 raparigas, num total de 23 alunos. Quase todos os alunos provinham de famílias de classe média-alta, tendo os pais formação superior, e residiam no concelho de Coimbra, havendo frequentado o mesmo Colégio no ano anterior.

Todos possuíam a idade normal para o ano de escolaridade frequentado, sendo que nenhum dos alunos de ambas as turmas havia registado retenções no seu percurso escolar. A grande maioria dos pais acompanhava o estudo dos seus filhos em casa e deslocava-se ao Colégio para inteirar-se do percurso escolar dos mesmos. Deste modo é sem surpresa que a maioria dos alunos obtinha boas resultados escolares, o que se verificou ao longo das aulas, nos testes e nas reuniões do Conselho de Turma para avaliação intercalar e final. Como referências particulares e especiais, existiam alguns casos de comportamento menos correcto, embora não o suficiente para merecer menção. Uma vez que os docentes deviam acompanhar os alunos ao refeitório, foi possível verificar, até pela informação disponibilizada pelo Colégio, que alguns alunos não comiam determinados alimentos, o que os docentes deviam monitorizar.

Na turma do 8.º ano (História) concluiu-se existirem 5 alunos no nível de Muito Bom, 7 no de Bom, 4 no de Suficiente elevado, 6 que apenas cumpriam os requisitos mínimos para a positiva e 2 francamente maus. Dois alunos possuíam teste adaptado, ainda assim com resultados de Suficiente baixo e de Insuficiente.

Quanto à turma do 9.º ano (Geografia) existiam 7 alunos no nível de Muito Bom, 13 no de Bom, 3 no de Suficiente e nenhuma negativa. Contudo refira-se que um dos alunos desta turma havia transitado com acompanhamento do 8.º para o 9.º ano. Por outro lado, dois alunos do 9.º ano faltavam às aulas, ocasionalmente, para controlo médico, sem que tal tenha afectado significativamente o seu desempenho escolar.

Em suma, os alunos de ambas as turmas revelavam interesse pelas actividades lectivas e empenho na sua concretização, não justificando menção, pela sua insignificância, alguns casos de comportamento menos correcto. No entanto era patente uma maior simpatia pelas ciências exactas por parte da maioria dos alunos, o que os aproximava mais da Geografia, principalmente a Geografia Física, do que da História.

#### **4. ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS AO LONGO DO ESTÁGIO**

Durante o ano lectivo de 2015/2016 decorreu o estágio do *Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário*, no Colégio

Bissaya Barreto, localizado em Bencanta (Coimbra). Durante este período desenvolveu-se um conjunto diversificado de actividades, enquadradas no estágio, que passam a referir-se:

1) 1.º Semestre, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Seminário Pedagógico de Geografia. Participação nas aulas semanais, sob a docência da Doutora Adélia Nunes. Realização de relatório final, incluindo a apresentação do plano, apresentação do trabalho e entrega do trabalho final.

2) 2.º Semestre, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Seminário Pedagógico de História. Participação nas aulas semanais, sob a docência da Doutora Ana Isabel Ribeiro. Realização de relatório final, incluindo a apresentação do plano, apresentação do trabalho e entrega do trabalho final.

3) Estágio anual, no Colégio Bissaya Barreto, acompanhando a turma do 9.º ano na disciplina de Geografia, sob a orientação da prof. Catarina Pinto.

Elaboração do plano anual, e das planificações de longo prazo (anual) e médio prazo (três, sendo uma para cada período).

Leccionação de 14 horas de aula ao longo do ano (5 + 6 + 3, respectivamente nos três períodos), incluindo a realização e entrega à docente dos respectivos planos de aula, observação das aulas leccionadas pela docente e pelo colega estagiário, elaboração dos testes de avaliação e respectivas matrizes, e correcção dos mesmos testes.

Seminários semanais com a docente, onde entre outros aspectos abordados foi realizada a auto e hetero-avaliação dos professores estagiários.

4) Estágio anual, no Colégio Bissaya Barreto, acompanhando a turma do 8.º ano na disciplina de História, sob a orientação da prof. Joana Damasceno.

Leccionação de 16 horas de aula ao longo do ano (6 + 6 + 4, respectivamente nos três períodos), incluindo a realização e entrega à docente dos respectivos planos de aula, observação das aulas leccionadas pela docente e pelo colega estagiário, elaboração dos testes de avaliação e respectivas matrizes, e correcção dos mesmos testes.

Seminários semanais com a docente, onde entre outros aspectos abordados foi realizada a auto e hetero-avaliação dos professores estagiários.

5) Leccionação, em colaboração com o colega estagiário, de uma aula semanal, do Plano Nacional de Leitura, a uma turma do 3.º ano de escolaridade. Nesta aula, tendo por base um conjunto de obras indicadas pelo Plano Nacional de Leitura, para o 3.º ano de escolaridade, foram lidas essas obras, total ou parcialmente, pelo docente e pelos alunos (preferencialmente). Desta forma pretendeu-se avaliar os progressos dos alunos na sua capacitação para a leitura e fomentar o interesse dos mesmos alunos pela leitura. Paralelamente promoveram-se outras actividades que se relacionam com as obras indicadas, do que são exemplo a realização de desenhos e de uma peça de teatro de fantoches pelos alunos.

6) Leccionação de diversas aulas do Estudo Acompanhado, a alunos do 3.º Ciclo. Estas aulas ocorriam às quartas-feiras, dias em que só excepcionalmente me desloquei ao Colégio, atentas as minhas obrigações profissionais. Assim, foram na sua maioria leccionadas pelo colega estagiário, conforme o combinado entre ambos, sendo poucas as que foram leccionadas por mim. Em contrapartida ou compensação ficaram ao meu encargo as aulas do Clube do Parlamento, que ocorriam às quintas-feiras.

7) Dinamização do Clube Europeu (afecto à docente de Geografia), em colaboração com o colega estagiário, em contexto de aulas semanais, destinadas a alunos do 2.º e 3.º Ciclos. Estas aulas ocorriam às quartas-feiras, dias em que só excepcionalmente me desloquei ao Colégio, atentas as minhas obrigações profissionais. Assim, foram na sua maioria leccionadas pelo colega estagiário, conforme o combinado entre ambos, sendo poucas as que foram leccionadas por mim. Em contrapartida ou compensação ficaram ao meu encargo as aulas do Clube do Parlamento, que ocorriam às quintas-feiras.

8) Dinamização do Clube do Parlamento dos Jovens (afecto à docente de História), em contexto de aulas semanais, destinadas a alunos do 2.º e 3.º Ciclos. Estas aulas ficaram ao meu encargo e não do colega estagiário, conforme o combinado entre ambos, em virtude de serem asseguradas pelo colega estagiário as aulas do Clube Europeu e do Estudo Acompanhado.

9) Acompanhamento dos alunos participantes no concurso “Parlamento dos Jovens”, em todas as actividades relacionadas com o mesmo, em representação do Colégio Bissaya Barreto.

10) Acompanhamento de uma conferência subordinada ao tema “Olhando os Outros e nos vendo: debater o racismo através da análise de ilustrações de manuais escolares de história (Brasil e Portugal)”, realizada no Colégio Bissaya Barreto, para os alunos do 7.º ano. Conferência realizada no âmbito do programa “CES vai à escola” e a cargo de uma de três investigadoras envolvidas neste programa (26.11.2015).

11) Acompanhamento do “I colóquio em didática e ensino”, da FLUC, que decorreu no dia 16 de Maio de 2016.

12) Participação em todas as reuniões que a direcção do Colégio permitiu, designadamente nos Conselhos de Turma do 8.º ano e do 9.º ano, com excepção dos dias em que estas reuniões decorreram ao mesmo tempo em que me foram destinadas actividades não lectivas com grupos de alunos do 1.º, 2.º ou 3.º ciclos.

13) Preparação e dinamização de actividades com os alunos do 1.º, 2.º e 3.º ciclos, durante as interrupções lectivas. Nos dias que me foram atribuídos na interrupção lectiva do Natal promovi um workshop de papagaios de papel e jogos de tabuleiro. Por sua vez, nos dias que me foram atribuídos na interrupção lectiva da Páscoa promovi aulas subordinadas ao tema “Conhecer Coimbra através da história”, com forte aposta na exposição de imagens, e um workshop de origamis.

14) Participação em variadas actividades lectivas e não lectivas, designadamente na Festa de Natal do Colégio (17.12.2015) e na Festa de Final de Ano (9.6.2016).

15) Planeamento e execução de três visitas de estudo, com a colaboração do Colégio e do colega estagiário:

i) 11 de Março de 2016, a Lisboa, ao Museu Nacional dos Coches e à exposição “Real Bodies” (9.º ano; Secundário/Profissional).

Manhã: Museu Nacional dos Coches (Lisboa);

Tarde: Exposição “Real Bodies” (Lisboa).

ii) 18 de Março de 2016, às Caldas da Rainha, visitando o Hospital Termal, o Museu José Malhoa e o Museu da Cerâmica (8.º ano; 9.º ano).

Manhã: Hospital Termal;

Tarde: Museu José Malhoa e Museu da Cerâmica.

iii) 10 de Maio de 2016, a Oliveira de Azeméis e Murtosa, sob o tema “Emigração Portuguesa” (8.º e 9.º anos). Actividade enquadrada na aplicação didáctica do tema do relatório final de mestrado.

Manhã: Casa-Museu Ferreira de Castro e Biblioteca (Oliveira de Azeméis);

Almoço: Parque Molinológico de Ul (com visita ao complexo museológico e centro de interpretação).

Tarde: Museu Comur e passeio de bicicleta pelo percurso Murtosa Ciclável (Murtosa).

## **5. METODOLOGIA DE TRABALHO E PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Durante o ano de estágio foi prática habitual os estagiários reunirem na biblioteca do Colégio, entre si e, semanalmente, com cada uma das duas professoras orientadoras, a fim de discutirem experiências e dúvidas, bem como a preparação das aulas a leccionar. Além disso foi necessário realizar em casa muito trabalho, incluindo a preparação das aulas e respectivas planificações, das actividades extra-lectivas, enfim das avaliações. Refira-se que para avaliar os alunos importa preparar instrumentos de avaliação, matrizes, critérios de correcção, corrigir, analisar os resultados e procurar soluções para melhorias. Sempre os estagiários assistiram às aulas um do outro e das duas professoras orientadoras, nas duas turmas que acompanharam. Após, discutiam-se os aspectos melhor conseguidos e menos bem conseguidos das aulas, além de se fazer a auto e hetero-avaliação, no caso das que eram leccionadas pelos estagiários.

Para fazer a ligação com a aula anterior iniciei as por mim leccionadas com uma pequena síntese, dos conteúdos leccionados naquela, sistematizando-a. Depois disso cabia a introdução à matéria da aula presente, utilizando o sumário para dar a conhecer a sequência lógica da matéria do dia. Por outro lado o final de cada aula foi igualmente momento de síntese e sistematização, numa breve exposição oral, lembrando a estrutura do sumário indicado no início. Tratando-se de uma aula prévia a teste era

ainda necessário reservar uma parcela relevante de tempo para revisões de toda a matéria a ser avaliada.

No intuito de possuir um registo individual de cada aluno, criei uma tabela de participações nas aulas, incluindo colunas para registar as faltas de material, a pontualidade e faltas no comportamento. Este registo tornou-se útil para ajudar a decidir as notas a atribuir no final de cada período, principalmente nos casos de dúvida.

Durante as aulas procurei ter em atenção aquilo que os alunos já sabiam, de anos anteriores e de outras disciplinas, para não repetir matérias. Quando se revelou importante expliquei conceitos, mesmo que fora da matéria, desde que contribuíssem para a boa aprendizagem da mesma. Regularmente os alunos foram convidados a transcrever sínteses nos seus cadernos, ao mesmo tempo que circulei pela sala verificando que todos as escreviam.

Em cada aula que leccionei esforcei-me por fazer uma boa gestão do tempo, no sentido de cumprir o plano de aula. Isso não impediu que, nos momentos em que de algum modo falhei, parasse para me corrigir. Ou respondesse às dúvidas que os alunos iam suscitando, porém evitando abusos e mantendo uma participação ordeira, precedida do dedo no ar e de lhes ser dada a palavra. Caso não fosse capaz, no momento, dar a resposta necessária (v.g. quando um aluno divergia para uma questão paralela à matéria) remetia para a aula seguinte, preparando-me depois para responder brevemente no início da mesma. Gerir bem o tempo significou também não ficar agarrado ao que previamente defini para cada aula, e ter um plano B para quando a tecnologia não funcionasse (electricidade, PC ou datashow).

A comunicação com os alunos teve permanentemente um conjunto de cuidados. Primeiro o chamar cada um pelo seu nome e manter com eles contacto visual, o que ajudou a manter as turmas bem comportadas e atentas. Privilegiei o diálogo com os alunos, horizontal-vertical, com a participação de todos, ao contrário da clássica aula meramente expositiva. As perguntas que dirigia à turma eram, quase todas, pensadas previamente (e não no momento da própria aula) e direccionadas para alunos específicos (e variados), não para toda a turma, ao passo que quando respondia a um aluno dirigia-me a todos, uma vez que a dúvida de um pode ser a dúvida de outros. Quando se resolviam as questões do T.P.C. solicitava aos alunos que não o fizeram que respondessem. Por outro lado incentivei a participação e confronto entre eles, mesmo quando erravam, tentando aproveitar os aspectos positivos da sua participação, inclusive pedindo-lhes para falarem mais alto quando necessário. Foi igualmente privilegiada a



exploração de fontes e materiais pelos alunos, ao invés do professor, para que estes atingissem sozinhos as conclusões.

Tentei que as minhas aulas fossem dinâmicas, diversificando e explorando os materiais utilizados. Ao invés de ser meramente expositivo, usei vídeos, esquemas, quadros e mapas, assim como coloquei habitualmente os alunos a trabalhar, individualmente ou em grupo. Por outro lado, privilegiei o estudo de caso em geografia, ao passo que tanto na história como na geografia a referência a circunstâncias locais, mais próximas e frequentemente conhecidas dos alunos.

Porque o uso de apresentações powerpoint foi habitual nas aulas, procurei que os textos consistissem apenas em tópicos (desenvolvidos oralmente, tal como os tópicos colocados no quadro negro), a transcrever nos cadernos, com letra de dimensão legível e juntando a cada imagem uma legenda com a sua fonte.

Quanto ao manual, sendo importante utilizá-lo (até porque implicou um investimento dos pais), não deve o professor ficar preso ao mesmo. Pode-se contudo remeter para o manual quando está lá o essencial de uma matéria.

## **6. BALANÇO DO ESTÁGIO**

Realizei o estágio na condição de trabalhador-estudante e residindo permanentemente em Estarreja. Assim, para deslocar-me da minha residência ao Colégio utilizava quatro meios de transporte diferentes: automóvel entre a minha residência e a estação de comboios de Estarreja; comboio suburbano entre Estarreja e Aveiro; comboio regional entre Aveiro e Coimbra-B; autocarro dos SMTUC entre Coimbra-B e Bencanta. Isto significa que, por exemplo, nos dias em que tinha aulas no Colégio às 8h30 tinha de acordar às 5h00. Para além das duradouras e cansativas viagens de ida e volta tive de conciliar o estágio com a minha vida profissional, igualmente em Estarreja, indispensável para a minha subsistência.

O meu estágio foi pois uma experiência particularmente exigente e cansativa, sem paralelo com nenhum outro colega. Foi também um ano enriquecedor, na medida em que me permitiu lidar de perto e na primeira pessoa com várias aspectos da realidade educativa. Confirmei deste modo que aprende-se a fazer fazendo, ou seja, acertando umas vezes, errando outras, e aprendendo em todas, porque não há melhor forma de aprender do que fazendo por nós próprios. Por tudo o que acaba de se escrever penso que o contacto, directo e permanente, com a realidade da profissão de professor,

constituiu a transição mais adequada da aprendizagem científica, obtida na Faculdade durante a licenciatura, para o mundo laboral e em particular o docente.

## II. O CONTEXTO PORTUGUÊS

### 1. DEMOGRAFIA

A escassez de fontes sobre a população portuguesa na Idade Média deixa-nos pouco mais do que dúvidas. A par de um quantitativo incerto, mas mais numeroso no norte do país, acredita-se que a sua variação esteve intimamente relacionada com diversos fenómenos de fome e peste. Aquando da Peste Negra de 1348 calcula-se ter morrido entre 1/3 a 1/2 da população nacional.

O *numeramento* de 1527 registou fogos e não habitantes, mas estima-se, com base no cálculo médio de 4 ou 5 pessoas por fogo, que a população portuguesa nesta altura oscilasse entre 1,1 a 1,4 milhões de habitantes<sup>1</sup>. Em 1527 a população concentrava-se no litoral a norte do rio Tejo e no Algarve. É uma tradição que vem de longe, e que se deve às melhores condições climáticas e qualidade dos solos e acessibilidades (costa de mar e irradiação fluvial).

Fruto das descobertas marítimas, várias alterações sobrevieram à população portuguesa. Uma delas foi o aumento de negros no país, particularmente em Lisboa. Por outro lado, a introdução de novos alimentos vindos do Novo Mundo (principalmente o milho, mas também a abóbora, feijão, tomate, etc.), contribuiu para uma dieta mais rica (em quantidade e qualidade), favorecendo o aumento dos efectivos populacionais.

Crê-se que nos finais do domínio filipino a população portuguesa fosse cerca de 1,3 milhões de habitantes. Número que só não era maior devido a uma significativa emigração, sendo de notar o progressivo crescimento de várias cidades, em particular a de Lisboa<sup>2</sup>. A população portuguesa atingiria talvez os 2 milhões de habitantes em 1641<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> ARROTEIA, Jorge – *A evolução demográfica portuguesa*. 1984, p. 10.

<sup>2</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1984, p. 12.

<sup>3</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1984, p. 15.

O efectivo populacional do reino indicado pelo marquês de Abrantes, em 1732, é de aproximadamente 2.143.368 habitantes, número que exclui, entre outros, os menores de 7 anos<sup>4</sup>, que ainda não comungavam. Dois factores terão contribuído para o aumento de habitantes nas décadas anteriores: a paz e a difusão da cultura do milho.

A par da mera variação quantitativa dos efectivos, devem-se ter em conta os movimentos da população. As saídas de portugueses do reino iniciam-se com a conquista de Ceuta (1415), e depois com a fixação de colonos na Madeira (a partir de 1420-1425), a que se seguiu a colonização das ilhas dos Açores, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe. Estendeu-se ainda pela manutenção e defesa de praças e fortalezas na Costa Africana e Índias Orientais, secundarizados pelo Brasil a partir do século XVI<sup>5</sup>.

No século XVI (1500-1580) Vitorino Magalhães Godinho estima uma média de 3500 saídas anuais de Portugal, para uma população que no *numeramento* de 1527 era de c. 1.100.000. Nota-se a falta de braços no reino, atenuada pela entrada de escravos desde o século XV, e em grande quantidade no XVI<sup>6</sup>. Entre 1580-1640 a média anual de saídas foi de 6000 pessoas<sup>7</sup>. Devido ao número elevado de saídas foi sendo promulgada legislação, ao longo dos séculos XVI e XVII, pretendendo contrariar o despovoamento do reino. Saía-se então principalmente do Minho, a região mais povoada, e o destino era o Brasil. Nos primeiros dois terços do século XVIII estima-se uma média de 8000 a 10.000 saídas anuais de Portugal<sup>8</sup>.

No início do século XIX, de acordo com o Recenseamento de 1801, a população portuguesa era de cerca de 3 milhões de habitantes, sendo as províncias da Beira e do Minho as mais populosas, seguidas pela Estremadura<sup>9</sup>. O mesmo número de habitantes se mantém em 1820, apesar das invasões francesas, perdas militares, emigração e a fuga da família real numerosamente acompanhada para o Brasil<sup>10</sup>. Estima-se que no início do século XIX o número de saídas anuais de Portugal fosse entre 4000 a 5000<sup>11</sup>.

Ao longo da segunda metade do século XIX verifica-se que a população portuguesa se encontrava concentrada nos distritos do litoral: Braga, Porto, Aveiro, Coimbra, Leiria e Lisboa. Neste período assistiu-se ao aumento populacional, apesar da elevada

---

<sup>4</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1984, p. 15.

<sup>5</sup> ARROTEIA, Jorge – *A emigração portuguesa, suas origens e distribuição*. 1983, p. 11.

<sup>6</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1983, p. 12.

<sup>7</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1983, p. 12.

<sup>8</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1983, p. 13.

<sup>9</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1984, pp. 15 e 16.

<sup>10</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1984, p. 18.

<sup>11</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1983, pp. 13-14.

emigração, o que se deve a variados factores, como seja a melhoria da alimentação, nos cuidados de higiene e saúde, tudo contribuindo para o aumento da esperança média de vida.

Assim, enquanto em 1857 havia em Portugal 3,5 milhões de pessoas<sup>12</sup>, aquando do primeiro censo (1864) esse número ascendia a 3,8 milhões<sup>13</sup>. Em 1900 eram já aproximadamente 5 milhões, e em 1911 cerca de 5,5 milhões<sup>14</sup>.

Só em 1911 veio a obrigatoriedade do registo civil para todos os cidadãos, e não apenas para os católicos<sup>15</sup>, permitindo um melhor controlo dos efectivos populacionais. O período da Primeira República (1910-1926), e em particular a 1.ª Grande Guerra (1914-1918), somou aos soldados vítimas da guerra os que morreram em Portugal, com a gripe pneumónica, e disparou a emigração para o Brasil.

A população portuguesa voltará a aumentar até aos anos 50, devido à redução da emigração e à melhoria das condições de vida e higiene (incluindo o baixar da mortalidade infantil e o aumento da esperança média de vida), apesar de baixarem as taxas de natalidade.

Estes números devem ser acompanhados com os do movimento da população, em particular no que respeita à emigração, que entre 1855 e 1859 foi de 10.000 pessoas por ano, entre 1871 e 1875 cerca de 14.000 pessoas anuais, e no último quartel do século XIX de 25.000 pessoas por ano em média<sup>16</sup>. Seguiu-se uma pequena baixa, e logo um extraordinário aumento (49.000 em 1911, 77.000 em 1912, e 67.000 em 1913), para descer depois devido à guerra. Entre 1920-1930 atingiram-se as 35.000 saídas por ano, depois do que o Brasil impôs embargos às entradas. Para este país se dirigiam portugueses principalmente originários do noroeste de Portugal<sup>17</sup>.

Durante os anos 60 e início dos anos 70 aumentou a emigração portuguesa, saindo do país 1,5 milhões de pessoas, agora para a Europa em reconstrução no pós-guerra e já não para o Brasil. Assim, a partir de 1960 o movimento transoceânico foi suplantado pelo intra-europeu. Neste contexto a população portuguesa era de 8,3 milhões de habitantes em 1960, 8,1 milhões em 1970, e 9,8 milhões em 1980, devendo-se a subida

---

<sup>12</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1984, p. 19.

<sup>13</sup> NETO, Maria Lurdes Akola Meira do Carmo – “Demografia – Nas Épocas Moderna e Contemporânea”, in SERRÃO, Joel, *Dicionário de História de Portugal*, II, 1971, pp. 282-286

<sup>14</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1984, p. 26.

<sup>15</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1984, pp. 26 e 28.

<sup>16</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1983, p. 14.

<sup>17</sup> SERRÃO, Joel – “Emigração”, in SERRÃO, Joel – *Dicionário de História de Portugal*. II, 1971, p. 368.

neste último ano à quebra na emigração e à entrada dos retornados das ex-colónias, estes estimados em 430.000 em 1976<sup>18</sup>.

## 2. MIGRAÇÕES

Pese embora não seja consensual a definição do conceito de migração, o INE considera «a deslocação de uma pessoa através de um determinado limite espacial, com intenção de mudar de residência de forma temporária ou permanente, interna (no interior de um país) ou internacional (fora do seu país de origem)»<sup>19</sup>. À dimensão espacial aqui presente dever-se-iam juntar, entre outras, as motivações sociológicas e económicas.

Durante o século XIX e parte do XX eram comuns as migrações internas, sazonais, principalmente no sentido do norte para sul do país, destinadas a trabalhos agrícolas. Simultaneamente assistiu-se ao crescimento urbano das cidades de Lisboa e Porto.

Por outro lado a imigração nunca atingiu valores significativos, sendo quase inexistente até há poucos anos ou décadas atrás.

Diferentemente, Portugal sempre foi um país de emigrantes, num primeiro período destinados na sua maioria ao Brasil, diversificando-se os destinos após a Segunda Guerra Mundial.

### 2.1. EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL, ATÉ MEIO DO SÉCULO XX

Nos anos compreendidos entre 1870 e 1930 ocorreu uma migração massiva com origem na Europa e destino na América Latina. Os migrantes fizeram uma escolha racional do seu destino, preferindo lugares onde as suas maiores dificuldades (língua, educação e literacia) seriam minimizadas pela elevada procura de mão-de-obra não qualificada<sup>20</sup>.

Ao contrário da América, o continente africano não possuía atractividade, conotado que estava com a doença. O número de europeus em Angola era em 1870 de apenas

---

<sup>18</sup> ARROTEIA, Jorge – cit., 1984, p. 29.

<sup>19</sup> CASTRO, Fátima Velez de – *A Europa do outro – a imigração em Portugal no início do século XXI*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado, 2008, p. 23.

<sup>20</sup> SÁNCHEZ-ALONSO, Blanca – “The Other Europeans: Immigration into Latin America and the International Labour Market (1870-1930)”, *Revista de História Económica / Journal of Iberian and Latin American Economic History*, vol 25, Issue 3, January 2007, p. 27.



2800. Vinte anos depois, no contexto do ultimato britânico e auge da emigração para o Brasil, aquele número ascendia a 13 000, «praticamente dez vezes menos do que os que pela mesma altura iam para o Brasil num só ano»<sup>21</sup>. Aos olhos dos portugueses, África era a terra para onde se enviavam os condenados e degredados, repleta de doenças. Apenas na década de 1930, com a crise de emigração para o Brasil, se tornou África um destino significativo. Deste modo, entre 1897 e 1927 partiram do continente 84% dos emigrantes portugueses. Destes, 81% tiveram como destino o Brasil e 4% os Estados Unidos da América.

Logo após a independência do Brasil (1822) foram poucos os portugueses que se dirigiram para este país, não sendo aliás bem quistos pelos brasileiros. Os vistos concedidos pelo Governo Civil do Porto anteriores a 1853, em passaportes de outros distritos destinados ao Brasil, contavam-se em poucas centenas por ano. A partir deste ano a quantidade de vistos aumentou rapidamente acima do milhar, atingindo em 1858 a casa dos três mil<sup>22</sup>. Apesar das divergências entre as fontes nacionais e estrangeiras, estima-se que entre 1855 e 1930 tenham abandonado Portugal entre mais de um milhão a cerca de dois milhões de pessoas<sup>23</sup>. Destes, na esmagadora maioria dirigidos ao Brasil (a segunda escolha eram os Estados Unidos da América), pensa-se que aproximadamente 9% fossem clandestinos<sup>24</sup>. Tenha-se no entanto em conta que muitos emigrantes regressavam a Portugal, segundo Oliveira Martins 40% a 50%<sup>25</sup>, boa parte dos quais tornavam a emigrar, logo mais que uma vez contabilizados. A maior parte dos retornos respeitou a estadias de três a quatro anos<sup>26</sup>. A partir do fim da década de 1870 a

---

<sup>21</sup> PINHEIRO, Nuno – “Maria... e se eu voltar rico?”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos. Homenagem a Miriam Halpern Pereira*, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, p. 438.

<sup>22</sup> ALVES, Jorge Fernandes – “Emigração portuguesa: o exemplo do Porto nos meados do século XIX”, *Revista de História*, IX, 1991, p. 277.

<sup>23</sup> BAGANHA, Maria Ioannis B. – “Uma imagem desfocada – a emigração portuguesa e as fontes sobre a emigração”, *Análise Social*, vol. XXVI (112-113), 1991 (3.º - 4.º), p. 723; BAGANHA, Maria Ioannis – “Migração transatlântica: uma síntese histórica”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos. Homenagem a Miriam Halpern Pereira*. Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, p. 406; MAIA, Fernanda Paula Sousa; e MONTEIRO, Isilda Braga da Costa – “Impactos da emigração portuguesa para o Brasil no norte de Portugal – finais do século XIX e inícios do XX”, *Navegar*, vol. 1, n.º 1, Jul.-Dez. 2015, p. 122.

<sup>24</sup> BAGANHA, Maria Ioannis – “Migração transatlântica: uma síntese histórica”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos. Homenagem a Miriam Halpern Pereira*. Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, p. 407.

<sup>25</sup> ALVES, Jorge Fernandes – “Perspectivas sobre a emigração - os estudos locais e regionais”, *Actas das Segundas Jornadas de História Local*, Fafe, Câmara Municipal, 1998, p. 413-424; ALVES, Jorge Fernandes – “Os brasileiros da emigração no Norte de Portugal”, *Os Brasileiros da Emigração, Actas do Colóquio realizado no Museu Bernardino Machado*, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1999, pp. 233-247.

<sup>26</sup> ALVES, Jorge Fernandes – “Terra de Esperanças – O Brasil na emigração portuguesa”, *Portugal e Brasil – Encontros, desencontros, reencontros*. Cascais, Câmara Municipal, VIII Cursos Internacionais, 2001, pp. 113-128.

segunda e mais viagens para o Brasil tornaram-se mais frequentes, devido à substituição dos veleiros pelos vapores, que permitiram uma viagem mais rápida e económica<sup>27</sup>. Ao mesmo tempo melhoraram-se as comunicações postais, facilitando a circulação de cartas de chamada.

O núcleo português da emigração foi o Porto, agregando pessoas de regiões de pequena propriedade e cultura do milho, caso dos distritos de Viana do Castelo, Braga, Aveiro e Coimbra. A par das assimetrias regionais portuguesas deve-se notar a relevância das redes migratórias activas nos dois extremos do fluxo migratório<sup>28</sup>.

No nosso país a saída tinha múltiplas causas: a divisão da propriedade, a crise agrícola, falta de condições de trabalho, a procura de melhores condições de vida, os salários brasileiros mais elevados ou o desejo de enriquecimento, o excesso demográfico e a fuga ao longo serviço militar. A emigração não era um drama para todos, uma vez que muitos a esperavam de curta duração, tendo em vista apenas a obtenção do capital necessário a reiniciar a vida em Portugal, mais independente ou dinâmica<sup>29</sup>.

Por sua vez o Brasil possuía os seus próprios factores de atractividade. O fim do tráfico de escravos e, em 1888, da escravatura, fomentou a necessidade do governo atrair ao país mão-de-obra e em consequência incentivou a actividade dos empregadores em Portugal<sup>30</sup>. Embora uma parte dessa mão de obra fosse substituir o trabalho escravo, por exemplo nas plantações de café, uma muitos empregaram-se em várias actividades urbanas indiferenciadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, havendo igualmente os que se dedicaram ao comércio a retalho. Note-se ainda que a partir de 1870 teve início o ciclo da borracha. Habitualmente desembarcavam no Rio de Janeiro aqueles que

---

<sup>27</sup> ALVES, Jorge Fernandes – “Os brasileiros da emigração no Norte de Portugal”, *Os Brasileiros da Emigração*, Actas do Colóquio realizado no Museu Bernardino Machado, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1999, pp. 233-247; BAGANHA, Maria Ioannis – “Migração transatlântica: uma síntese histórica”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos. Homenagem a Miriam Halpern Pereira*, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, p. 405.

<sup>28</sup> BAGANHA, Maria Ioannis – “Migração transatlântica: uma síntese histórica”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos. Homenagem a Miriam Halpern Pereira*, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, p. 409.

<sup>29</sup> ALVES, Jorge Fernandes – “O «Brasileiro» oitocentista e o seu papel social”, *Revista de História*, vol. 12, 1993, p. 262.

<sup>30</sup> BAGANHA, Maria Ioannis – “Migração transatlântica: uma síntese histórica”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos. Homenagem a Miriam Halpern Pereira*, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, p. 415.

estavam destinados ao comércio e em Santos os que seguiam para a construção de estradas e caminhos-de-ferro, assim como para as roças de café.

Na sua maioria os emigrantes eram filhos segundos do sexo masculino, entre os 12 e os 14 anos. Oriundos do noroeste do país, embarcavam no Porto, destinados a trabalhar no comércio (para o que alguns pais investiam na sua formação, embora a grande maioria fossem analfabetos) e regressar com a riqueza amealhada cerca dos 40 anos de idade. Estas características implicaram na origem o envelhecimento e a feminização da pirâmide etária, bem como a existência de mulheres independentes. Circunstâncias semelhantes na Galiza inspiraram a figura das “viúvas de vivos” da poetisa Rosália de Castro (1837-1885), no nosso país conhecida pelo poema “Cantar da Emigração”, cantado por Adriano Correia de Oliveira. Porém, as expectativas inspiradas nos poucos regressos à pátria com sucesso, raras vezes eram correspondidas. Em finais do século XIX «calculava-se que em cada mil portugueses partidos para o Rio de Janeiro, dez pudessem enriquecer e cem ficassem remediados, os outros limitavam-se a sobreviver»<sup>31</sup>.

Em Portugal o *brasileiro* (o emigrante bem sucedido que regressou do Brasil) era motivo de chacota, ridicularizado por escritores como Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós ou Júlio Dinis. A projecção cultural, quando existiu, fez-se na segunda geração, através dos filhos de brasileiros, do que foram alguns exemplos Júlio de Matos, Ricardo Jorge e Bernardino Machado<sup>32</sup>. Do Brasil chegavam as remessas de dinheiro (divisas) para os familiares em Portugal e foi o dinheiro dos *brasileiros* que permitiu a criação de bancos no norte do nosso país. Ficaram célebres as *casas de brasileiro*, com gosto discutido, geralmente de estilo Arte Nova, possuindo formas e materiais estranhos à casa portuguesa. Além disso os mais endinheirados custearam uma escola na sua freguesia, um hospital no concelho, criaram fábricas, entregaram-se à política local, receberam estátuas e títulos nobiliárquicos.

Com a crise mundial de 1929 o Estado brasileiro implementou uma política proteccionista, para com as saídas de capital do país, e encerrou as portas à emigração. Quando as portas do Brasil se entreabriram já as entradas não voltaram a igualar o

---

<sup>31</sup> PINHEIRO, Nuno – “Maria... e se eu voltar rico?”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos. Homenagem a Míriam Halpern Pereira*, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp. 435-445.

<sup>32</sup> ALVES, Jorge Fernandes – “Perspectivas sobre a emigração - os estudos locais e regionais”, *Actas das Segundas Jornadas de História Local*, Fafe, Câmara Municipal, 1998, p. 413-424.

passado, e entretanto outros países começaram a ser destinos preferidos da emigração portuguesa.

## **2.2. DESTINOS DA EMIGRAÇÃO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

Entre 1950 e 1984 os principais destinos dos emigrantes portugueses, por ordem de importância, foram a França, o Brasil (sobretudo no início deste período) e os Estados Unidos da América. De seguida contabilizam-se a Alemanha, o Canadá e a Venezuela<sup>33</sup>. Trata-se do período após a Segunda Guerra Mundial, em que a França e a Alemanha necessitam de braços para a sua reconstrução. Os emigrantes portugueses, oriundos de todo o país, foram empregar-se na construção civil, na área de Paris, e também para fábricas francesas de automóveis, ocupando os trabalhos que mais ninguém queria.

A economia portuguesa, tradicionalmente baseada na agricultura, atravessava nesta época uma grande mudança, com a sua mecanização e conseqüente desocupação de braços, o que implicou a fuga dos campos para os centros urbanos. Os emigrantes deste período eram maioritariamente jovens entre os 15 e os 30 anos, muitos deles analfabetos e clandestinos. Enquanto na emigração novecentista para o Brasil havia apenas um máximo de 15% de clandestinos, estima-se que na emigração europeia da segunda metade do século XX a clandestinidade pudesse atingir os 70% a 80%.

Actualmente «2,3 milhões de portugueses vivem no estrangeiro o que coloca Portugal como o segundo país europeu com maior taxa de emigrantes em proporção com a população residente: 22%. Só depois surge a Croácia com 20,6%»<sup>34</sup>. A nova emigração não é comparável com a da década de 1960, incluindo agora com mais frequência jovens qualificados.

---

<sup>33</sup> RIBEIRO, F.G. Cassola – *Emigração Portuguesa – Algumas características dominantes dos movimentos no período de 1850 a 1984*. Porto, 1986, pp. 52, 55.

<sup>34</sup> CORDEIRO, Ana Dias – “Portugal é o segundo país europeu com maior taxa de emigrantes”, *Público*, 24.2.2017, pp. 10-11.

### III. DEMOGRAFIA DOS CONCELHOS DE ESTARREJA E MURTOSA AO LONGO DA HISTÓRIA

O estudo da evolução demográfica de um território importa a diversas áreas do conhecimento, por contribuir para uma mais ampla compreensão de diferentes fenómenos. A existência de mais ou menos pessoas e a sua distribuição no espaço relacionam-se intimamente com a abundância ou escassez de recursos naturais, ou de outra natureza, e influi no surgimento e dimensão de soluções para a satisfação de interesses colectivos. Daí a importância da demografia ser transversal. Apresentando aqui a evolução demográfica dos concelhos de Estarreja e Murtosa pretende-se contribuir para que de forma mais completa possam ser avaliados o impacto e a dimensão do fenómeno migratório nos mesmos.

Ao analisar a evolução histórica da população dos dois concelhos, assim como das suas freguesias e de determinadas povoações, tem-se em atenção que os fenómenos possuem causas mas originam também consequências, tudo se relacionando com particularidades locais. Para o período anterior a 1864, data do primeiro *Recenseamento Geral da População* portuguesa, recorreremos a diferentes fontes, mormente corografias e dicionários geográficos, à falta de melhor, apesar das falhas e lacunas destas obras. Por seu turno dispensa-se o recurso àquelas obras que continuaram a publicar-se após 1864, uma vez que os *Recenseamentos Gerais da População* nos proporcionam melhor informação, por universal, simultânea, precisa e com um mesmo critério científico.

Os mais remotos vestígios da presença humana nos concelhos de Estarreja e Murtosa apontam para a existência de castros, mamoadas e toponímia pré-romana, sobretudo em locais de topografia mais elevada<sup>35</sup>. Parece não ter havido sempre assinalável continuidade na ocupação humana, quase inexistente por exemplo no período romano. Da Alta Idade Média chegam-nos uma ou outra discutível referência documental coeva e sobretudo alguns topónimos de origem germânica, denunciando a

---

<sup>35</sup> PEREIRA, Marco – *A Terra Marinhosa na Idade Média*. Junta de Freguesia de Veiros, 2010, pp. 10-11.

típica ocupação do território através de unidades rurais dispersas ou *villas*, em qualquer caso com escasso povoamento.

É necessário chegar ao século XIII para começarmos a esboçar um retrato, ainda que muito imperfeito, dos quantitativos e da distribuição da população nos dois concelhos em análise<sup>36</sup>. Ainda que os dados disponíveis sejam apenas parcelares e imperfeitos, as *Inquirições* régias do século XIII informam-nos de quantitativos populacionais, aparentemente em crescimento, atenta a proliferação de aforamentos colectivos neste período, atraindo novos colonos vindos de outras paragens. Nesta época talvez existisse 1/3 a 1/2 da população que vamos encontrar no *Numeramento* de 1527-1532, em qualquer caso sempre poucas centenas de pessoas. Indicia-se maior densidade populacional no Sul da região marinhola – actuais freguesias de Veiros e Murtosa -, junto à Ria de Aveiro (já na época uma via de comunicação a ter em conta), e no Oeste de Salreu, próximo dos campos do Baixo Vouga lagunar. Embora se possa dizer, genericamente, que os séculos XII e XIII são de crescimento populacional, em consonância com a tendência nacional, a Baixa Idade Média é também característica pela sua irregularidade populacional, atentas as consequências devastadoras de fenómenos como as más colheitas/fomes e as epidemias/pestes. Assim, mantendo o paralelo com o que se passava em Portugal, os séculos XIV e XV foram genericamente de crise, o que se nota por exemplo nos efeitos de várias epidemias<sup>37</sup>, a principal das quais parece ter sido a Peste Negra de 1348.

Na primeira metade do século XVI, fruto da descoberta portuguesa e espanhola do Novo Mundo, foi introduzido o milho grosso na agricultura, que se adaptou perfeitamente às condições locais, ao contrário da cultura tradicional do trigo, este com pouca rentabilidade. O aumento da produtividade agrícola favoreceu o crescimento populacional, na multiplicação da população autóctone e na atractividade sobre outras localidades. Deste modo, proporcionando-se melhores condições de vida pela introdução de novos produtos agrícolas, nos séculos XVI e XVII registou-se um elevado crescimento populacional, contrariando a tendência do país, o que ocasionou também a criação de algumas novas paróquias (Pardilhó, Bunheiro, Murtosa, Veiros e Canelas).

Contudo, apesar do crescimento vivido nos dois séculos anteriores, só no século XVIII o efectivo populacional atingiu valores significativos. A população continuou a

---

<sup>36</sup> PEREIRA, Marco – “Os actuais concelhos de Estarreja e Murtosa no século XIII”, *Terras de Antuã*, Câmara Municipal de Estarreja, VIII, 2014, pp. 160-162.

<sup>37</sup> PEREIRA, Marco – *A Terra Marinhola na Idade Média*. Junta de Freguesia de Veiros, 2010, pp. 21-22.



contabilizar uma subida acentuada, ainda que proporcionalmente menos significativa que antes. O fecho da comunicação da Ria de Aveiro com o mar, que se tornou definitivo em meados do século XVIII, teve impacto negativo nas actividades económicas da região. Até à abertura da Barra actual (artificial), em 1808, atrofiaram as actividades económicas de Aveiro e ocorreram várias epidemias na sua região, devidas à insalubridade da laguna. Foram particularmente afectadas a pesca lagunar e a apanha de moliço, e em menor escala a salicultura, a construção naval e o comércio marítimo. Consequentemente começaram a ser comuns as migrações internas. Entre os migrantes desde logo se destacaram os pescadores, que em boa parte deixaram de trabalhar na Ria de Aveiro, por esta não dar resposta às necessidades de todos, iniciando a sua actividade na costa do mar, nos meses quentes, e deslocando-se para outras regiões do país nos meses de inverno.

Com algumas excepções, pois cada freguesia tem um comportamento distinto, a população e o fenómeno migratório cresceram e este diversificou-se no século XIX, em cuja segunda metade se desenvolveu a emigração para o Brasil. O caso novecentista mais notável é o da freguesia da Murtosa, que já ultrapassava os 4 mil habitantes no início do século XIX e chegou ao seu fim com mais de 10 mil, tornando-se o grande centro populacional do concelho de Estarreja, quando mais nenhuma freguesia atingira ainda os 4 mil habitantes. Embora em muito menor escala, destacaram-se também as freguesias de Beduído e Pardilhó, cada vez mais centros urbanos, uma porque sede administrativa do concelho, outra pelo desenvolvimento de actividades secundárias e terciárias.

Os dois primeiros recenseamentos, de 1864 e 1878, estão entre os mais pormenorizados, possuindo a particularidade de descer ao nível da freguesia no que respeita a informação que, nos recenseamentos posteriores, só se encontram ao nível do concelho. Estes dados permitem atentar nos diferentes padrões de cada freguesia. Em ambos os recenseamentos se verifica uma elevada percentagem de população ausente, por certo devida às migrações internas e à emigração, sobretudo de homens e solteiros. Eram freguesias com mais de 10% de homens ausentes, em 1864, Avanca, Fermelã, Murtosa e Veiros, e em 1878 junta-se a estas quatro Beduído.

Como a grande maioria dos filhos eram fruto do casamento, aqueles que casavam mais novos podiam gerar mais filhos, contribuindo deste modo para um mais significativo aumento da população. Este factor terá contribuído para que na freguesia da Murtosa, uma daquelas em que se casavam mais jovens, a população tenha sentido o

maior crescimento proporcional das freguesias vizinhas. Refira-se que em cada freguesia o número de casados não coincide com o de casadas, o que se deve possivelmente às ausências (migrações masculinas).

Nos recenseamentos de 1864 e 1878 são regra geral poucos os adultos que ficam solteiros toda a vida, sendo este fenómeno mais comum dentro do sexo feminino. No respeitante à idade em que se contrai casamento, geralmente ultrapassa-se os 25% de população casada entre os 26-30 anos e os 50% entre os 31-35 anos.

O tardar dos casamentos causa estranheza ou mesmo surpreende, numa época em que não se estudava antes de trabalhar e vivia-se muito frugalmente (não se precisava de muito para viver em família). Nota-se ainda o haver pouca diferença de idades dos nubentes. Talvez esperassem pelo falecimento dos pais para se libertarem do compromisso para com a economia familiar e constituírem família autónoma.

<b>Idade em que se atinge uma percentagem superior a 25% e a 50% de população casada</b>					
		<b>1864</b>		<b>1878</b>	
		<b>&gt; 25%</b>	<b>&gt; 50%</b>	<b>&gt; 25%</b>	<b>&gt; 50%</b>
Avança	H	21-25	31-35	26-30	31-35
	F	21-25	31-35	26-30	31-35
Beduído	H	21-25	26-30	26-30	26-30
	F	26-30	26-30	21-25	31-35
Canelas	H	26-30	31-35	26-30	26-30
	F	26-30	31-35	26-30	31-35
Fermelã	H	26-30	26-30	26-30	36-40
	F	26-30	31-35	26-30	36-40
Pardilhó	H	26-30	31-35	21-25	26-30
	F	21-25	26-30	21-25	26-30
Salreu	H	21-25	26-30	26-30	31-35
	F	21-25	26-30	26-30	31-35
Veiros	H	26-30	26-30	26-30	26-30
	F	21-25	26-30	21-25	26-30
Bunheiro	H	26-30	36-40	26-30	31-35
	F	26-30	36-40	21-25	31-35
Murtosa	H	26-30	26-30	21-25	26-30
	F	21-25	26-30	21-25	26-30

**Fonte:** *Recenseamentos Gerais da População de 1864 e 1878*

No século XX as maiores subidas no número de habitantes ocorreram em Avanca e Beduído, ao que não terá sido estranha a industrialização que teve lugar nestas freguesias, bem como o assumir de facto da qualidade de centro administrativo e de serviços por parte do lugar de Estarreja, em Beduído. No restante concelho de Estarreja pode dizer-se que a população quase estagnou. Diferentemente, no concelho da Murtosa perdeu-se população para a emigração, decaindo progressivamente as condições que estiveram na origem da sua autonomia administrativa. A freguesia da Murtosa fez uma viragem de 180°, perdendo no século XX a população ganha no século XIX. Só durante a década de 1960 perdeu mais de metade da sua população. A autonomia da freguesia do Monte, destacada da da Murtosa, explica apenas uma pequena parte do decréscimo populacional, sendo a sua grande causa a intensa corrente migratória, devida à saturação da terra mãe, incapaz de empregar tanta gente. O apertar da fiscalização sobre o regulamento que restringia a pesca e a apanha do moliço na Ria de Aveiro, incluindo meses de defeso integral, deixava sem alternativa de sustento inúmeros braços. Pescadores e moliceiros chegaram a revoltar-se contra as autoridades, como em 1913 sucedeu<sup>38</sup>, e acabaram por ver no emigrar a derradeira solução. Foi também no século XX que nasceu, por assim dizer, a Torreira, antes ocupada apenas sazonalmente por pescadores e alguns turistas.

Consequência da emigração, que se iniciou de forma significativa para o Brasil em meados do século XIX, as pirâmides etárias dos dois concelhos de Estarreja e Murtosa sofreram grandes alterações, a maior das quais foi a desproporção entre homens e mulheres adultos. As mulheres passaram a predominar, em grande maioria, devido às migrações internas e principalmente à emigração, quase exclusiva dos homens. O exemplo mais extremo encontra-se na pirâmide etária da Murtosa em 1960, onde desapareceu grande parte dos homens adultos. Ainda hoje se nota a desproporção entre homens e mulheres, ainda que menos, o que se percebe pela leitura da pirâmide etária da Murtosa de 2011. A figura que se tornou característica da mulher adulta e casada mas com o marido emigrado, que durante anos não reencontrava, contribuiu para a emancipação feminina, vulgarizando em tempo estranho a mulher chefe de família e as “viúvas de vivos”, que deram o nome a um romance local.

---

<sup>38</sup> PEREIRA, Marco – “Revoltas populares em Estarreja e Murtosa”, *Terras de Antuã*, Câmara Municipal de Estarreja, VII, 2013, pp. 81-94.

Quando em 1941 Amorim Girão publicou o seu *Atlas de Portugal*, notou o número elevado da população da Murtosa e da sua consequente densidade populacional, nos dados de 1930. O que era acompanhado pela quantidade de prédios rústicos por km<sup>2</sup>, no que principalmente a Murtosa (mas também Estarreja) registava um dos valores mais elevados do país. Sinal da extraordinária fragmentação da propriedade, que dificultava o sustento individual das famílias.

É que, salientando-se os exemplos de Pardelhas e Murtosa pela densidade muito superior à média nacional, mais do que grandes povoações sendo núcleos de regiões fortemente povoadas, ocorre «*a interação das influências terrestres e das influências marítimas, dando origem ao aparecimento de uma numerosa população anfíbia, a um tempo de lavradores e pescadores, explica em grande parte a excepcional densidade do povoamento humano nos concelhos marginais da ria*»<sup>39</sup>.

Para além do que, como o grande proprietário rural não era o dono de terras grandes mas de muitas terras pequenas, maiores se tornavam os custos de produção e, logo, menor a rentabilidade da agricultura. Compreende-se pois que ao elaborar Alberto de Alarcão<sup>40</sup> mapas decenais de “repulsão populacional” (1920-1960), tenha verificado que Estarreja e Murtosa constavam nesses mapas entre os concelhos portugueses com valores mais elevados.

O que vimos acabando de dizer leva a que seja difícil aplicar a *Teoria da Transição Demográfica* aos concelhos de Estarreja e Murtosa, dadas as especificidades decorrentes de um anormal movimento da população. Sendo que, a aplicar-se, provavelmente a transição decorreria durante o século XX, estando talvez agora na sua fase final.

As oscilações populacionais dos dois concelhos ficam a dever-se, essencialmente, à Ria de Aveiro, fonte de sustento e via de comunicação ao longo da história. Como bem notou Amorim Girão<sup>41</sup>, os habitantes das localidades circundantes da Ria de Aveiro são como os do Mediterrâneo foram definidos por Platão, um agrupamento humano «*assim como rãs em volta de um pântano*». A Ria dá o peixe e num tempo mais recuado deu o sal. Dá também o moliço, fertilizante da terra que é na sua maior parte, principalmente na Murtosa, constituída por terrenos quaternários (areias), de outra forma pouco

---

<sup>39</sup> GIRÃO, Aristides de Amorim – *A Bacia do Vouga*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, p.100.

<sup>40</sup> ALARCÃO, Alberto de – *Mobilidade Geográfica da População de Portugal (Continente e Ilhas Adjacentes). Migrações Internas. 1921-1960*. Lisboa, 1969.

<sup>41</sup> GIRÃO, Aristides de Amorim – *A Bacia do Vouga*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, pp. 99-100.

produtivos, salvo no vale fluvial do Baixo Vouga. E a abundância de água doce no subsolo favorece a cultura do milho grosso, introduzida no século XVI e ainda hoje a dominante. Foi aliás no século XVI que começou a crescer a população, com braços oriundos de povoações vizinhas e criando várias comunidades perfeitamente individualizadas, a ponto de até no falar se distinguirem os habitantes das diferentes freguesias.

## **1. CONCELHO DE ESTARREJA**

### **1.1. FREGUESIA DE AVANCA**

A população da freguesia de Avanca, escassa na Idade Média, começou a crescer significativamente no século XVI, resultado da introdução do milho grosso na agricultura. Ao longo do século XIX as circunstâncias regionais (abertura definitiva da Barra de Aveiro em 1808) e gerais do país (melhorias na alimentação, nos cuidados de saúde e higiene) concorreram para a existência de um aumento populacional mais expressivo nesse século. O surgimento de alguma indústria no século XX terá sido igualmente factor importante para que a população aumentasse.

### **1.2. FREGUESIA DE BEDUÍDO**

Pouco povoada na Idade Média, a freguesia de Beduído sentiu um gradual crescimento a partir do século XVI, fruto da introdução do milho grosso na agricultura. Concorreram circunstâncias regionais (abertura definitiva da Barra de Aveiro em 1808) e gerais do país (melhorias na alimentação, nos cuidados de saúde e higiene) para o aumento populacional registado durante o século XIX. Entretanto, no século XX esta freguesia assistiu à abertura de várias empresas, principalmente indústria química a partir da década de 1940. Este factor serviu não só para travar a saída da população mas também para atrair novos habitantes.

### **1.3. FREGUESIA DE CANELAS**

Ver: 1.4. Freguesia de Fermelã

#### **1.4. FREGUESIA DE FERRELÃ**

Sobre população da freguesia de Ferrelã, abrangendo a actual de Canelas, existem abundantes informações nas Inquirições régias do século XIII<sup>42</sup>, mas insuficientes para fazer uma estimativa capaz do total de habitantes dessa época. Mais tarde, num documento de 1477, referem-se 15 casais em Ferrelã e 6 em Canelas, acrescidos de 4,5 casais em Ferrelainha (sendo um ermo), um casal ermo em Cerquido e 7 casais ermos na Póvoa do Roxico<sup>43</sup>. Talvez a população das actuais duas freguesias se aproximasse em 1477 do valor indicado no Numeramento de 1527, que é de 336 habitantes para as duas freguesias conjuntamente.

A partir do século XVI a população local começou a aumentar, devido à introdução do milho grosso na agricultura, mas nunca registando variações bruscas ou particularmente significativas.

#### **1.5. FREGUESIA DE PARDILHÓ**

Pardilhó era um lugar escassamente habitado na Idade Média, que assistiu a um forte aumento da sua população a partir do século XVI, devido à introdução do milho grosso na agricultura, o que aliás ocasionou a sua autonomização paroquial. Apesar da significativa renovação de gerações, os valores populacionais permaneceram quase estacionários ao longo do século XX, muito devido à saída de habitantes para a emigração.

#### **1.6. FREGUESIA DE SALREU**

Foi Salreu uma das freguesias do actual concelho de Estarreja mais habitadas na Idade Média, ainda que escassamente. A partir do século XVI a sua população começou a aumentar, devido à introdução do milho grosso na agricultura. Os seus quantitativos populacionais permaneceram quase estacionários ao longo do século XX, devido à saída de habitantes para a emigração.

---

<sup>42</sup> PEREIRA, Marco – “Os actuais concelhos de Estarreja e Murtosa no século XIII”, *Terras de Antuã*, Câmara Municipal de Estarreja, VIII, 2014, pp. 160-162.

<sup>43</sup> SANTOS, Domingos Maurício Gomes – *O mosteiro de Jesus de Aveiro*. Vol. II, Lisboa, Lunda, Companhia de Diamantes de Angola / Diamang, 1967, p. 562.

## **1.7 FREGUESIA DE VEIROS**

Apesar de ser um dos primeiros lugares povoados da *região marinhoa*, na Idade Média, o seu quantitativo populacional era escasso nesse período. Só a introdução do milho grosso na agricultura, no século XVI, permitiu que a sua população começasse a crescer e fosse constituída uma paróquia autónoma. A população permaneceu quase estacionária ao longo do século XX devido à saída de habitantes para a emigração.

## **2. CONCELHO DA MURTOSA**

### **2.1. FREGUESIA DO BUNHEIRO**

Conhecem-se algumas referências à ocupação humana do Bunheiro na Idade Média. Contudo, só a partir do século XVI a sua população começou a desenvolver-se, devido à introdução do milho grosso na agricultura. Do aumento da população resultou a autonomização paroquial no fim do século XVI, juntando os lugares do Bunheiro, Sêdouros e Pardilhó, que entretanto também se autonomizou. Hoje continua a notar-se a divisão do Bunheiro em dois grandes lugares, Bunheiro e Sêdouros. Deve-se fundamentalmente à emigração a quebra populacional assistida durante o século XX.

### **2.2. FREGUESIA DO MONTE**

Esta freguesia só foi criada em 1933, destacando-se da da Murtosa e com esta partilhando as mesmas especificidades, no tocante à sua evolução populacional.

### **2.3. FREGUESIA DA MURTOSA**

A explicação lendária da origem do povoamento da freguesia da Murtosa foi dada por Lopes Pereira, que escreveu: *«É tradição corrente que a progenitora do grande povo da Murtosa, chamada Theresa Caqueja, viera de Fermelã, d'onde era natural, desterrada para aqui em expiação d'um crime que a tradição não detalha. Fabricou a*

*sua primeira vivenda, uma humilde casa de taboas, no local que conserva o nome de “Chão das Figueiras”.*»<sup>44</sup>. Explicação próxima se publicou num jornal local em 1927, indicando que uma mulher de Canelas desterrada, cerca de 1300, fora a primeira habitante da Murtosa<sup>45</sup>.

Ao longo do século XIX a freguesia da Murtosa teve um crescimento meteórico, inicialmente relacionado com a abertura definitiva da Barra de Aveiro (1808), proporcionando melhores condições de subsistência nas actividades económicas tradicionais. Quando essas actividades, mormente a pesca e a apanha do moliço, deixaram de garantir a subsistência de todos os murtoseiros, seja pela escassez de recursos, seja pelo regular da exploração entretanto implementado, tornou-se necessário encontrar meios alternativos de sustento. A saída para o problema assentou na intensificação das migrações internas na segunda metade do século XIX, para o que concorreu a chegada do caminho-de-ferro, e depois no crescimento da emigração para o Brasil. Atingiu-se o pico populacional dos 10 mil habitantes na viragem do século XIX para o século XX, sendo então a Murtosa destacadamente a mais populosa freguesia do concelho de Estarreja, numa altura em que germinavam nas elites locais os primeiros desejos de autonomia concelhia.

Seguiu-se o progressivo decréscimo da população da freguesia, na primeira metade do século XX relacionado com as migrações internas e com a emigração para o Brasil, depois com a emigração para outros destinos, em particular os Estados Unidos da América.

#### **2.4. FREGUESIA DA TORREIRA**

As primeiras referências escritas ao território onde hoje assenta a freguesia da Torreira remontam à Baixa Idade Média, quando por ali transitavam pastores.

A partir de finais do século XVII começou a dificultar-se a ligação natural da Ria de Aveiro ao mar, prejudicando a economia ribeirinha da Murtosa e das freguesias vizinhas. Começaram então a fixar-se sazonalmente na Torreira vários pescadores, nos meses mais quentes, dedicando-se a uma pesca de arrasto costeira, principalmente de sardinha. Concentraram-se no espaço em que a distância entre o mar e a Ria era menor,

---

<sup>44</sup> PEREIRA, M. J. Lopes – “Perfis”, in BARBOSA, José Maria, *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. 1899, p. 35.

<sup>45</sup> *O Concelho da Murtosa*, n.º 20, 24.4.1927, p. 1.



para facilitar o escoamento do peixe. Embora no verão ali se encontrassem muitos pescadores, a Memória Paroquial de Ovar de 1758 aludiu à existência de apenas uma fogo fixo na localidade. Era o ermitão que nos séculos XVIII e XIX vivia todo o ano junto da capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, incluindo os meses de inverno, guardando a capela e os bens das companhias de pesca<sup>46</sup>. Essa capela fora construída cerca de 1732, quando «*no sitio da Torreira andam pescando mais de outo centas pessoas desde Maio ate 8br.*»<sup>47</sup>, para dar apoio espiritual à comunidade piscatória.

Durante o século XIX a Torreira adquiriu uma certa importância como colonia balnear, tornando-se o destino da fina nata beirão, importância que perdeu para Espinho com o surgir do caminho-de-ferro. Como bem se escrevia na imprensa local em 1933, a Torreira começara a perder importância havia 50 anos<sup>48</sup>. Contudo, pode dizer-se que na segunda metade do século XIX, a par da pesca o incipiente turismo começou a tornar-se uma actividade económica significativa.

Na viragem do século XIX para o século XX estimou-se que trabalhassem cerca de 1000 pescadores na Torreira<sup>49</sup>, muitos mais que na Ria, onde a estimativa era de 400 a 500 pescadores da Murtosa<sup>50</sup>. Porém o Recenseamento de 1911 contabilizou no lugar da Torreira apenas 246 habitantes. O processo de criação da paróquia da Torreira (25.6.1928)<sup>51</sup> incluiu uma relação do número de habitantes por cada lugar da freguesia: Quintas, 74 fogos e 398 almas; Torreira, 69 fogos e 294 almas; Ria, 34 fogos e 157 almas; total, 177 fogos e 849 almas. Contudo há que distinguir a população permanente da sazonal pois, como bem se escreveu numa notícia de 1928, «*No tempo da praia vêem para aqui mais de 1500 pessoas além das que se empregam nas três empresas de pesca, que são umas 250.*»<sup>52</sup>.

A explosão do sector imobiliário, principalmente a partir da década de 1970, levou a um importante crescimento do número de fogos, primeiro, e de habitantes, depois. A segunda casa ou casa de férias de pessoas bem sucedidas de freguesias vizinhas, muitas

---

<sup>46</sup> CUNHA, José Tavares Afonso e – Notas Marinhoas. Vol. IV, 1994, pp. 233-255.

<sup>47</sup> Autos de dote para a fábrica da capela de N. S. Bom Sucesso [Torreira], a favor da Fábrica da Igreja (1732-1734). PT/AEP/DP/CUR-SGC/001/0223.

<sup>48</sup> *O Concelho da Murtosa*, n.º 364, 25.11.1933, p. 1.

<sup>49</sup> “Representação apresentada na Câmara dos deputados em 7 de Abril de 1899”. BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*, Aveiro, 1899, p. 27.

<sup>50</sup> GOMES, Marques – “Esboço crítico acerca da origem da Murtoza. Carácter do seu povo, costumes, commercio, etc. – Notícia histórica”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*, Aveiro, 1899, p. XVII.

<sup>51</sup> Criação da Paróquia de S. Paio da Torreira (25.06.1928). No Arquivo Episcopal do Porto, sem Código de Referência.

<sup>52</sup> *Novidades*, 15.9.1928, p. 4.

vezes emigrantes, transformou-se mais recentemente na casa para onde vão morar os filhos no início de vida independente.

### 3. OCUPAÇÃO DO LITORAL

Ao longo da segunda metade do século XIX e pelo século XX adentro populares de algumas freguesias *marinhoas*, dos actuais concelhos de Estarreja e Murtosa, ocuparam áreas do litoral ou próximas deste, que se encontravam antes desabitadas. Este fenómeno consistiu de certo modo numa “migração doméstica”, uma vez que começou por ser sazonal e, quando ocorria, estas populações vinham regularmente à sua freguesia e casa de origem, para adquirir víveres e cumprir com as suas obrigações religiosas.

Os lugares da Marinha, Tijosa e Torrão do Lameiro, da freguesia e concelho de Ovar, foram colonizados por agricultores da freguesia de Pardilhó. O lugar das Quintas, da freguesia da Torreira e concelho da Murtosa, foi colonizado por agricultores das freguesias de Pardilhó e Bunheiro. O centro urbano da freguesia da Torreira já vinha antes sendo ocupado por pescadores da freguesia da Murtosa, o mesmo sucedendo com a freguesia de S. Jacinto<sup>53</sup>, do concelho de Aveiro. Por outro lado, algumas ilhas da Ria de Aveiro, a Sul da Murtosa, serviram para a criação de gado e chegaram a ter ocupação humana mais ou menos permanente, inclusive edificando-se casas de habitação. Porque a referida ocupação destes lugares é relativamente recente, em particular a ocupação permanente, os actuais habitantes são geralmente capazes de identificar as suas freguesias de origem e conhecem nelas familiares.

Em notícia de 1902 publicada no jornal *O Concelho de Estarreja*, sedado na freguesia de Pardilhó, referiam-se algumas famílias de colonos de Pardilhó, Bunheiro, Avanca, Válega e Ovar, que então habitavam na Tijosa<sup>54</sup>, a sul da Marinha de Ovar. O mesmo jornal aludiu em 1903 a naturais de Pardilhó possuidores de propriedades na Raposeira, Tijosa, Areia e outros lugares, para onde iam quase diariamente de bateira<sup>55</sup>. Durante a Primeira República inclusive houve carpinteiros navais, de Pardilhó, construindo navios em madeira de grande tonelagem no sítio da Agueira, lugar da Tijosa. Enfim a historiografia vareira não esconde a origem pardilhoense destes lugares, referindo a «*estrada ligando o lugar da Marinha ao lugar da Tijosa ou Marinha de*

---

<sup>53</sup> *Aveiro e o Seu Distrito*, XXI, 1976, p. 51.

<sup>54</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 53, 11.10.1902, p. 3.

<sup>55</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 115, 19.12.1903, p. 2.

*Baixo, cujos habitantes vieram de Pardilhó*»<sup>56</sup>. No Recenseamento de 1911 a população da Marinha de Ovar (abrangendo Marinha e Tijosa) era ainda relativamente incipiente, totalizando 35 fogos e 189 habitantes, ao passo que no Recenseamento de 1970 os valores ascendiam a 136 fogos e 487 habitantes.

Consta que residia já em 1874 um casal de lavradores de Pardilhó, no sítio do Torrão do Lameiro, Costa do Mar da Torreira<sup>57</sup>. A população do designado Lameiro da Marinha, que era de 159 habitantes e 28 fogos no Recenseamento de 1911, ascendia a 433 habitantes e 123 fogos no Recenseamento de 1970. Foi em atenção à origem pardilhoense dos habitantes deste lugar que, em 1996, se atribuiu a uma rua do mesmo o nome de “Rua de Pardilhó”<sup>58</sup>.

Sabe-se de um homem das Quintas da Torreira ter sido, em 1905, juiz da festa de Santo António, no Bunheiro<sup>59</sup>. Note-se de resto que a actual freguesia da Torreira era administrativamente lugar da freguesia do Bunheiro antes de 1926, ano em que foi criada a freguesia.

Sobre o centro urbano e piscatório da Torreira escreveu o prémio Nobel Egas Moniz, referindo-se a finais do século XIX: «*A Torreira, naquela época, não passava de uma povoação de pescadores [...] estava mais em contacto com a Murtosa do que com qualquer outra. Não passava de ser um seu subúrbio. E ainda hoje o é, apesar de se ter tornado freguesia independente. A pequena população que por lá estacionava, no Inverno, era, como agora, toda murtoseira.*»<sup>60</sup>. Em consonância, referia-se na imprensa local em 1912 serem os pescadores da Torreira todos da Murtosa<sup>61</sup>.

Quanto a S. Jacinto, praia de pescadores no concelho de Aveiro, escreveu um autor aveirense ser «*S. Jacinto, de incontroversas raízes murtoseiras*»<sup>62</sup>, o que coincide com a realidade conhecida.

---

<sup>56</sup> LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar*. Vol. IV, Câmara Municipal de Ovar, 2001, p. 121.

<sup>57</sup> CUNHA, José Tavares Afonso e – *Notas Marinhoas*. Vol. IV, 1994, pp. 264-265.

<sup>58</sup> LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar*. Vol. IV, Câmara Municipal de Ovar, 2001, p. 159.

<sup>59</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 196, 8.7.1905, p. 3.

<sup>60</sup> EGAS MONIZ – *A Nossa Casa*. 3.ª ed., Câmara Municipal de Estarreja, 2001, p. 180.

<sup>61</sup> *O Povo da Murtosa*, n.º 376, 30.11.1912, p. 1.

<sup>62</sup> VIEIRA, J. – “Concelho de Aveiro – nótulas de etnografia e folclore”, *Aveiro e o seu Distrito*, XXI, 1976, p. 51.

#### IV. MIGRAÇÕES INTERNAS

As migrações internas de naturais dos concelhos de Estarreja e Murtoza possuem características próprias que se distinguem das demais localidades portuguesas. Embora antes se conheçam migrações, foi sobretudo no século XIX e em grande parte do século XX que a população local procurou o seu sustento fora de portas. Destacaram-se particularmente os oriundos da freguesia da Murtoza, que registou um crescimento populacional assinalável ao longo do século XIX. Em consequência a freguesia deixou de ter recursos suficientes para sustentar a sua população, principalmente a partir do início do século XX, quando a par de ter atingido o seu pico populacional se intensificaram as restrições de defeso na pesca e apanha do moliço, principais actividades económicas locais.

Em Lisboa fez fama a varina, tipo popular mais característico da cidade e originária essencialmente da Murtoza. Na mesma cidade se fixou uma numerosa colónia de fragateiros e pessoas que se dedicavam a outras profissões. Pelo Tejo acima, em especial na margem sul do rio, estabeleceram-se ao longo do século XX construtores navais oriundos de Pardilhó, até à década de 1970, quando começou a decair a construção naval em madeira. Quase tão característicos como as varinas foram os pescadores do sável, sendo estes os dois grupos mais importantes, pelo seu número e fama.

Se em primeira linha as migrações internas tinham na mira a busca imediata de subsistência, era também objectivo melhorar as condições de vida e muito em especial ganhar o suficiente para construir casa no torrão natal. Bem o testemunhou a imprensa local em 1908, ao sublinhar que arranjava-se dinheiro para construir casa em Lisboa e no Brasil<sup>63</sup>. Para além destes destinos, informava-se em 1941 que havia bairros quase exclusivamente de murtoseiros no Brasil, E.U.A., Lisboa, Setúbal, Vila Franca de Xira,

---

<sup>63</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 330, 25.1.1908, p. 3.

Benavente, Salvaterra de Magos, Alcacer do Sal, Peniche, Olhão<sup>64</sup>, enfim onde a pesca fosse farta.

A população móvel historicamente conhecida é sobretudo originária da freguesia da Murtosa, mas existem algumas outras freguesias com contingentes migratórios significativos. É o caso de Pardilhó, de onde constava haver gente em Mutela em 1910<sup>65</sup>, aí chegando mesmo a abrir uma mercearia denominada “A Pardilhoense” em 1931<sup>66</sup>. São meros vestígios de uma razoável colónia de carpinteiros navais oriundos desta freguesia. Em Lisboa, tal como os da Murtosa, os de Pardilhó tinham maior concentração na Madragoa, entre varinas, fragateiros e padeiros<sup>67</sup>. Conforme explicou um desses antigos migrantes<sup>68</sup>, os pardilhoenses misturavam-se com os lisboetas, muitos se casando na capital, mas a maioria vivia na Madragoa, muitos vivendo em grupos de conterrâneos, para onde levaram o hábito de estar à porta da casa a conversar à tardinha. O natural de Pardilhó sempre se adaptou bem ao meio para onde ia, trabalhando na região de Lisboa principalmente na construção naval mas também como fragateiro. Todos tinham brio de ter o seu próprio lar, nem que fosse em madeira.

## 1. VARINAS DE LISBOA

Embora já aparecessem antes, as varinas de Lisboa fixaram-se na capital sobretudo a partir de meados do século XIX, depois da instalação do caminho-de-ferro. Eram principalmente originárias da Murtosa e concentraram-se no Bairro da Esperança, Madragoa antiga, freguesia de Santos-o-Velho.

Geralmente diz-se que as varinas de Lisboa eram originárias de Ovar. Porém, como escreveu o conhecido olisipógrafo João Pinto de Carvalho, entre diversas referências a diferentes autores, «*aquela colónia [varinas] é constituída por mulheres da Murtosa e não por mulheres de Ovar. Umhas e outras formam tipos diversos [...]*»<sup>69</sup>. Além do mais «*o termo varina é uma abreviatura de ovarina. Aquele vocábulo, ou se aplica, estrictamente, à população da Murtosa, ou se aplica, de um modo genérico, à*

---

<sup>64</sup> *O Progresso da Murtosa*, n.º 580, 11.1.1941, p. 2.

<sup>65</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 431, 1.1.1910, p. 3.

<sup>66</sup> *O Povo de Pardilhó*, n.º 208, 14.3.1931, p. 2.

<sup>67</sup> SALEIRO, Mário (O Almocreve da Ti Rendeira) – Esboço da História contemporânea de Pardilhó. Rio de Janeiro, 1982, p. 67.

<sup>68</sup> Sr. Joaquim Fonseca, de Pardilhó, antigo trabalhador do Arsenal do Alfeite, em entrevista realizada em Novembro de 2003.

<sup>69</sup> CARVALHO, João Pinto de (Tinop, 1858-1936) – *Lisboa de Outrora*. Ed. Amigos de Lisboa, 1938, p. 161.

população do litoral compreendido entre Ílhavo e Ovar, mas sem se discriminarem tipos e caracteres porque, entre as mulheres de Ílhavo, Aveiro, Murtosa, Estarreja e Ovar, há sensíveis divergências sob o ponto de vista moral e sob o ponto de vista físico.»<sup>70</sup>. E acrescentou ainda que «em Aveiro chamam varinos aos habitantes da Murtosa, que trabalham em Lisboa, e só excepcionalmente aos habitantes de Ovar. E tanto em Aveiro como em Ílhavo, não há varinas, mas sim tricanas [...]»<sup>71</sup>. Atribuem também origem murtoseira às vendedeiras de peixe, vulgo varinas, que circulavam pela Lisboa novecentista, algumas das mais antigas gravuras impressas que retratam os trajes populares portugueses dessa época. É o que se verifica nas **figuras n.º 2, 3 e 4**, nas quais se alude à Murtosa e a Pardilhó ou Pardelhas. Que a designação varina se aplicava preferencialmente à mulher da Murtosa se vê igualmente na imprensa local do início do século XX, como se pode ler na seguinte notícia: «*VARINAS. Tem chegado, a esta freguesia grande número de membros da colonia Murtoense que na Capital, Vila Franca de Xira e Setubal, onde são conhecidas pela denominação de Varinas, se ocupam no mister da venda de peixe, e que durante algumas semanas veem descansar as fadigas entre os seus, na terra que lhes foi berço, que tão querida lhes è.*»<sup>72</sup>. E pode-se ainda ler na imprensa nacional da mesma época: «*o mortuense (a quem em Lisboa se dá o nome genérico, mas errado, de varino) encravado entre Aveiro e Ovar [...]*»<sup>73</sup>.

As varinas tornaram-se uma figura característica de Lisboa depois do caminho-de-ferro ligar Lisboa ao Porto, embora já antes se vissem pela capital, mas em pequeno número e de passagem<sup>74</sup>. Teria assim sido o caminho-de-ferro que ocasionou a instalação de uma significativa colónia murtoseira em Lisboa, centrada no bairro da Madragoa<sup>75</sup>, a partir de meados do século XIX<sup>76</sup>.

Parece pois que a população originária da Murtosa tendeu a concentrar-se numa mesma zona de Lisboa, conforme atestam várias fontes que se referem a topónimos geograficamente mais ou menos coincidentes. Referimo-nos a Santos-o-Velho, Estrela, Esperança e Madragoa. Disso se conhece testemunho do final do século XIX, afirmando que a Murtosa «*acha-se espalhada por quasi todos os centros importantes do paiz.*

---

<sup>70</sup> CARVALHO, João Pinto de (Tinop, 1858-1936) – *Lisboa de Outrora*. Ed. Amigos de Lisboa, 1938, p. 163.

<sup>71</sup> CARVALHO, João Pinto de (Tinop, 1858-1936) – *Lisboa de Outrora*. Ed. Amigos de Lisboa, 1938, p. 164.

<sup>72</sup> *O Povo da Murtosa*, n.º 561, 24.6.1916, p. 3. Veja-se também, a este respeito, *O Concelho da Murtosa*, n.º 1168, 30.5.1953, p. 1.

<sup>73</sup> FRANCO, Renato de Melo – “Terra Linda – Os Pescadores”, *Ilustração Portuguesa*, 1919, II, p. 291.

<sup>74</sup> CARVALHO, João Pinto de (Tinop, 1858-1936) – *Lisboa de Outrora*. Ed. Amigos de Lisboa, 1938, p. 161.

<sup>75</sup> PEREIRA, Lopes – “Aventureirismo dos Murtoseiros por terras de aquém e de além mar”, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XXII, n.º 88, 1956, p. 247.

<sup>76</sup> *O Concelho da Murtosa*, n.º 1168, 30.5.1953, p. 1.

*Ninguém ignora os auxílios poderosos que presta à capital, onde se agrupa n'uma colónia numerossima, activa, trabalhadora, que occupa a maior parte das ruas de Santos o Velho e da Estrella.»*<sup>77</sup>. Em conclusão, «*é essa mesma força expansiva que leva muitos dos filhos d'esta terra para Lisboa, onde, mormente na freguezia de Santos-o-Velho, vive uma numerosa colónia murtoseira, sem perder os seus hábitos de economia e de trabalho, nem entorpecer a sua prodigiosa actividade no bulício da capital.»*<sup>78</sup>. Também a imprensa local do início do século XX nos informava ser da Murtosa quase toda a população do Bairro da Esperança, a Madragoa dos tempos antigos<sup>79</sup>. E do mesmo modo o olisipógrafo João Pinto de Carvalho, mais uma vez confirmando os relatos que ouvimos contar de várias pessoas, escreveu que «*a colónia varina instalou-se nos casitéus da Esperança (a Madragoa dos velhos tempos)*»<sup>80</sup>, apesar de mais tarde «*muitos varinos terem abandonado o casario da Esperança, dispersando-se pelos outros bairros e quebrando a tradição da sua exclusiva residência na pandemónica Madragoa.»*<sup>81</sup>.

## 2. PESCA DO SÁVEL

Na Murtosa ganhou relevo a profissão de pescador, principalmente a partir de finais do século XVII. Os pescadores exerciam a sua actividade na costa da Torreira, nos meses mais quentes do ano, e na Ria de Aveiro, no inverno. Acontece que, quer pela quantidade de pessoas empregadas na pesca, quer pelas dificuldades entretanto causadas pelo encerramento natural da Barra de Aveiro, impedindo a comunicação das águas da Ria com as do oceano, a pesca na Ria deixou de ser rentável.

Os pescadores da Murtosa, mais sabedores do ofício que os de Aveiro, viraram-se para outras paragens de Portugal onde pudessem, durante os meses de inverno, obter o seu sustento<sup>82</sup>. Nesse seguimento, de decadência da pesca na região de Aveiro, «*no anno de 1790 sómente se observavão dous barcos destinados á Pesca, e duas companhas cada huma de outenta Pescadores, que costumão pescar na Costa de S.*

---

<sup>77</sup> BARBOSA, José Maria – “A Murtosa”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899, p. 72.

<sup>78</sup> “Representação apresentada na Câmara dos deputados em 7 de Abril de 1899”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899, p. 24.

<sup>79</sup> “A emigração na Murtosa”, *O Povo da Murtosa*, n.º 374, 16.11.1912, pp. 1 e 2 (transcrito de O Século); *O Concelho da Murtosa*, n.º 1168, 30.5.1953, p. 1.

<sup>80</sup> CARVALHO, João Pinto de (Tinop, 1858-1936) – *Lisboa de Outrora*. Ed. Amigos de Lisboa, 1938, p. 161.

<sup>81</sup> CARVALHO, João Pinto de (Tinop, 1858-1936) – *Lisboa de Outrora*. Ed. Amigos de Lisboa, 1938, p. 167.

<sup>82</sup> AMORIM, Inês, *Aveiro e a sua provedoria no século XVIII (1690-1814)*, 1996, pp. 491-492 (cita Almeida Garret).

*Jacinto desde os fins de Junho até Fevereiro, e depois vão para o Tejo.»*<sup>83</sup>.

Dos movimentos internos dos pescadores da Murtosa, nos meses frios e chuvosos, resultaram influências culturais em diversas regiões (gastronomia, embarcações, habitação, etc.) e até mesmo a criação de novas comunidades. Pelo rio Tejo acima vamos encontrar a caldeirada de enguias confeccionada como na Murtosa, embarcações e aldeias avieiras de origem murtoseira. No Algarve, as origens da população não urbana de certas zonas, atribuem-se a migrações sazonais de pescadores vindos da Murtosa<sup>84</sup>. E uma reportagem de 1936 sublinhava que «*em Lisboa, em Setúbal, em Vila Franca de Xira, em Benavente, em Salvaterra de Magos, em Alcácer do Sal, em Peniche, em Olhão e noutras localidades do continente, há bairros constituídos quase exclusivamente por murtoseiros*»<sup>85</sup>.

Porém era para o rio Tejo que a maioria dos pescadores murtoseiros viajava, onde se ocupavam da pesca do sável subindo o rio até Santarém, conforme se recordava em memória do primeiro terço do século XIX<sup>86</sup>. Sabe-se que «*em 1819 os pescadores de Alhandra, Alverca e Póvoa de Santa Iria queixaram-se dos varinos de Aveiro e de Ovar que traziam redes de arrasto para o Tejo, o que era contrário às disposições da lei.*»<sup>87</sup>. Pela mesma altura arrolaram-se, entre os pescadores activos em Portugal em 1822, na comarca de Santarém, um total de 45 barcos e 234 pescadores de Ovar e Ílhavo<sup>88</sup>. Conforme explicou João Frederico Teixeira de Pinho, «*Depois do Natal, em que acabam os trabalhos marítimos, mas não a safra, muitos desses infelizes se transferem para as povoações do Riba-Tejo a pescar, neste decantado rio, o sável e a sardinha, formando partidas a que chamam savaras e tarrafas. Estas findaram aqui, suposto alguns pescadores sigam ainda a juntar-se às que trabalham em Caparica. Outros se disseminam por várias partes, com diferentes misteres, fugindo às privações do inverno, que a todos oprime.*»<sup>89</sup>. Salienta-se contudo, nestas informações, o velho costume de utilizar os nomes de núcleos regionais maiores – Aveiro e Ovar – para

---

<sup>83</sup> LOBO, Constantino Botelho e Lacerda, “Sobre as Marinhas de Portugal”, *Memórias Económicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, IV, 1812, p. 345.

<sup>84</sup> CAVACO, Carminda, *O Algarve Oriental*, II, 1976, p. 416.

<sup>85</sup> *Novidades*, 7.9.1936, p. 4.

<sup>86</sup> FERREIRA NEVES, Francisco, “A Memória sobre Aveiro do Conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa”, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, VI, 1940, pp. 268-269.

<sup>87</sup> SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vol. III, 1984, p. 271; e em termos similares MOREIRA, Carlos Diogo, *Populações Marítimas em Portugal*, 1987 (1988 no interior), p. 203 – com referência à publicação de edital de 1819.

<sup>88</sup> BALBI, Adrien – *Essai statistique*. Vol. I, 1822, pp. 181-183.

<sup>89</sup> PINHO, João Frederico Teixeira de – *Memórias e datas para a história da Vila de Ovar*. Câmara Municipal de Ovar, 1959, p. 81.



mencionar população oriunda na sua maior parte da Murtosa.

Diferentemente, encontra-se em duas notícias de 1855 referências à Murtosa. Na primeira, de Janeiro desse ano, relatava-se que «*A pesca da sardinha em Lisboa, tem sido este anno muito abundante. Os pescadores escrevem d'ali satisfeitissimos, e quasi todos teem mandado dinheiro ás suas familias. Este anno veem para Ilhavo, Murtosa, e Ovar, muitos contos de reis*»<sup>90</sup>. Veio o verão, regressando às suas terras os pescadores, e novamente o inverno, levando a que no final do mesmo ano de 1855 «*os pescadores das costas d'Ovar, Torreira e Ilhavo teem ido quasi todos para Lisboa. Em virtude disso pode dizer-se que a safra está acabada por este anno nas costas maritimas do distrito [de Aveiro]*»<sup>91</sup>.

Foram sobretudo as condições difíceis de vida que motivaram as migrações dos murtoseiros. Aquando da realização do inquérito às causas da emigração portuguesa, pela *Comissão Parlamentar* de 1885, concluiu-se que a propriedade predial na freguesia da Murtosa estava muito dividida (9309 prédios para 1617 contribuintes). Como os recursos locais eram escassos, «*não há importação de braços n'este concelho; e pelo contrário, exporta-os para Lisboa, Algarve e Alemtejo, onde se empregam, a maior parte, na pesca do peixe. – Pode calcular-se em mais de 1200 individuos que sáem d'aqui annualmente para aquellas paragens, regressando quasi todos em diversas epochas do anno*»<sup>92</sup>. Os movimentos migratórios murtoseiros destinavam-se a Lisboa, Algarve, Alemtejo e Rio de Janeiro. «*Para Lisboa, Algarve e Alemtejo é a abundancia do pescado que ali os arrasta, e para o Rio de Janeiro é a ambição*»<sup>93</sup>.

Informou o *Inquérito Industrial* de 1890 que os pescadores das praias do litoral do distrito de Aveiro de então não eram autóctones, destacando-se entre outros os pescadores da Murtosa (pescavam sardinha sazonalmente, entre Maio e Novembro), entre Espinho, Paramos, Torreira, Aveiro, Ovar-Ria/Marinha e Gaia. Mais concretizando, «*gente do concelho de Estarreja, e tão grande a mobilidade dos pescadores, grande parte dos quaes ora está na costa, entregue ao serviço de pesca da sardinha, ora em Vila Franca ou na Afurada, explorando a pesca do sável no Tejo ou Douro, a do pilado nas companhas do último porto citado, ora vae pescar à ria de Aveiro [...]. Há companhas, como as de Pardelhas, que usam redes varredouras, que*

---

<sup>90</sup> *Periódico dos Pobres do Porto*, n.º 14, 16.1.1855, p. 54.

<sup>91</sup> *Campeão do Vouga*, 371, 1.12.1855, p. 4.

<sup>92</sup> *Comissão Parlamentar – 1885*, p. 139.

<sup>93</sup> *Idem*.

*largam à segunda feira e só regressam ao seu porto no sabbado seguinte, indo todas as manhãs um dos companheiros vender a pescaria ao mercado que ficar a menor distância, quer este seja o de Ovar, Pardilhó, Pardelhas, Aveiro ou Ílhavo; outras, que empregam redes solheiras, só regressam ao seu porto na manhã de domingo, para recommençarem o serviço no dia seguinte; e, por fim, as que se occupam na apanha do bribigão saem em geral à segunda feira, indo na seguinte sexta feira vender a Ovar o mollusco colhido e recolhendo no sabbado ao seu porto.»<sup>94</sup>.*

No contexto local da Murtosa a praia de pesca dos murtoseiros era a Torreira, mas também se fazia pesca irregular na Cruz do Marujo, ou Raposeira, pouco a Norte da Torreira, por pescadores do Furadouro e de Pardelhas<sup>95</sup>.

Era característica a forma do murtoseiro empregar as suas economias, que havia de perdurar até à actualidade: *«ordinariamente o pescador da Murtosa, sempre que regressa da pesca do sável no Tejo ou no Douro, ou da pesca do pilado na Afurada, emprega o pecúlio que então traz em construir, reparar, ou melhorar, de preferência, a casa para abrigo de sua família, e depois na compra de objectos de oiro para sua mulher.»<sup>96</sup>.*

Um testemunho de 1892 dizia o seguinte dos murtoseiros e seus vizinhos: *«Attendendo à data em que se fez o recenseamento de 1878, explica-se a grande percentagem dos ausentes nos concelhos de Avanca, Fermelã, Ilhavo, Beduido, Sôza e Murtosa, onde predomina o elemento pescador e agricultor, que no inverno emigra para Lisboa e Cezimbra, porque as companhias de pescaria na costa não trabalham no inverno e ainda por não haver que fazer na agricultura, indo muitas pessoas dedicar-se ao serviço de fragateiros, carregadores, vendedores de peixe e de jornaes e muitos outros modos de vida, que no inverno se encontram nas cidades, principalmente em Lisboa e Porto.*

*Estas populações fluctuantes são em certos sítios do Ribatejo conhecidas pelo nome de ilhavos, quer sejam ou não d'aquelle concelho. A elles se refere o visconde de Almeida Garret, quando põe estas palavras na bôca de um varino: “Para Almeirim vamos nós, que era uma charneca o outro dia e hoje é um jardim, benza-o Deus! Mas não foram os campinos que o fizeram, foi a nossa gente que o sachou e plantou, e o fez o que é e fez terra das areias da charneca...*

---

<sup>94</sup> *Inquérito Industrial de 1890*, vol II, p. 211.

<sup>95</sup> *Inquérito Industrial de 1890*, vol II, p. 201.

<sup>96</sup> *Inquérito Industrial de 1890*, vol II, p. 216.

*Pois nós, que brigâmos com o mar oito e dez dias a fio n'uma tormenta de Aveiro a Lisboa.” [in “Viagens na minha terra”]*

*Não é tão sensível a percentagem da emigração em Ovar, embora terra de pescadores [...] muitos catraeiros do Tejo recolhem aquela villa para construirem as barças que em Lisboa têm o nome de varinas ou ovarinas, e que em Aveiro se chamam enviadas»<sup>97</sup>.*

Um autor local, Lopes Pereira, escreveu mesmo que Garret, nas “Viagens na minha terra”, confundiu o Ílhavo com o murtoseiro<sup>98</sup>. Além de Almeida Garret outros escritores se referiram à presença de pescadores da Murtosa no Tejo, caso de Alves Redol<sup>99</sup>. Além do mais, citando António Sérgio, Lopes Pereira defendeu que os murtoseiros iniciaram o povoamento de Olhão no século XVIII<sup>100</sup>.

A pesca do sável na Ria de Aveiro decorria em Fevereiro e Março<sup>101</sup>, ou de Março a Maio, quando o sável vinha do mar para os cursos dos rios para se reproduzir<sup>102</sup>. A pesca fazia-se com as *cambôas do sável*, nas quais trabalhavam geralmente em conjunto dois companheiros<sup>103</sup>.

De acordo com Marques Gomes, a Murtosa teria cerca de 400 ou 500 pescadores no final do século XIX<sup>104</sup>. Na sua maioria estes iam de inverno pescar para o rio Tejo<sup>105</sup>, e houve autores que além do Tejo os distribuíram pelo Douro e Sado, pescando sável, e pilado na Afurada<sup>106</sup>. No mesmo sentido, explicou Marques Gomes que «*terra de pescadores, foi sempre a Murtosa, e é este um dos seus melhores brasões. Uma grande parte da sua população emprega-se nos trabalhos da pesca tanto fluvial como marítima, durante todo o ano, constantemente [...] em quasi toda a vastíssima area da ria de Aveiro [...] o pescador da Murtosa tanto está hoje pescando na sua costa ou na sua ria, como amanhã em Villa Franca ou na Afurada, sendo-lhe familiares tanto o Tejo como o Douro, onde de preferência explora a pesca do sável. Pescando na ria de*

---

<sup>97</sup> MATTOS, José Maria de Mello de, “Memória sobre a arborização das dunas de Aveiro”, *Revista de Obras Publicas e Minas*, Tomo XXIII, n.ºs 268 a 270, Abril a Junho, 1892, pp. 136-137. Cit. AMORIM, Inês de – *Aveiro e sua provedoria no século XVIII (1690-1814)*. Vol. 1. Comissão de Coordenação da Região Centro, 1996, p. 492.

<sup>98</sup> LOPES PEREIRA – *Murtosa gente nossa*. 3.ª ed., Câmara Municipal da Murtosa, 1995, p. 129.

<sup>99</sup> ALVES REDOL, *Avieiros*, Livros de Bolso Europa-América, 2.ª ed., pp. 178-179, e outras.

<sup>100</sup> LOPES PEREIRA – *Murtosa gente nossa*. 3.ª ed., Câmara Municipal da Murtosa, 1995, pp. 130-131.

<sup>101</sup> *Inquérito Industrial de 1890*, II, p. 211.

<sup>102</sup> BALDAQUE DA SILVA, A. A., *Estado actual das pescas em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892.

<sup>103</sup> *Inquérito Industrial de 1890*, II, pp. 214 e 219, com descrição do método de pesca.

<sup>104</sup> BARBOSA, José Maria, *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*, 1899, p. XVII.

<sup>105</sup> *Idem*, pp. XVII, 24, 60, 72.

<sup>106</sup> *Inquérito Industrial de 1890*, II, pp. 211 e 116; BALDAQUE DA SILVA, A. A., *Estado actual das pescas em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; AFFREIXO, Jayme, “Pescas Nacionaes – A região de Aveiro”, *A Tradição*, n.º 2, Serpa, Fevereiro/1903, p. 24.

*Aveiro, quasi que vive permanentemente n'ella*»<sup>107</sup>. Na verdade, o pescador da Murtosa passava a semana fora de casa, de segunda-feira a Sábado, vendendo o que pescava no mercado da Ria de Aveiro que lhe estivesse momentaneamente mais próximo.

Como vimos dizendo, o pescador da Murtosa não se prendia exclusivamente nas fronteiras da Ria de Aveiro, antes ocupando todos os lugares do país capazes do exercício da pesca. Nesse sentido se disse no parlamento português, em 1899, que «*em Olhão, Faro, Lagos, Villa Franca de Xira, Porto, Setubal, Azambuja, Salvaterra de Magos e em muitos outros pontos do paiz vivem numerosos filhos da Murtosa.*»<sup>108</sup>. De igual modo modo, «*no Porto, Mathosinhos, Aforada, Vila do Conde, Figueira, Santarém, Salvaterra, Azambuja, Villa Franca, Setúbal, no adusto Alentejo, no ridente Algarve, se encontram filhos da Murtoza.*»<sup>109</sup>. Ou ainda, a propósito da intentada emancipação concelhia da Murtosa de 1899, «*todos os jornaes da capital, sem distincção de cores politicas advogam calorosamente a emancipação d'estas duas freguezias, de sobejo conhecidas por todos pela sua expansibilidade sempre crescente de seus habitantes, que se diffundem de uma forma prodigiosa pela maior parte das povoações marginaes do Tejo, pelo Alentejo e littoral do Algarve, pelas ilhas e Brasil.*»<sup>110</sup>.

Os anos foram passando e a prática manteve-se. Um jornal da Murtosa de 1901 dava conta de terem partido, na quarta-feira anterior, cerca de 60 pescadores da Murtosa para Setúbal<sup>111</sup>. Em Janeiro do ano seguinte «*sahiram para Villa Franca de Xira e Azambuja, para a pesca do savel, mais de 100 homens, da Murtoza.*»<sup>112</sup>. No início de 1904 muitos murtoseiros haviam já partido para a pesca do sável no Tejo<sup>113</sup>, como muitos dos que costumavam fazer esta migração estavam de regresso à terra natal no início de Maio de 1907<sup>114</sup>. Em 1913 um pescador do Sável da Murtosa morreu em Azambuja, onde muitos conterrâneos exerciam a mesma profissão<sup>115</sup>.

---

<sup>107</sup> MARQUES GOMES – “Esboço critico acerca da origem da Murtoza. Carácter do seu povo, costumes, commercio, etc. – Notícia histórica”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899, p. XVII.

<sup>108</sup> “Representação apresentada na Câmara dos deputados em 7 de Abril de 1899”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899, p. 24; também referido por José Tavares, *Notas Marinhoas*, V, 1995, p. 14.

<sup>109</sup> BARBOSA, José Maria – “A Murtosa”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899, p. 72.

<sup>110</sup> BARBOSA, José Maria – “Autonomia da Murtosa e Bunheiro”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899, p. 60.

<sup>111</sup> *Jornal da Murtosa*, n.º 29, 7.7.1901, p. 3.

<sup>112</sup> *Jornal da Murtosa*, n.º 58, 26.1.1902, p. 3.

<sup>113</sup> *Jornal da Murtosa*, n.º 160, 2.1.1904, p. 7.

<sup>114</sup> *O Povo da Murtosa*, n.º 93, 11.5.1907, p. 3.

<sup>115</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 596, 15.3.1913, p. 3.

Sobre este início do século XX publicou interessantes reportagens a revista “Ilustração Portuguesa”, nas quais descrevia os métodos de pesca e a vida dos pescadores. De acordo com um número desta revista, do início de Maio de 1912, «*diz-se que retiraram este ano desolados para as suas terras da Murtosa, Ovar, Estarreja e Ílhavo os das companhas que pescam o sável no curso do Tejo, de Vila Franca á Barquinha.*»<sup>116</sup>. No final de 1913 noticiava-se que «*na Valada, no local onde o Club Naval costuma fazer as suas regatas, estão varias companhas d’Ovar e Estarreja que teem feito boas pescas*»<sup>117</sup>, e além disso «*agora por esta época e nos mezes que vão até maio, essas pitorescas regiões de Vila Franca e Azambuja teem uma mais agitada vida. É que chegam as campanhas de pescadores d’Ovar, Estarreja, Murtosa, gente tisnada [...]*»<sup>118</sup>. Informava-se finalmente, em 1916, que «*os pescadores não são filhos d’esta região do Ribatejo. Veem de Aveiro, Estarreja e Ovar e são conhecidos pela designação genérica de “varinos”. Teem um bairro quasi exclusivamente seu em Vila Franca, na comprida rua do Alegrete. [...] todos os anos em fevereiro veem ranchos de Ovar e Estarreja, demorando-se até fins de maio, quando o sável começa a rarear.*»<sup>119</sup>. Dormiam no barco, vindo a terra de 15 em 15 dias, ou amontoavam-se em novos povoados.

Jaime Afreixo, citando Edmundo Machado, distinguiu o pescador da Murtosa dos outros da região de Aveiro, só àquele reconhecendo como verdadeiro pescador e conhecedor da sua arte, e aludindo às suas migrações sazonais para o Tejo, Douro e Sado<sup>120</sup>. De forma mais concreta, «*sob o ponto de vista da pesca distinguem-se sobretudo e muito caracteristicamente os pescadores da Murtosa e os pescadores de Aveiro. Os primeiros, sabedores do ofício, pescam um pouco por toda a parte, emigrando em determinados meses para o Tejo, o Douro, o Sado, etc.*»<sup>121</sup>. E ainda, «*da enorme população que cerca a ria só os habitantes da Murtosa são verdadeiramente pescadores [...]. A maior parte destes homens ocupa-se na ria, de Abril ou Maio até Outubro, e vai depois exercer a pesca em outros pontos do país, no Douro, Tejo, Sado,*

---

<sup>116</sup> “A pesca do sável”, *Ilustração Portuguesa*, n.º 325, 3.5.1912, p. 617.

<sup>117</sup> *Ilustração Portuguesa*, n.º 410, 29.12.1913, p. 762.

<sup>118</sup> “Os pescadores de Vila Franca”, *Ilustração Portuguesa*, n.º 410, 29.12.1913, p. 759.

<sup>119</sup> NAVARRA, Pedro de – “Pesca do Sável”, *Ilustração Portuguesa*, n.º 519, 31.1.1916, p. 160.

<sup>120</sup> AFFREIXO, Jayme – “Pescas Nacionaes – A região de Aveiro”, *A Tradição*, n.º 2, Serpa, Fevereiro/1903, p. 24.

<sup>121</sup> NOBRE, Augusto, AFREIXO, Jaime, MACEDO, José de – *A Ria de Aveiro. Relatório oficial do regulamento da Ria de 28 de Dezembro de 1912*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, p. 24, citado por AMORIM, Inês de – *Aveiro e sua provedoria no século XVIII (1690-1814)*. Vol. 1. Comissão de Coordenação da Região Centro, 1996, p. 491.

etc.»<sup>122</sup>. Em síntese, os murtoseiros eram mais sabedores do ofício e migravam, os de Aveiro menos sabedores e não migravam.

Foi pois o pescador da Murtosa que prevaleceu dentro e fora da Ria de Aveiro. Na Ria do início do século XX «os moliceiros e os pescadores da Murtosa são os que mais a povoam. Toda a semana, durante alguns meses, vivem sobre essas águas, apanhando o moliço ou lançando as redes, dormindo na proa dos seus barcos, cozinhando n'elles ou perto d'elles, em terra, a sua frágil caldeirada»<sup>123</sup>. Para mais, o murtoseiro e o gafanhão «tem expulsado da costa o seu primitivo habitante, que ou emigra para trabalhar nas armações d'entre Tejo e Sado, ou se alista na tripulação dos navios de vela, de cabotagem ou de longo curso, ou embarca, já em crescido número, para pescar o bacalhau na Terra Nova.»<sup>124</sup>.

Ainda assim, a Ria de Aveiro tornou-se demasiado pequena, para as necessidades do populoso núcleo de pescadores da Murtosa. Por isso se iniciaram as migrações internas sazonais, e «a Murtosa a contar dos fins do século XVIII, teve de acender nela a chama da demanda de novas rotas à suficiência do seu viver difícil.»<sup>125</sup>. Este êxodo originou colónias de Murtoseiros por todo o Portugal, onde quer que a actividade piscatória fosse rentável, como sublinhou Lopes Pereira: «De Santarém para baixo, é um nunca acabar de murtoseiros! Já os surpreendi acampados em ligeiras tendas de lona e cabanas de madeira no eucaliptal ao fundo da calçada do alfange santareno e por entre os salgueiros dos Omnios nos arrabaldes da linda cidade. Percorrem com as suas típicas bateiras os prados piscosos de Muge, Salvaterra, Benavente, Vila Franca, Azambuja e outros, dos cursos do Tejo e Sorraia, idos para a faina dos tarrafas. [...] Cascais, Sesimbra, Setúbal, Alcacer e outras terras ribeirinhas, são-lhes inteiramente conhecidas.»<sup>126</sup>.

---

<sup>122</sup> NOBRE, Augusto, AFREIXO, Jaime, MACEDO, José de – *A Ria de Aveiro. Relatório oficial do regulamento da Ria de 28 de Dezembro de 1912*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1915, p. 98.

<sup>123</sup> MAGALHÃES, Luiz de – “Aveiro (A Ria)”, *A Arte e a Natureza em Portugal*, vol. 5, 1905.

<sup>124</sup> MAGALHÃES, Luiz de – “Aveiro (A Ria)”, *A Arte e a Natureza em Portugal*, vol. 5, 1905.

<sup>125</sup> LOPES PEREIRA – *Murtosa gente nossa*. 3.<sup>a</sup> ed., Câmara Municipal da Murtosa, 1995, p. 129.

<sup>126</sup> LOPES PEREIRA – *Murtosa gente nossa*. 3.<sup>a</sup> ed., Câmara Municipal da Murtosa, 1995, p. 130.

## V. EMIGRAÇÃO

### 1. ATÉ MEADOS DO SÉCULO XX (BRASIL)

O estudo da emigração portuguesa para o Brasil possui um conjunto diversificado de fontes. Entre as mais importantes, além das estatísticas oficiais, contam-se o site *Family Search* (disponibilizando online documentos digitalizados, no endereço <https://familysearch.org/>) e o fundo de passaportes do Governo Civil de Aveiro (no caso dos concelhos de Estarreja e Murtosa), actualmente à guarda do Arquivo Distrital de Aveiro (também digitalizado e online, no endereço <http://digitarq.adavr.arquivos.pt/details?id=1314158>). Um e outro possuem informação personalizada sobre os emigrantes portugueses, particularmente os mais antigos, o que contribui para uma principal incidência documental no Brasil como país de destino. Assim, enquanto as estatísticas oficiais nos permitem um macro-retrato do fenómeno migratório, conforme se verifica nas tabelas anexas e nos gráficos a partir delas elaborados, as duas aludidas fontes fornecem-nos um micro-retrato, centrado na pessoa individual, muito útil para o estudo da pessoa, da história da família ou da genealogia. Além do que os dados individuais, se analisados conjuntamente como informação serial, fornecem-nos também informações importantes sobre o todo e suas tendências.

Entre os diferentes documentos que se encontram no *Family Search*, na sua maioria de organismos do Estado brasileiro, e os Livros de Registos de Passaportes, do Governo Civil de Aveiro, à guarda do Arquivo Distrital de Aveiro<sup>127</sup>, encontram-se dados diferentes, ainda que as mais das vezes respeitantes à emigração com destino ao Brasil.

---

<sup>127</sup> Nos últimos anos têm sido transcritas informações desta fonte por Valter Santos, mais tarde com a colaboração de Teresa Cruz, no artigo “O concelho de Estarreja e os seus emigrantes entre os anos de 1900 e 1905”, publicado na revista *Terras de Antuã*, Câmara Municipal de Estarreja, n.º 2, 2008, e números seguintes, nos quais se listaram os emigrantes dos anos 1882-1898.

Os registos individualizados incluem os seguintes tipos de informação a respeito de cada emigrante: nome completo, fotografia (por vezes a única conhecida da pessoa), assinatura, lugar e data de nascimento, filiação, estado civil, habilitações, profissão, residência em Portugal quando emigrou, data de emissão do passaporte (com alguns muito jovens e outros já idosos), destino e morada no destino.

Para formular um quadro geral sobre a emigração portuguesa para o Brasil, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, é importante a consulta dos diversos estudos de Jorge Arroiteia, sendo também útil o que a este respeito escreveu Miriam Alpern Pereira. Refira-se que o distrito de Aveiro sempre foi um dos principais distritos portugueses de origem de emigrantes, e dentro dele os concelhos de Estarreja e Murtoza, por isso sendo muito particular a estes concelhos o enquadramento geral a respeito do tema da emigração.

Pode-se dizer, em traços gerais, que a emigração portuguesa para o Brasil durou desde meados do século XIX até 1930, com as restrições colocadas pelo Estado brasileiro a novas entradas de estrangeiros, particularmente os não qualificados, num contexto de crise mundial. Deste modo, a emigração para o Brasil abrandou muito significativamente a partir de 1930, sendo depois dessa data também factor de restrição a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Antes disso, durante a 1.<sup>a</sup> Grande Guerra, a emigração portuguesa para o Brasil teve outra grande baixa, justificada pelas dificuldades inerentes à navegação. Mas, em termos gerais, abstraindo do período de guerra, durante a Primeira República (1910-1926) as condições de vida em Portugal endureceram-se, o que concorreu para o aumento do surto migratório (**Figura 13 e Texto 2**). Nas décadas de 1950 e 1960 o movimento migratório reanimou-se, porém no final deste período o Brasil começou a ficar secundarizado, em favor de outros destinos. As necessidades de reconstrução europeia criaram condições para saídas oficiais e clandestinas de portugueses, em particular para a França.

Muitas vezes, desde a segunda metade do século XIX, quem emigrava para o Brasil eram crianças, com 8 a 10 anos, e não adultos, ainda que maioritariamente do sexo masculino. Deles se aproveitavam os agiotes, obtendo lucros excessivos da viagem, por via das condições de preço, acomodação e alimentação. Não raras vezes os emigrantes chegavam ao Brasil em local que não o acordado, com diferente contrato ou sem contrato de trabalho. Entre legais e ilegais, os emigrantes chegaram a substituir os



escravos (a escravatura foi definitivamente extinta no Brasil em 1888) e a trabalhar em condições similares a estes, com violência física. No caso das mulheres podiam ser entregues à prostituição, no que colaboravam os capitães dos navios que realizavam o transporte. Deste modo, apesar da imagem de fonte de riqueza que o Brasil possuía em Portugal, muito devido à visibilidade de alguns poucos emigrantes de sucesso, só um em cada mil emigrantes enriquecia de facto do outro lado do Atlântico.

No ano de 1885 constituiu-se uma Comissão Parlamentar que teve como função elaborar um inquérito, destinado às autoridades locais portuguesas. Era seu objectivo estudar a elevada emigração que se dirigia ao Brasil, procurando encaminhá-la para as colónias portuguesas. As autoridades do concelho de Estarreja, que à época abrangia o actual da Murtosa, não deixaram de responder ao solicitado<sup>128</sup>.

Com respeito ao Administrador do Concelho de Estarreja<sup>129</sup>, este informou que «nem todos os que emigram recorrem aqui para se preparar o respectivo processo [emigração clandestina]. Vão quasi todos para o Brazil e principalmente para o Pará e Rio Grande do Sul.». Os emigrantes eram essencialmente «jornaleiros, principalmente solteiros e do sexo masculino». O motivo de emigrar era «a falta de meios e a abundância de população», sendo que «poucos voltam com boas fortunas, e a maior parte arruinados de saúde, pelo excessivo trabalho e pelo clima». Não havia em Estarreja engajadores, mas vendo o processo de emigração recusado obtinha-se passaporte com facilidade em Lisboa.

Por sua vez, informou o Escrivão da Fazenda de Estarreja<sup>130</sup> que os movimentos da população do concelho tinham como destino Lisboa, Algarve, Alentejo e Rio de Janeiro. No caso de «Lisboa, Algarve e Alemtejo é a abundancia do pescado que ali os arrasta, e para o Rio de Janeiro é a ambição». Ambição essa que regra geral saía frustrada, uma vez que «poucos, muito poucos, são os que regressam do império do Brazil com o necessario para poderem viver independentemente, e d'esses poucos rarissimos são os que não vem arruinados de saude». O pretendido encaminhamento de

---

<sup>128</sup> Documentos apresentados à Câmara dos Senhores Deputados e por ela mandados publicar na sessão legislativa de 1886, ed. Comissão Parlamentar para o Estudo da Emigração Portuguesa – 1885, Lisboa, Imprensa Nacional, 1886, pp. 123-124 (resposta do Administrador do Concelho de Estarreja) e 138-139 (resposta do Escrivão da Fazenda de Estarreja).

<sup>129</sup> Idem, p. 124.

<sup>130</sup> Idem, p. 139.

peças para as colónias, por parte do poder político, não surtia efeito, pois «*existe n'este povo muita repugnancia pelas colonias*».

Foi de facto o Brasil, e muito em particular o Pará, que constituiu o destino da maior parte dos emigrantes do concelho de Estarreja, principalmente oriundos da freguesia da Murtosa, durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. Várias fontes coevas o testemunham, alegando: os «*filhos da nossa terra, residentes no Brazil, com especialidade os do Pará*»<sup>131</sup>; a colónia murtoseira «*no Pará desenvolveu-se de tal forma que pode dizer-se que a maior parte que possuímos de lá nos vem*»<sup>132</sup>; «*a emigração murtoseira concentra-se e engloba-se quasi toda no Pará, onde contamos importantíssimas casas commerciaes e industrias muito adeantadas e assas compensadoras.*»<sup>133</sup>; «*no Brazil. Mormente na cidade do Pará, vivem milhares de murtuenses, labutando no commercio e em vários ramos d'industria, com cujos auferimentos vêem beneficiar no saudoso cantinho da sua aldeia os longos dias de velhice*»<sup>134</sup>; e «*a contar dos meados do século XIX intensificou-se a emigração dos homens para terras do Brasil, sobretudo para o Pará*»<sup>135</sup>. Do mesmo modo, nos primeiros anos da Primeira República, escreviam-se no *Jornal de Estarreja* muitas referências a industriais estarrejenses no Brasil, particularmente no Pará. Outro jornal, *O Concelho de Estarreja*, aludiu na mesma época à presença no Pará da maioria dos emigrantes locais<sup>136</sup>, além do que vinham do Pará verbas para os festejos dos santos padroeiros, nas freguesias de origem, caso do São Pedro de Pardilhó<sup>137</sup>. Notícia do jornal *O Século*, transcrita na imprensa da Murtosa em 1912, informava ainda que os murtoseiros tinham começado a emigrar para o Brasil havia cerca de 50 anos, seguindo-se as outras freguesias de Estarreja, e todo o progresso recente da Murtosa, à emigração era devido<sup>138</sup>. Em 1929, quando estava a terminar o período de intensa emigração para o Brasil «*segundo as estatísticas officiais, o número de portugueses no Estado do Pará é*

---

<sup>131</sup> BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899, p. IX.

<sup>132</sup> “Representação apresentada na Câmara dos deputados em 7 de Abril de 1899”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899, p. 24.

<sup>133</sup> BARBOSA, José Maria – “Autonomia da Murtosa e Bunheiro”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899, p. 60.

<sup>134</sup> BARBOSA, José Maria – “A Murtosa”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899, p. 72.

<sup>135</sup> PEREIRA, Lopes – *Murtosa gente nossa*. 3.<sup>a</sup> ed., Câmara Municipal da Murtosa, 1995, p. 133.

<sup>136</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 492, 11.3.1911, p. 2.

<sup>137</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 434, 22.1.1910, p. 3.

<sup>138</sup> *O Povo da Murtosa*, n.º 374, 16.11.1912, pp. 1 e 2.

de 15.631. Homens 12.382. Mulheres 3.249. O total da população estrangeira é de 22.083. Homens 16.136. Mulheres 5.947»<sup>139</sup>.

Aqueles emigrantes que conseguiam fazer fortuna no Brasil, trazendo-a para a terra natal, não a reinvestiam numa qualquer actividade económica. Empregavam o dinheiro ganho em construir casa, a sua maior ambição. Disso nos dá conta não só o conhecimento de experiência mas também a própria imprensa local do início do século XX. Numa notícia de 1906 mencionavam-se alguns emigrantes do Brasil construindo casa em Pardilhó<sup>140</sup>. Noutra de 1908 constava que se conseguia obter dinheiro para construir casa em Lisboa e no Brasil<sup>141</sup>. Enfim em 1912 escrevia-se que o murtoseiro chegava a ir 12 vezes ao Brasil para construir casa, sua única aspiração<sup>142</sup>. Do emigrar para construir casa escreveu ainda Humberto Bessa, num periódico nacional de 1918<sup>143</sup>.

Embora os emigrantes tivessem na origem diversas actividades profissionais, os grupos que mais saíram do país foram os pescadores e os moliceiros. Duas profissões que se viam restritas, pelo crescente apertar da regulamentação do defeso e pelo respectivo policiamento pela Capitania do Porto de Aveiro. Por isso se noticiou, em 1910, que na Murtosa muitos emigravam, especialmente moliceiros<sup>144</sup>. Notava-se a partida de muitos murtoseiros para o continente americano, em 1917<sup>145</sup>, ano em que ocorreu nesta freguesia uma grande onda emigratória. Como sempre devido às restrições causadas pela Capitania do Porto de Aveiro, na pesca e na apanha do moliço<sup>146</sup>.

A viagem através do Atlântico fazia-se de barco, sendo comum num mesmo número de jornal encontrar-se vários anúncios de navios que se dirigiam ao Brasil<sup>147</sup>. E, a par de tais anúncios, outros de câmbio de moedas portuguesa – brasileira<sup>148</sup>.

---

<sup>139</sup> CARINHAS, Teófilo (dir. e org.) – *Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil*. Lisboa, Carinhas C.ª Lda., 1929, p. 42.

<sup>140</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 235, 25.8.1906, p. 2.

<sup>141</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 330, 25.1.1908, p. 3.

<sup>142</sup> *O Povo da Murtosa*, n.º 376, 30.11.1912, p. 1.

<sup>143</sup> BESSA, Humberto – “Evolução da habitação na Murtosa”, *Ilustração Portuguesa*, n.º 667, 2.12.1918, pp. 457-458.

<sup>144</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 460, 23.7.1910, p. 3.

<sup>145</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 806, 7.4.1917, p. 3.

<sup>146</sup> *Ecos do Antuã*, n.º 4, 22.9.1917.

<sup>147</sup> Veja-se, por exemplo, *O Concelho de Estarreja*, n.º 1, 10.10.1901, p. 4.

<sup>148</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 431, 1.1.1910, p. 3.

A viagem e os assuntos com ela relacionados eram tratados por agentes locais, geralmente operando a partir de Pardelhas (Murtosa, principal origem dos emigrantes), Estarreja (sede do concelho) e nalguns casos Pardilhó. Os anúncios mais antigos conhecidos publicaram-se no jornal *A Voz de Estarreja*, em 1885, sendo agentes de viagens José de Matos e Gustavo Sousa. Só após a Primeira Grande Guerra começamos a ter informação consistente sobre os agentes que operavam nos concelhos de Estarreja e Murtosa, seja pelos anúncios nos jornais locais ou pelo Boletim de Emigração, e mais tarde pelo Anuário Comercial de Portugal. Na década de 1920 os anúncios destes agentes eram uma constante na imprensa local, particularmente no jornal *O Concelho de Estarreja*. Pela sua frequência nestes anúncios e pela tradição oral parecem ter sido nomes mais activos Manuel Sobreira, em Pardilhó e mais antigo, e a partir de cerca de 1920 Domingos da Conceição, na Murtosa, que deve ter iniciado a actividade trabalhando para o aludido Manuel Sobreira (**Fig. 25**).

No primeiro número do *Boletim da Emigração*, com referência a Outubro-Dezembro de 1919, encontravam-se 11 agentes de passagens e passaportes no distrito de Aveiro (o distrito com mais agentes), dos quais dois no concelho de Estarreja: Manuel Sobreira (Pardilhó) e Agostinho António de Sousa Ribeiro (Estarreja). A actividade estava em crescimento, pelo que nos números 2 e 3 da mesma publicação, de Janeiro-Junho de 1920, eram já 15 os agentes no distrito de Aveiro, entre eles constando o terceiro do concelho de Estarreja, Domingos Luís da Conceição, que se juntou aos dois acima referidos. No ano de 1925 contabilizaram-se 36 agentes no distrito de Aveiro, 9 dos quais no concelho de Estarreja: 4 em Estarreja, 4 em Pardelhas (Murtosa) e 1 em Pardilhó. Entretanto em 1930, com o agudizar da crise, o *Boletim da Emigração* arrolou apenas dois agentes na Murtosa e um em Estarreja.

<b>Agentes de passagens e passaportes legalmente habilitados, nos actuais concelhos de Estarreja e Murtosa (o distrito de Aveiro é um dos distritos que têm mais)</b>		
<b>Datas</b>	<b>Localidade</b>	<b>Nome</b>
1919-1924	Pardilhó	Manuel Sobreira
1919-1926	Estarreja	Agostinho António de Sousa Ribeiro
1920-1933	Pardelhas	Domingos Luís da Conceição
1922-1926	Pardelhas	Manuel Ignácio de Sousa
1925-1926	Estarreja	Casimiro Guiomar
1925-≤1929	Pardilhó	Manuel António Rodrigues Bastos
1925-≤1930	Estarreja	José de Oliveira Marques
1925-1926	Estarreja	José Maria da Silva Portugal
1925-1926 e 1929-1933	Pardelhas, Bunheiro em 1929, Murtosa	Abílio José Marques Ramos
1925-≤1928	Pardelhas	Joaquim Manuel Ruela Cirne
[1927]  Já não consta em 1929	Pardelhas	Maria da Caridade Tavares Rebimbas
1929	Estarreja	Norberto Teixeira da Costa Rosa
1931-1933	Estarreja	João Augusto da Costa
<b>Fonte:</b> <i>Boletim de Emigração</i> (1919-1933)		

<b>Agências de emigração, passagens, passaportes, navegação, viagens e turismo, nos concelhos de Estarreja e Murtosa</b>		
<b>Datas</b>	<b>Concelho</b>	<b>Nome</b>
1939	Estarreja	João Augusto da Costa
1939, 1950, 1960	Murtosa	Abílio José Marques Ramos
1939, 1950	Murtosa	Domingos Luiz da Conceição
1950, 1960, 1966	Estarreja	Sociedade de Representações da Beira Litoral (Sorebel)
1966	Murtosa	Albina Rosa Rodrigues de Oliveira Ramos
1966	Murtosa	Vera Baptista Gomes Ferreira de Carvalho
<b>Fonte:</b> <i>Anuário Comercial de Portugal</i> (1939, 1950, 1960, 1966)		

## **2. SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, VENEZUELA E FRANÇA)**

Para estudar a emigração oriunda dos concelhos de Estarreja e Murtosa, na segunda metade do século XX, deve-se recorrer em primeiro lugar aos dados estatísticos, através dos quais se realizaram as tabelas e respectivos gráficos anexos. A imprensa local e o conhecimento directo do meio são também úteis, acompanhados pelos estudos existentes sobre a temática, principalmente os da autoria de Jorge Arroiteia, complementados num ou outro aspecto por outros autores, caso de Lucília de Jesus Caetano.

Até ao início da década de 1960 o destino preferencial dos emigrantes originários dos concelhos de Estarreja e Murtosa foi o Brasil. Este destino acabou por perder a sua importância e em meados da década de 1960 desapareceu, quase completamente, da preferência daqueles que emigravam. A tendência nacional nesta época foi a

substituição do movimento transoceânico pelo intra-europeu, com destino a França (e em menor escala à Alemanha), num momento de reconstrução pós-guerra. Muitas vezes uma emigração clandestina e, por isso, nunca verdadeiramente quantificável. França e Alemanha foram assim, nas décadas de 1960 e 1970, igualmente destinos de quem saiu de Estarreja e Murtosa, porém o movimento transoceânico persistiu aqui sendo o mais importante, agora com outros destinos, particularmente os Estados Unidos da América e a Venezuela. Se até ao início da década de 1980 a emigração estarrejense se dividiu essencialmente entre a Venezuela, Estados Unidos da América e França, a grande maioria dos murtoseiros dirigiu-se aos Estados Unidos da América, ficando a Venezuela na segunda posição de preferências.

A par dos motivos conjunturais e nacionais da elevada emigração nas décadas de 1960 e 1970, no que sobressai a Guerra Colonial (aliada à necessidade de reconstrução europeia no pós-guerra), persistiram os mesmos motivos locais de sempre para a partida. Isto é, as actividades tradicionalmente empregadoras de maior número de braços, a pesca e a apanha de moliço, não garantiam a subsistência de todos os habitantes, que sem alternativa de sustento rumaram a outras paragens<sup>149</sup>.

É um facto que antes da década de 1950 se emigrava para outros destinos que não o Brasil. Publicou-se até, em 1920, uma primeira publicidade na imprensa local indicando vários destinos de emigração<sup>150</sup> (**Figura 25**). Um conjunto de publicidades semelhantes data de 1922<sup>151</sup> (**Figura 28**) e de 1923<sup>152</sup> (**Figura 29**). E em 1924 mais uma publicidade, a “passagens para França” e outros países, inclusivamente para o continente africano<sup>153</sup>. Outras mais se encontram. Numa notícia, datada de 1941, mencionou-se a existência de bairros quase exclusivamente murtoseiros, em várias localidades portuguesas e no estrangeiro, referindo o Brasil e os Estados Unidos da América<sup>154</sup>. Todavia a presença noutros destinos era residual se comparada com o Brasil.

---

<sup>149</sup> ARROTEIA, Jorge – “Ílhavo e Murtosa: dois casos da emigração portuguesa”. In *Comissão de Coordenação da Região Centro – Emigração e retorno na Região Centro*. Coimbra, 1984, p. 134. Veja-se, no mesmo sentido, os demais estudos deste autor. Alude sucintamente a esta problemática Carlos A. M. Campos (dir.) – *Terra de Santa Maria*. Anuário, 1998, p. 32.

<sup>150</sup> *O Jornal de Estarreja*, n.º 1684, 15.2.1920, p. 4.

<sup>151</sup> *A Voz de Estarreja*, n.º 136, 23.9.1922, p. 3.

<sup>152</sup> *Revista da Torreira*, n.º 2, 15.1.1923, p. 4.

<sup>153</sup> *O Concelho de Estarreja*, n.º 1150, 3.5.1924, pp. 2 e 4.

<sup>154</sup> *O Progresso da Murtosa*, n.º 580, 11.1.1941, p. 2.

A fase intensa da emigração começou na década de 1950 e principalmente na de 1960, perdurando até meio da de 1970, quando o ocidente europeu e a América do Norte começaram também a colocar restrições às entradas<sup>155</sup>.

Analisando no distrito de Aveiro o período de 1950 a 1975, verifica-se que em vários concelhos os valores médios da emigração ultrapassaram o crescimento natural. O valor mais expressivo foi o da Murtosa, onde o número de emigrantes em percentagem do crescimento natural atingiu 183,1%. Coube o segundo lugar a Oliveira do Bairro, com 122%, e a terceira posição a Estarreja, com 111,6%<sup>156</sup>. Saliente-se que no início da década de 1970 a emigração na Murtosa atingiu cerca de 1800% do crescimento natural, o seu máximo<sup>157</sup>.

Entre 1955 e 1974 Aveiro, Lisboa e Vila Real foram os três distritos portugueses com maior número de saídas para os Estados Unidos da América, ao passo que os três concelhos com maior número de saídas para este país foram Lisboa (6183), Chaves (2483) e Murtosa (2294)<sup>158</sup>. Coube a Estarreja o 10.º lugar nacional, com 1038 saídas.

Os Estados Unidos da América eram assim o destino de preferência dos emigrantes murtoseiros, para onde metade dos quais se dirigiu no aludido período<sup>159</sup>. Os emigrantes oriundos deste concelho estabeleceram-se principalmente na cidade de Newark, com uma comunidade fortemente unida, sendo igualmente numerosos em Naugatock e Bethlehem. Adaptaram-se com facilidade ao país que os acolheu, mas continuaram a conviver entre si e a celebrar intensamente os feriados portugueses. Em particular o Dia de Portugal, com imponente desfile na Ferry Street, centro da Murtosa em Newark. As saídas para os Estados Unidos da América foram de tal modo intensas que neste país se estabeleceram mais murtoseiros do que na Murtosa. Enquanto num período anterior se dirigiam ao Brasil essencialmente homens sozinhos, para os Estados Unidos da América encaminharam-se homens e mulheres, de várias idades, resultando o reagrupamento familiar em pouco tempo.

---

<sup>155</sup> ARROTEIA, Jorge – “Ílhavo e Murtosa: dois casos da emigração portuguesa”. In *Comissão de Coordenação da Região Centro – Emigração e retorno na Região Centro*. Coimbra, 1984, pp. 123 e 126.

<sup>156</sup> CAETANO, Lucília de Jesus – *A indústria no distrito de Aveiro : análise geográfica relativa ao eixo rodoviário principal (E.N. n.º 1) entre Malaposta e Albergaria-a-Nova*. 2 vols., Tese de doutoramento em Geografia, apresentada à FLUC, Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro, 1986, p. 166.

<sup>157</sup> Idem, p. 167.

<sup>158</sup> ARROTEIA, Jorge – *A emigração portuguesa, suas origens e distribuição*. 1983, p. 29.

<sup>159</sup> ARROTEIA, Jorge – “Ílhavo e Murtosa: dois casos da emigração portuguesa”. In *Comissão de Coordenação da Região Centro – Emigração e retorno na Região Centro*. Coimbra, 1984, p. 130.



No que à Venezuela diz respeito, no mesmo período de 1955 a 1974, o distrito no continente com mais saídas foi o de Aveiro (16.032), secundado à distância pelo Porto (6347)<sup>160</sup>. Estarreja foi um dos principais concelhos de origem de emigrantes para aquele país, no distrito de Aveiro. Numa primeira fase, entre 1955 e 1959, a Venezuela reuniu a preferência de 52% dos emigrantes de Estarreja<sup>161</sup>, sendo de 30% o valor referente ao período de 1959 a 1974<sup>162</sup>. A emigração portuguesa para este país tem origem essencialmente no distrito de Aveiro e na Região Autónoma da Madeira, tendo-se mantido regular entre 1955 e 1980, muito forte em Estarreja e expressiva na Murtosa.

É mais difícil estudar a emigração para França, por se tratar de pessoas dispersas pelo país, apesar de uma presença mais forte em torno de Paris. Por outro lado ocorre o facto da emigração ilegal ser muito intensa, embora não concretamente quantificável.

Dos quantitativos que vimos referindo, a par com o espírito bairrista do murtoseiro, se compreende que o único jornal do concelho, que se vem publicando ininterruptamente desde 1927, seja provavelmente o jornal local português com maior implantação no estrangeiro. Uma notícia de 1998 indicava que este periódico, “O Concelho da Murtosa”, possuía então cerca de 5000 assinantes no estrangeiro<sup>163</sup>. Quem consultar as edições deste jornal ao longo das últimas décadas, e de outros títulos locais efémeros, encontrará grande número de publicidades a actividades económicas de murtoseiros, radicados em Newark, e as notas sociais (pagas como publicidade) vindas da América. Nasceu, baptizou, graduou no High School ou no ensino superior, pedido de casamento, casou, faleceu, aniversário de falecimento, etc., são notícias frequentes, com referência aos pais e avós da pessoa referida, para que seja reconhecida na Murtosa. E são estes os conteúdos que suscitam de facto mais interesse dos leitores, ao invés das notícias.

A forte presença murtoseira nos Estados Unidos da América teve também reflexos na economia local. O emigrante realizou um entesouramento extraordinário, depositando as suas poupanças nos bancos do seu concelho de origem. Mas a sua verdadeira ambição sempre foi ganhar o suficiente para construir uma casa na terra mãe,

---

<sup>160</sup> ARROTEIA, Jorge – *A emigração portuguesa, suas origens e distribuição*. 1983, p. 34.

<sup>161</sup> Idem, p. 69.

<sup>162</sup> Idem, p. 35.

<sup>163</sup> CAMPOS, Carlos A. M. (dir.) – *Terra de Santa Maria*. Anuário, 1998, p. 32.

não raramente do estilo *Farinhas*. Reinvestir na economia local é caso raro de suceder<sup>164</sup>.

A casa constrói-se e fica fechada. O emigrante só vem à Murtosa nas férias e nem sempre todos os anos. Os seus filhos nascem e crescem na América, pouco conhecendo da sua origem geográfica, para além de alguns momentos de férias na juventude, e por vezes não falando sequer português. Casam na América e lá têm os seus projectos de vida. O emigrante original fica hoje dividido entre a família e a vida que construiu na América, por um lado, e as referências da juventude de uma terra de origem diferente do que conheceu, com os rostos conhecidos de outrora diferentes ou desaparecidos. Para alguns, chegado o momento da reforma da América, a vida passa a ser 6 meses do ano de um lado do Atlântico e outros 6 meses no lado oposto. Há quem regresse de vez e há quem fique na América. E há muitas casas com 20, 30 ou mais anos fechadas, quase sem uso.

### 3. SÉCULO XXI (EUROPA)

São escassas as informações estatísticas neste momento disponíveis, a respeito da emigração portuguesa no século XXI, não sendo possível uma quantificação e caracterização minimamente completas ao nível do concelho. Porém é possível fazer um retrato genérico da situação nacional<sup>165</sup>, com algumas referências locais.

Sabe-se que cerca de 2,3 milhões de portugueses vivem actualmente (2015) no estrangeiro, o equivalente a 20% da população nacional. A maior comunidade portuguesa no estrangeiro, quase 600 mil pessoas, encontra-se em França. Tão elevado número faz de Portugal o país da União Europeia com mais emigrantes, em proporção do número de residentes.

Desde 2010 Portugal tem vivido uma nova onda de emigração, como não se conhecia desde a década de 1970, com centenas de milhar de saídas, agravando o

---

<sup>164</sup> ARROTEIA, Jorge – “Ílhavo e Murtosa: dois casos da emigração portuguesa”. In *Comissão de Coordenação da Região Centro – Emigração e retorno na Região Centro*. Coimbra, 1984, p. 145.

<sup>165</sup> Recorremos para isso a dois artigos recentes da imprensa nacional: MOLEIRO, Raquel – “Observatório da emigração em risco”. *Expresso, Primeiro Caderno*, 14.11.2015, p. 23; BASTOS, Joana Pereira – “20% dos portugueses vivem lá fora”. *Expresso, Primeiro Caderno*, 7.11.2015, p. 20.

envelhecimento populacional do país. Cerca de 85% destes novos emigrantes, na sua maioria jovens e qualificados, têm-se dirigido a países europeus, principalmente o Reino Unido e menos para a Suíça e França. A falta de emprego, sua precariedade e baixos salários são os principais motivos para sair do país.

Durante o ano de 2014 *O Jornal de Estarreja* publicou uma série de 15 entrevistas, sob a responsabilidade do projecto *Aqui Estarreja*, e dirigidas a outros tantos novos emigrantes originários do concelho. Entre as informações individualmente recolhidas consta o sexo, idade, país de acolhimento, profissão e ano em que o entrevistado emigrou. Interessam para análise apenas 14 destas entrevistas, por haver uma 15.<sup>a</sup> respeitante a um emigrante com 58 anos, no estrangeiro desde 1994.

Verifica-se que, entre os 14 entrevistados, existiam sete homens e sete mulheres, sinal que a emigração vem atingindo actualmente, de igual modo, ambos os sexos, com idades variando entre os 23 e os 32 anos. Um total de cinco pessoas encontrava-se no estrangeiro desde o ano anterior, outras cinco há dois ou três anos, e as restantes quatro há mais anos, no máximo oito. O principal destino foram países europeus diversificados e dentro destes diferentes localidades: três pessoas em França, duas no Reino Unido, uma na Escócia, Áustria, Alemanha, Suécia, Eslováquia, Luxemburgo, Espanha, Tailândia e Timor. As profissões eram variadas, mas quase todas qualificadas, sendo que apenas em dois casos não se relacionavam com a posse de um curso superior. Inclusivamente encontrou-se dois doutorandos e uma investigadora numa Universidade do Norte da Europa.

As referidas entrevistas não esclareciam se todos os entrevistados nasceram em Estarreja. Todavia são comuns os exemplos de jovens, filhos de pais estarrejenses, que nasceram e cresceram no estrangeiro, quando os seus pais eram emigrantes, tendo regressado com os pais a Portugal ainda na infância ou na juventude. Estes jovens possuem, à partida, um espírito mais preparado para sair de Portugal, e casos há em que regressam ao país onde nasceram (possuindo dupla nacionalidade) ou têm familiares e conhecem a língua e os costumes.

#### 4. MARCAS DA EMIGRAÇÃO NA ORIGEM E NO DESTINO

Desde finais do século XIX até à actualidade a emigração criou marcas profundas na identidade dos concelhos de Estarreja e Murtosa, visíveis, entre outras formas, na arquitectura, filantropia, monumentos, literatura, teatro, cinema e associações. A figura do emigrante desde sempre gozou de prestígio local e toda a vida económica da terra de origem, principalmente na Murtosa, se aproveitou dos emigrantes, em virtude das remessas de divisas. Atenta a presença de numerosa colónia murtoseira, a cidade americana de Newark ficou conhecida como a “Murtosa Americana”, ali funcionando o *Sporting Marítimo Murtuense* e a *União Benéfica Murtoense*, duas associações que recolhem fundos para melhoramentos públicos na Murtosa<sup>166</sup>.

A ambição mais profunda do emigrante sempre foi ganhar dinheiro suficiente para construir casa no torrão de origem. Assim surgiram diversas casas de influência arquitectónica exótica, no concelho de Estarreja e principalmente no da Murtosa, entre o final do século XIX e cerca de 1930, quando a crise financeira mundial ditou o fim das gordas remessas de divisas do Brasil. Neste período as típicas *casas de alpendre* e outras habitações de traçado simples começaram a partilhar o espaço com casas de aspecto mais elaborado, algumas com nítida influência de *Arte Nova* tardia e proliferando os *chalés*. Sobre esta renovação arquitectónica, com aroma brasileiro, escreveu em 1918 Humberto Bessa que «*para o murtoseiro, essencialmente trabalhador e dedicado ao seu lar, o maior sonho, desde que constitue família, é a construção da sua casa.*

*Casa cedo e, para realizar o seu sonho, que os seus magros ganhos de pescador jamais permitiriam efetivar, abala para o Brasil, às vezes 15 dias após o seu noivado, onde vae trabalhar como um moiro e amearhar anciosamente o preço do almejado lar.*

*Dois ou três anos depois volta. Encontra já o seu primeiro filho, compra o terreno, ergue os muros da casa, assenta-lhe o telhado, deixa a sua pequena família já lá instalada e parte de novo, ganhar o resto que lhe há de permitir ver realizada a sua maior aspiração [...].*

---

<sup>166</sup> ARROTEIA, Jorge – “Em torno da emigração Murtoseira”, *Aveiro e o Seu Distrito*, n.º 32, 1983, p. 40.

*O aumento da família levou necessariamente ao aumento da casa, por meio de um acrescento que o murtoseiro certamente copiou nas suas viagens ao Brasil. Estilo mais moderno, não só aumentou mas aformoseou a casa [...].*

*O murtoseiro começou a alindar a casa à custa das suas economias ganhas em terras de Santa Cruz.»<sup>167</sup>.*

Nas décadas de 1930 e 1940 construíram-se algumas casas de mais fino recorte artístico, sobretudo sob a responsabilidade do construtor de Pardilhó Francisco Farinhas. O estilo arquitectónico deste construtor evoluiu, tornando-se singular e característico, e sendo comum nas décadas de 1950 a 1970 por todo o distrito de Aveiro, particularmente nos concelhos de Estarreja e Murtosa (**Figuras 59 a 62**). Não sendo um estilo exclusivo de emigrantes eram eles que, em primeira linha, encomendavam a construção da sua casa a Francisco Farinhas. A casa na terra natal, à qual sempre mantinham forte apego, significava estatuto e era sinal de terem vencido na vida, junto dos seus familiares e conhecidos. Deste modo se vulgarizou a influência da emigração na fisionomia das casas, reveladoras do novo poder económico e ocupadas apenas nas férias e na reforma, podendo estar desabitadas por dois, três ou mais anos<sup>168</sup>.

Na fachada das casas de emigrantes tornaram-se comuns os painéis de azulejos com o desenho de duas bandeiras, a de Portugal e a do país de acolhimento. No caso daqueles que fizeram a sua vida na Venezuela chegou a ser colocado no jardim, em frente da casa, um busto de Simón Bolívar, herói nacional venezuelano. Além dos particulares, os poderes políticos produziram igualmente homenagens e monumentos públicos, por iniciativa própria ou de grupos de emigrantes. Desta forma surgiram o Monumento ao Emigrante (Avanca, c. 1990), o busto de Simón Bolívar (Estarreja, 1992), estátua do Emigrante (Pardilhó, 1979), Monumento ao Emigrante (Murtosa, 1981 – **Figura 63**), Rua dos Emigrantes (Pardilhó) e Avenida do Emigrante (Murtosa).

Por sua vez a emigração é tema habitual na literatura que se debruça sobre o meio local ou que os autores são daqui originários. São disso exemplo os romances *Mar Bravo*, de Lúcio do Vouga<sup>169</sup>, e *Viúvas de Vivos*, de Joaquim Lagoeiro<sup>170</sup>. O mesmo

---

<sup>167</sup> BEÇA, Humberto – “A casa portuguesa – evolução da habitação na Murtosa”, *Ilustração Portuguesa*, II, 2.12.1918.

<sup>168</sup> ARROTEIA, Jorge – “Em torno da emigração Murtoseira”, *Aveiro e o Seu Distrito*, n.º 32, 1983, p. 36.

<sup>169</sup> VOUGA, Lúcio do – *Mar Bravo*. (romance) Porto, Imprensa Nacional, 1957.

<sup>170</sup> LAGOEIRO, Joaquim – *Viúvas de Vivos*. (romance) 1.ª ed., Lisboa, Guimarães & C.ª Editores, 1947.

sucedeu com algumas peças de teatro de revista, também de fundo local, designadamente as *Padas de Pardilhó*<sup>171</sup> e *Nada de Confusões*<sup>172</sup>.

Refira-se enfim o filme *Bárbara* (1980), a primeira longa-metragem da RTP, realizado pelo murtoseiro Alfredo Tropa. Com argumento da autoria de Alfredo Tropa e Fernando Assis Pacheco, foi rodado na Murtosa, contando a história de um emigrante que, regressado dos Estados Unidos da América, investiu o dinheiro ganho na sua terra, tentando modernizar a apanha do moliço com uma draga.

Na vida associativa constituiu-se na freguesia de Avanca a *Associação de Emigrantes de Avanca*. Em Almada/Seixal a *Associação Cultural e Recreativa dos Cidadãos Oriundos da Comarca de Estarreja*, como que uma *Casa* dos dois concelhos na região de Lisboa. Na América do Norte criaram-se diversas associações, que procuraram associar actividades recreativas a preocupações filantrópicas, todas relacionadas com a terra de origem. Foi o caso da União Beneficente Pardilhoense (EUA – principal financiadora de um Lar da Terceira Idade na terra de origem), União Beneficente Pardilhoense (Canadá – equivalente no Canadá à sua homónima nos EUA), Associação Humanitária de Salreu (EUA – financiando uma IPSS na freguesia de origem), Associação Filantrópica Veirense (Filadélfia, E.U.A. – deu origem a uma IPSS homónima na freguesia de origem), Sport Marítimo Murtoense (Newark, EUA), União Beneficente Murtoense (Newark, EUA) e Associação dos Ditos da Murtosa (EUA).

São inúmeros os emigrantes oriundos dos concelhos de Estarreja e Murtosa que obtiveram sucesso económico e até mesmo prestígio social nos países de acolhimento, sendo sempre aberta e discutível uma qualquer lista de nomes que se queira fazer. Pode-se todavia referir, ainda que sucintamente, alguns desses nomes.

No Brasil destacou-se no início do século XX a família Leite. Agostinho António Leite (f. 1905), professor primário que nasceu em Ovar, cresceu e casou-se na Murtosa, passando em 1869 a viver em Estarreja, onde regeu a Banda de Música da sede do concelho, teve quatro filhos: Joaquim, Ângelo, João e Manuel. Joaquim Maria Leite (f. 1932) e Ângelo Amador Leite (f. 1931) foram sócios em actividade comercial em

---

<sup>171</sup> SILVA, José Bento de Almeida e – *Padas de Pardilhó* – revista de costumes regionais em 2 actos e 20 quadros. (teatro), 1950.

<sup>172</sup> CRAVEIRO JUNIOR, Manuel – *Nada de confusões* – revista fantasia de costumes regionais em 2 actos e 18 quadros. (teatro), 1950.

Belém do Pará. Ambos adquiriram por aforamento uma vasta quinta ao sul da Torreira, onde organizavam caçadas. Em Estarreja Joaquim viveu no palacete onde actualmente funciona a Biblioteca Municipal e Ângelo na Quinta de São Gonçalo. Ângelo custeou a construção de uma torre e obras de embelezamento da capela de São Lourenço de Pardelhas. Também adquiriu no estrangeiro uma lancha a vapor, com a qual se deslocava à Torreira. Eram irmãos destes dois João Leite, igualmente emigrado no Brasil, e Manuel Leite, que foi farmacêutico em Estarreja. Estes quatro irmãos participaram activamente na organização dos primeiros festejos do Carnaval em Estarreja, nas primeiras décadas do século XX.

Naturais de Pardilhó, conquistaram sólida posição financeira no Brasil, com actividade comercial, os irmãos Joaquim Maria de Rezende (1858-1946) e António Joaquim de Rezende (1861-1942). O segundo comprou a Egas Moniz a casa e quinta onde o Prémio Nobel cresceu em Pardilhó, depois chamada Quinta do Rezende, onde hoje funcionam duas instituições de solidariedade social.

O mais destacado emigrante do concelho de Estarreja foi Domingos Joaquim da Silva (1853-1936), a quem o rei D. Carlos concedeu, pela sua filantropia, o título de Visconde de Salreu. Legou à sua terra natal, entre outros melhoramentos, duas escolas e um hospital. O seu sobrinho, António da Silva Simões (f. 1917), constituiu riqueza no Rio de Janeiro e foi outro notável filantropo na terra natal. Igualmente natural de Salreu foi Francisco Maria Simões (f. 1932), fundador no Pará da fábrica Guaraná Simões (continuada pelos seus filhos Francisco e António) e tendo mandado construir para sua residência, no largo da igreja de Salreu, uma imponente casa de estilo Arte Nova, com materiais vindos do Brasil.

Passaram igualmente pelo Brasil, naturais do Bunheiro, o escritor João Pedro da Silva Tavares (1880-1943), que usou o pseudónimo literário Ruy do Vouga, o padre e historiador Ruela Pombo (1888-1960), incompatibilizado com a Primeira República, e o Comendador Dr. Maximiano Pombo Cirne (f. 1992), Vice-Cônsul de Portugal em Pelotas.

Da Murtosa refiram-se Pedro António Soares (f. 1903), que fez fortuna no Pará, e Mateus António Soares Belo (f. 1918), proprietário de uma fábrica de sabão no Pará, que liquidou, voltando a Portugal e estabelecendo-se em Avanca, onde mandou construir uma embarcação de recreio incomum à época.

Entre os emigrantes que fizeram sucesso na Venezuela há que referir o Comendador Francisco Marques Garrido (1926-2014), estarrejense que se estabeleceu naquele país em 1950. De Pardilhó radicou-se o conhecido construtor civil Francisco Farinhas<sup>173</sup> (1914-1990), na Venezuela entre 1945 e 1956, com o seu irmão Belmiro Farinhas (1917-1993). Participou neste país ao assalto ao navio Santa Maria (1961), sob comando de Henrique Galvão, o salreense Camilo Tavares Mortágua (n. 1934).

Nos Estados Unidos da América grande número de emigrantes teve sucesso económico e social. Entre eles o Monsenhor João da Silva Antão (n. 1933), de Salreu, que foi pároco em Elisabeth, New Jersey, e desde 2016 dá nome a uma escola pública. Dois naturais de Veiros, Floriano Henriques (f. 2000) e o Comendador José Bernardino Henriques (f. 2003), este Cônsul de Portugal em Filadélfia no terceiro quarto do século XX. São destacadas figuras políticas Augusto Amador (n. 1949), Council Member (East Ward) of Newark Municipal Council (Vereador em Newark) e Alberto Santos (n. 1965, na Venezuela, filho de pais da Murtosa), Mayor de Kearny, New Jersey. Merece ainda atenção Céu Cirne-Neves, do Bunheiro, nos últimos anos Administradora do Saint James Hospital, Newark.

Não são propriamente emigrantes, mas nomes destacados de estarrejenses e murtoseiros pelo mundo português, quatro bispos e três governadores coloniais: D. Frei José da Soledade (1745-1811), Bispo de Cochim (Índia), natural da freguesia de Salreu; D. Frei Manuel de S. Joaquim Neves, O.P. (1775-1849), Bispo de Cranganor (Índia), natural da freguesia do Bunheiro; D. Manuel Maria Ferreira da Silva (1888-1974), Bispo Auxiliar de Goa (Índia), natural da freguesia de Pardilhó; D. Francisco Nunes Teixeira (1910-1999), Bispo de Quelimane (Moçambique), natural da freguesia de Beduído; Coronel Filipe José Freire Themudo Barata (1919-2003), Governador de Timor-Leste, natural da freguesia de Beduído; General Manuel Freire Themudo Barata (1919-2003), Governador de Cabinda (Angola), natural da freguesia de Beduído; Tenente-Coronel Ricardo Vaz Monteiro (1891-1974), Governador de São Tomé e Príncipe e da Guiné, viveu e faleceu em Avanca, terra de naturalidade da sua esposa.

---

<sup>173</sup> Francisco no Registo Civil mas Diamantino no Registo Paroquial, por insistência da madrinha. Era mais conhecido pelo nome de baptismo.



## VI. APLICAÇÃO DIDÁTICA

A população e o seu movimento, aqui numa abordagem de estudo de caso, relacionam-se com as metas curriculares de História e de Geografia, para o 8.º e 9.º anos. O Núcleo de Estágio de História e Geografia no Colégio Bissaya Barreto, no ano lectivo 2015/2016, acompanhou justamente uma turma de História do 8.º ano (24 alunos) e uma turma de Geografia do 9.º ano (23 alunos). No geral os alunos de ambas as turmas não apresentaram dificuldades significativas na aprendizagem ou no comportamento. Eram maioritariamente bons alunos e provenientes de famílias de classe média-alta, que se preocupavam e investiam na sua educação.

Atentas estas circunstâncias, recorreu-se a duas soluções diferentes para a aplicação didáctica do tema científico estudado, isto é, a população portuguesa, em particular o movimento da mesma na vertente das migrações, tendo como estudo de caso os concelhos de Estarreja e Murtosa. Por um lado procurou-se o contacto directo com o meio do estudo de caso, através de uma visita de estudo. Por outro lado a pesquisa online por informações respeitantes a familiares dos alunos, que foram também eles emigrantes no Brasil, na primeira metade do século XX, actividade esta enquadrada na aula de preparação para a visita de estudo. Estas actividades pretenderam facilitar a empatia dos alunos com o tema, suscitando nestes o interesse por saber mais sobre exemplos familiares, o que potenciou a vontade de aprofundarem os seus conhecimentos.

Parte-se do princípio de que todos os alunos devem estar conscientes dos diversos contextos em que se desenvolve a vida comunitária<sup>174</sup>, seja nas diversificadas dimensões espaciais, seja nas múltiplas perspectivas, de diferentes ciências e abordagens. Através dos exemplos dos seus familiares (quando existiam), do caso concreto do escritor Ferreira de Castro e da experiência dos concelhos de Estarreja e

---

<sup>174</sup> BOWLES, Rachel – “Teaching about the local community: Using first-hand experience”. In TILBURY, Daniella; WILLIAMS, Michael – *Teaching and Learning Geography*. London/New York, 1997, p. 225.

Murtosa, os alunos compreenderam que «*existem diferentes tipos de passado baseados em diferentes modos de leitura do presente*»<sup>175</sup>. O trabalho destas realidades desiguais, cruzando informações, permitiu um conhecimento mais profundo da população portuguesa, com foco no subtema da emigração, tendo em atenção que «*tudo é desconstruído ou validado em função dos seus próprios contextos específicos.*»<sup>176</sup>, neste caso o contexto de dois concelhos.

Encarou-se o tema pressupondo que «*o melhor laboratório de trabalho para o professor e aluno é o meio onde está inserida a escola, e, sobretudo, do ponto de vista histórico, a localidade, urbana ou rural, que é um documento de grande importância e muitas vezes passa despercebido ao docente.*»<sup>177</sup>. Assim, deve-se tirar o máximo partido de recursos que são locais<sup>178</sup>. Não ignorando a existência de diferentes perspectivas sobre a didáctica da História, aceitou-se essa diversidade com naturalidade<sup>179</sup>, tirando dela vantagem no presente caso concreto. Para dar a dimensão local apontaram-se os casos de familiares dos alunos, que foram emigrantes no Brasil, contrapondo com o exemplo de dois concelhos portugueses de intensas tradições migratórias, que foram objecto da visita de estudo, considerando que «*numa pedagogia que tenha em conta a pluralidade de tempos e culturas, ocupam lugar privilegiado os estudos de história local*»<sup>180</sup>. É que se, por um lado «*a historiografia escolar tem-se limitado a transmitir uma memória nacional, apresentada como memória colectiva de todos o povo, mas que não passa da memória das suas elites [...]. Sob o ponto de vista científico, a história local e regional evita o erro grosseiro de se considerar o nacional como um todo homogéneo, o que, em termos de investigação científica, produz uma percepção desfocada e distorcida da dinâmica das sociedades*»<sup>181</sup>.

Por outro lado, sabendo que a História da escola, destinada à aprendizagem, se distingue da História ciência, embora parta conceptualmente desta<sup>182</sup>, foi possível

---

<sup>175</sup> AMARAL, Cristina; ALES, Eliseu; JESUS, Elisabete; PINTO, Maria Helena – *Sim, a História é importante! O trabalho de fontes na perspectiva da educação histórica*. Porto Editora, 2012, p. 7.

<sup>176</sup> BARCA, Isabel – “Educação Histórica: Uma nova área de investigação”, *Revista da Faculdade de Letras – História*, Porto, III Série, vol. 2, 2001, p. 19.

<sup>177</sup> FABREGAT, Clemente e FABREGAT, Maria, *Como preparar uma aula de História*. Lisboa, Edições ASA, Coleção Horizonte da Didáctica, 2ª edição 1991, p. 79.

<sup>178</sup> ABREU, Maria Manuela Palha de Araújo Viegas de – “As visitas de estudo no ensino da História”, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano VII, n.º 6, Coimbra, 1972, p. 154.

<sup>179</sup> NUNES, João Paulo Avelãs; RIBEIRO, Ana Isabel – “A didáctica da História e o perfil do professor de História”, *Revista Portuguesa de História*, Tomo 39, 2007, pp. 87-105.

<sup>180</sup> MANIQUE, António Pedro; PROENÇA, Maria Cândida – *Didáctica da história. Património e história local*. Lisboa, Texto Editora, 1994, p. 25.

<sup>181</sup> MANIQUE, António Pedro, PROENÇA, Maria Cândida – *cit.*, 1994, pp. 24 e 25.

<sup>182</sup> FELIX, Noémia, e ROLDÃO, Maria do Céu – *Dimensões formativas de disciplinas do ensino básico: História*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1996, p. 33.

proporcionar aos alunos um contacto mais próximo com a aludida vertente científica e designadamente da investigação científica. Deste modo procurou-se «*ganhar a maioria dos seus alunos não só para o gosto pela História mas também para competências mais avançadas*»<sup>183</sup>.

Seja na pesquisa a respeito dos seus familiares, seja nos documentos consultados ao longo da visita de estudo, procurou-se utilizar fontes adequadas à aprendizagem, tendo em consideração que «*todo e qualquer documento – escrito ou não escrito (iconográfico) –, para ser didáctico, deve estar adequado ao nível (e interesse) dos alunos, aos objectivos que se desejam atingir, aos conteúdos que se pretendem estudar e às estratégias em que o seu tratamento e a sua exploração se inserem.*»<sup>184</sup>. Tudo se fez respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem de cada aluno, pois para estes «*desenvolverem competências em história, nomeadamente as de interpretação e análise de fontes históricas, precisam de tempo para refletir e para escrever*»<sup>185</sup>.

## 1. A VISITA DE ESTUDO

Na vertente da visita de estudo, os alunos do 8.º ano deslocaram-se a Oliveira de Azeméis e à Murtosa. Visitou-se em Oliveira de Azeméis a Casa-Museu Ferreira de Castro, escritor que dedicou grande parte da sua obra à emigração. A visita à Murtosa permitiu o contacto com uma terra de emigrantes, incluindo a entrada em dois museus relacionados com a cultura e a economia locais.

A visita de estudo foi articulada com uma pequena exposição de iconografia e fontes relativa a migrações, cujos materiais utilizados resultaram da pesquisa realizada para os dois seminários e relatório de mestrado. Durante a aula de preparação foi distribuído o roteiro, informando os alunos do que iam visitar e dos objectivos da visita. Numa fase posterior à visita de estudo foi distribuída uma ficha de trabalho, para testar as aprendizagens.

---

<sup>183</sup> BARCA, Isabel – “Investigar em educação histórica: da epistemologia às implicações para as práticas de ensino”. *Revista Portuguesa de História*, Tomo XXXIX, 2007, p. 63.

<sup>184</sup> MONTEIRO, Augusto José – *Imaginação e criatividade no ensino da história – o texto literário como documento didáctico*. Lisboa, Associação de Professores de História, Cadernos pedagógico-didáticos APH, n.º 14, 1ª edição, 1997, p. 9.

<sup>185</sup> LAGARTO, Mariana, e BARCA, Isabel – “O ensino de história no 3.º Ciclo – Os professores entre as ideias e as práticas”, in BARCA, Isabel, e ALVES, Luís Alberto Marques (coord.) – *Educação Histórica: Perspetivas de Investigação Nacional e Internacional*. (XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica). Ed. CITEM, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2016, p. 47.

Desta forma realizou-se uma aplicação pedagógica comum a História e Geografia, com transposição didáctica para a sala de aula do tema científico estudado. Do ponto de vista da História «*as visitas de estudo a monumentos, museus, arquivos e localidades de relevância histórica constituem indubitavelmente uma das vias mais seguras de realizar um ensino activo e interessante da História, tanto regional como nacional e universal*»<sup>186</sup>. Além do mais estas visitas constituem a garantia de um retorno às coisas, ao saber original<sup>187</sup>, constituindo uma mais-valia o serem orientadas por guias locais, incentivando à actividade dos alunos. Devem ser encaradas como aulas práticas, com objectivos definidos. Para além a História, «*o trabalho de campo é o trabalho por excelência da Geografia*»<sup>188</sup>, pelo que também para esta disciplina as visitas de estudo são de extrema importância. Em qualquer caso, o trabalho de campo com os alunos sempre pode constituir uma alternativa à sala de aula, com a vantagem de adicionar novas perspectivas à aprendizagem<sup>189</sup>. Porque constituem uma experiência motivadora para os alunos, estas visitas assumem-se como uma das mais estimulantes estratégias de aprendizagem, permitindo o desenvolvimento de técnicas de trabalho, uma maior sociabilidade e mais fácil aquisição de conhecimentos, fazendo a ponte entre a teoria e a prática, a escola e a realidade<sup>190</sup>.

Para além do mais mobilizaram-se no caso concreto os saberes de várias disciplinas, sobretudo a História e a Geografia, mas também outras, caso da literatura, do que é exemplo mais significativo a visita à Casa-Museu Ferreira de Castro. A transdisciplinaridade «*proporciona aos alunos a compreensão de que os conhecimentos não são compartimentados, uma vez que percebem, através das diferentes áreas que integram a visita, que uma mesma realidade pode ser abordada em diferentes perspectivas, favorecendo a compreensão do carácter total da realidade*»<sup>191</sup>.

---

<sup>186</sup> ABREU, Maria Manuela Palha de Araújo Viegas de – *cit.*, 1972, p. 145.

<sup>187</sup> ABREU, Maria Manuela Palha de Araújo Viegas de – *cit.*, 1972, p. 147.

<sup>188</sup> CÂMARA, Ana Cristina; FERREIRA, Conceição Coelho; SILVA, Luísa Ucha; ALVES, Maria Luísa; BRASÃO, Maria Manuela – *Geografia. Orientações Curriculares 3º ciclo*. Lisboa, Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, 2002, p. 8.

<sup>189</sup> FOSKETT, Nick – “Teaching and learning through fieldwork”. In TILBURY, Daniella; WILLIAMS, Michael – *Teaching and Learning Geography*. London/New York, 1997, p. 191.

<sup>190</sup> REBELO, Bárbara Joana Rodrigues Lourenço de Almeida – *Visitas de estudo: Uma estratégia de aprendizagem*. Lisboa, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Educação, 2014, p. 17.

<sup>191</sup> REBELO, Bárbara Joana Rodrigues Lourenço de Almeida – *Visitas de estudo: Uma estratégia de aprendizagem*. Lisboa, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Educação, 2014, p. 18.

## 2. AULA DE PREPARAÇÃO, COM WORKSHOP DE PESQUISA DE FONTES

Realizou-se uma aula de preparação (**Fig. 13** – planificação da aula), dando a conhecer alguns dos aspectos essenciais do que iria ser visitado e do estudo de caso que esteve na sua génese. Utilizou-se uma apresentação powerpoint como fio condutor da aula, com imagens e tópicos que o professor desenvolveu oralmente com os alunos (**Figs. 2 a 12**). Ao longo da exposição o professor foi fazendo diversas questões aos alunos, do domínio da história e da geografia, e inclusive solicitou-lhes a realização de uma pirâmide etária, utilizando conhecimentos anteriormente adquiridos nas aulas de Geografia. Seguiu-se a interpretação pelos mesmos do resultado dessa pirâmide.

Uma boa parte da aula foi dedicada a um workshop de pesquisa de fontes, onde os alunos foram convidados a procurar, autonomamente, informações sobre um familiar que tenha emigrado para o Brasil, dentro dos dois primeiros terços do século XX. Os alunos foram previamente convidados a informar-se com os seus encarregados de educação do nome completo, freguesia de naturalidade e eventualmente data de nascimento e/ou emigração de um familiar, que tenha emigrado para o Brasil no período referido. Para pesquisar informação sobre cada um dos familiares foi possível recorrer a dois sites na internet, tendo-se privilegiado a consulta do segundo:

a) **Arquivo Distrital de Aveiro** (<http://adavr.dglab.gov.pt>), onde se encontra o Registo de Passaportes, do Fundo do Governo Civil (1882-1966). Outros arquivos distritais, incluindo o de Coimbra (Arquivo da Universidade de Coimbra), possuem instrumentos de pesquisa similares. A abordagem a este site serviu apenas para uma breve exemplificação do que pode ser pesquisado, não se tendo chegado a pesquisar por familiares dos alunos, dadas as maiores dificuldades de pesquisa individualizada neste site e o facto da generalidade dos familiares dos alunos serem oriundos do distrito de Coimbra.

b) **Family Search** (<https://familysearch.org/>), onde se encontram, entre outros documentos, os Cartões de Emigração do Brasil, com dados individuais dos emigrantes portugueses que se dirigiram àquele país, incluindo o nome, fotografia, naturalidade, estado civil, habilitações, profissão, destino e data de embarque.

A pesquisa no site inicia-se pela selecção da opção “pesquisar”, introduzindo depois na coluna à esquerda os dados conhecidos da pessoa a pesquisar, designadamente o primeiro nome, apelido e naturalidade (freguesia ou concelho). O sistema apresenta então vários resultados, entre os quais à partida se encontra a pessoa pesquisada, podendo existir documento digitalizado consultável (clicar no desenho de uma máquina fotográfica na coluna mais à direita, nos casos em que esteja disponível). O documento digitalizado poderá ser – e é com frequência – o Cartão de Emigração individual do emigrante, pertencente ao Estado brasileiro, com dados pessoais e fotografia.

Partindo do nome completo e freguesia de naturalidade de um antigo emigrante português no Brasil, quando possível um familiar do aluno, cada um destes procurou um Cartão de Emigração, transpondo para o caderno as informações individuais aí existentes. Com os dados obtidos por todos os alunos, colocados no quadro negro, realizaram-se, com a ajuda do professor, alguns gráficos circulares (um por cada grupo de 3 ou 4 alunos), com a ajuda do Microsoft Excel. Foram projectados os mesmos gráficos com o Datashow, para serem visíveis por todos. Deste modo foi possível apreender visualmente, e de forma imediata, se a maior parte dos emigrantes analisados eram solteiros ou casados, se sabiam ler e escrever ou eram analfabetos, quais as profissões que predominavam à data da partida, quais os principais portos de destino no Brasil e o intervalo temporal com mais partidas.

Outras actividades com os alunos poderiam ser equacionadas, a partir das fontes disponíveis no presente relatório (**anexo à parte científica**). Dão-se alguns exemplos:

1) Partindo das **figuras 5 a 8** (Reportagem: “Os pescadores de Vila Franca”, *Ilustração Portuguesa*, 1913, II, pp. 759-762) e das **figuras 9 a 11** (Reportagem: NAVARRA, Pedro de – “Pesca do Sável”, *Ilustração Portuguesa*, 1916, I, pp. 158-160.), solicitar aos alunos que lessem os textos e retirassem deles as seguintes informações: de onde eram naturais os pescadores aí mencionados? Que peixes pescavam? Onde exerciam a pesca? Em que altura do ano? Os alunos deveriam construir, divididos por grupos de 2 ou 3, um pequeno texto original (dois parágrafos aproximadamente) a partir das informações obtidas;

2) Depois de consultarem um conjunto de anúncios de jornais locais (**figuras 17 a 39**) os alunos, em grupos de 2 ou 3, deveriam realizar um pequeno texto (dois parágrafos, sensivelmente) indicando de que portos portugueses partiam os navios que

transportavam os emigrantes, quais os portos de destino, e quem eram os agentes de emigração activos em Estarreja e Murtosa nas décadas de 1920 e de 1930;

3) Tendo por base o **quadro n.º 17** (emigrantes oriundos do concelho de Estarreja, incluindo o actual da Murtosa, 1886-1921), os alunos deveriam realizar, individualmente, como trabalho de casa, um gráfico (similar ao **gráfico n.º 29**), com o número total de emigrantes que saíram de Portugal em cada ano. Depois de concluído o gráfico discutir-se-ia na aula, conjuntamente com o professor, qual o principal país de destino dos emigrantes e o porquê de ter sucedido uma baixa, no número de saídas, durante alguns anos da década de 1910 (período da Primeira Grande Guerra);

4) Em alternativa ao exercício anterior, a realização como trabalho de casa individual de um gráfico, similar aos **gráficos n.º 32 e 35**, com base no **quadro n.º 18** (emigrantes oriundos do concelho de Estarreja, 1955-1988) ou no **quadro n.º 19** (emigrantes oriundos do concelho da Murtosa, 1955-1988). O gráfico seria analisado na aula, conjuntamente pelo professor e pelos alunos, procurando resposta para quais foram os principais países de destino dos emigrantes (mudança de paradigma, deixando o Brasil para trás) e o porquê da maior onda migratória ter ocorrido na segunda metade da década de 1960 e primeira metade da década de 1970 (período da Guerra Colonial). Este exercício pode tornar-se mais confuso, dada a pluralidade de linhas que vão constar no gráfico a construir, sendo por isso mais adequado a alunos do ensino secundário do que do terceiro ciclo do ensino básico;

5) Através da consulta, em grupos de 2 alunos, de um conjunto de anúncios recentes da imprensa local da Murtosa (**figuras 41 a 56**), procurar-se-ia responder qual é actualmente o país, e concretamente o Estado e a cidade, onde se encontra a maior comunidade de emigrantes naturais do concelho da Murtosa. O professor sublinharia o facto de existirem, no jornal local da Murtosa, muitos anúncios a estabelecimentos comerciais situados em Newark (New Jersey, E.U.A.), devendo-se à forte comunidade emigrante murtoseira, nessa cidade e Estado americanos, ávidos leitores das notícias da terra natal, à qual mantêm forte apego;

6) Lendo-se na aula, em voz alta, o **texto n.º 3** (Emigração na Murtosa – notícia de jornal local de 1917), o professor poderia questionar os alunos sobre qual o principal motivo, aliás de ordem local, causador da emigração na época em causa.

### **3. PREPARAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO**

Com o objectivo de informar os encarregados de educação, dos detalhes da actividade a realizar, foi preparado um roteiro, ou guião (**Fig. 15**), indicando as horas e locais a visitar, incluindo vários elementos descritivos e informativos, caso dos objectivos programáticos interdisciplinares.

O mesmo roteiro foi entregue à direcção do Colégio, assinado pelos professores envolvidos, acompanhando o projecto de actividade (**Fig. 14**). Neste caso enriquecido com indicações suplementares, designadamente os custos com o transporte e a indicação do número de professores e alunos envolvidos (identificando a respectiva turma). A direcção do Colégio aprovou o projecto por despacho exarado no mesmo.

Acto contínuo foram informados os encarregados de educação da realização da referida actividade e requerida a sua autorização por escrito para a participação dos respectivos educandos (**Fig. 16**).

### **4. O DECURSO DA VISITA DE ESTUDO**

Uma visita de estudo repleta de cultura, tradição e natureza, foi o que experimentou o 8.º ano do Colégio Bissaya Barreto, no dia 10 de Maio de 2016. Na companhia das professoras Catarina Pinto (Geografia) e Joana Damasceno (História), bem como dos professores Marco Pereira e João Terras (Núcleo de Estágio de História e Geografia), os alunos visitaram vários espaços nos concelhos de Oliveira de Azeméis e Murtosa, particularmente relacionados com a emigração, que é um tema transversal às disciplinas de História e Geografia.

O dia começou às 9h00 da manhã, com partida animada do Colégio Bissaya Barreto, não faltando cantoria dentro do autocarro. Chegados a Ossela (Oliveira de Azeméis), os excursionistas visitaram a Casa-Museu Ferreira de Castro e a Biblioteca anexa, onde puderam conhecer um pouco melhor a vida e obra deste importante escritor português do século XX, que nos seus livros se debruçou sobretudo sobre o drama da emigração portuguesa para o Brasil, tendo ele próprio sido emigrante nesse país com apenas 12 anos de idade e a 4.ª Classe como habilitações.

Seguiu-se depois para o Parque Temático Molinológico de Ul (Oliveira de Azeméis), um espaço aprazível de tradição e contacto com a natureza, que foi o palco escolhido para o almoço. Aconchegado o estômago com a merenda que veio de casa,



houve tempo para visitar o núcleo museológico, apreciando os moinhos a funcionar e acompanhando as explicações de um antigo moleiro. Para rematar, moída a farinha, o 8.º ano participou no fazer o pão, ajudando a preparar a massa das padas de Ul que uma senhora padeira colocou no forno tradicional. Do forno saíram as padas para as mãos dos alunos, que as trouxeram na volta para Coimbra. Foi uma oportunidade para conhecer, na prática, todo o ciclo do pão.

Mas o melhor ainda estava para vir, e a tarde foi cheia de bons momentos. De Ul seguiu-se para a Ribeira de Pardelhas, na Murtosa, para um passeio de bicicleta nos circuitos cicláveis da NaturRia. À chegada o 8.º ano foi recebido pelo Vice-Presidente da Câmara Municipal da Murtosa, Eng. Januário Cunha, que fez uma caracterização do território da Murtosa, focando em especial o facto de se tratar de uma terra de emigrantes e a importância local do uso da bicicleta. Pena foi que a chuva não tenha permitido mais do que umas poucas centenas de metros a pedalar, nas bicicletas emprestadas pelo Município. Na verdade, ir à Murtosa e não andar de bicicleta é como ir a Roma e não ver o Papa. Todos ficaram muito entusiasmados e com vontade de voltar, não só para um mais longo passeio de bicicleta mas também para conhecer melhor o meio natural, as paisagens e as quase 200 espécies de aves que se podem encontrar na Murtosa. Não esquecendo a gastronomia local, onde é rainha a caldeirada de enguias, mas os doces têm também um papel de destaque.

O dia terminou com uma visita à Comur - Museu Municipal da Murtosa, aí tomando o 8.º ano contacto com um espaço moderno, de divulgação da cultura e tradições locais. Este museu, dedicado à indústria de conservas, valoriza principalmente as conservas de enguias, que fritas em molho de escabeche possuem grande tradição na Murtosa.

À medida que circulavam de autocarro pelo concelho da Murtosa os alunos identificaram, com a ajuda dos professores, diversas casas de emigrante. Quer as características dos emigrantes brasileiros do primeiro terço do século XX, quer as mais recentes casas do estilo *Farinhas*.

## 5. AVALIAÇÃO

A avaliação do workshop de pesquisa de fontes consistiu no acompanhamento individual da pesquisa autónoma dos alunos, no site *Family Serch*, procurando pelos seus familiares. Além disso foram colocadas diversas questões pelo professor ao longo

da sua exposição, visando motivar a atenção dos alunos e recuperar conhecimentos anteriormente obtidos por estes.

No respeitante à visita de estudo foram ao longo desta colocadas diversas questões, relacionando aquilo que se estava a ver com o que se havia referido na aula de preparação. Posteriormente os alunos foram convidados a resolver uma ficha de trabalho (**Fig. 17**), com questões relacionadas com as disciplinas de História e Geografia.

*Mutatis Mutantis*, no respeitante à avaliação das actividades propriamente ditas, os professores preencheram um formulário para entrega à direcção do colégio, com a avaliação da visita de estudo (**Fig. 18**). O contacto prático com a realidade local proporcionou o consolidar dos conhecimentos teóricos e acrescentar de novos, num ambiente recreativo e de satisfação geral. Além de ficarem a conhecer melhor a realidade local da emigração os alunos compreenderam que esta se relaciona, nas causas e consequências, com várias outras áreas do conhecimento, seja o meio natural, as actividades económicas, a cultura, etc. Sem dúvida uma mais-valia para compreender a importância da transdisciplinaridade e saber reconhecê-la nos casos concretos que se apresentam.

## CONCLUSÃO

Durante o ano lectivo de 2015/2016 decorreu o estágio do *Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário*, no Colégio Bissaya Barreto, estabelecimento de ensino particular localizado em Bencanta (Coimbra). Durante o estágio acompanharam-se duas turmas, uma do 8.º ano (História) e outra do 9.º ano (Geografia), compostas de alunos oriundos na sua maioria de classe média-alta, bons alunos e acompanhados nos estudos pelos seus encarregados de educação.

Como tema científico a abordar escolheu-se as migrações portuguesas, tendo como estudo de caso os actuais concelhos de Estarreja e Murtosa. São poucas, meramente parcelares e lacónicas as quantificações medievais da população destes dois concelhos. A primeira contagem da população atendível é o *Numeramento* de 1527, continuando a ser merecedoras de reparo esta e as contagens seguintes. Como é sabido só desde 1864 se realizam recenseamentos populacionais cientificamente aceitáveis, por tal motivo reportando-se aos recenseamentos de 1864 a 2011, conjuntamente com outras estatísticas, os melhores dados que possuímos para estudar a população dos dois concelhos.

Sabe-se contudo que tal população não ultrapassaria as poucas centenas de pessoas na Baixa Idade Média. No século XVI, fruto da descoberta do continente americano pelos portugueses e espanhóis, foram introduzidos na Europa novos alimentos, entre eles o milho grosso. Este cereal, com produtividade muito superior à até então cultura dominante do trigo, adaptou-se perfeitamente ao meio, tornando-se desde então até à actualidade a principal cultura agrícola nos dois concelhos. O milho grosso foi assim o detonador de uma revolução demográfica, uma vez que multiplicaram-se os habitantes e outros chegaram das localidades vizinhas, atraídos pela nova produtividade da terra antes quase inculta. A população de Estarreja e Murtosa aumentou assim, de forma assinalável, nos séculos XVI e XVII, dando inclusivamente origem à criação de novas freguesias.

No final do século XVII a comunicação entre a Ria de Aveiro e o mar começou a dar os primeiros sinais de se fechar, acabando mesmo por encerrar-se definitivamente em meados do século XVIII. Este acontecimento teve severas consequências económicas e demográficas. Por um lado as populações ribeirinhas viram afectadas as suas actividades económicas tradicionais, principalmente a pesca e a apanha do moliço. Em consequência disso, e com a insalubridade e epidemias causadas pelas águas paradas da laguna, que deixaram de ter escoamento, foi necessário procurar alternativas de sustento, ou rumar a outras paragens em busca do mesmo. A numerosa colónia de pescadores da Murtosa, até então activos na laguna, virou-se para o mar, pescando nos meses quentes na Torreira e noutras praias da região. No inverno o mar não permitia aventuras e a Ria não tinha recursos suficientes para alimentar todos, o que implicou o rumar a outras paragens de Portugal, onde os pescadores pudessem continuar a exercer o seu ganha-pão de sempre. Foi o início das migrações sazonais dos pescadores do sável, principalmente para o rio Tejo.

O extraordinário crescimento populacional da freguesia da Murtosa no século XIX não tem paralelo nas suas vizinhas. Com cerca de 4000 habitantes em 1800, que seria o seu valor óptimo e sustentável, a freguesia da Murtosa atingiu os 10.000 habitantes em 1900 (à época destacadamente a mais populosa freguesia do concelho de Estarreja), trilhando depois o caminho inverso ao longo do século XX, para o que muito contribuiu a emigração.

Durante o século XX os aumentos populacionais mais significativos registaram-se nas freguesias de Avanca e Beduído, resultado do processo de industrialização e, no caso da segunda, pela concretização da sede do concelho de Estarreja como centro administrativo e de serviços.

Por seu turno, o litoral só muito recentemente foi ocupado, e primeiro de forma sazonal. Nos finais do século XIX agricultores de Pardilhó ocuparam a Marinha de Ovar, a Tijosa e o Torrão do Lameiro. Por sua vez as Quintas, a Norte da Torreira, foram na mesma época ocupadas por agricultores do Bunheiro e de Pardilhó. Nestas localidades viviam e trabalhavam à semana, mas vinham ao fim-de-semana às freguesias de origem, abastecer-se de víveres e cumprir os preceitos religiosos. Diferentemente, os pescadores da Murtosa já vinham ocupando sazonalmente a Torreira e S. Jacinto desde finais do século XVII, começando nos alvares do século XX a fixar-se com carácter de permanência nestas praias.

O final do século XIX e o início do século XX constituiu uma fase de grande crise demográfica, com o êxodo de uma parte significativa da população, seja no âmbito de migrações internas sazonais, seja para a emigração com destino ao Brasil. Como principais causas desta crise, que afectou principalmente a freguesia da Murtosa, estão as crescentes restrições normativas à pesca e à apanha de moliço, principais actividades económicas tradicionais, a sobrepopulação e a fragmentação dos prédios agrícolas.

Buscando o sustento imediato e ambicionando ganhar o suficiente para construir casa no torrão natal, os naturais de Estarreja e Murtosa rumaram a várias paragens de Portugal, mas principalmente Lisboa e localidades próximas, trabalhando como fragateiros, construtores navais, etc. No entanto os principais contingentes populacionais saíram da freguesia da Murtosa, sobrepovoada na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX: os pescadores do sável do Tejo e as varinas de Lisboa.

Os pescadores da Murtosa dirigiram-se sazonalmente (no inverno, quando não era possível a pesca marítima), nos primeiros meses do ano, para o rio Tejo (entre outros), que subiam até Santarém, dedicando-se à pesca do sável. Ao longo do rio criaram novas comunidades e deixaram marcas culturais, do que é exemplo na gastronomia a caldeirada de enguias. Aqueles que não abandonavam a Ria de Aveiro podiam permanecer nesta toda a semana, pescando e vendendo no mercado que lhes estivesse mais próximo, vindo a casa apenas no fim-de-semana.

Por sua vez as varinas começaram a seguir em grande número para Lisboa com a criação do caminho-de-ferro, a partir da década de 1860, embora já antes fosse comum verem-se na capital. Eram maioritariamente originárias da freguesia da Murtosa e não de Ovar ou Aveiro, tendo-se concentrado preferencialmente no bairro da Madragoa.

Pouco se pode dizer da atracção dos concelhos de Estarreja e Murtosa sobre pessoas oriundas de outras localidades ou países. A não ser no que respeita à indústria química de Estarreja, que se instalou a partir da década de 1940, ocasionando a vinda de portugueses e estrangeiros, incluindo técnicos especializados. Uns transitoriamente para a instalação das fábricas, outros para ficar trabalhando nas mesmas, todos animando a economia local. A indústria química permitiu ainda o surgir de uma nova figura, o agricultor-operário, que aliava os trabalhos agrícolas de sempre ao salário certo que a fábrica lhe proporcionava, fenómeno que permitiu estancar parte da sangria migratória.

Estarreja e principalmente a Murtosa foram sempre concelhos de forte emigração. Mudanças houve nos destinos mas permaneceu o mesmo desejo de partir, ganhar lá fora o dinheiro para construir casa na terra de origem, e não para investir na economia local.

Desde meados do século XIX até à década de 1960 emigrava-se para o Brasil, com maior intensidade durante a Primeira República (em 1920 emigraram mais de 4% dos habitantes dos dois concelhos, que então eram um só), salvo a interrupção causada pela Primeira Grande Guerra. Esta corrente migratória diminuiu muito significativamente a partir de 1930, atenta a crise mundial, também brasileira, e as restrições colocadas a novas entradas pelo governo daquele país. O principal destino foi o Pará, sendo menos as idas para o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro. Na sua maioria os emigrantes eram homens, que por vezes deixavam em Portugal mulher e filhos, contribuindo para o aparecimento de mulheres independentes, as “viúvas de vivos” como já lhes chamaram. Neste período multiplicaram-se os anúncios de passagens para o Brasil na imprensa local e estavam activos agentes de emigração.

Durante a década de 1960, quando era notória a falta de homens adultos na Murtosa, atenta a pirâmide etária do concelho, mudaram as preferências de países de destino. A grande força da emigração ocorreu no período aproximado de uma década, entre 1965 e 1975, quando Portugal vivia também a Guerra Colonial. Agora o emigrante, mesmo quando emigrava sozinho, procurava reunir a si a mulher e filhos com a brevidade possível. Os naturais de Estarreja dirigiram-se maioritariamente para a Venezuela, Estados Unidos da América e França, sendo ilegal boa parte da emigração que teve como destino este último país. A Murtosa seguiu essencialmente para os Estados Unidos da América, consolidando a sua maior comunidade em Newark. Foram muito mais pequenas as comunidades murtoseiras radicadas noutros países, entre os quais se destacou a Venezuela. Quase 5% da população deste concelho emigrou num único ano, 1966, fenómeno que se repetiu em 1973. Os emigrantes da Murtosa mantiveram sempre vivo o apego à terra natal, o que se verificou pela sua filantropia para com melhoramentos locais. Também pelos anúncios nos jornais da Murtosa, onde é ainda hoje habitual a publicidade a actividades económicas de murtoseiros, radicados em Newark, e as notas sociais (pagas como publicidade) vindas da América. Nasceu, baptizou, graduou no High School ou no ensino superior, pedido de casamento, casou, faleceu, aniversário de falecimento, etc., são notícias frequentes, com referência aos pais e avós da pessoa referida, para que seja reconhecida na Murtosa. E há de facto vários casos de sucesso económico, social e político entre os emigrantes.

Sendo a emigração um fenómeno tão intenso, deixou marcas profundas nos dois concelhos de origem. Foram as casas de brasileiro, até cerca de 1930, as casas estilo Farinhas, mais tarde, algumas com painéis de azulejo onde figuravam lado a lado as bandeiras de Portugal e da Venezuela ou dos Estados Unidos da América, os nomes de arruamentos, monumentos, festas de emigrante. Enfim a criação de associações de emigrantes nos países de destino, a literatura e até mesmo o cinema relacionado com a emigração.

Do século XXI escasseiam ainda os dados sobre emigração, embora pareça prevalecer a saída de jovens qualificados para diferentes países europeus.

A aplicação didáctica deste tema fez-se através de uma visita de estudo e de um workshop de pesquisa de fontes, dando aos alunos a possibilidade de procurarem informações sobre familiares que tenham emigrado. Houve o objectivo, conseguido, de captar o interesse dos alunos pelo tema da emigração, através do contacto com realidades que lhes tocavam pessoalmente, por via da história da família e da história local. Tratando-se de um tema transdisciplinar, comum não só a História e Geografia mas ainda a outras ciências, revelou-se capaz de motivar os alunos através de diferentes actividades.

Na visita de estudo começou-se por conhecer a Casa-Museu Ferreira de Castro, em Oliveira de Azeméis, tomando contacto com a vida e obra deste escritor, também ele emigrante no Brasil na sua juventude, experiência que marcou profundamente a sua importante obra literária. As origens humildes do escritor e as circunstâncias em que este, como tantos outros, emigrou, espelhadas na Casa-Museu, deram uma dimensão prática à vertente teórica anteriormente ditada aos alunos. Seguindo-se a visita ao concelho da Murtosa, a experiência foi mais enriquecedora e abrangente. Sendo uma terra de emigrantes por excelência, com uma fase de saídas mais antiga dirigida ao Brasil e outra mais recente destinada aos Estados Unidos da América, a emigração marcou profundamente a vida local. O meio natural, o excesso de população face aos recursos endógenos disponíveis e as vicissitudes da economia tradicional, entre outros factores, determinaram uma longa história migrações e de emigração. E esta, por sua vez, influenciou igualmente na economia local (fomentando por exemplo a construção civil, com características casas de brasileiros, venezuelanos, americanos ou franceses) e na cultura, entre outros. A visita de estudo constituiu assim uma experiência prática bastante enriquecedora em relação ao conhecimento teórico.

Antes da visita de estudo realizou-se uma aula de preparação para a mesma, que além de transmitir alguns conhecimentos teóricos contou com um workshop de pesquisa de fontes, aproveitando do facto de actualmente existirem online importantes fontes históricas sobre o tema estudado. Se por um lado os alunos puderam encontrar informações individuais, nalguns casos mesmo de familiares seus (deste modo conhecendo melhor histórias e dramas pessoais), por outro lado, agregando essas informações individuais, foi possível produzir informação estatística que revela tendências ou predominâncias. Note-se porém que este é apenas um exemplo de entre um conjunto de actividades diversificadas que se podem fazer a propósito da didatização das migrações, tendo aqui como estudo de caso os concelhos de Estarreja e Murtoza.



## **BIBLIOGRAFIA**

### **FONTES MANUSCRITAS**

#### A) ARQUIVO EPISCOPAL DO PORTO

Autos de justificação da capela de Santa Ana a favor da Fábrica da Igreja de Avanca (1706)

PT/AEP/DP/CUR-SGC/001/0068

Autos de património da capela de S. Joaquim a favor da Fábrica da Igreja de Beduído (1750-1753)

PT/AEP/DP/CUR-SGC/001/0083

Autos de dote para a fábrica da capela de N. S. Bom Sucesso [Torreira], a favor da Fábrica da Igreja (1732-1734)

PT/AEP/DP/CUR-SGC/001/0223

Criação da Paróquia de S. Paio da Torreira (25.06.1928)

Sem Código de Referência

### **FONTES IMPRESSAS**

“A 20.<sup>a</sup> parte dos portugueses fugiu de Portugal, no período de 10 anos! O Paiz vae ficar deserto?!”, *O Jornal de Estarreja*, n.º 1710, 15.8.1920, p. 1

*Anuário Comercial de Portugal*. 1939, 1950, 1960, 1966

*Aveiro e o Seu Distrito*, XXI, 1976, p. 51

*Boletim Anual da Junta de Emigração*, ed. Ministério do Interior, 1952/1953/1954. ed. 1954/1955/1956

- Boletim de Emigração*. 1919 – 1933
- Boletim da Junta de Emigração*. 1955 – 1969
- Catálogo dos Bispos do Porto*, ed. Rodrigo da Cunha / António Cerqueira Pinto, Porto, 1742
- Catálogo e História dos Bispos do Porto*, ed. Rodrigo da Cunha, Porto, 1623
- “O concelho de Estarreja e os seus emigrantes entre os anos de 1900 e 1905”, ed. Valter Santos (e mais tarde também Teresa Cruz), *Terras de Antuã*, n.º 2, 2008, e ss.
- Constituições Synodales do Bispado do Porto*, ed. João de Sousa, Coimbra, 1735
- Álbum de Costumes Portuguezes*, ed. David Corazzi, Lisboa, Typographia Horas Românticas, 1888
- Corografia Portuguesa*, ed. António Carvalho Costa, 3 vols., 1706-1712
- Decreto de 5.3.1842 - Coleção de Legislação Portuguesa, 1842, pp. 72-73
- Descripçam corografica do reyno de Portugal*, ed. Antólio de Oliveira Freire, 1755
- Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*, ed. Agostinho Rebelo da Costa, Porto, 1788 (reed. 2001)
- Diccionario Geographico*, ed. Paulo Perestrello da Câmara, Lisboa, 1850
- Diccionario Geographico abbreviado das oito provincias dos reinos de...*, ed. Pedro José Marques, 1853
- Diccionario geographico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas*, ed. Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão (Flaviense), Porto, Typ. de Sebastião José Pereira, 1852
- Diccionario geographico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas*, ed. Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão (Flaviense), Porto, Em Casa de Viuva Moré, 1862
- Diccionario geografico, ou notícia historica de todas as cidades... de Portugal, e Algarve...*, ed. Luís Cardoso, 2 vols, Lisboa, Officina Sylviana, 1747-1751
- Diccionario de villas e aldêas de Portugal*, ed. J. A. de Almeida, 1860
- A Diocese de Aveiro no Século XVIII*, ed. João Gonçalves Gaspar, Aveiro, 1974
- Documentos apresentados à Câmara dos Senhores Deputados e por ela mandados publicar na sessão legislativa de 1886*, ed. Comissão Parlamentar para o Estudo da Emigração Portuguesa – 1885, Lisboa, Imprensa Nacional, 1886
- Emigração Portuguesa, 1901-1912*
- Espagne et Portugal - Musée Cosmopolite. Album de costumes espagnols et portugais*. ed. Aubert, Paris, c. 1850
- Estatísticas Demográficas, 1967-1982*

“Estrangeiros em Estarreja”, *O Jornal de Estarreja*, n.º 3013, 25.1.1958, p. 2

*Geografia histórica de todos os estados soberanos da Europa*, ed. Luís Caetano de Lima, vols. 1-2, 1732-1736 (sobre 1732)

*Ilustração Portuguesa*, 1919, I, p. 509 (“Pescadores da Murtosa” na Costa Nova, quadro de Tomaz de Melo)

*Inquérito Industrial de 1890*, ed. Direcção Geral do Commercio e Indústria, 5 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1891

“Memória Paroquial de Avanca (1758)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 3220, 10.09.1966, p. 3; n.º 3221, 25.09.1966, p. 3; n.º 3222, 10.11.1966, pp. 3 e 6

“Memória Paroquial de Beduído (1758)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 2935, 25.10.1954, pp. 1-2

“Memória Paroquial do Bunheiro (1758)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 3014, 10.2.1958, p. 1

“Memória Paroquial de Canelas (1721)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 2957, 25.09.1955, p. 1

“Memória Paroquial de Canelas (1758)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 2929, 25.07.1954, p. 1

“Memória Paroquial de Fermelã (1721)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 2933, 25.9.1954, p. 1

“Memória Paroquial de Fermelã (1758)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 3004, 10.9.1957, p. 1

“Memória Paroquial da Murtosa (1758)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 2936, 10.11.1954, p. 1; n.º 2937, 25.11.1954, p. 1; n.º 2938, 10.12.1954, p. 1; n.º 2939, 25.12.1954, p. 1; e n.º 2940, 10.1.1955, pp. 1-2

“Memória Paroquial de Pardilhó (1758)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 3017, 25.3.1958, p. 1

“Memória Paroquial de Salreu (1721)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 3217, 25.07.1966, p. 3

“Memória Paroquial de Salreu (1758)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 2931, 25.08.1954, p. 1

“Memória Paroquial de Veiros (1758)”, ed. Eduardo Costa, *O Jornal de Estarreja*, n.º 2930, 10.8.1954, p. 1

“Memórias Paroquiais do século XVIII – Freguesia de Santa Marinha de Avanca”, ed. Eduardo Costa, in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XXXV, 1969, pp. 273-286

“Memórias Paroquiais do século XVIII – Freguesia de S. Cristóvão de Ovar”, ed. Eduardo Costa, in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XXXIV, 1968, pp. 204-214

“Memórias Paroquiais do século XVIII – Freguesia de Santa Maria da Murtosa”, ed. Eduardo Costa, in *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XXXIV, 1968, pp. 288-300

*Moeurs, usages et costumes de tous les peuples du monde*. Vol. II – Europa. ed. Auguste Wahlen, Bruxelas, Librairie Historique-Artistique, 1844

*Movimento da População, 1887-1896 e 1907-1921*

*A população de Portugal em 1798: O censo de Pina Manique*, ed. Joaquim Veríssimo Serrão, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1970

*Portugal Sacro-Profano*, ed. Paulo Dias de Niza, 2 vols., Lisboa, 1767-1768

“A povoação da Estremadura no XVI século”, ed. Anselmo B. Freire, *Arquivo Histórico Português*, vol. 6, 1908, pp. 275-277

Recenseamentos Gerais da População, 1864, 1878, 1890, 1900, 1911, 1920, 1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1981, 1991, 2001, 2011

*Os Recenseamentos da População Portuguesa de 1801 e 1849 – Edição Crítica*, ed. Luís Nuno Espinha Silveira (coord.), 3 vols., Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 2001

*Relatorio apresentado à Juncta Geral do Districto d'Aveiro*, ed. Anthero Albano da Silveira Pinto, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1857

*Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860

*Santa Marinha – História e Lenda*, ed. Pe. A. Tavares Martins, 1971, p. 173

*Secretaria de Estado da Emigração – boletim anual*. 1973, 1974, 1975

*Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas – boletim anual*. 1976-1977, 1978-1979, 1980-1981, 1982, 1983, 1984, 1985

*Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas – boletim anual*. 1987-1988

*Secretariado Nacional da Emigração – boletim anual (1972)*

*Taboa geografico-estatistica luzitana ou dictionario abreviado...*, ed. Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão (Um Flaviense), Porto, Typ. Commercial Portuense, 1839

“Taboas Topograficas e Estatísticas de todas as Comarcas de Portugal, e das terras de cada huma em ordem Alfabetica. Com a Povoação existente no Anno de 1801”, s.d. [ca. 1802], ed. Manuel Travassos da Costa Araújo, In *Subsídios para a História da Estatística em Portugal*, Lisboa, edição fac-similada do manuscrito, Instituto Nacional de Estatística, 1948, 2.

## MONOGRAFIAS E ARTIGOS

ABREU, Maria Manuela Palha de Araújo Viegas de – “As visitas de estudo no ensino da História”, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano VII, n.º 6, Coimbra, 1972, pp. 145-178

AFFREIXO, Jayme – “Pescas Nacionais – A região de Aveiro”, *A Tradição*, n.º 2, Serpa, Fevereiro/1903

ALARCÃO, Alberto de – *Mobilidade Geográfica da População de Portugal (Continente e Ilhas Adjacentes). Migrações Internas. 1921-1960*. Lisboa, 1969

ALVES, Jorge Fernandes – “Emigração portuguesa: o exemplo do Porto nos meados do século XIX”, *Revista de História*, IX, 1991, pp. 267-289

ALVES, Jorge Fernandes – “O «Brasileiro» oitocentista e o seu papel social”, *Revista de História*, XII, 1993, pp. 257-296

ALVES, Jorge Fernandes – “Perspectivas sobre a emigração - os estudos locais e regionais”, *Actas das Segundas Jornadas de História Local*, Fafe, Câmara Municipal, 1998, p. 413-424

ALVES, Jorge Fernandes – “Ler, escrever e contar na emigração oitocentista”, *Revista de História das Ideias* (separata), Universidade de Coimbra, 1999

ALVES, Jorge Fernandes – “Razões locais para um debate”. In *Os Brasileiros da Emigração*, Actas do Colóquio realizado no Museu Bernardino Machado, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1999, pp. 11-15

ALVES, Jorge Fernandes – “Os brasileiros da emigração no Norte de Portugal”, *Os Brasileiros da Emigração*, Actas do Colóquio realizado no Museu Bernardino Machado, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1999, pp. 233-247

ALVES, Jorge Fernandes – “Variações sobre o brasileiro – Tensões na emigração e no retorno do Brasil”, *Revista Portuguesa de História*, tomo XXXIII (1999), Universidade de Coimbra, pp. 191-222

ALVES, Jorge Fernandes – “Terra de Esperanças – O Brasil na emigração portuguesa”, *Portugal e Brasil – Encontros, desencontros, reencontros*. Cascais: Câmara Municipal, VIII Cursos Internacionais, 2001, pp. 113-128

ALVES, Jorge Fernandes – “O brasileiro oitocentista – representações de um tipo social”, In Vieira, Benedicta Maria Duque (org.) – *Grupos sociais e estratificação social em Portugal no Século XIX*. Lisboa, ISCTE (C.E.H.C.P.), 2004, pp. 193-199

ALVES, Jorge Fernandes – “Emigração e sanitarismo – Porto e Brasil no século XIX”, *Ler História*, 48 (2005), pp. 141-156

AMARAL, Cristina; ALES, Eliseu; JESUS, Elisabete; PINTO, Maria Helena – *Sim, a História é importante! O trabalho de fontes na perspectiva da educação histórica*. Porto Editora, 2012

AMORIM, Aires de – *Da arte xávega de Espinho a Ovar*. Câmara Municipal de Ovar, 1999, pp. 94, 96, 98

AMORIM, Inês de – *Aveiro e sua provedoria no século XVIII (1690-1814)*. Vol. 1. Comissão de Coordenação da Região Centro, 1996, pp. 491-492

ARROTEIA, Jorge – “The murtosian example”, *Aveiro e o Seu Distrito*, 1980(?)

ARROTEIA, Jorge – *Os Ilhaves e os Murtoseiros na Emigração Portuguesa*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Aveiro, 1982

ARROTEIA, Jorge – *A emigração portuguesa, suas origens e distribuição*. 1983

ARROTEIA, Jorge – “Em torno da emigração Murtoseira”, *Aveiro e o Seu Distrito*, n.º 32, 1983, pp. 31-41

ARROTEIA, Jorge, “Ilhaves e Murtoseiros – povos do Baixo Vouga”, *Diário Popular*, 12.10.1983, suplemento, pp. 14-15

ARROTEIA, Jorge – *A evolução demográfica portuguesa*. 1984

ARROTEIA, Jorge – “Ílhavo e Murtosa: dois casos da emigração portuguesa”. In Comissão de Coordenação da Região Centro – *Emigração e retorno na Região Centro*. Coimbra, 1984, pp. 123-147

ARROTEIA, Jorge – *Atlas da Emigração Portuguesa*. 1985

ARROTEIA, Jorge – *Aspects regionaux de l’imigration... Bresil au XIX siècle*, 1988, pp. 41-45

BAGANHA, Maria Ioanis B. – “Uma imagem desfocada – a emigração portuguesa e as fontes sobre a emigração”, *Análise Social*, vol. XXVI (112-113), 1991 (3.º - 4.º), pp. 723-739

BAGANHA, Maria Ioannis – “Migração transatlântica: uma síntese histórica”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos*. Homenagem a Míriam Halpern Pereira, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp. 405-421

BALBI, Adrien – *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d’Algarve, comparé aux autres états de l’Europe*. Vol. I, 1822

- BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899
- BARBOSA, José Maria – “Autonomia da Murtosa e Bunheiro”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899
- BARBOSA, José Maria – “A Murtosa”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899
- BARCA, Isabel – “Educação Histórica: Uma nova área de investigação”, *Revista da Faculdade de Letras – História*, Porto, III Série, vol. 2, 2001, pp. 13-21
- BARCA, Isabel – “Investigar em educação histórica: da epistemologia às implicações para as práticas de ensino”. *Revista Portuguesa de História*, Tomo XXXIX, 2007, pp.53-66
- BASTOS, Joana Pereira – *20% dos portugueses vivem lá fora*. Expresso, Primeiro Caderno, 7.11.2015, p. 20
- BEÇA, Humberto – “A casa portuguesa – evolução da habitação na Murtosa”, *Ilustração Portuguesa*, II, 2.12.1918
- BOTO, Anabela et al. – *Fazer Geografia 3.0. Guia do Professor*. Porto Editora, Lisboa, 2012
- BOWLES, Rachel – “Teaching about the local community: Using first-hand experience”. In TILBURY, Daniella; WILLIAMS, Michael – *Teaching and Learning geography*, London/New York, 1997, pp. 218-230
- CAETANO, Lucília de Jesus – *A indústria no distrito de Aveiro : análise geográfica relativa ao eixo rodoviário principal (E.N. nº 1) entre Malaposta e Albergaria-a-Nova*. 2 vols., Tese de doutoramento em Geografia, apresentada à FLUC, Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro, 1986
- CÂMARA, Ana Cristina; FERREIRA, Conceição Coelho; SILVA, Luísa Ucha; ALVES, Maria Luísa; BRASÃO, Maria Manuela – *Geografia. Orientações Curriculares 3º ciclo*. Lisboa, Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, 2002
- CAMPOS, Carlos A. M. (dir.) – *Terra de Santa Maria*. Anuário, 1998
- CARINHAS, Teófilo (dir. e org.) - *Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil*. Lisboa, Carinhas C.ª Lda., 1929
- CARVALHO, João Pinto de, (Tinop) – *Lisboa de Outrora*. Ed. Amigos de Lisboa, 1938
- CASCÃO, Rui – *Permanência e mudança em duas comunidades do litoral*. Universidade de Coimbra, Dissertação de Doutoramento, 2 volumes, 1989

CASTRO, Fátima Velez de – *A Europa do outro – a imigração em Portugal no início do século XXI*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado, 2008

CAVACO, Carminda, *O Algarve Oriental*. II, 1976

Comissão de Coordenação da Região Centro – *Emigração recente no distrito de Aveiro*. Coimbra, 1980

CORDEIRO, Ana Dias – “Portugal é o segundo país europeu com maior taxa de emigrantes”, *Público*, 24.2.2017, pp. 10-11

CUNHA, José Tavares Afonso e – *Notas Marinhoas*. Vol. IV, 1994

FABREGAT, Clemente e FABREGAT, Maria – *Como preparar uma aula de História*. Lisboa, Edições ASA, Coleção Horizonte da Didática, 2ª edição, 1991

FELIX, Noémia, e ROLDÃO, Maria do Céu – *Dimensões formativas de disciplinas do ensino básico: História*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1996

FOSKETT, Nick – “Teaching and learning through fieldwork”. In TILBURY, Daniella; WILLIAMS, Michael – *Teaching and Learning geography*. London/New York, 1997, pp. 189-201

FRANCO, Renato de Melo – “Terra Linda – Os Pescadores”, *Ilustração Portuguesa*, 1919, II, pp. 291-292

GENÚ, Dalge de Almeida – “Estado do Pará”, in CARINHAS, Teófilo (dir. e org.) - *Álbum da Colónia Portuguesa no Brasil*. Lisboa, Carinhas C.ª Lda., 1929, pp.19-20

GIRÃO, Aristides de Amorim – *A Bacia do Vouga*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922

GIRÃO, Aristides de Amorim – *Geografia de Portugal*. Porto, Portucalense, 1941

GIRÃO, Aristides de Amorim – *Atlas de Portugal*. 1941

GIRÃO, Aristides de Amorim, e VELHO, Fernanda de Oliveira Lopes – *Estudos da população portuguesa*. Vol. 3 – Emigrações Internas (1890 – 1940)

GOMES, Carlos – “Do Mocambo à Madragoa: a Lisboa de outras eras...”, In [http://www.folclore-online.com/textos/carlos\\_gomes/mocambo\\_madragoa1.html](http://www.folclore-online.com/textos/carlos_gomes/mocambo_madragoa1.html) [consultado em 10.3.2017]

GOMES, Carlos – “Vareiros e Varinos”, In [http://folclore-online.com/textos/carlos\\_gomes/vareiros\\_varinos.html#.WWpfV1HOXIU](http://folclore-online.com/textos/carlos_gomes/vareiros_varinos.html#.WWpfV1HOXIU) [consultado em 10.3.2017]



GOMES, Marques – “Esboço crítico acerca da origem da Murtoza. Carácter do seu povo, costumes, commercio, etc. – Notícia histórica”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*, Aveiro, 1899

LAMY, Alberto Sousa – *Monografia de Ovar*. 4 vols., Câmara Municipal de Ovar, 2001

LEITE, Joaquim da Costa – “O transporte de emigrantes: da vela ao vapor na rota do Brasil. 1851-1914”, *Análise Social*, vol. XXVI (112-113), 1991 (3.º - 4.º), 741-752

LEITE, Joaquim da Costa – “Mitos e realidades da emigração portuguesa, 1851-1973”, in *Actas das V Jornadas de História Local*. Fafe, 21 de Novembro de 2003 (Fafe: Câmara Municipal, 2004), pp. 27-48

LOBO, Constantino Botelho e Lacerda – “Sobre as Marinhas de Portugal”. *Memórias Económicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. IV, 1812

LAGARTO, Mariana, e BARCA, Isabel – “O ensino de história no 3.º Ciclo – Os professores entre as ideias e as práticas”, in BARCA, Isabel, e ALVES, Luís Alberto Marques (coord.) – *Educação Histórica: Perspetivas de Investigação Nacional e Internacional*. (XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica). Ed. CITEM, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2016, pp. 41-49

LOPES, Maria Teresa Braga Soares – “Correntes de opinião pública e emigração legal no distrito de Aveiro (1882-1894)”. *População e Sociedade*, n.º 1, Porto, CEPES / CEPFAM - Centro de Estudos da População e Família, 1995, pp. 209-231

MAGALHÃES, Luiz de – “Aveiro (A Ria)”, *A Arte e a Natureza em Portugal*, vol. 5, 1905

MAIA, Fernanda Paula Sousa – “A acção dos ‘brasileiros’ de torna-viagem em Ovar – a obra dos irmãos Oliveira Lopes (Válega)”, *Dunas*, 5, 2005, pp. 3-14

MAIA, Fernanda Paula Sousa; e MONTEIRO, Isilda Braga da Costa – “Impactos da emigração portuguesa para o Brasil no norte de Portugal – finais do século XIX e inícios do XX”, *Navegar*, vol. 1, n.º 1, Jul.-Dez. 2015, pp. 122-149

MANIQUE, António Pedro e PROENÇA, Maria Cândida – *Didática da História. Património e História Local*. Lisboa, Texto Editora, Coleção Educação Hoje, 1994

MARQUES GOMES – “Esboço crítico acerca da origem da Murtoza. Carácter do seu povo, costumes, commercio, etc. – Notícia histórica”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899

MATTOS, José Maria de Mello de – “Memória sobre a arborização das dunas de Aveiro”. *Revista de Obras Publicas e Minas*. Tomo XXIII, n.ºs 268 a 270, Abril a Junho, 1892, pp. 99-146

MEDEIROS, Carlos Alberto (Dir.) – *Geografia de Portugal*. 4 vols., Mem Martins, Círculo de Leitores, 2005

MESQUITA, Egberto de Magalhães – “Apontamentos ácerca da região littoral compreendida entre as lagoas de Mira e de Esmoriz (Dunas de Aveiro)”, *Comunicações da Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, tomo III, 1895-1896, pp. 23-33

MOLEIRO, Raquel – *Observatório da emigração em risco*. Expresso – Primeiro Caderno, 14.11.2015, p. 23

MONTEIRO, Augusto José – Imaginação e criatividade no ensino da história – o texto literário como documento didáctico. Lisboa, Associação de Professores de História, Cadernos pedagógico-didáticos APH, n.º 14, 1ª edição, 1997

MOREIRA, Carlos Diogo – *Populações Marítimas em Portugal*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1987

NAVARRA, Pedro de – “Pesca do Sável”, *Ilustração Portuguesa*, 1916, I, pp. 158-160

NETO, Maria Lurdes Akola Meira do Carmo – “Demografia – Nas Épocas Moderna e Contemporânea”, in SERRÃO, Joel, *Dicionário de História de Portugal*, II, 1971, pp. 282-286

NOBRE, Augusto, AFREIXO, Jaime, MACEDO, José de – *A Ria de Aveiro. Relatório oficial do regulamento da Ria de 28 de Dezembro de 1912*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1915

NUNES, João Paulo Avelãs; RIBEIRO, Ana Isabel – “A didáctica da História e o perfil do professor de História”, *Revista Portuguesa de História*, Tomo 39, 2007

OLIVEIRA, António de – “Migrações internas e de média distância em Portugal de 1500 a 1900”, *ARQUIPÉLAGO. História*, 2ª série, vol. 1, n.º 1, 1995, pp. 259-307

OLIVEIRA, César de (Dir.) – *História dos Municípios e do Poder Local*. 1996, pp. 31, 32, 35-36, 39, 40, 51, 64, 65, 67 (numeramento)

OLIVEIRA MARQUES, A. H. de, “Demografia – Na Idade Média”, in SERRÃO, Joel, *Dicionário de História de Portugal*, II, pp. 281-282

PEREIRA, M. J. Lopes – “Perfis”, in BARBOSA, José Maria, *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. 1899

- PEREIRA, Lopes – *Murtosa gente nossa*. 3.<sup>a</sup> ed., Câmara Municipal da Murtosa, 1995
- PEREIRA, Lopes – “Aventureirismo dos Murtoseiros por terras de aquém e de além mar”, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. XXII, n.º 88, 1956, pp. 241-252
- PEREIRA, Marco – *A Terra Marinhosa na Idade Média*. Junta de Freguesia de Veiros, 2010
- PEREIRA, Marco – *História da Santa Casa da Misericórdia de Estarreja*. Santa Casa da Misericórdia de Estarreja, 2010
- PEREIRA, Marco – “Revoltas populares em Estarreja e Murtosa”, *Terras de Antuã*, Câmara Municipal de Estarreja, VII, 2013, pp. 81-94
- PEREIRA, Marco – “Os actuais concelhos de Estarreja e Murtosa no século XIII”, *Terras de Antuã*, Câmara Municipal de Estarreja, VIII, 2014, pp. 157-194
- PEREIRA, Marco – *Breve História do Concelho da Murtosa*. Câmara Municipal da Murtosa, 2016
- PEREIRA, Miriam Halpern – *A política portuguesa de emigração (1850-1930)*. 1981
- PEREIRA, Miriam Halpern – *Livre Câmbio e Desenvolvimento Económico*. 1983
- “A pesca do sável”, *Ilustração Portuguesa*, 1912, I, pp. 617-621
- “Os pescadores de Vila Franca”, *Ilustração Portuguesa*, 1913, II, pp. 759-762
- PINHEIRO, Nuno – “Maria... e se eu voltar rico?”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos*. Homenagem a Miriam Halpern Pereira, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp. 435-445
- PINHO, João Frederico Teixeira de – *Memórias e datas para a história da Vila de Ovar*. Câmara Municipal de Ovar, 1959
- POMBO, Cármen, *A imigração portuguesa em Pelotas no séc. XX*. Pelotas, Universidade Católica de Pelotas, 1986
- REBELO, Bárbara Joana Rodrigues Lourenço de Almeida – *Visitas de estudo: Uma estratégia de aprendizagem*. Lisboa, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Educação, 2014
- REIS, Cristina – “A emigração aradense para o Brasil (1883-1920)”, *Dunas*, n.º 4, 2004, pp. 131-144

“Representação apresentada na Câmara dos deputados em 7 de Abril de 1899”. In BARBOSA, José Maria – *A Murtoza – A propósito da sua autonomia*. Aveiro, 1899

RIBEIRO, F.G. Cassola – *Emigração Portuguesa – Algumas características dominantes dos movimentos no período de 1850 a 1984*. Porto, 1986

ROWLAND, Robert – “Emigração e contexto”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos*. Homenagem a Míriam Halpern Pereira, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp. 393-403

SALEIRO, Mário (O Almocreve da Ti Rendeira) – *Esboço da História contemporânea de Pardilhó*. Rio de Janeiro, 1982

SÁNCHEZ-ALONSO, Blanca – “The Other Europeans: Immigration into Latin America and the International Labour Market (1870-1930)”, *Revista de História Económica / Journal of Iberian and Latin American Economic History*, vol 25, Issue 3, January 2007, pp. 395-426

SANTOS, Domingos Maurício Gomes – *O mosteiro de Jesus de Aveiro*. Vol. II, Lisboa, Lunda, Companhia de Diamantes de Angola / Diamang, 1967, p. 562

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*. vol. III, 1984

SERRÃO, Joel – *A emigração portuguesa*. 1977

SERRÃO, Joel – “Emigração”, in SERRÃO, Joel – *Dicionário de História de Portugal*, II, 1971, pp. 363-373

SILVA, Álvaro Ferreira da – “Padrões de mobilidade interna em Portugal na segunda metade do século XIX”, In SERRÃO, José Vicente; PINHEIRO, Magda de Avelar; e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo (orgs.) – *Desenvolvimento Económico e Mudança Social. Portugal nos Últimos Dois Séculos*. Homenagem a Míriam Halpern Pereira, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp. 375-392

SOUSA, Fernando de – *História da Estatística em Portugal*. Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 1995

TAVARES, António et al. – *História local e ensino da História. Duas propostas para exploração pedagógico-didática*. Lisboa, Associação de Professores de História, Cadernos pedagógico-didáticos APH, 1ª edição, 2000

TRINDADE, Maria Beatriz Rocha, et alii – *Bibliografia da emigração portuguesa*. 1984

VIEIRA, J. – “Concelho de Aveiro – nótulas de etnografia e folclore”, *Aveiro e o seu Distrito*, XXI, 1976, pp. 51-56

## **JORNAIS**

*Periódico dos Pobres do Porto*, n.º 14, 16.1.1855, p. 54

*Campeão do Vouga*, n.º 371, 1.12.1855, p. 4

*Novidades*, 15.9.1928, p. 4

*O Jornal de Estarreja*, 1883 – actual. JE, n.º 1441, 25.4.1915, p. 4 (Pub Trans-Atlânticos); JE, n.º 1470, 14.11.1915, p. 2; JE, n.º 1684, 15.2.1920, p. 4 (Pubs Trans-Atlânticos); JE, n.º 1710, 15.8.1920, p. 1 (notícia emigração); JE, n.º 3013, 25.1.1958, p. 2 (operários químicos de fora)

*O Concelho de Estarreja*, 1901 – actual. CE, n.º 1, 10.10.1901, p. 4 (Pubs passagens); CE, n.º 53, 11.10.1902, p. 3; CE, n.º 115, 19.12.1903, p. 2; CE, n.º 196, 8.7.1905, p. 3; CE, n.º 235, 25.8.1906, p. 2; CE, n.º 330, 25.1.1908, p. 3; CE, n.º 359, 15.8.1908, p. 1; CE, n.º 431, 1.1.1910, p. 3; CE, n.º 434, 22.1.1910, p. 3; CE, n.º 460, 23.7.1910, p. 3; CE, n.º 492, 11.3.1911, p. 2; CE, n.º 596, 15.3.1913, p. 3; CE, n.º 806, 7.4.1917, p. 3; CE, n.º 1150, 3.5.1924, pp. 2 e 4

*O Povo de Pardilhó*, n.º 208, 14.3.1931, p. 2

*Ecos do Antuã*, n.º 4, 22.9.1917 (notícia)

*A Voz de Estarreja*, n.º 1, 1.1.1885, p. 4 (Pubs passagens)

*A Voz de Estarreja*, n.º 136, 23.9.1922, p. 3 (Pubs passagens)

*O Concelho da Murtosa*, n.º 20, 24.4.1927, p. 1 (história); CM, n.º 66, 11.3.1928, p. 2; CM, n.º 248, 5.9.1931, p. 2; CM, n.º 514, 10.10.1936, p. 1; CM, n.º 614, 10.9.1938, p. 4; CM, n.º 1025, 30.3.1949, p. 2 (Pubs passagens); CM, n.º 1168, 30.5.1953, p. 1; CM, n.º 1349, 30.7.1958, p. 3 (Pub livro Mar Bravo); CM, n.º 2087, 16.9.2004 (publicidades diversas)

*O Progresso da Murtosa*, n.º 167, 20.10.1932, p. 2; PM, n.º 177, 29.12.1932, p. 1; PM, n.º 193, 20.4.1933, p. 3; PM, n.º 276, 22.12.1934, p. 3; PM, n.º 306, 20.7.1935, p. 3 (publicidades passagens); PM, n.º 580, 11.1.1941, p. 2

*Jornal da Murtosa*, n.º 3, 13.1.1901, p. 1; JM, n.º 10, 3.3.1901, p. 1; JM, n.º 29, 7.7.1901, p. 3; JM, n.º 52, 15.12.1901, p. 1; JM, n.º 58, 26.1.1902, p. 3; JM, n.º 160, 2.1.1904, p. 7; JM, n.º 175, 16.4.1904, p. 3

*O Povo da Murtoza*, n.º 93, 11.5.1907, p. 3; PM, n.º 374, 16.11.1912, pp. 1; PM, n.º 376, 30.11.1912, p. 1; PM, n.º 561, 24.6.1916, p. 3

*Revista da Torreira*, n.º 2, 15.1.1923, p. 4 (publicidades passagens)

*Correio da Murtoza*, n.º 9, Junho/2003, p. 21; CM, n.º 11, Agosto/2003 (publicidades diversas)

Aqui Estarreja – Questionário #1. *O Jornal de Estarreja*, 4.4.2014, p. 10

Aqui Estarreja – Questionário #2. *O Jornal de Estarreja*, 11.4.2014, p. 12

Aqui Estarreja – Questionário #3. *O Jornal de Estarreja*, 24.4.2014, p. 4

Aqui Estarreja – Questionário #4. *O Jornal de Estarreja*, 16.5.2014, p. 14

Aqui Estarreja – Questionário #5. *O Jornal de Estarreja*, 6.6.2014, p. 2

Aqui Estarreja – Questionário #6. *O Jornal de Estarreja*, 12.6.2014, p. 3

Aqui Estarreja – Questionário #7. *O Jornal de Estarreja*, 20.6.2014, p. 2

Aqui Estarreja – Questionário #8. *O Jornal de Estarreja*, 27.6.2014, p. 5

Aqui Estarreja – Questionário #9. *O Jornal de Estarreja*, 4.7.2014, p. 2

Aqui Estarreja – Questionário #10. *O Jornal de Estarreja*, 11.7.2014, p. 2

Aqui Estarreja – Questionário #11. *O Jornal de Estarreja*, 18.7.2014, p. 2

Aqui Estarreja – Questionário #12. *O Jornal de Estarreja*, 8.8.2014, p. 2

Aqui Estarreja – Questionário #13. *O Jornal de Estarreja*, 19.9.2014, p. 11

Aqui Estarreja – Questionário #14. *O Jornal de Estarreja*, 25.9.2014, p. 2

Aqui Estarreja – Questionário #15. *O Jornal de Estarreja*, 10.10.2014, p. 10

## **INTERNET**

INE – Instituto Nacional de Estatística

<https://www.ine.pt/>

Observatório da Emigração

<http://observatorioemigracao.pt/>

HISTÓRICO – “Embaixador”

In

[http://www.expressoembaixador.com.br/site/content/expresso\\_embaixador/historico.ph](http://www.expressoembaixador.com.br/site/content/expresso_embaixador/historico.php)

p [28.09.2009]

Arquivo Distrital de Aveiro / Fundo do Governo Civil de Aveiro / Pesquisa no Registo de Passaportes (1882-1966)

<http://adavr.dglab.gov.pt/2015/06/18/registo-de-passaportes-disponibilizacao-de-imagens/>

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias / Family Search / Pesquisas por emigrantes (principalmente no Brasil)

[https://familysearch.org/search/collection/results?count=75&query="+bi](https://familysearch.org/search/collection/results?count=75&query=)

Remessas – Rede de Emigração – América do Sul

<http://www.remessas.cepese.pt/remessas/>

## **LITERATURA**

*Confissão Geral da Varina Maria Rosa, para se dispor de véspera para o santo matrimónio, seguida da Chula Vareira “A Canninha Verde”.* Lisboa, Livraria Económica, s/d

EGAS MONIZ – *A Nossa Casa*. 3.<sup>a</sup> ed., Câmara Municipal de Estarreja, 2001

LAGOEIRO, Joaquim – *Viúvas de vivos*. (romance) 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Guimarães & C.<sup>a</sup> Editores, 1947

REDOL, Alves – *Os Avieiros*. 2.<sup>a</sup> edição, Edições Europa-América, s/d

VOUGA, Lúcio do – *Mar Bravo*. (romance) Porto, Imprensa Nacional, 1957

## **TEATRO**

CRAVEIRO JUNIOR, Manuel – *Nada de confusões – revista fantasia de costumes regionais em 2 actos e 18 quadros*. (teatro), Estarreja, 1950

SILVA, José Bento de Almeida e – *Padas de Pardilhó – revista de costumes regionais em 2 actos e 20 quadros*. (teatro), Pardilhó, 1950

## **CINEMA**

Filme “Bárbara”, 136 min. Alfredo Tropa (Realizador). RTP, 1980





## APÊNDICES E ANEXOS – PARTE CIENTÍFICA

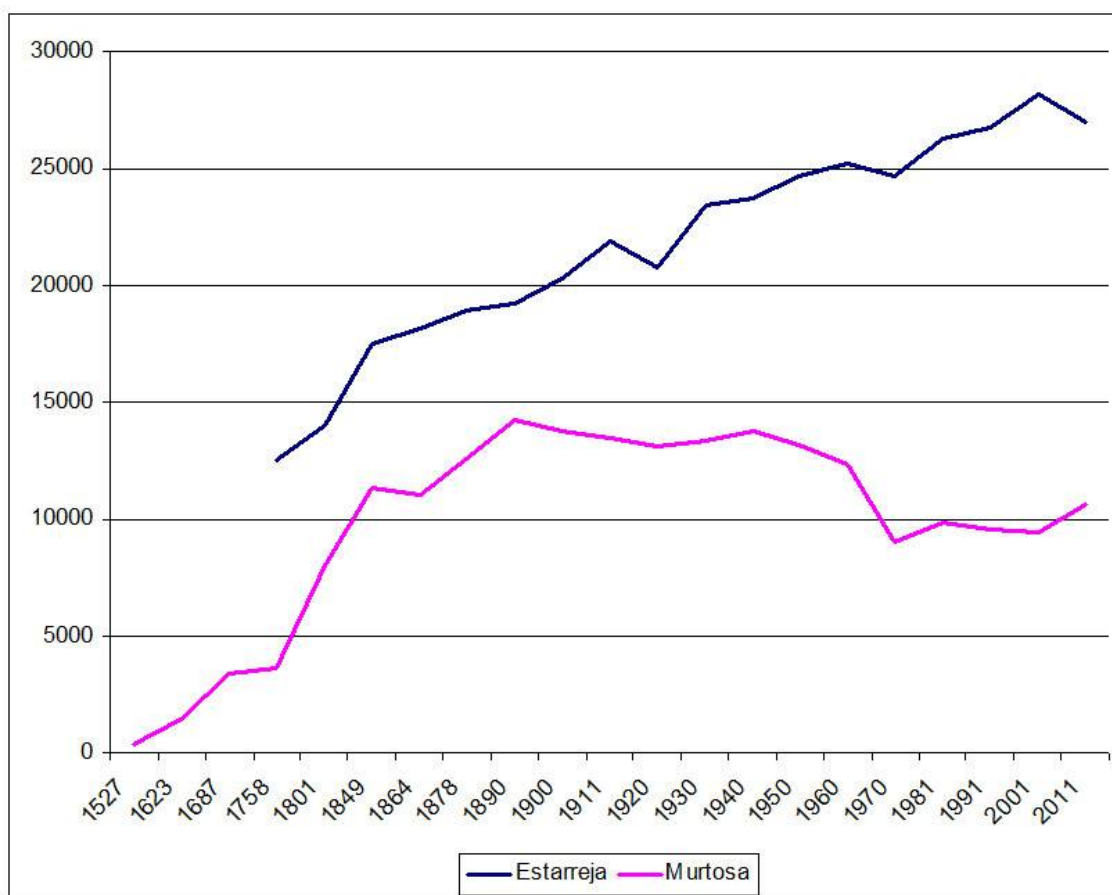
Quadro n.º 1 – População dos actuais concelhos de Estarreja e Murtosa, entre 1527 e 2011.													
Ano	Concelho de Estarreja								Concelho da Murtosa				
	Avanca	Beduido	Canelas	Fermelã	Pardilhó	Salreu	Veiros	Total	Bunheiro	Monte	Murtosa	Torreira	Total
2011	6189	7544	1438	1332	4176	3815	2503	26997	2682	1459	3699	2745	10585
2001	6474	7794	1486	1482	4175	4153	2618	28182	2707	1116	3140	2495	9458
1991	6426	6731	1498	1580	4234	4157	2116	26742	2867	1364	3051	2297	9579
1981	6114	6976	1499	1535	3890	4213	2034	26261	2854	1484	3297	2181	9816
1970	5710	6368	1302	1300	3344	4291	2346	24661	3096	1625	2668	1651	9040
1960	5164	6211	1412	1359	3912	4741	2414	25213	3334	1627	5779	1588	12328
1950	4743	5672	1547	1304	4077	4903	2463	24709	3420	1831	6280	1641	13172
1940	4416	4801	1603	1331	3970	4898	2690	23709	3739	2058	6593	1404	13794
1930	3998	4215	1617	1432	4546	5091	2498	23397	3588	0	8631	1091	13310
1920	3681	3878	1614	1415	4071	3707	2427	20793	3889	0	9180	0	13069
1911	3963	3885	1609	1444	4206	4256	2544	21907	4107	(3225)	9382	(246)	13489
1900	3649	3556	1571	1489	3916	3920	2185	20286	3712	0	10043	0	13755
1890	3409	3200	1528	1470	3744	3744	2159	19254	4159	0	10062	0	14221
1878	3921	3108	1564	1626	3120	3312	2290	18941	3457	0	9132	0	12589
1864	4054	2629	1409	1709	3094	3090	2217	18202	3417	0	7663	0	11080
1862	4040	2680	1212	1496	2880	3640	2368	18316	3576	0	7212	0	10788
1860	4064	2948	1356	1880	3172	2800	2276	18496	3912	0	9384	0	13296
1858	3830	0	0	0	3833	2475	2034	12172	0	0	0	0	0
1857	3724	0	0	0	3556	2432	2024	11736	0	0	0	0	0
1856	3830	2875	1427	1597	3390	2388	2255	17762	3257	0	7254	0	10511
1856	3680	0	0	0	3502	2399	2061	11642	0	0	0	0	0
1855	3830	0	0	0	3390	2388	2255	11863	0	0	0	0	0
1854	4029	0	0	0	3408	2400	2095	11932	0	0	0	0	0
1853	4160	2760	1248	1544	1504	3748	2436	17400	3680	0	7428	0	11108
1853	3963	0	0	0	3539	2678	2109	12289	0	0	0	0	0
1852	4040	2680	1212	1496	2880	3640	2368	18316	3576	0	7212	0	10788
1852	4036	0	0	0	3408	3016	2086	12546	0	0	0	0	0
1851	4019	0	0	0	3170	3170	2083	12442	0	0	0	0	0
1850	0	0	0	1535	2200	3200	1650	8585	3900	0	6354	0	10254
1850	4071	0	0	0	2744	3319	2179	12313	0	0	0	0	0
1849	3988	2419	1349	1360	2365	3781	2210	17472	3744	0	7640	0	11384
1849	3988	0	0	0	2365	3781	2210	12344	0	0	0	0	0
1848	4018	0	0	0	2362	3926	2192	12498	0	0	0	0	0
1847	3974	0	0	0	2385	3240	2022	11621	0	0	0	0	0
1846	4039	0	0	0	2390	3225	2039	11693	0	0	0	0	0
1845	4126	0	0	0	2442	3135	2007	11710	0	0	0	0	0
1844	3910	0	0	0	2430	3286	2068	11694	0	0	0	0	0
1843	3960	0	0	0	2440	3135	2029	11564	0	0	0	0	0
1842	4040	2680	1212	1496	2860	3640	2368	18296	3576	0	7212	0	10788
1842	3991	0	0	0	2427	3054	2026	11498	0	0	0	0	0
1841	3981	0	0	0	2440	2894	2018	11333	0	0	0	0	0
1801	3344	1835	1138	1102	1923	2747	1920	14009	3825	0	4228	0	8053
1798	3392	2288	1172	1296	2072	2724	1912	14856	2988	0	4668	0	7656

1788	3096	1932	0	0	1649	0	1682	8359	2150	0	3009	0	5159
1775	0	0	1180	1244	0	3408	0	5832	0	0	0	0	0
1768	0	0	0	0	1880	2804	348	5032	0	0	600	0	600
1767	937	2256	1180	1428	0	0	0	5801	632	0	0	0	632
1758	2894	1810	1188	1428	1527	2339	1332	12518	780	0	2885	0	3665
1739	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1732b	2397	1594	897	1324	1207	2261	1314	10994	2084	0	1970	0	4054
1732a	809	1944	0	1420	0	0	0	4173	0	0	0	0	0
1721	0	0	787	1341	0	2418	0	4546	0	0	0	0	0
1708	2200	2000	0	0	1000	2800	1412	9412	2000	0	1680	0	3680
1687	1958	1258	0	0	977	0	1304	5497	1900	0	1515	0	3415
1623	658	1031	0	0	0	0	0	1689	710	0	698	0	1408
1527	200	288	0	336	80	380	136	1420	76	0	276	0	352

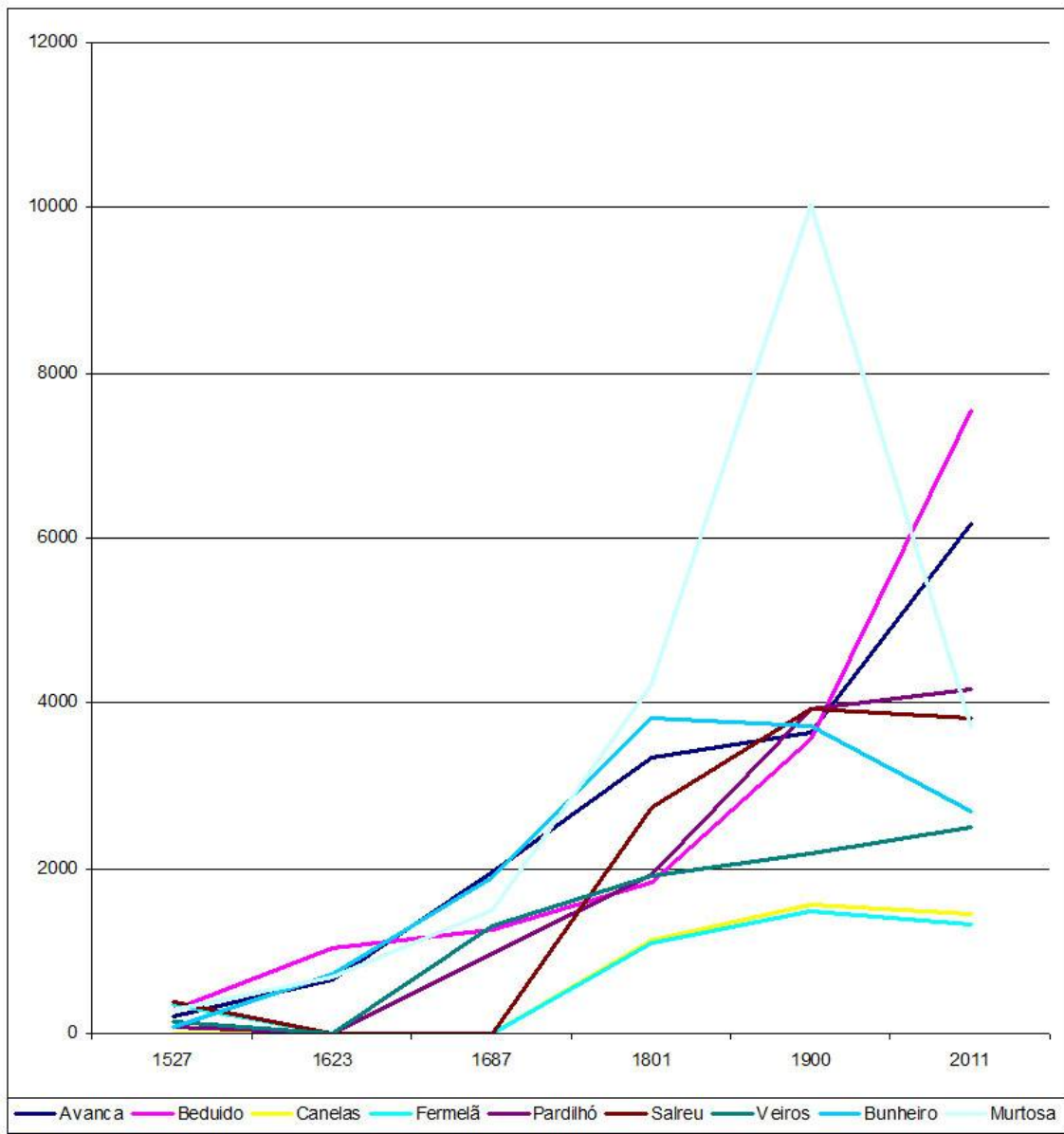
**FONTES:**

- 2011 – Censos 2011 - População Residente.  
2001 – Censos 2001 - População Residente.  
1991 – Censos 1991 - População Residente.  
1981 – Censos 1981 - População Residente.  
1970 – Censos 1970 - População Residente.  
1960 – Censos 1960 - População Residente.  
1950 – Censos 1950 - População Residente.  
1940 – Censos 1940 - População Residente.  
1930 – Censos 1930 - População Residente.  
1920 – Censos 1920 - População Residente.  
1911 – Censos 1911 - População Residente. Os valores das freguesias do Bunheiro e Murtosa incluem, respectivamente, a Torreira e o Monte, que ainda não eram freguesias mas tão só lugares destas freguesias. Assim, não deve contabilizar-se os valores do Monte e Torreira para apurar o total do concelho da Murtosa, no sentido de evitar a duplicação dos valores.  
1900 – Censos 1900 - População Residente.  
1890 – Censos 1890 - População Residente.  
1878 – Censos 1878 - População Residente.  
1864 – Censos 1864 - População Residente.  
1862 – *Diccionario geographico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas*, ed. Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão (Flaviense), Porto, Em Casa de Viuva Moré, 1862 (fogos, multiplicados por 4; números da edição de 1852).  
1860 – *Diccionario de villas e aldeas de Portugal*, ed. J. A. de Almeida, 1860 (segue de perto do "Flaviense"; fogos, multiplicados por 4).  
1858 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1857 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1856 – *Relatorio apresentado à Juncta Geral do Districto d'Aveiro*, ed. Anthero Albano da Silveira Pinto, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1857.  
1856 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1855 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1854 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1853 – *Diccionario Geographico abbreviado das oito provincias dos reinos de...*, ed. Pedro José Marques, 1853 (fogos, multiplicados por 4).  
1853 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1852 – *Diccionario geographico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas*, ed. Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão (Flaviense), Porto, Typ. de Sebastião José Pereira, 1852 (fogos, multiplicados por 4).  
1852 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1851 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1850 – *Diccionario Geographico*, ed. Paulo Perestrello da Câmara, Lisboa, 1850.  
1850 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1849 – *Os Recenseamentos da População Portuguesa de 1801 e 1849 – Edição Crítica*, ed. Luís Nuno Espinha Silveira (coord.), 3 vols., Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 2001.  
1849 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1848 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1847 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1846 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1845 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1844 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1843 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1842 – Decreto de 5.3.1842 - Colecção de Legislação Portuguesa, 1842, pp. 72-73 (fogos, multiplicados por 4).  
1842 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1841 – *Relatório sobre a cultura do arroz em Portugal e sua influência na saúde pública*, 1860.  
1801 – *Os Recenseamentos da População Portuguesa de 1801 e 1849 – Edição Crítica*, ed. Luís Nuno Espinha Silveira (coord.), 3 vols., Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 2001.  
1798 – *A população de Portugal em 1798: O censo de Pina Manique*, ed. Joaquim Veríssimo Serrão, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1970 (fogos, multiplicados por 4).  
1788 – *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto*, ed. Agostinho Rebelo da Costa, Porto, 1788 (reed. 2001) (almas).

- 1775 – *A Diocese de Aveiro no Século XVIII*, ed. João Gonçalves Gaspar, Aveiro, 1974 (fogos, multiplicados por 4).
- 1768 – *Portugal Sacro-Profano*, ed. Paulo Dias de Niza, vol. II, Lisboa, 1768 (Murtosa e Salreu vizinhos, multiplicados por 4; Pardilhó e Veiros fogos, multiplicados por 4).
- 1767 – *Portugal Sacro-Profano*, ed. Paulo Dias de Niza, vol. I, Lisboa, 1767 (Avanca, Bunheiro moradores; Beduído, Canelas, Fermelã fogos multiplicados por 4).
- 1758 – Memória Paroquial de 1758 (Avanca, Bunheiro pessoas maiores e menores; Beduído pessoas maiores, menores e ausentes; Bunheiro distingue Bunheiro e Sédouros; Canelas, Fermelã vizinhos multiplicados por 4; na Murtosa inclui-se cerca de 175 ausentes).
- 1739 – *Descriçam corografica do reyno de Portugal*, ed. Antólio de Oliveira Freire, 1755 (almas).
- 1732b – *Geografia histórica de todos os estados soberanos da Europa*, ed. Luís Caetano de Lima, vol. II, 1736 (almas).
- 1732a – *Diccionario geografico, ou notícia historica de todas as cidades... de Portugal, e Algarve...*, ed. Luís Cardoso, vol. I Lisboa, Officina Sylviana, 1747 (Avanca moradores); vol. II, Lisboa, 1751 (Beduído e Canelas vizinhos multiplicados por 4; Beduído distingue os habitantes da parte pertencente ao Mosteiro de Arouca dos de Santiaís).
- 1721 – Memória Paroquial de 1721 (Fermelã não conta crianças que não se confessam; Salreu inclui maiores, menores e ausentes).
- 1708 – *Corografia Portuguesa*, ed. António Carvalho Costa, 3 vols., 1706-1712 (vol 2, 1708; vizinhos, que multipliquei por 4).
- 1687 – *Constituições Synodales do Bispado do Porto*, ed. João de Sousa, Coimbra, 1735 (pessoas maiores e menores).
- 1623 – *Catálogo e História dos Bispos do Porto*, ed. Rodrigo da Cunha, Porto, 1623 (pessoas de comunhão+menores); *Catálogo dos Bispos do Porto*, ed. Rodrigo da Cunha / António Cerqueira Pinto, Porto, 1742.
- 1527 – “A povoação da Estremadura no XVI século”, ed. Anselmo B. Freire, *Arquivo Histórico Português*, vol. 6, 1908, pp. 275-277 (vizinhos, multiplicados por 4).



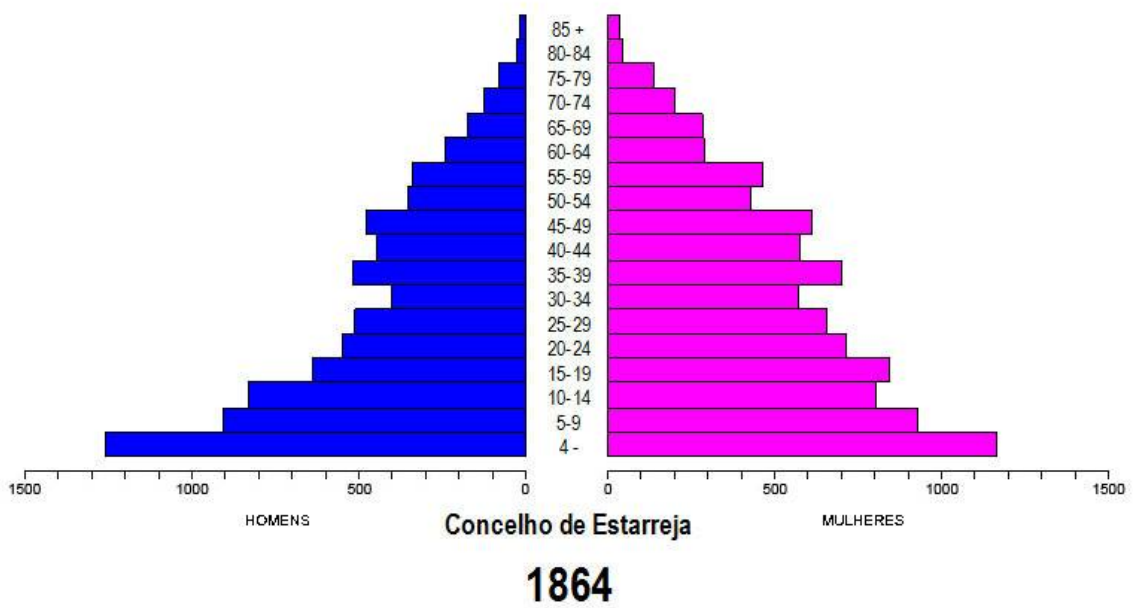
**Gráfico n.º 1** – Evolução da população dos actuais concelhos de Estarreja e Murtosa, desde o *Numeramento* de 1527 até aos Censos de 2011.



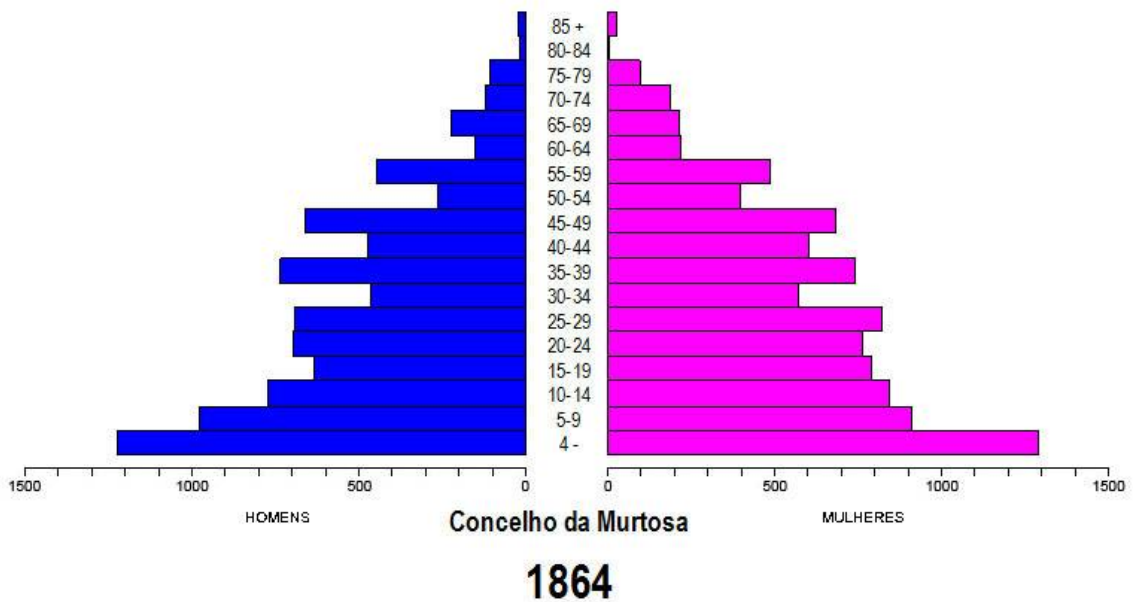
**Gráfico n.º 2** – Evolução da população das freguesias dos actuais concelhos de Estarreja e Murtosa, desde o *Numeramento* de 1527 até aos Censos de 2011.

**Quadro n.º 2** – Censos 1864 – Presentes, População de Facto. Dados para a pirâmide etária. Primeiro Recenseamento com dados completos e início da onda de emigração para o Brasil.

Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
86 +	21	38	14	17
81-85	27	45	11	3
76-80	82	140	62	55
71-75	123	201	69	108
66-70	175	280	126	122
61-65	238	286	87	124
56-60	335	460	253	276
51-55	350	425	148	224
46-50	470	604	372	386
41-45	442	570	268	339
36-40	510	691	414	418
31-35	396	566	261	324
26-30	507	649	390	463
21-25	540	706	393	431
16-20	628	832	357	445
11-15	819	791	436	475
6-10	892	916	550	513
5 -	1241	1149	688	725
Ausentes acidentalmente	766	298	604	178
População legal (MF)	18202		11080	



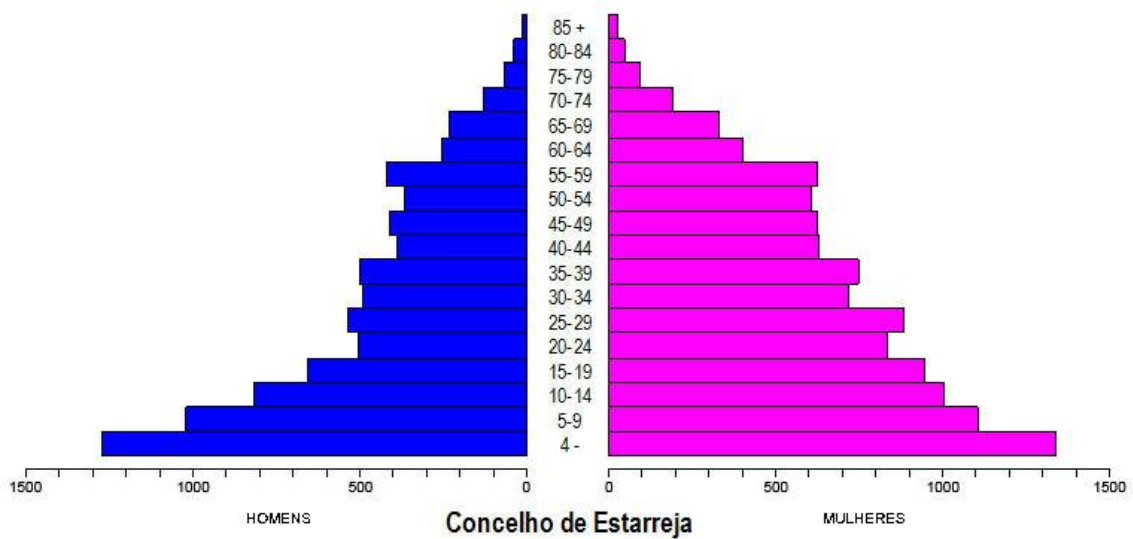
**Gráfico n.º 3** – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1864).



**Gráfico n.º 4** – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1864).

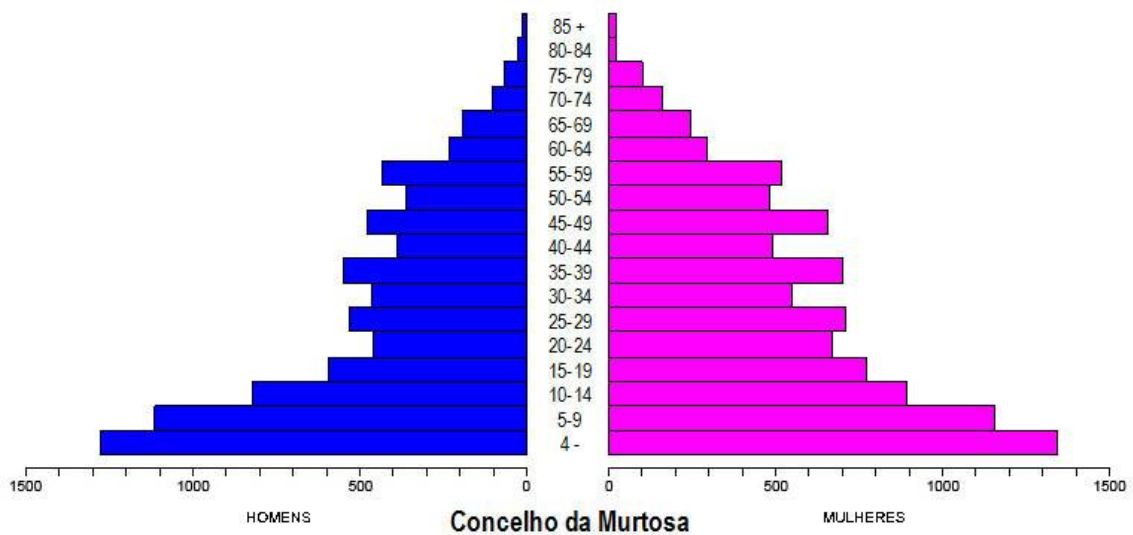
**Quadro n.º 3** – Censos 1878 – Presentes, População de Facto. Dados para a pirâmide etária.

Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
86 +	14	22	10	14
81-85	40	42	20	16
76-80	69	81	49	65
71-75	129	166	73	104
66-70	231	279	137	157
61-65	251	340	163	188
56-60	415	529	306	327
51-55	363	512	257	306
46-50	406	527	335	417
41-45	383	531	274	311
36-40	494	632	388	444
31-35	485	610	328	348
26-30	529	747	374	451
21-25	499	705	325	424
16-20	646	802	417	488
11-15	807	849	577	566
6-10	1005	935	785	733
5 -	1254	1132	898	851



**1878**

**Gráfico n.º 5** – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1878).



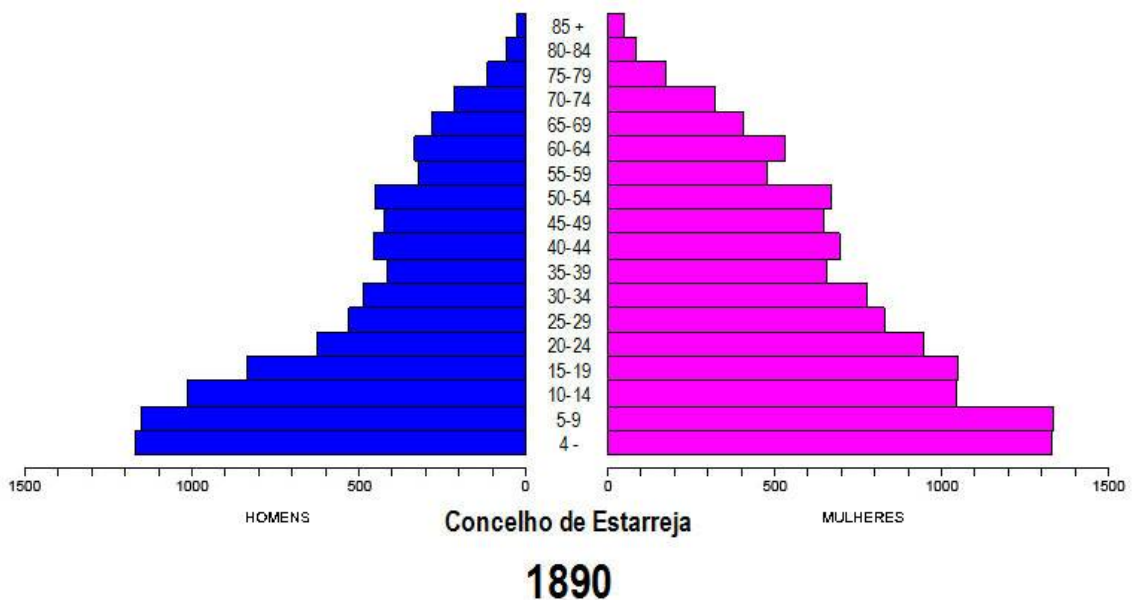
**1878**

**Gráfico n.º 6** – Pirâmide etária do concelho de Murtosa (1878).



**Quadro n.º 4 – Censos 1890 – População de Facto. Dados para a pirâmide etária.**

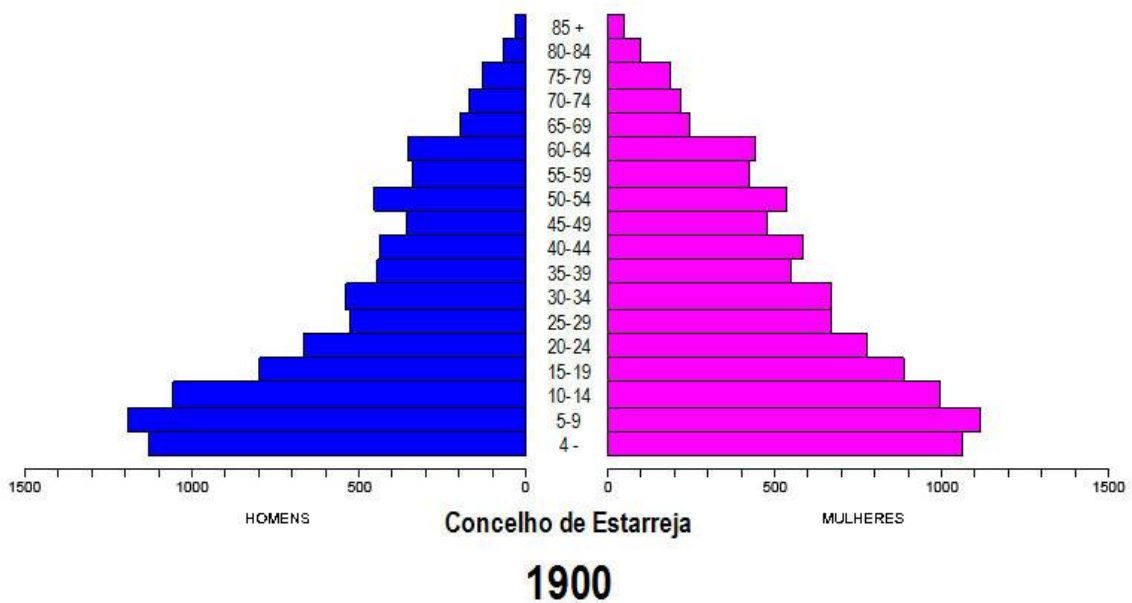
Concelho de Estarreja (incluindo a Murtosa)		
Idades	H	M
85 +	47	71
80-84	107	123
75-79	204	250
70-74	380	456
65-69	498	571
60-64	587	750
55-59	569	677
50-54	793	946
45-49	752	912
40-44	807	978
35-39	732	923
30-34	862	1095
25-29	935	1170
20-24	1101	1331
15-19	1468	1478
10-14	1785	1473
5-9	2022	1878
4 -	2056	1873



**Gráfico n.º 7 – Pirâmide etária do concelho de Estarreja, incluindo a Murtosa (1890).**

**Quadro n.º 5** – Censos 1900 – População de Facto. Dados para a pirâmide etária.

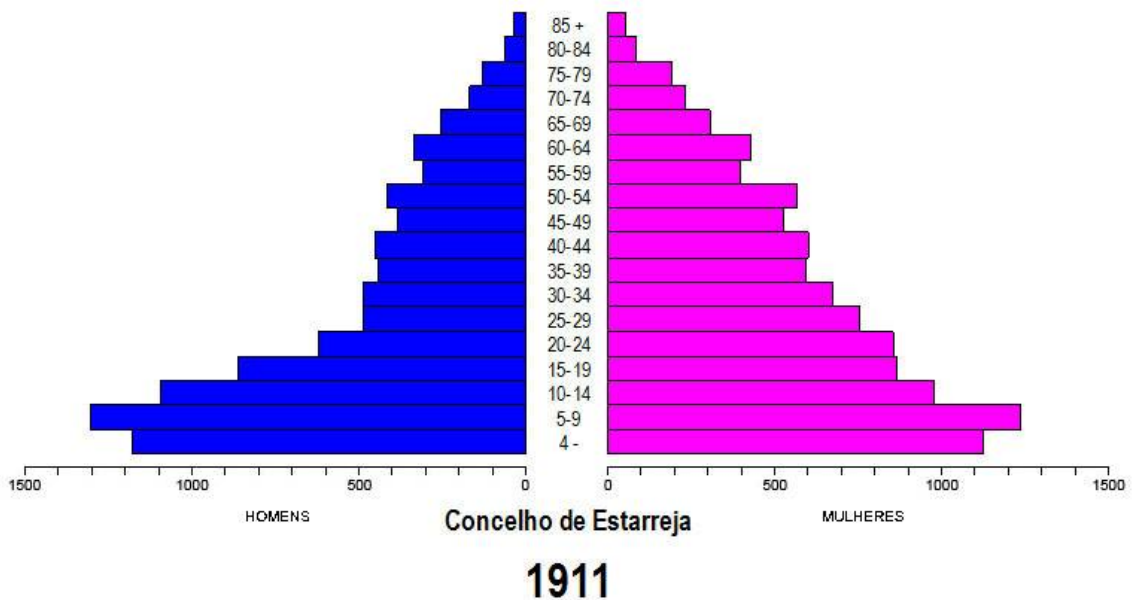
Concelho de Estarreja (incluindo a Murtosa)		
Idades	H	M
85 +	54	85
80-84	122	175
75-79	227	333
70-74	301	392
65-69	349	432
60-64	618	782
55-59	594	750
50-54	799	941
45-49	628	841
40-44	772	1032
35-39	785	972
30-34	952	1181
25-29	925	1181
20-24	1172	1368
15-19	1403	1562
10-14	1863	1756
5-9	2093	1960
4 -	1987	1873



**Gráfico n.º 8** – Pirâmide etária do concelho de Estarreja, incluindo a Murtosa (1900).

**Quadro n.º 6** – Censos 1911 – População de Facto. Dados para a pirâmide etária.  
Fim da monarquia e onda de emigração.

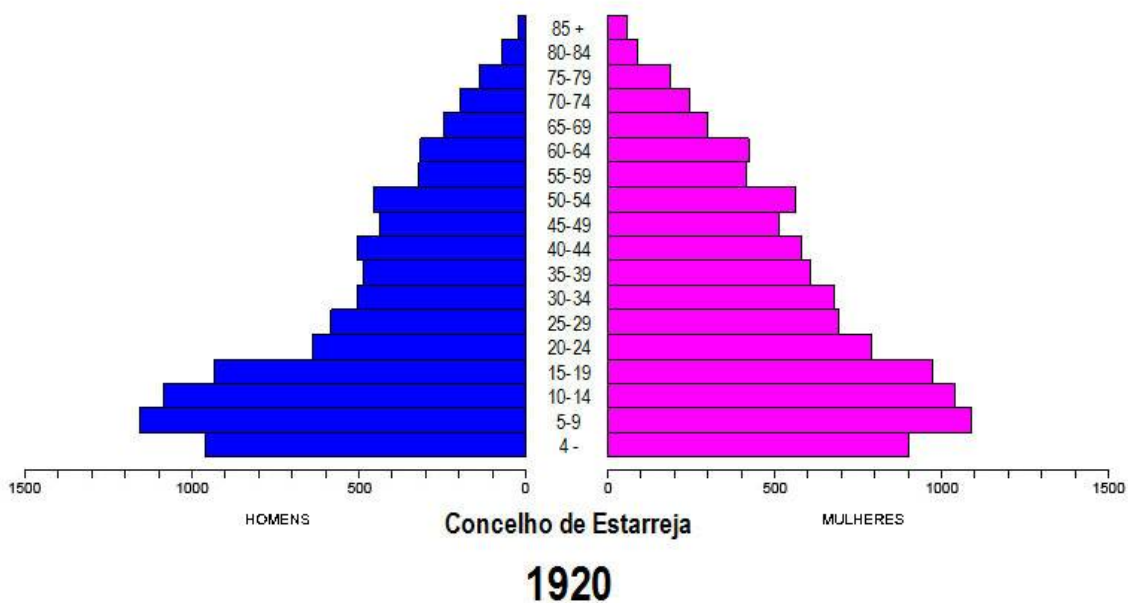
Concelho de Estarreja (incluindo a Murtosa)		
Idades	H	M
85 +	63	97
80-84	114	155
75-79	230	342
70-74	300	415
65-69	453	545
60-64	589	758
55-59	542	702
50-54	738	1000
45-49	682	926
40-44	795	1061
35-39	776	1044
30-34	860	1187
25-29	856	1329
20-24	1096	1507
15-19	1514	1524
10-14	1926	1722
5-9	2297	2174
4 -	2069	1976



**Gráfico n.º 9** – Pirâmide etária do concelho de Estarreja, incluindo a Murtosa (1911).

**Quadro n.º 7 – Censos 1920 – População de Facto. Dados para a pirâmide etária.**

Concelho de Estarreja (incluindo a Murtosa)		
Idades	H	M
85 +	45	98
80-84	126	152
75-79	249	327
70-74	347	427
65-69	434	518
60-64	559	740
55-59	567	725
50-54	802	985
45-49	771	895
40-44	889	1017
35-39	860	1066
30-34	891	1193
25-29	1031	1209
20-24	1127	1379
15-19	1641	1701
10-14	1909	1819
5-9	2037	1905
4 -	1691	1578



**Gráfico n.º 10 – Pirâmide etária do concelho de Estarreja, incluindo a Murtosa (1920).**

**Quadro n.º 8** – Censos 1930 – População de Facto. Dados para a pirâmide etária. Fim da Primeira República e onda de emigração.

Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
85 +	36	71	27	35
80-84	67	129	45	59
75-79	142	297	71	129
70-74	247	382	109	179
65-69	278	495	175	211
60-64	412	560	229	293
55-59	438	590	246	281
50-54	517	670	293	341
45-49	471	627	279	389
40-44	508	684	281	399
35-39	562	686	341	398
30-34	585	759	319	411
25-29	642	722	392	500
20-24	843	872	459	645
15-19	1066	1085	712	642
10-14	1073	980	669	614
5-9	1242	1140	753	786
4 -	1135	1090	705	646

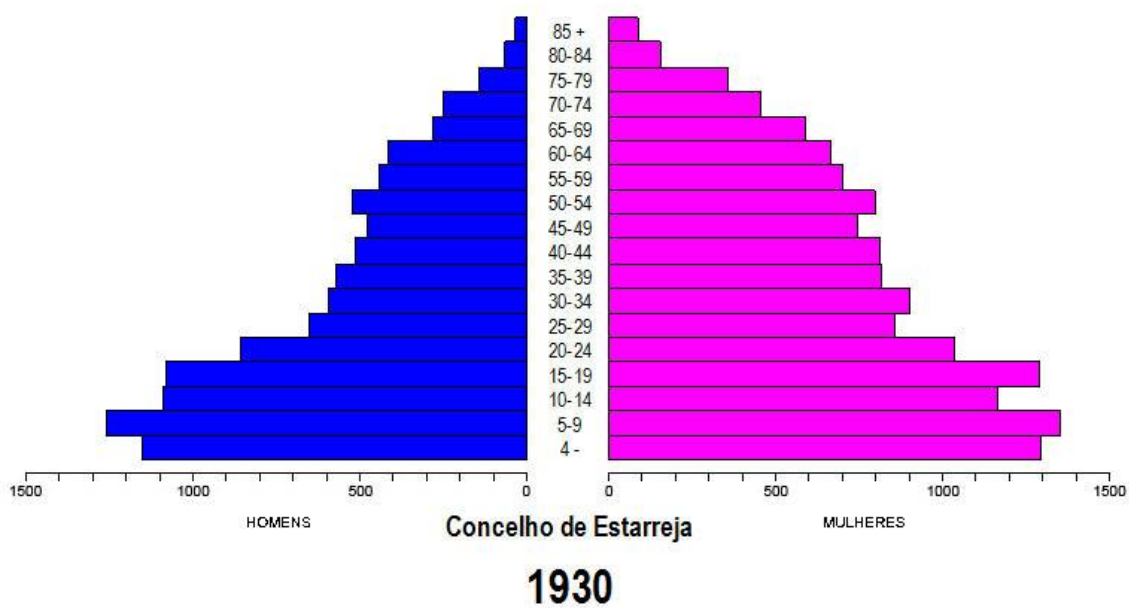


Gráfico n.º 11 – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1930).

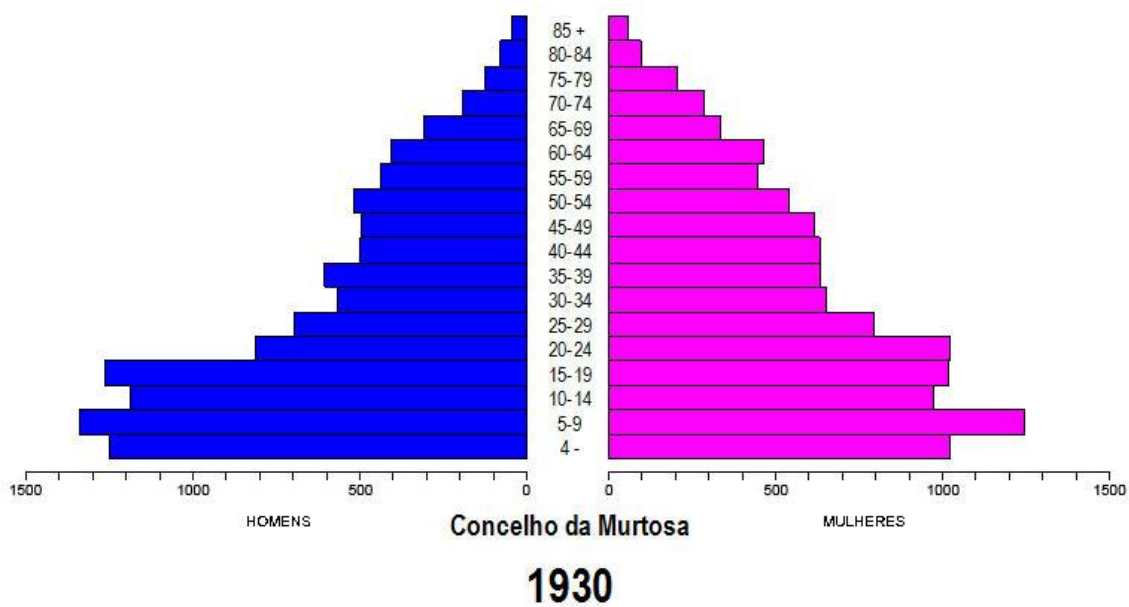


Gráfico n.º 12 – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1930).

**Quadro n.º 9** – Censos 1940 – População Presente. Dados para a pirâmide etária.

Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
85 +	47	70	22	52
80-84	96	131	47	88
75-79	171	292	105	148
70-74	276	339	146	213
65-69	331	488	204	238
60-64	433	522	248	287
55-59	450	599	241	332
50-54	469	701	286	370
45-49	491	671	293	383
40-44	548	695	298	371
35-39	567	825	348	454
30-34	611	831	334	483
25-29	750	899	418	496
20-24	792	867	454	521
15-19	1063	1074	612	668
10-14	1202	1142	728	683
5-9	1329	1320	803	794
4 -	1241	1227	732	695

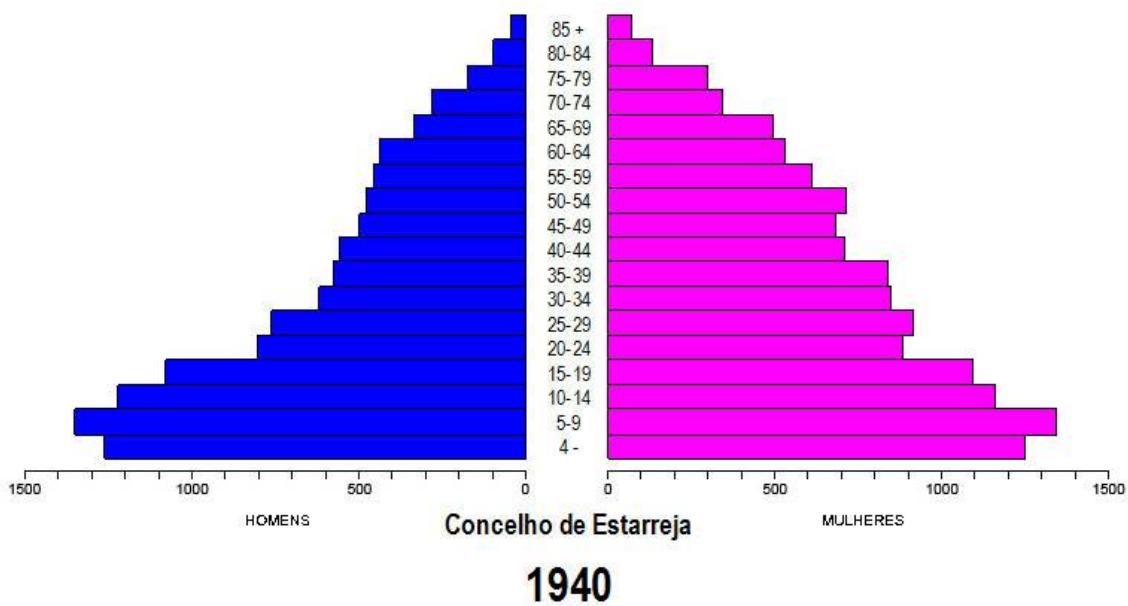


Gráfico n.º 13 – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1940).

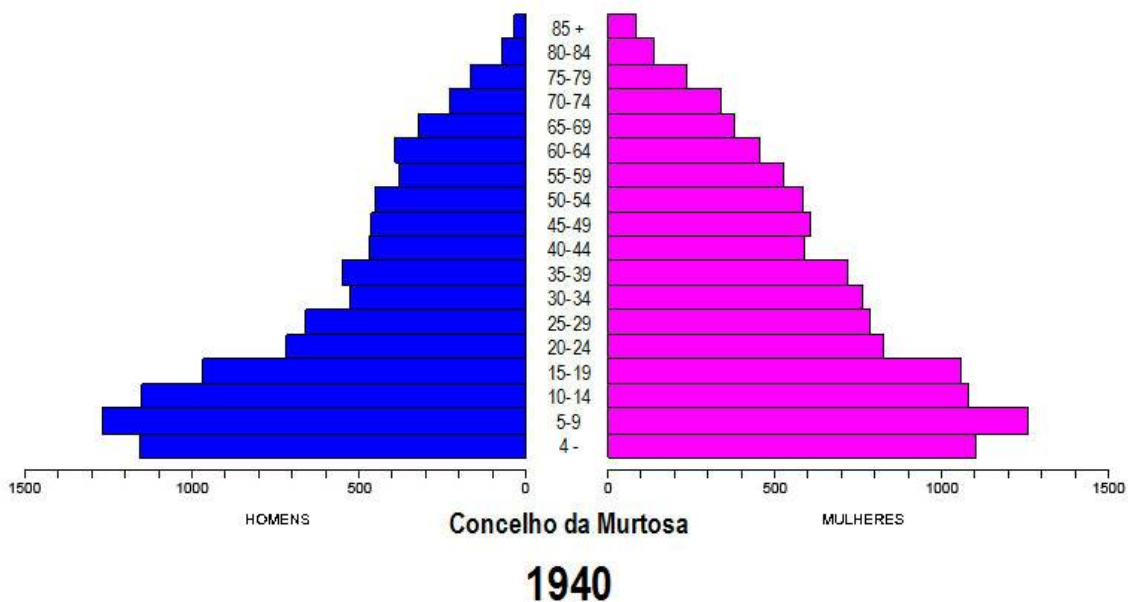
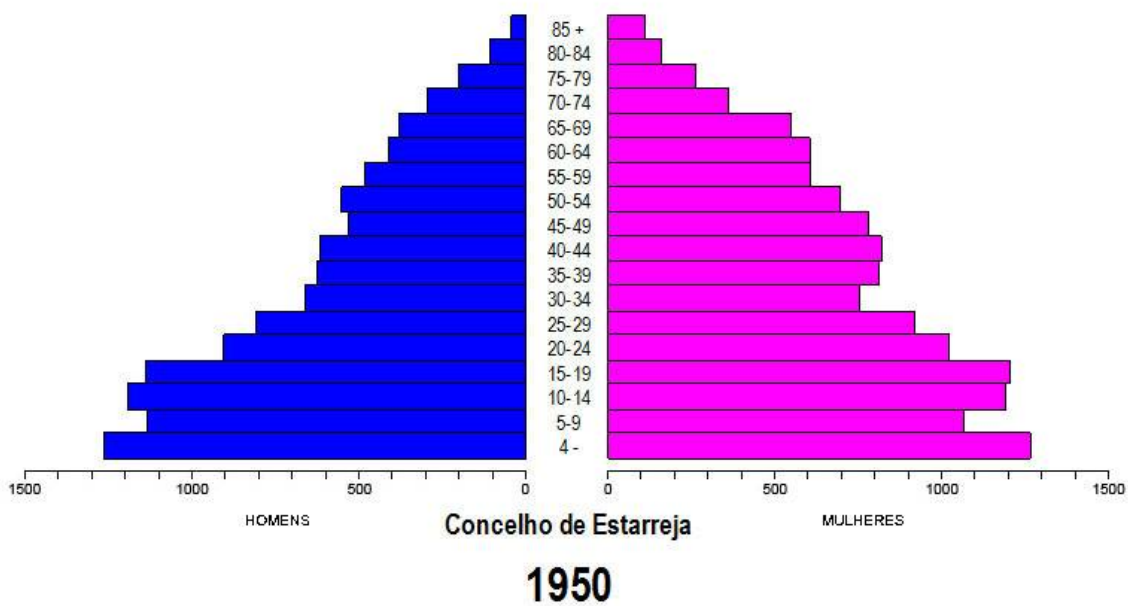


Gráfico n.º 14 – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1940).

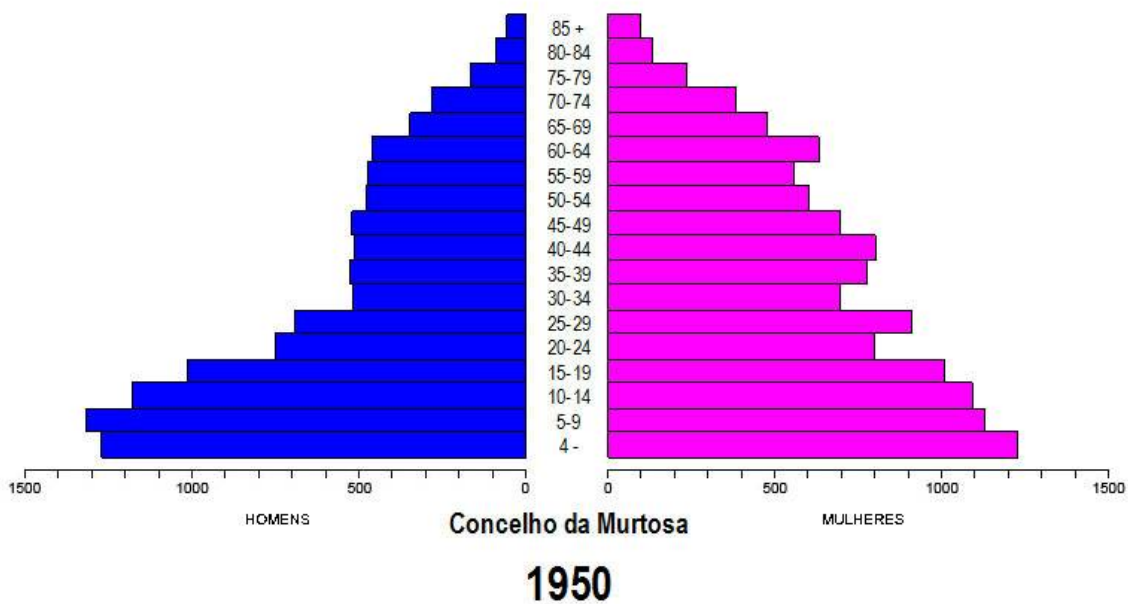


**Quadro n.º 10** – Censos 1950 – População Presente. Dados para a pirâmide etária.

Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
85 +	43	108	33	54
80-84	109	156	52	75
75-79	200	258	94	132
70-74	292	354	160	214
65-69	377	538	196	268
60-64	407	594	260	354
55-59	477	595	268	312
50-54	546	683	270	338
45-49	523	767	294	391
40-44	609	804	289	449
35-39	618	797	298	434
30-34	653	740	293	389
25-29	797	902	391	510
20-24	891	1003	423	447
15-19	1120	1183	571	566
10-14	1175	1171	663	612
5-9	1118	1048	741	633
4 -	1245	1242	715	689



**Gráfico n.º 15** – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1950).



**Gráfico n.º 16** – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1950).

**Quadro n.º 11** – Censos 1960 – População Residente segundo as idades. Dados para a pirâmide etária. Começa a Guerra Colonial e grande Onda de emigração.

Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
75 +	392	536	188	279
70-74	315	430	218	255
65-69	370	494	231	278
60-64	489	589	243	297
55-59	463	682	285	386
50-54	588	770	265	379
45-49	640	752	282	352
40-44	626	708	235	326
35-39	709	805	285	399
30-34	743	868	255	368
25-29	907	1018	293	426
20-24	854	1009	390	468
15-19	949	1044	659	511
10-14	1223	1209	665	633
5-9	1193	1154	654	622
4 -	1403	1271	675	616

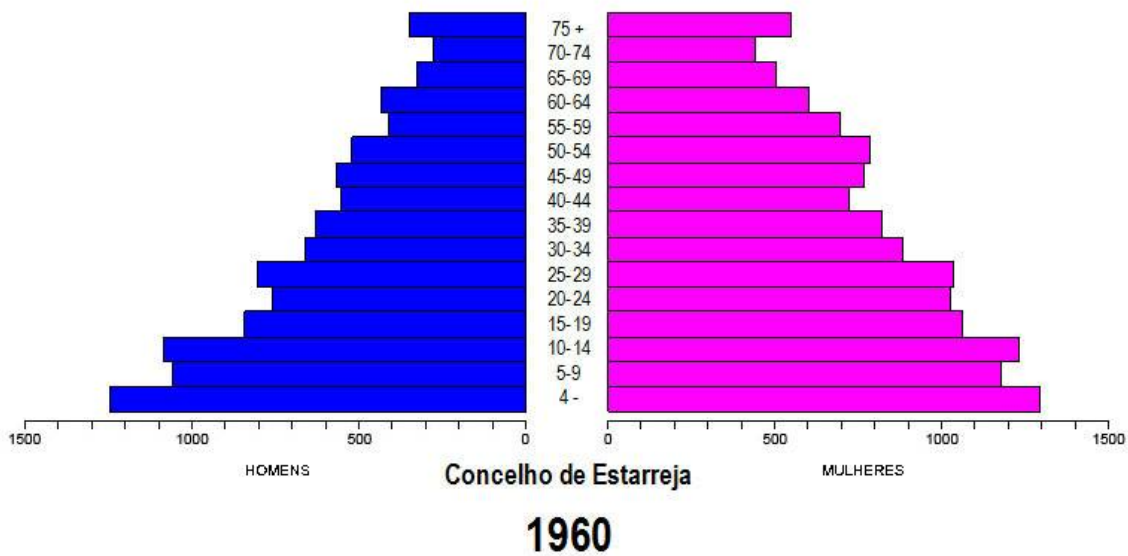


Gráfico n.º 17 – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1960).

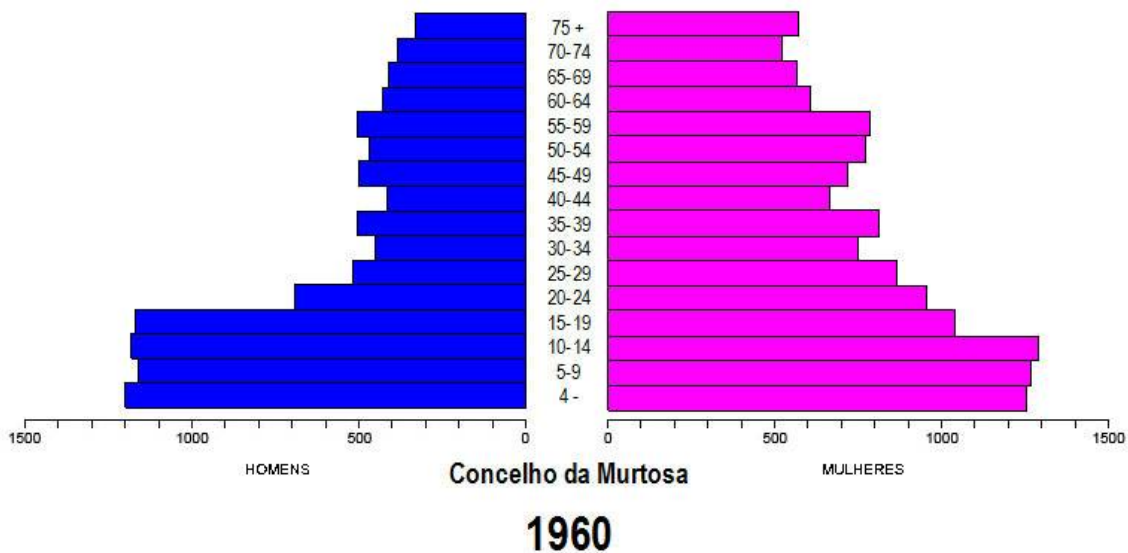
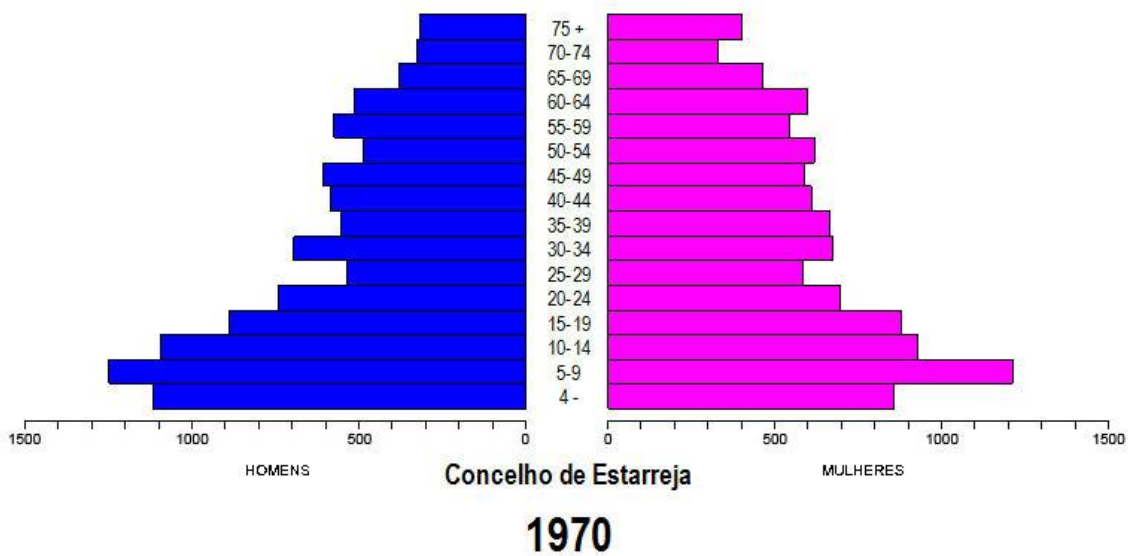


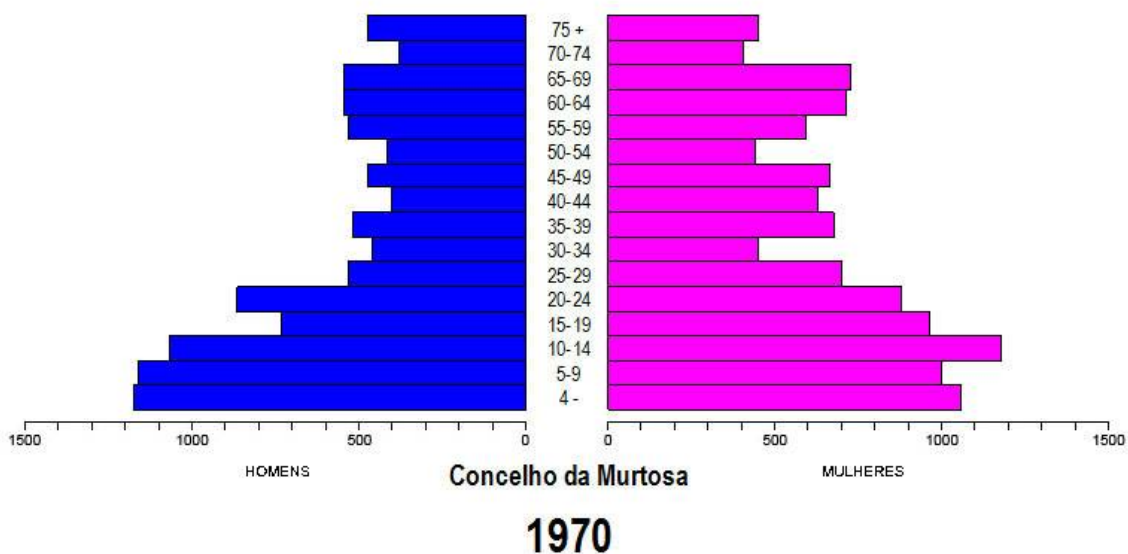
Gráfico n.º 18 – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1960).

**Quadro n.º 12 – Censos 1970. Dados para a pirâmide etária.**

Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
-	-	-	-	-
-	-	-	-	-
75 +	360	505	200	190
70-74	370	415	160	170
65-69	430	585	230	305
60-64	580	755	230	300
55-59	650	685	225	250
50-54	550	780	175	185
45-49	685	745	200	280
40-44	660	770	170	265
35-39	625	840	220	285
30-34	785	850	195	190
25-29	605	735	225	295
20-24	835	880	365	370
15-19	1000	1110	310	405
10-14	1230	1175	450	495
5-9	1405	1530	490	420
4 -	1255	1080	495	445



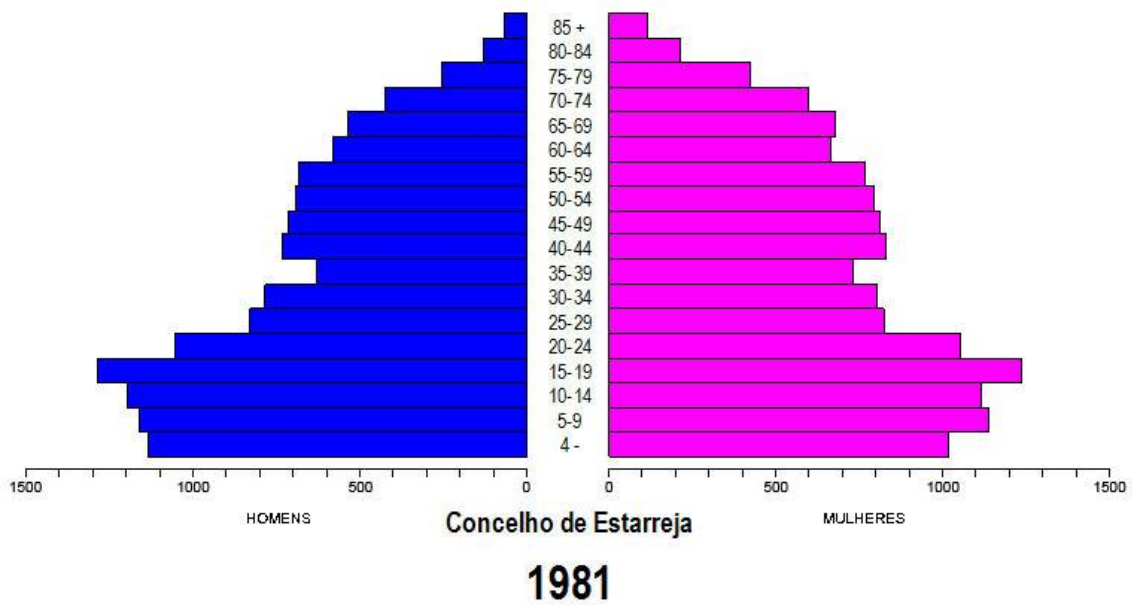
**Gráfico n.º 19** – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1970).



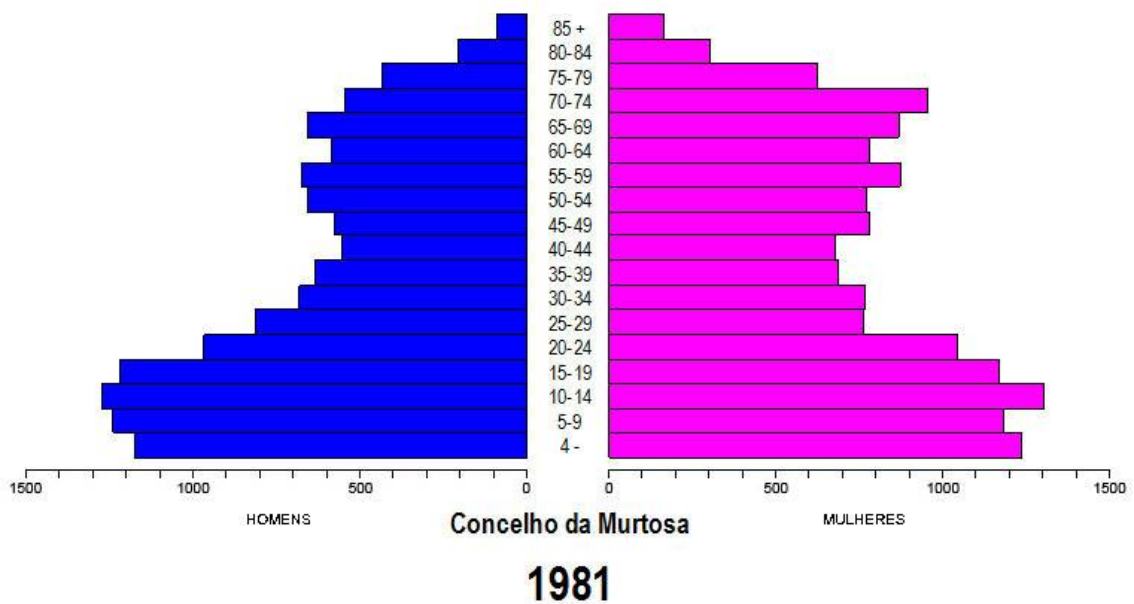
**Gráfico n.º 20** – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1970).

**Quadro n.º 13** – Censos 1981. Dados para a pirâmide etária. Inclui os retornados, o fim da grande onda de emigração e do Estado Novo.

Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
85 +	67	113	33	58
80-84	131	209	73	106
75-79	251	414	152	219
70-74	417	586	193	335
65-69	529	663	231	304
60-64	573	654	206	274
55-59	674	754	238	306
50-54	681	780	232	271
45-49	703	798	203	273
40-44	722	814	196	238
35-39	620	719	224	241
30-34	773	789	240	269
25-29	816	808	286	267
20-24	1038	1032	340	367
15-19	1266	1215	429	410
10-14	1180	1097	448	456
5-9	1142	1116	436	415
4 -	1116	1001	413	434



**Gráfico n.º 21** – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1981).

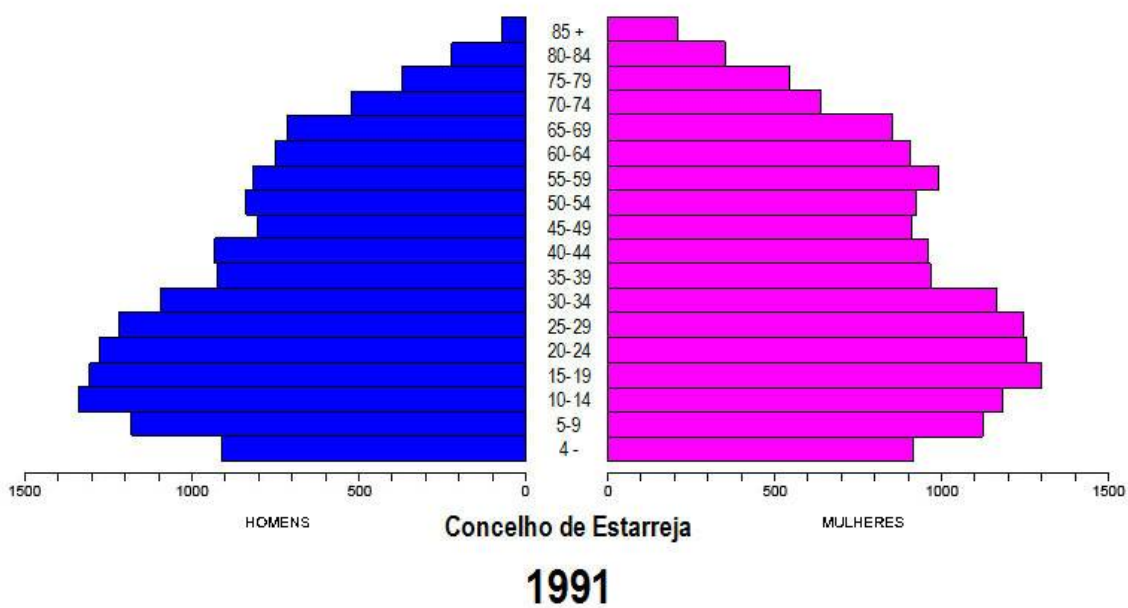


**Gráfico n.º 22** – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1981).

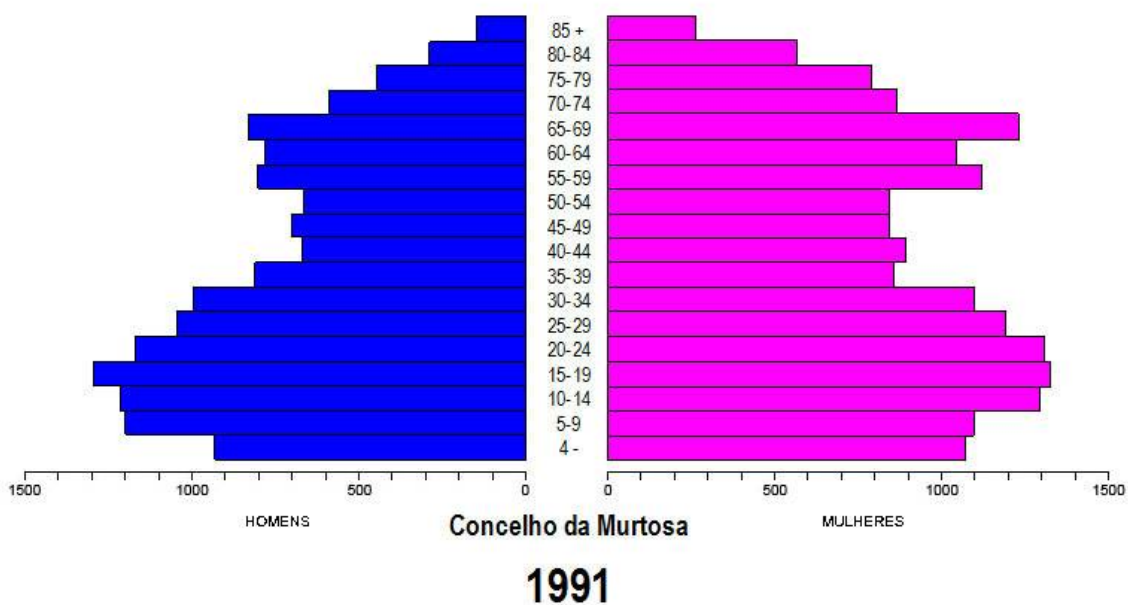


**Quadro n.º 14** – Censos 1991. Dados para a pirâmide etária.

Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
85 +	63	177	47	73
80-84	190	294	92	159
75-79	315	459	141	221
70-74	441	537	187	242
65-69	604	718	263	345
60-64	634	763	247	292
55-59	691	831	254	314
50-54	707	777	211	236
45-49	678	765	222	237
40-44	786	808	213	250
35-39	781	813	257	240
30-34	925	980	316	307
25-29	1027	1046	331	334
20-24	1078	1055	370	367
15-19	1102	1094	410	372
10-14	1129	995	384	363
5-9	998	944	380	307
4 -	769	768	295	300



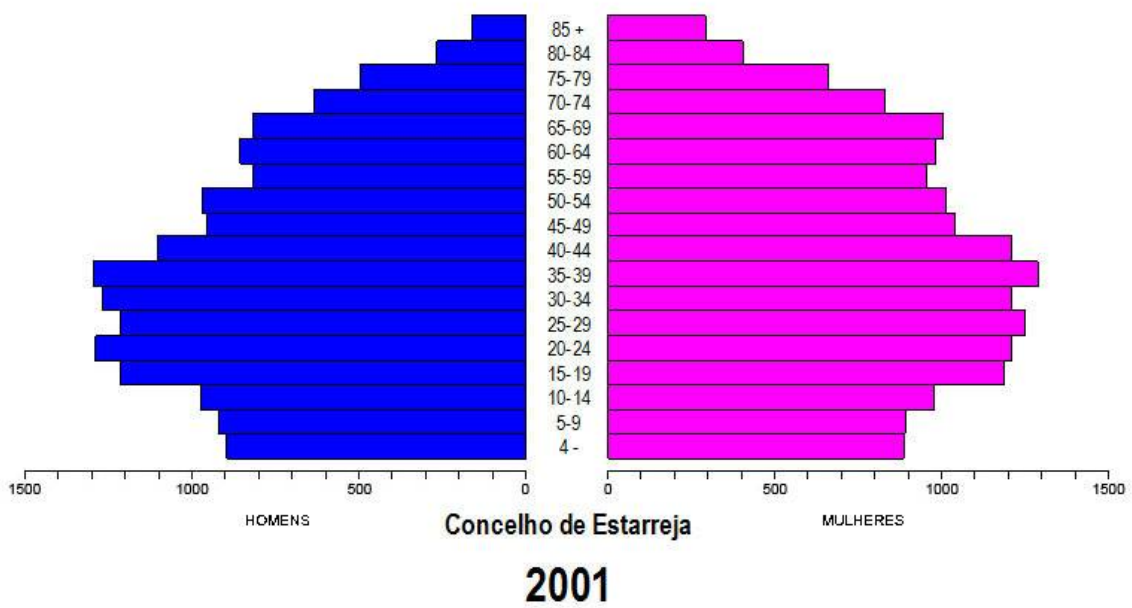
**Gráfico n.º 23** – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1991).



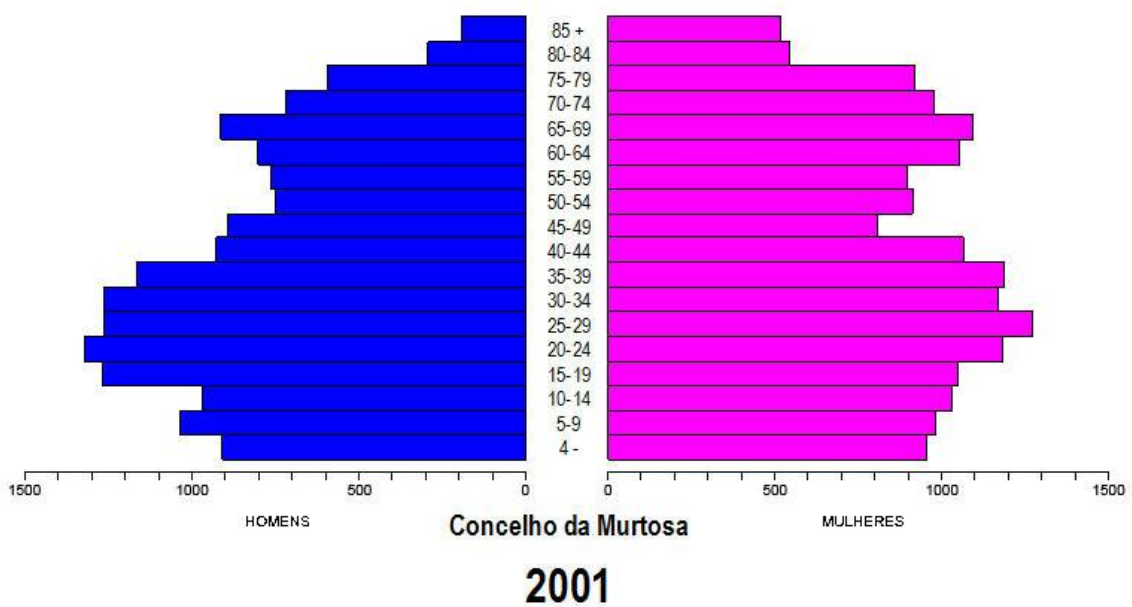
**Gráfico n.º 24** – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1991).

**Quadro n.º 15** – Censos 2001. Dados para a pirâmide etária.

Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
85 +	139	246	55	145
80-84	226	339	83	152
75-79	422	554	167	258
70-74	536	696	202	274
65-69	691	847	257	307
60-64	723	825	226	295
55-59	691	805	215	251
50-54	819	852	211	256
45-49	806	874	251	226
40-44	932	1018	261	299
35-39	1093	1083	328	333
30-34	1070	1018	356	328
25-29	1026	1052	356	357
20-24	1087	1018	372	332
15-19	1025	1000	357	294
10-14	820	823	273	289
5-9	777	748	292	276
4 -	756	745	256	268



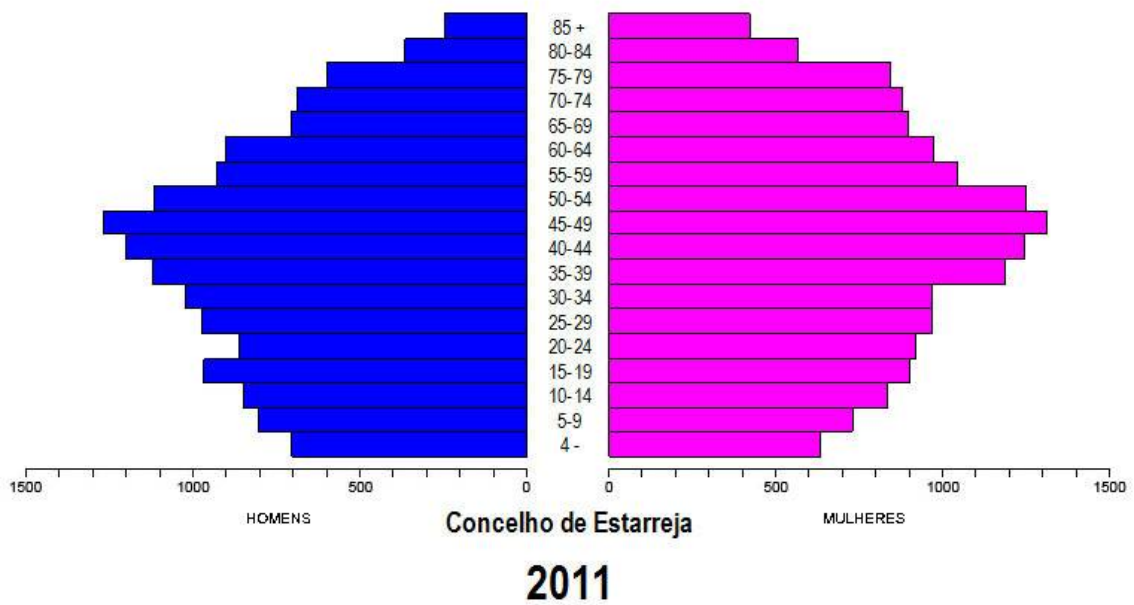
**Gráfico n.º 25** – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (2001).



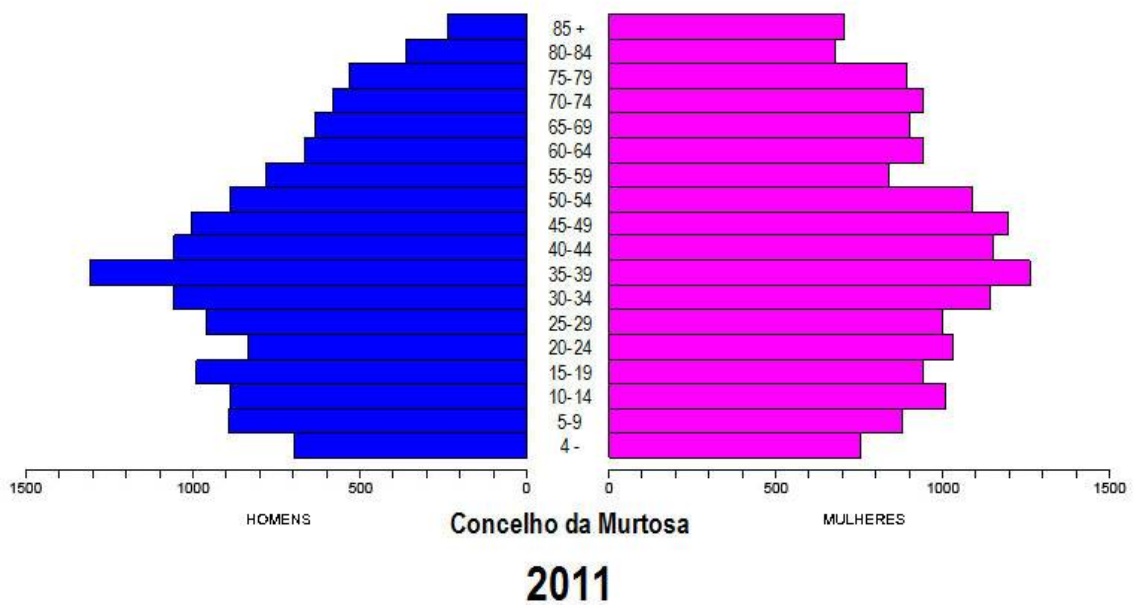
**Gráfico n.º 26** – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (2001).

**Quadro n.º 16** – Censos 2011. Dados para a pirâmide etária. Actualidade, Portugal em democracia.

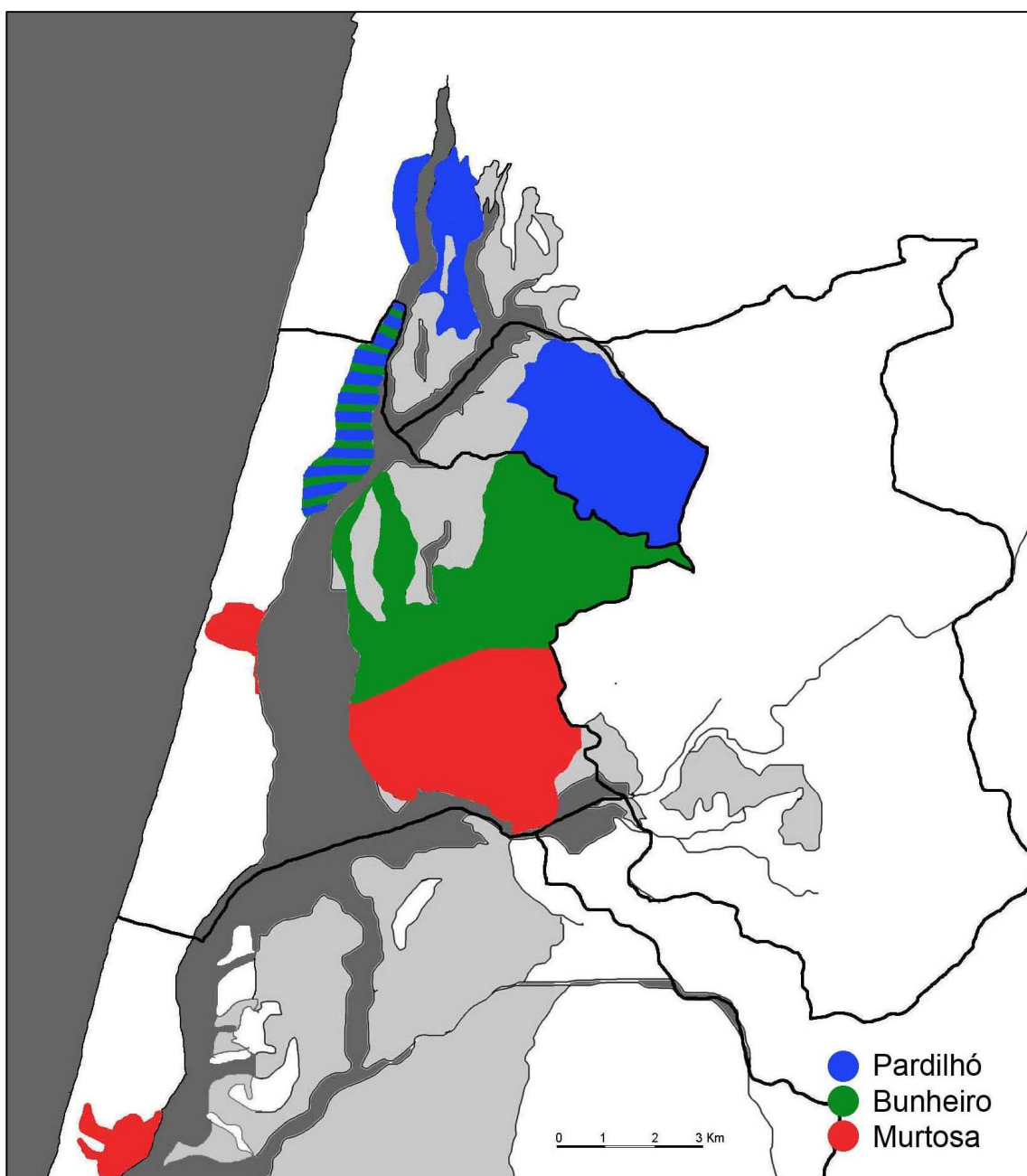
Idades	Concelho de Estarreja		Concelho da Murtosa	
	H	M	H	M
85 +	207	353	84	222
80-84	309	478	128	214
75-79	506	709	188	281
70-74	581	739	204	298
65-69	597	752	224	284
60-64	761	818	235	297
55-59	785	880	275	265
50-54	941	1051	312	343
45-49	1070	1104	354	377
40-44	1013	1049	372	364
35-39	945	997	460	398
30-34	865	814	372	360
25-29	822	817	337	315
20-24	728	773	294	325
15-19	817	757	348	297
10-14	716	702	313	318
5-9	680	614	314	277
4 -	596	532	246	238



**Gráfico n.º 27** – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (2011).



**Gráfico n.º 28** – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (2011).



**Figura 1** – Ocupação do litoral por naturais das freguesias marinhas dos concelhos de Estarreja e Murtosa.





MARCHANDE DE POISSON DE PARDILHO.  
(Portugal.)

**Figura 2** – *Marchande de poisson de Pardilho / Vendedeira de peixe de Pardilhó.*  
In: *Moeurs, usages et costumes de tous les peuples du monde.* Vol. II –  
Europa. ed. Auguste Wahlen, Bruxelles, Librairie Historique-Artistique, 1844.



ESPAGNE ET PORTUGAL, 3.



M<sup>ME</sup> DE POISSONS DE PARDILHÉ ET MURTOJA  
(Portugal)

MUSÉE COSMOPOLITE, N° 81.

Ancienne M<sup>ME</sup> AUBERT, rue Berçère, 20.

**Figura 3** – *Mde. de poissons de Pardilhé et Murtoja (Portugal) / Vendedeira de peixe de Pardilhó e Murtosa (Portugal).*  
In: *Espagne et Portugal - Musée Cosmopolite. Album de costumes espagnols et portugais.* ed. Aubert, Paris, c. 1850.





**Figura 4** – Varina da Murtoza.  
In: *Álbum de Costumes Portuguezes*, ed. David Corazzi, Lisboa, Typographia  
Horas Romanticas, 1888.



## Os pescadores de Vila Franca



Calmaria

Agora por esta época e nos mezes que vão até maio, essas pitorescas regiões de Vila Franca e Azambuja teem uma mais agitada vida. E' que chegam as campanhas de pescadores d'Ovar, Estarreja, Murtosa, gente tsnada, nas suas meias luas, com os seus gorros enterados até ás orelhas, cheia de frio com as geadas grossas, tremula nas castorinas dos casibeques enquanto o puxar da grossa rede mão a aquece com o auxilio da golada da cabaca d'aguardemte.

Chegam do norte, da região trabalhadeira que é a faixa de terra junto ao oceano largo, a patria ovarina por excelencia



Depois da venda





Lavando as gigas

onde as mulheres são lindas e os homens generosos e acampam em Vila Franca nos barracões da praia e na Azambuja na antiga casa do Palacio onde se recolhem à noite da sua faina na pesca do savel.

O mar de Vila Franca até Valada é belo viveiro d'esse peixe espinhoso mas de tão delicado sabor que sempre fazia parte dos festins dos nossos avós como um mimo nas épocas da sua pesca e quando o portuguez



O amor pelo velho barco

Figura 6 – Idem.





sabia comer. Os pescadores sabem quanto tem valor o savel e, então, aos quinhentos a seiscentos pescadores habituaes da Vila Franca veem juntar-se as ovarinas em numero quasi igual, chegando a encontrarem-se aos tresentos na Azambuja.

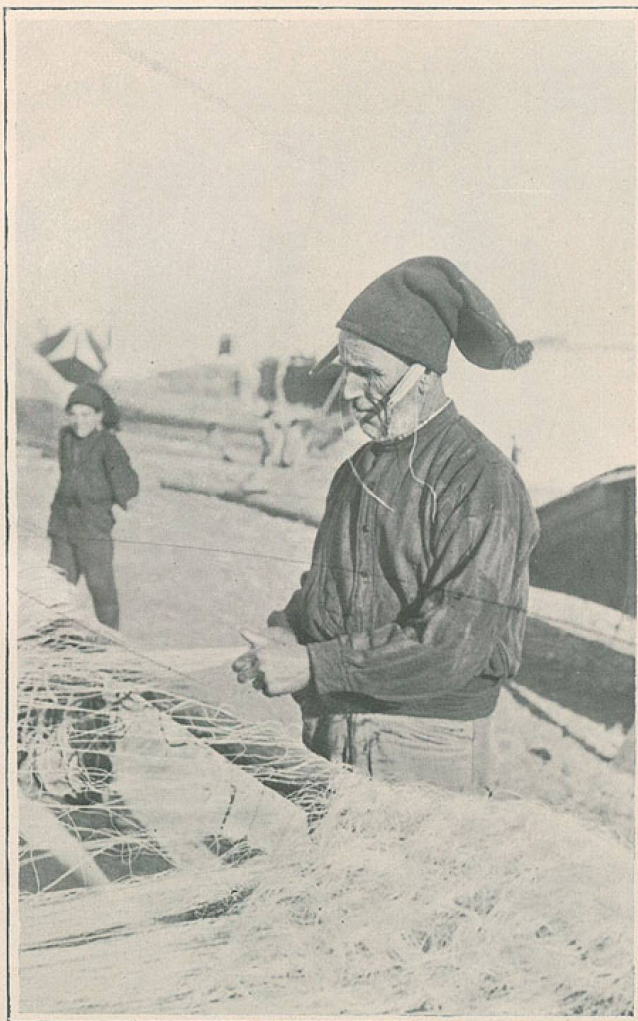
Aquelas companhas que correm riscos, tambem obteem lucros n'uma divisão certa e egualitaria que antes dos economistas tratarem dos principios associativos já por elles tinha sido compreendido e posto em pratica.

Chegam para o trabalho, atiram a rede e vão fazendo a sua pesca com acerto, mergulhando as redes grossas, fazendo a colheita e recebendo cada um d'elles, conforme a sua categoria, o salario. Ao cabo de todo o tempo em que servem n'aquella epoca é o lucro dividido em partes correspondentes a cada posto começando o arraes por ter a maior e sendo as dos outros proporcionaes.

O savel vende-se n'este tempo de duzentos e vinte a duzentos e quarenta réis o kilo, o que dá uns quinhentos réis por cada peixe e como ha este ano grande abundancia, boa deve ser a receita dos pescadores ovarinos e dos que habitam todo o ano em Vila Franca.

São modestas mas limpiissimas as

suas moradas abarracadas da rua Direita e do Largo da Feira, onde pelas portas entreabertas, em cujos humbraes ha sempre uma rede, se divisam as mesinhas carregadas de buzios, as cadeiras de tabúa e uma ninhada de pequenitos brincando ao sol, emquanto não vão nadar para as aguas douradas como golfinhos.



Fazendo rêde

As mães entregamnos geralmente a alguma irmã-sita mais crescida ou a alguma avó rugada que vae fazendo a sua meia grossa para os homens calçarem sob as grandes botas d'agua, porque não param em casa as mulheres dos pescadores de Vila Franca.

O principio d'associação tambem entre os casaes se mantém n'uma tradição que dá prosperidade. O marido trabalha mas a mulher coadjuva-o largamente.

E assim todos os dias os comboios de Vila Franca trazem nos seus «fourgons» as gígas com os saveis, as tainhas saborosas, os linguados pequenos,

que são sem igual e que são pescados além no rio e nas terceiras classes ranchadas de mulheres que vão ficando pelos apeadeiros ao longo da flinha até Cabo Ruivo.

Na passagem do comboio saltam para terra, escolhem a sua canastra e atravessam logo pelos atalhos di-

Figura 7 – Idem.



reito aos povoados onde vendem o seu peixinho fresco que Lisboa—a maltratada—raramente saboreia desde que o progresso trouxe os vapores de pesca e os modernos frigoríficos: os maiores inimigos do bom cosinhado de peixe.

Cabo Ruivo, Olivaes, Sacavem, Moscovide veem-nas passar cobertas de poeira e sequiosas pelos verões levando as pescarias, agora os saives que constituem hoje o grande commercio de Vila Franca onde as companhias se instalaram com todo o seu pessoal trabalhador e pitoresco.

boas pescas devendo ser muito grandes os seus lucros se os temporaes não vierem prejudicar os seus trabalhos.

Lá estão nas suas bateiras, com as redes grossas por Azambuja, Vila Franca e Valada na faina diaria, satisfeitos com os resultados obtidos até agora.

Em maio larga para a terra ova-



1. O brazeiro dos piteus.—2. Fim da tarde

Na Valada, no local onde o Club Naval costuma fazer as suas regatas, estão varias companhias d'Ovar e Estarreja que teem feito

rina onde vão empregar o dinheiro ganho n'esta abençoada região ribatejana.

(Clichés do sr. A. Garcez Rodrigues)

Figura 8 — Idem.



## PESCA DO SAVEL

Quem, noite alta, vier Tejo acima n'estas noites serenas e estreladas ficará agradavelmente surpreendido com o espectáculo que se lhe depara na parte compreendida entre a Povoia de Santa Iria e a Vala da Azambuja, mórmente em frente de Vila Franca. O Tejo apresenta-se coalhado de lanternas com pequenas luzes de azeite, semeadas aqui e acolá sobre boias de barro e cortiça, das redes lançadas ao rio. Peito, vão deslizando mansamente, ao sabor das correntes, barquinhos a dois remos, com dois tripulantes atentos ás redes. Se algum barco á vela vae passando despercebido por logar onde elas estejam postadas, logo das bateiras, que é o nome dos barquinhos, lhe gritam: «Levanta o leme»; não sendo ouvido o grito ou sendo desprezado, as redes danificadas e rompidas, chove das bateiras uma praga de imprecações: «Maldiçoados, raios os suvertam, oh canalha» e volta logo o rio ao mesmo socego e modorra. E' assim a pesca do savel em Vila Franca, Alhandra e Carregado.

De todas as fôrmas de pesca do savel a mais interessante é, sem duvida, a praticada á entrada da Vala da Azambuja, na baixa-mar, quando estão a descoberto os «cabeços», grandes bancos de areia. E' a chamada «pesca á varina».

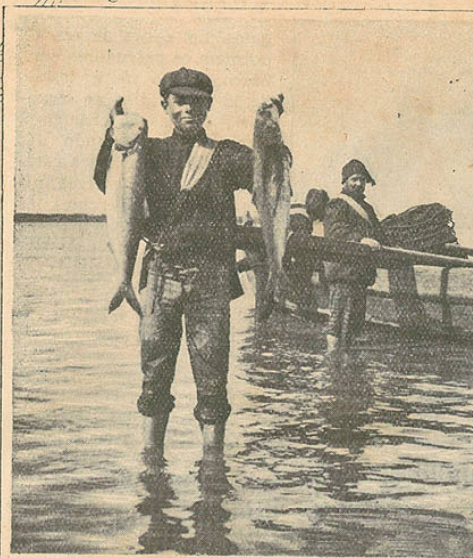
No mez de março de cada ano formam-se duas a tres sociedades, chamadas as «companhas», em volta das quaes se agrupam cerca de 100 pescadores. As redes são enormes, de malha larga, só para peixe graúdo, tendo ao centro o sacco onde o savel se vae acoitando, quando do arrasto. A pesca faz-se só na baixa-mar.

Quando a areia começa a aparecer, espetam no meio do areal duas «fateixas», especie de ancoras, em ferro, com tres grandes dentes, a que estão ligadas as redes. Lançadas elas ao rio, a parte inferior vae ao fundo com o peso dos «pandulhos», rodelas de barro fabricadas pelo Zé Oleiro de Vila Franca que vão «entra-



1. O barco «da enviada» — 2. Puxando as redes com as requeixas





Dois bons saveis



Comendo

lhadas», nas redes, isto é, ligadas a elas por um cordel atravessado ao centro. Começa então o arrasto. Todos os pescadores armados de «requeixas», especie de silhas em volta do peito, onde em ganchos de ferro se prende a corda da parte superior das redes, vão-nas trazendo para o areal em enorme gritaria. Ao centro o arraes, vigilante, vae dando as suas ordens entre pragas, a voz possante, para se fazer ouvir de toda a companhia. Logo que aparece o sacco onde está acoitado o savel, parte dos pescadores, arraes á frente, para lá se dirigem. O savel vae sendo tirado e arremessado para o largo, para o meio do areal.

Se o «lanço» foi bom, o sacco a extravazar de peixe, é curioso de vêr-se o enorme conten-

disparatadas manifestações da sua alegria. Se ao contrario o lanço foi mau, a sua tristeza redunda em pragas á avareza do mar e em imprecações á sua triste sorte.

Emquanto o savel pescado se contorce nos ultimos arrancos da vida, são lançadas ao rio as redes de outra companhia e os primeiros pescadores almoçam. Bem fragil é a refeição dos pobres homens, comida em pé ou deitados na areia: em geral umas lascas de bacalhau, cru ou assado, com um naco de pão de milho.

Do areal é o savei conduzido para as bateiras, á espera que o «barco da enviada», enorme barco á vela, o conduza para Lisboa, a vintem o peixe.

Terminada a tarefa, dirigem-se os pesca-



Emquanto uns pescam descansam os outros

tamento de todos os pobres pescadores. Formam circulo em volta dos saveis amontoados, ainda meio vivos, e dançam, cantam, bailam, entregando-se ás mais

dores para o «Tio Gorin», taberna flutuante que funciona n'um barco, em cima do valado, á sombra das arvores.

Figura 10 – Idem.





gatos. Em época de pesca dormem os pescadores em barco, vindo só a terra de 15 em 15 dias ao «enxugue», que assim chamam á lavagem e arremendo das redes. Teem costumes característicos e por vezes originaes, muito diferentes dos d'esta região. Além dos pescadores que permanentemente vivem aqui, alguns com um bom peculio com que vão aranjando rasoavel pa-

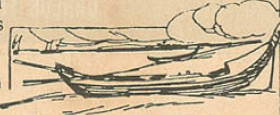
Todo o savel vendido em Lisboa é pescado aqui, ad-vindo grande riqueza a esta região da sua pesca. Ha 4 anos no «barco da enviada» foram transportados para Lisboa 90.000. Nos ultimos 3 anos em que a «safra» (as-sim se chama a pescaria) foi menos abundante, devido ás constantes cheias do Tejo, teve uma media de 35 a 40.000 peixes.

Os pescadores não são fi-lhos d'esta região do Riba-tejo. Veem de Aveiro, Estar-reja e Ovar e são conheci-dos pela designação gene-rica de «varinos». Teem um bairro quasi exclusivamente seu em Vila Franca, na com-prida rua do Alegrete. Vi-vem em promiscuidade, fam-lias varias na mesma ca-sa, homens com mulheres, paes com filhos, cães com



trimonio para os filhos, todos os anos em fe-vereiro veem ranchos de Ovar e Estarreja, de-morando-se até fins de maio, quando o savel começa a rarear. A' despedida, os que ficam acompanham os patricios á estação, umas ve-zes fartos e contentes, outras desiludidos, com esperança só em anos futuros mais felizes.

Pedro de Navarra



1. Preparando uma caldeirada—2. As redes para a bateira—3. Colhendo a rede — 4. Arremesso do savel para a areia

Clichs do distinto amator de Vila Franca sr. J. Coutinho

Figura 11 – Idem.



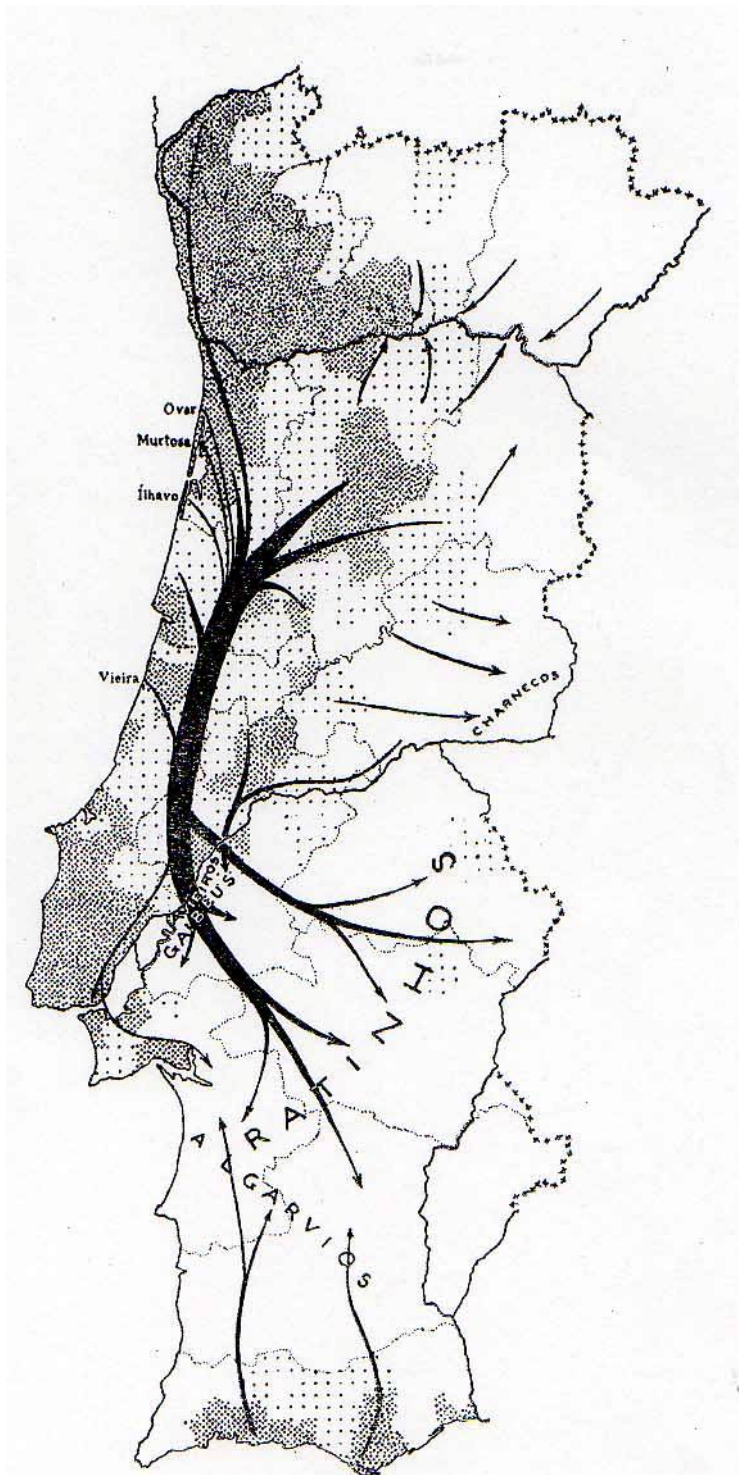


Fig. 145 — CORRENTES INTERNAS DA POPULAÇÃO

As zonas a branco correspondem densidades de menos de 50 hab. por km.<sup>2</sup>; às pontoadas de malha mais larga, densidades compreendidas entre 50 e 100 hab.; às de malha mais apertada, densidades superiores a 100 hab. Verifica-se que a população se desloca periódicamente entre zonas de densidades diferentes.

Figura 12 — AMORIM GIRÃO, Aristides de — *Geografia de Portugal*, 1941, p. 301.

## Texto 1

### ESTRANGEIROS EM ESTARREJA

*«Pode dizer-se – mais ou menos enfaticamente... - que Estarreja regorgita de estrangeiros.*

*Em plena execução da segunda fase do equipamento fabril do Amoníaco Português, para as quais se erguem novas e grandes construções, têm vindo e continuarão por alguns meses a chegar e a permanecer entre nós, encarregados da montagem da maquinaria toda fornecida pela recuperada indústria da Alemanha ocidental, dezenas de técnicos dessa nacionalidade – engenheiros e operários especializados – que enchem o hotel e as pensões locais e se instalam em casas de renda, alguns acompanhados de família.*

*Os alojamentos que Estarreja pode oferecer-lhes tornaram-se insuficientes, obrigando alguns deles a demandarem outras terras próximas para habitar, até aqui se deslocando diariamente, de Espinho, sobretudo, dado o grande número de casas vagas ali existentes nesta quadra.*

*É que nos domínios daquela empresa, entre nacionais e estrangeiros, dirigentes e operários, empregados nas novas construções e nas instalações da primeira fase, trabalham actualmente cerca de 1700 pessoas.*

*O surto invasor é, obviamente, de proveitoso alcance para a nossa terra. À parte pequenos conflitos nocturnos, mais ou menos diplomaticamente sanados, esses estrangeiros, trazendo certa animação ao comércio e a outras actividades lucrativas da terra e tornando-se outros tantos apreciadores da nossa cozinha e das nossas paisagens – limitando-se uns aos arredores da Vila, outros excursionando a várias regiões do País – são hoje seus propagandistas entusiastas, anunciando alguns o desígnio de cá virem passar futuras férias com suas famílias.*

*As circunstâncias assim favoravelmente surgidas aconselham que se tomem em consideração, como núcleo de formação e aproveitamento turísticos da nossa terra e região, às quais não faltam condições naturais de não menor valia do que as existentes em outras de recomendação já firmada, carecendo apenas de conveniente valorização.*

\* \* \*

*Mas anteriormente aos estrangeiros autênticos, e com carácter de permanência, as grandes instalações fabris aqui montadas e – em vulgarizada opinião – a falta de iniciativa e abandono dos seus naturais, quanto a outros sectores, têm trazido a Estarreja, nos últimos tempos, algumas dezenas de nacionais, que aqui se radicaram e constituíram ou instalaram família, aumentando a população fixa da Vila.*

*Engenheiros, técnicos de vária ordem, operários, empregados de carteira, exercitadores das profissões liberais e de outras actividades, oriundos de diversos pontos do País, vieram dar uma nova fisionomia social ao meio, na medida própria e natural em fenómeno desta natureza.*

*[...]*

*A extraordinária afluência da gente de fora notada nos últimos anos, criou entre nós uma crise habitacional, revelada quer na escassez de casas de renda, quer no seu encarecimento.*

*Consta-nos que a empresa do Amoníaco Português, tendo ao seu serviço permanente centenas de pessoas e edificado vivendas, junto à fábrica, para alguns dos seus engenheiros e funcionários superiores, vai construir um bairro para operários, o que virá resolver, em parte, a situação.*

*Entretanto, a iniciativa particular tem feito surgir muitos prédios para arrendar, dentro da Vila e imediações.*

*A execução do plano de urbanização, com a abertura de novos arruamentos e novas zonas residenciais, virá ainda a incrementar a construção, contribuindo assim para resolver a crise de crescimento da Vila.»*

*In O Jornal de Estarreja, n.º 3013, 25.1.1958, p. 2*

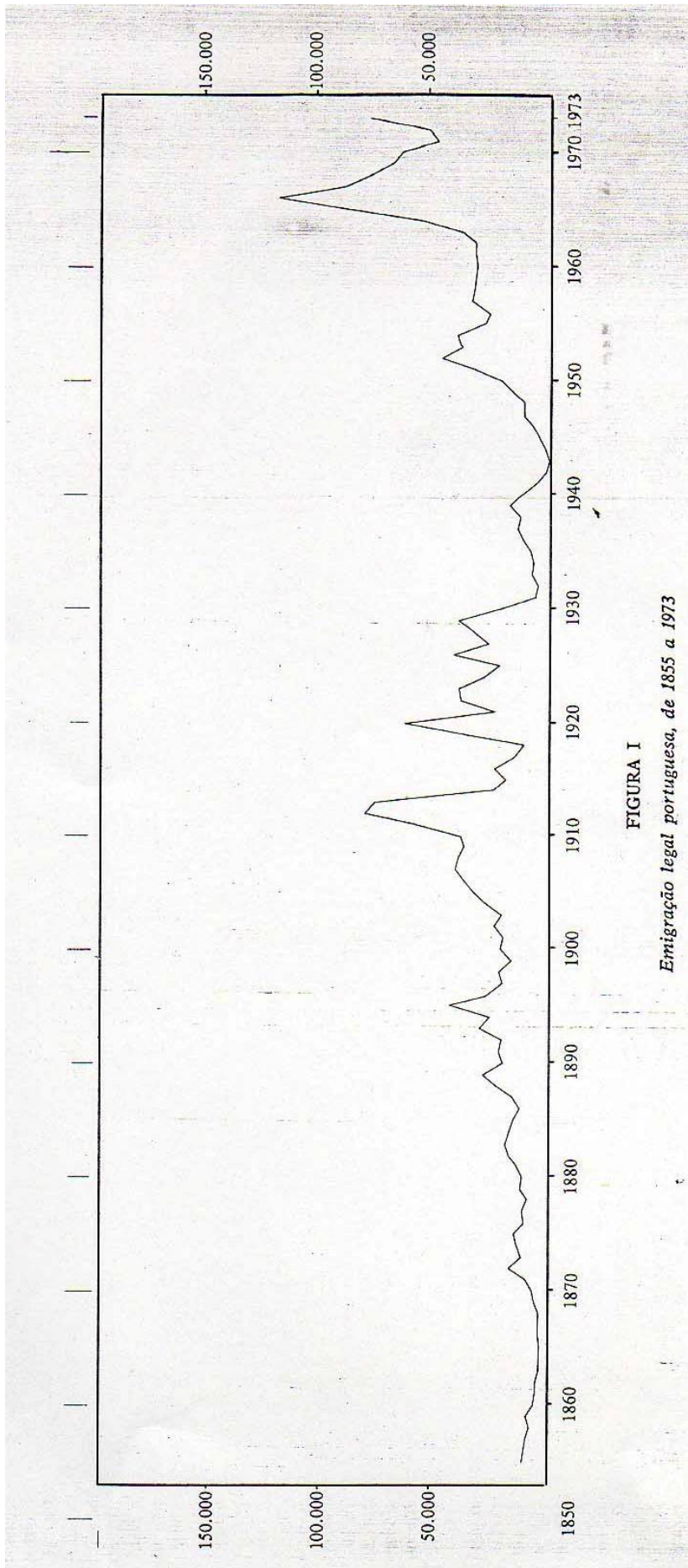


FIGURA I  
*Emigração legal portuguesa, de 1855 a 1973*

**Figura 13** – A emigração legal portuguesa (1855-1973).  
 In SERRÃO, Joel – *A emigração portuguesa*. 1977.



Fig. 1

**Figura 14** – A emigração portuguesa – transição da prevalência do movimento transoceânico para a prevalência do movimento intra-europeu (1950-1975). In ARROTEIA – A emigração portuguesa. 1983, p. 15.

### EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

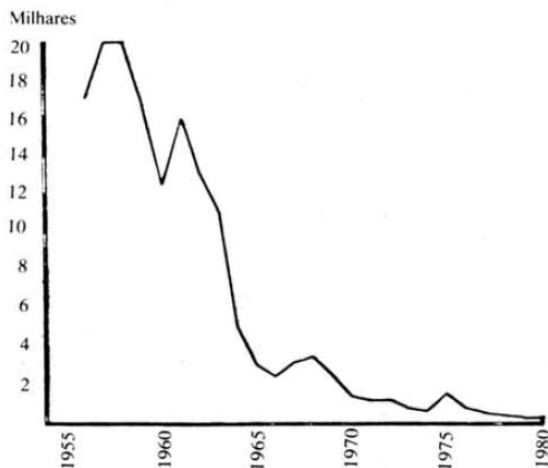
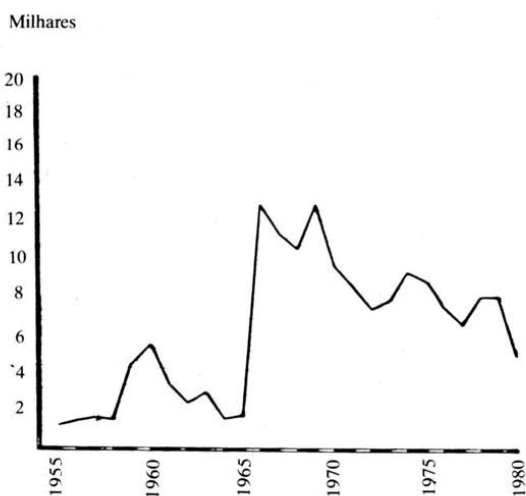


Fig. 3

**Figura 15** – A emigração portuguesa para o Brasil, na sua fase final de prevalência (1955-1980). In ARROTEIA – A emigração portuguesa. 1983, p. 23.



**Figura 16** – A emigração portuguesa para os Estados Unidos da América (1955-1980). In ARROTEIA – A emigração portuguesa. 1983, p. 27.



**JOSÉ DE MATOS**

**AGENCIA DE  PAQUETES**

**PARA O BRAZIL.**  
**A SAHIR DE LISBOA EM 6 OU 7 DE CADA MEZ**

**PREÇOS MUTISSIMO REDUZIDOS**

**Cautellas para todas as loterias de Lisboa e Madrid.**

**Merccaria, vidraça, ferragens,  
 queijo flamengo, chitas, panno familia, morins, grande  
 variedade de vinho do Porto, engarrado,  
 e outras miudezas,  
 tudo a preços excessivamente modicos,  
 e sem competencia.**

**Figura 17** – Publicidade na imprensa local.  
*A Voz de Estarreja*, n.º 1, 1.1.1885, p. 4.

**ROYAL MAIL STEAM PACKET COMPANY**



**MALA REAL INGLEZA**

**PAQUETES A SAHIR DE LISBOA**

**3 VEZES POR MEZ**

**Para os portos do Brazil**

**PARA mais esclarecimentos dirigidaõn AGENTES**

**Guilherme C. Tait & C.<sup>a</sup>**

Rua dos Inglezes, 23, Porto.

Correspondente em Estarreja — **GUSTAVO R. DE SOUSA**

TYPOGRAPHIA DA «VOZ DE ESTARREJA»

**Figura 18** – Publicidade na imprensa local.  
*A Voz de Estarreja*, n.º 1, 1.1.1885, p. 4.



**PARÁ—MANAUS**

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos  
e mais portos do Brazil



**P**ASSAGENS em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

**Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores para o estado de S. Paulo.**

**Esta agencia encarrega se de sollicitar passaportes, e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.**

**Prevenção importante**— Havendo individuos que se offerecem para sollicitar passaportes ou vender passagens sem estarem legalmente habilitados, previne-se os srs. passageiros se acautelem, para não serem logrados, pois esses individuos não são agentes e serão punidos pelas auctoridades, sendo tambem incommodados os srs. passageiros a terem de prestar declarações perante a policia.

Para mais esclarecimentos dirigir aos agentes legalmente estabelecidos.

**Daniel Luiz Vieira d'Abreu & C.ª**  
**76, Rua do Loureiro, 76—Porto**

**Figura 19** – Publicidade na imprensa local.  
*O Concelho de Estarreja*, n.º 1, 10.10.1901, p. 4.



**NORDDEUTSCHER LLOYD, BREMEN**  
**MALA IMPERIAL ALLEMÃ**  
**DE LEIXÕES**

**Para Bahia, Rio de Janeiro e Santos**  
**WITTENBERG**, espera-se em 13 para sahir em 14 de outubro

**Para Pernambuco, Rio de Janeiro e Santos**  
**OBLENZ** (de 2 helices) espera-se em 27 para sahir em 28 de setembro

Os paquetes que vão a Pernambuco entram dentro do porto.  
Todos os paquetes são illuminados a luz electrica e tem magnificas accomodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classes.

Para passageiros e carga, dirigir ao agente geral da Companhia em Portugal.

**Bernhard Leuschner,**  
PORTO, rua do Infante D. Henrique, 89

**N'esta agencia effectuam-se seguros maritimos**

**Figura 20** – Publicidade na imprensa local.  
*O Concelho de Estarreja*, n.º 1, 10.10.1901, p. 4.

# COMPANHIAS HAMBURGUEZAS

**Sahidas duas vezes por semana de Leixões**

**RECEBENDO PASSAGEIROS EM LEIXÕES**

**Rio**— Quarta-feira, 9 de outubro, para **Bahia, Rio de Janeiro e Santos**. Recebe passageiros de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classe.

**Patagonia**— Terça-feira, 22 de outubro, para o **Pará, Manaus e Maranhão**. Recebe passageiros de 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classe.

**As fragatas recebem carga até aos sabbados anteriores ás saídas.**

**Todos os paquetes d'esta Companhia entram dentro do porto de Pernambuco.**

Estes paquetes têm excellentes commodos para passageiros de 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes, pois são todos modernos e construidos para esta carreira e são illuminados a luz electrica; magnifico tratamento, incluindo vinho ás refeições, e team a bordo medico e creadas para as senhoras.

**Para carga e passageiros, trata se com os agentes Hermann Burmester & C.<sup>a</sup>, rua do Infante D. Henrique, 87 1.<sup>o</sup> andar.**

Figura 21 – Publicidade na imprensa local.  
*O Concelho de Estarreja*, n.º 1, 10.10.1901, p. 4.

# Companhia Real do Pacifico



**Magnificos paquetes da carreira do Brazil, illuminados a luz electrica, dando excellent tratamento e vinho a todas as comidas**

**Paquetes a sahir de Leixões**

**Oravia**, (a dois helices) de 5:321 toneladas, em 8 de Outubro para Rio de Janeiro, Montevideu e portos do Chile.

**Orellana**, de 4:821 toneladas, em 22 de outubro, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e portos do Chile. (Este paquete não aceita passageiros de 2.<sup>a</sup> classe).

Esta é a unica Companhia estrangeira que manda os seus melhores paquetes a Leixões, durante todo o anno, e os passageiros, embarcados por esta Companhia, podem ter a certeza de viajarem em paquetes rapidos, de 1.<sup>a</sup> classe, e que conduzem as malas.

Para escolha de camarotes e mais esclarecimentos dirigir-se ao escriptorio dos agentes

**Kendall, Pinto Basto & C.<sup>a</sup>**  
 7, INFANTE D. HENRIQUE.

Figura 22 – Publicidade na imprensa local.  
*O Concelho de Estarreja*, n.º 1, 10.10.1901, p. 4.



**Pará e Manaus**



**XAVIER ESTEVES**  
BOMJARDIM, 95

**Paquete a sair de Leixões**  
**Rio Amazonas, em 15 de outubro**

Agente da LIGURE BRASILIANA (carreira de paquetes para o Pará e Manaus), e des MESSAGERIES MARITIMES (paquetes correios para o Brazil e Rio da Prata).

Magnificas accomodações para passageiros de 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classe.  
Para passagens, carga e mais esclarecimentos, dirigir-se ao unico agente no Porto

**XAVIER ESTEVES**

Telephone, 490. Bomjardim, 95.

**Figura 23** – Publicidade na imprensa local. *O Concelho de Estarreja*, n.º 1, 10.10.1901, p. 4.

**R. M. S. P.**

**MALA REAL INGLEZA**



**PAQUETES-CORREIOS A SAHIR DE LEIXÕES**  
**Amazon, em 26 de abril**

Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

Preço da passag. em 3.<sup>a</sup> classe de Leixões para o Brazil e Rio da Prata E. 51\$50  
» » » » Lisboa » » » » 51\$50

**Desna, em 28 de abril**

Para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres.

Preço da passag. em 3.<sup>a</sup> classe de Leixões para o Brazil e Rio da Prata. E 46\$50  
Preço da passag. em 3.<sup>a</sup> classe de Lisboa para o Brazil e Rio da Prata... 46\$50

**Essequibo Novo, em 10 de maio**

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Preço da passag. em 3.<sup>a</sup> classe de Leixões para o Brazil e Rio da Prata... 51\$50

**Araguaya, em 24 de maio**

Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Preço da passag. em 3.<sup>a</sup> classe de Leixões para o Brazil e Rioda Prata. Esc. 51\$50  
Preço da passag. em 3.<sup>a</sup> classe de Lisboa para o Brazil e Rio da Prata. 51\$50.

**Demerara, em 2 de junho**

Para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres.

Preço da passag. em 3.<sup>a</sup> classe de Leixões para o Brazil e Rio da Prata Esc. 46\$50  
Preço da passag. em 3.<sup>a</sup> classe de Lisboa para o Brazil e Rio da Prata. 46\$50.

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais o paquete.  
Todos os Vapores d'esta Companhia costumam atracar no caes no Rio de Janeiro.

A bordo ha creados portugueses

Nas agencias do Porto e Lisboa podem os srs. passageiros de 1.<sup>a</sup> classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, mas para isso recomendamos toda a antecipação.

**AGENTES**

<b>NO PORTO</b> Tail & C. <sup>a</sup> R. do Infante D. Henrique, 19	<b>EM LISBOA</b> James Rayes & C. Rua do Corpo Santo, 47, 4. <sup>o</sup>
--	---

**Figura 24** – Publicidade na imprensa local. *O Jornal de Estarreja*, n.º 1441, 25.4.1915, p. 4.





Agencia de passagens e passaportes

PARA

Africa, A. do Norte, Brazil, Franca, etc.

Esta agencia, legalmente habilitada no concelho de Estarreja, encarrega-se de obter passaportes e todos os documentos necessarios para os mesmos.

Aos individuos sujeitos ao serviço militar, tanto licenceados, como reservistas, menores de 14 a 20 anos, ou ainda em outra qualquer situação em que se encontrem, trata se-lhes com a maior rapidez e modicidade de preços de todas as licenças respectivas para poderem embarcar.

Venda de passagens para todos os portos, em todas as Companhias e classes.

Tam ao seu serviço como empregados os srs, J. Almeida Salgado e Domingos L. da Conceição.

Agente,

**MANOEL SOBREIRA**  
Pardilho.

Figura 25 – Publicidade na imprensa local. *O Jornal de Estarreja*, n.º 1684, 15.2.1920, p. 4.




**A G E N C I A**  
— DE —  
**PASSAGENS E PASSAPORTES**  
E S C R I T O R I O :  
(Baixos da casa do Sr. Francisco d'Oliveira Marques  
—\* PRAÇA D'ESTARREJA \*—)

Agente :  
*Agostinho Antonio de Souza Ribeiro*  
Empregados :  
*José d'Oliveira Marques*  
*José Maria da Costa Moitaqua.*

Figura 26 – Publicidade na imprensa local. *O Jornal de Estarreja*, n.º 1684, 15.2.1920, p. 4.





**AGENCIA BASTOS**  
 UI—(Adães)—OLIVEIRA D'AZEMEIS

**AO PUBLICO**

Esta agencia acaba de se habilitar legalmente para tratar de passaportes, passagens e todos os demais documentos tanto para reservistas como para todos que queiram embarcar, seja qual for a sua situação, militar ou civil, para qualquer porto do Brazil, Africa, America, França, Hespanha, etc., e para todas as colonias portuguezas ou estrangeiras.

Tem sempre à venda passagens para todas as companhias transatlanticas de Porto ou Lisboa.

Tem ao seu serviço como empregado em Oliveira d'Azemeis o sr. Joaquim José da Silva, por alcunha Joaquim Barbeiro, que se encontra todos os dias nesta agencia e que pôde dar os esclarecimentos necessarios, podendo dirigirem-se todos os dias uteis ao seu proprietario,

**Mmanuel de Bastos Junior**  
 na sua casa em Adães—UI, e aos domingos, das 10 as 14 horas, em Estarreja.



**R. M. S. P. MALA REAL INGLESA**

**Paquetes-correios a sair de Lisboa**

**DEUNA, em 19 de fevereiro,** Para Rio de Janeiro, Santos e Montevideo

Preço da passagem em 3.ª classe para o Brasil e Rio da Prata... 145000  
 (impostos comprehendidos)

**DEMERARA, em 8 de março,** Para o Rio de Janeiro, Santos e Montevideo

Preço da passagem em 3.ª classe para o Brazil e Rio da Prata... 175500  
 (impostos comprehendidos)

**ALMANZORA, em 22 de março,** Para a Malieira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Montevideo

Preço da passagem em 3.ª classe para o Brazil e Rio da Prata... 188500  
 (impostos comprehendidos)

Todos os Vapores d'esta C.ª costumam atracar ao caes no Rio de Janeiro

**A bordo ha creados portuguezes**

Nas agencias do Porto e Lisboa podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches à vista das plantas dos paquetes, mas para isso recomendamos toda a antecipação.

**AGENTES**

**NO PORTO** | **EM LISBOA**  
 Fair & C. | James Rawes & C.  
 R. do Infante D. Henrique, 19 | Rua do Corpo Santo, 47, 45

Figura 27 – Publicidade na imprensa local.  
 O Jornal de Estarreja, n.º 1684, 15.2.1920, p. 4.



**Passagens e Passaportes para todos os  
Portos do Brasil  
Africa, America e França**

Habilitam-se todos os emigrantes rapidamente em qual-  
quer situação que encontrem perante o serviço militar.

**Contratos dos mais vantajosos com os emigrantes**

O AGENTE  
*Manuel Antonio R. de Bastos*  
Escrivão de paz—**PARDILHO**

---

**EMIGRAÇÃO PARA A FRANÇA COM CARTAS DE TRABALHO**

Serviço rápido a preços modicos

O agente  
*Domingos Luiz da Conceição*  
Murtosa—Pardelhas

---

**Agencia de passagens e passaportes  
DE  
Manuel Inacio de Souza  
PARDELHAS**

Encarrega-se de tratar de todos os documentos neces-  
sarios para a emigração, tanto para as colonias portugue-  
sas da Africa, como para a America do Norte, Brasil e  
França.

Todos os serviços são tratados com a maxima serie-  
dade e urgencia.

Passagens para todas as companhias e vapores.

Preços sem competencia.

Tem ao seu serviço como empregado o sr. José da  
Silva Homem, sendo a agencia na casa d'este, á praça  
de Pardelhas, onde pode ser procurado todos os dias e  
a toda a hora.

**Figura 28** – Publicidade na imprensa local.  
*A Voz de Estarreja*, n.º 136, 23.9.1922, p. 3.





**MANOEL  
SOBREIRA**

Agente de passagens e passaportes

 **CORRESPONDENTE DE TODAS  
AS COMPANHIAS DE  
NAVEGAÇÃO**

Venda de passagens em qualquer das classes para todos os portos da Europa, Africa e Americas do Norte e Sul

*Serviço especial e garantido para França e America do Norte*

Tratam-se e solicitam-se todos os documentos para passageiros, incluindo licenças a mancebos maiores de 14 annos, tropas activas e reserva.

**Pardilho**

**PASSAGENS E PASSAPORTES**

Para o Brazil, Argentina, America do Norte, Cuba, Mexico, França, Africa e qualquer outro ponto do estrangeiro, colónias e ilhas adjacentes.

Habilitam-se todos os emigrantes rapidamente e por preços módicos.

Tiram-se retratos aos emigrantes e a quem quer que seja, para cujo fim se encontra montado um serviço fotografico.

Agente,  
**DOMINGOS LUIZ DA CONCEIÇÃO**  
**PARDELHAS**

Figura 29 – Publicidade na imprensa local.  
Revista da Torreira, n.º 2, 15.1.1923, p. 4.

**AGENCIA DE PASSAGENS  
E PASSAPORTES**

— DE —

*Domingos da Conceição*

(Habilitado pelo Ministerio  
do Interior)

**Escritorio em Pardelhas**

Trata da documentação necessaria para a saída do paiz de todas as pessoas de qualquer idade ou sexo, por preços módicos, nunca superiores aos das outras Agencias

Vende passagens para todos os vapores pelos preços das respectivas Companhias.

Figura 30 – Publicidade na imprensa local.  
O Progresso da Murtosa, n.º 167, 20.10.1932, p. 2.

**United States Lines**  
**SOCIEDADE ITALO LUSITANA, L.da**  
 Agentes Gerais em Portugal  
 LISBOA—Rua dos Fanqueiros, 15  
 Tenciona V. Ex.ª regressar á America do Norte?  
 Não compre passagem sem consultar esta Com-  
 panhia Americana, que lhe oferece vantagens muito  
 favoraveis.

**Saidas de Cherbourg-França**  
 OS MELHORES PAQUETES  
 DO MUNDO

Sub-Agente na Murtosa: DOMINGOS CONCEIÇÃO  
 Pardelhas

Figura 31 – Publicidade na imprensa local.  
 O Progresso da Murtosa, n.º 193, 20.4.1933, p. 3.

**AGENCIA DE PASSAGENS  
 E PASSAPORTES**  
 — DE —  
*Domingos da Conceição*  
 (Habilitado pelo Ministério  
 do Interior)  
**Escritorio em Pardelhas**

---

Trata da documentação neces-  
 saria para a saída do paiz de  
 todas as pessoas de qualquer  
 idade ou sexo, por preços  
 modicos, nunca superiores  
 aos das outras Agencias

---

*Vende passagens para todos os  
 vapores pelos preços das res-  
 pectivas Companhias.*

Figura 32 – Publicidade na imprensa local.  
 O Progresso da Murtosa, n.º 193, 20.4.1933, p. 3.

**United States Lines**

SOCIEDADE ITALO LUSITANO, L.DA  
Agentes gerais em Portugal  
Lisboa — Rua dos Fanqueiros, 15

Tenciona V. Ex.ª regressar à América do Norte?  
Não compre passagem sem consultar esta Companhia  
Americana, que lhe oferece vantagens muito favoráveis.

**Saídas por Havre-França**

OS MELHORES PAQUETES  
DO MUNDO A SAIR EM

29 de dezembro — **Washington** — (30.000 ton.)  
10 de janeiro — **P. Roosevelt** — (14.188 ton.)  
17 de janeiro — **Manhattan** — (30.000 ton.)  
24 de janeiro — **P. Harding** — (14.187 ton.)

Sub-Agente na Murtosa: **Domingos Conceição**  
**P A R D E L H A S**

**Figura 33** – Publicidade na imprensa local.  
*O Progresso da Murtosa*, n.º 276, 22.12.1934, p. 3.

**Agência de passagens e passaportes**  
— DE —  
**DOMINGOS DA CONCEIÇÃO**  
(Habilitado pelo Ministério do Interior)  
**Escritório em Pardeilhas**  
— || —  
Trata da documentação necessária para a saída do País de todas as pessoas de qualquer idade ou sexo, por preços módicos, nunca superiormente aos das outras Agências.  
— || —  
**VENDE PASSAGENS PARA OS VAPORES PELOS PREÇOS DAS RESPECTIVAS COMPANHIAS.**

**Figura 34** – Publicidade na imprensa local.  
*O Progresso da Murtosa*, n.º 276, 22.12.1934, p. 3.



**GREEK LINE**



Serviço rápido regular  
de Lisboa para NEW-  
-YORK (Directo)

Próxima saída  
pelo paquete

**"BYRON,"**  
26 de Julho — 30 de Agosto

Magníficas acomodações em classe  
Turista e Terceira Camarotes

Dirige-se aos agentes gerais em Portugal:

**FRANCO GOMES & C.ª, L.ª**  
RUA DOS FANQUEIROS, 15-2.ª — LISBOA

nos agentes do Norte:

**Agência Marítima Lusitano - Americana**  
108, Rua da Nova Alfandega, 2.ª — PORTO

Figura 35 – Publicidade na imprensa local.  
*O Progresso da Murtosa*, n.º 306, 20.7.1935, p. 3.

**CUNARD WHITE STAR LT.**

Serviço Regular de França  
— PARA —  
**AMÉRICA DO NORTE**

PAQUETES GRANDES E LUXUOSOS  
ÓTIMAS ACOMODAÇÕES EM TERCEIRA CLASSE  
Próximas saídas de CHERBURGO OU HAVRE

5 de Junho — MINESTER (56.350 ton.)	3 de Julho — AQUITANIA (45.847 ton.)
12 " " — BRETAGNE (52.700 t.ª)	10 " " — MAJESTIC (56.590 ton.)
19 " " — BRITANNIC (52.000 ton.)	17 " " — BRITANNIC (52.000 ton.)
26 " " — AQUITANIA (45.847 ton.)	24 " " — BERKSHIRE (52.100 ton.)
3 " " — MAJESTIC (56.590 ton.)	31 " " — AQUITANIA (45.847 ton.)
10 " " — BERKSHIRE (52.100 ton.)	17 " " — BRITANNIC (52.000 ton.)
24 " " — GEORGE (52.750 ton.)	31 " " — MAJESTIC (56.590 ton.)

Pedir mais informações nas Agências de Passagens e Passaportes  
ou aos Agentes Gerais em Portugal

**Garland, Laidley & C.º Limited**  
LISBOA PORTO

Figura 36 – Publicidade na imprensa local.  
*O Progresso da Murtosa*, n.º 306, 20.7.1935, p. 3.



**Agência de passagens e passaportes**  
 — DE —  
**DOMINGOS DA CONCEIÇÃO**  
 (Habilitado pelo Ministério do Interior)  
**Escritório em Pardelhas**

— || —

Trata da documentação necessária para a saída do País de todas as pessoas de qualquer idade ou sexo, por preços módicos, nunca superiores aos das outras Agências.

— || —

**VENDE PASSAGENS PARA OS VAPORES PELOS PREÇOS DAS RESPECTIVAS COMPANHIAS.**

**Encarrega-se de obter cartas de trabalho para o Brasil**

**Figura 37** – Publicidade na imprensa local. *O Progresso da Murtosa*, n.º 306, 20.7.1935, p. 3.

**PASSAGENS E PASSAPORTES**  
**AGENCIA RAMOS**  
*(Legalmente habilitado)*  
**Escritório na Murtosa**  
*(no largo da Igreja)*

Nesta antiga e acreditada Agência de passagens tratamos dos documentos necessários para o embarque de todas as pessoas de qualquer sexo ou idade.

**PREÇOS MÓDICOS**

---

**Passagens e Passaportes**  
**AGENTE**  
**Domingos Conceição**  
**ESCRITÓRIO**  
*Praça de Pardelhas*  
 Trata de todos os serviços concernentes por preços convidativos.

**Figura 38** – Publicidade na imprensa local. *O Concelho da Murtosa*, n.º 614, 10.9.1938, p. 4.



**LINEA AEROPPOSTAL VENEZOLANA**  
**SERVIÇO AÉREO REGULAR**  
**Lisboa -- Havana**  
**Caracas**

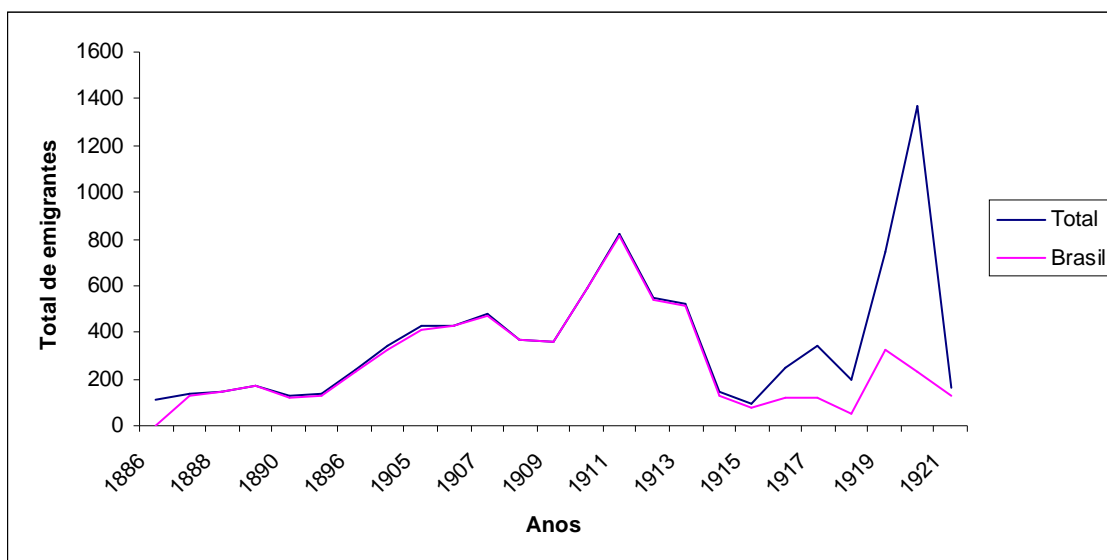
Com três saídas semanais e bilhetes directos até ao destino  
 Aviões «Constellation»

Reserva de Ingares dos Agentes Gerais  
**CARLOS GOMES & C.ª, L.ª**  
*15, Rua dos Fanqueiros*  
 Telef. 21143 — LISBOA

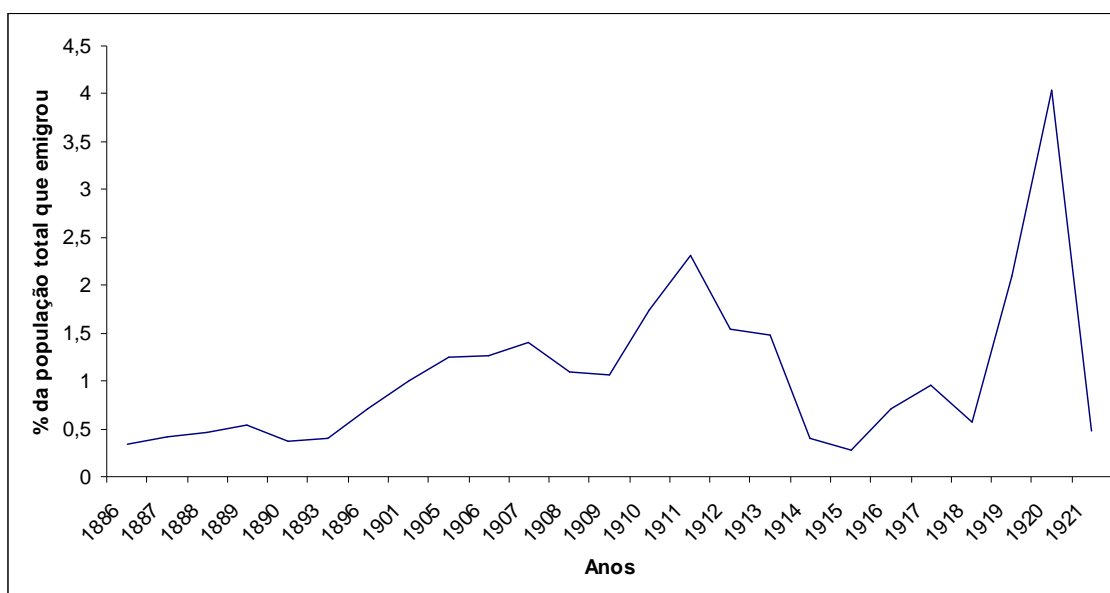
**Figura 39** – Publicidade na imprensa local. *O Concelho da Murtosa*, n.º 1025, 30.3.1949, p. 2.

**Quadro n.º 17 – Emigrantes oriundos do concelho de Estarreja, incluindo o actual da Murtosa (1886-1921)**

Ano	N.º de emigrantes			Destino					% de emigrantes com destino ao Brasil	% da população concelhia que emigrou no ano	Posição do concelho no distrito de Aveiro	
	Total	M	F	Brasil (América, entre 1887-1890)	América do Norte (a partir de 1893)	Europa	África	Outro				
1886	109	96	13	0	0	0	0	0	0,0	0,35	5	Movimento da População - 1887, ed. 1890
1887	133	123	10	130	0	2	1	0	97,7	0,42	5	Movimento da População - 1887, ed. 1890
1888	148	137	11	148	0	0	0	0	100,0	0,47	4	Movimento da População - 1888, ed. 1892
1889	171	159	12	170	0	0	1	0	99,4	0,54	3	Movimento da População - 1889, ed. 1892
1890	126	116	10	121	0	1	4	0	96,0	0,38	8	Movimento da População - 1890, ed. 1893
1893	133	113	20	128	0	0	5	0	96,2	0,40	8	Movimento da População - 1891/1892/1893, ed. 1898
1896	239	218	21	235	0	0	4	0	98,3	0,71	5	Movimento da População - 1894/1895/1896, ed. 1901
1901	341	313	28	329	0	2	10	0	96,5	1,00	1	Emigração Portuguesa - 1901, ed. 1904
1905	426	396	30	414	0	0	12	0	97,2	1,25	2	Emigração Portuguesa - 1905, ed. 1908
1906	432	417	15	424	0	0	8	0	98,1	1,27	2	Emigração Portuguesa - 1906, ed. 1909
1907	479	452	27	471	1	1	6	0	98,3	1,41	3	Emigração Portuguesa - 1907, ed. 1909
1908	372	331	41	371	1	0	0	0	99,7	1,09	4	Emigração Portuguesa - 1908, ed. 1910
1909	361	337	24	359	0	1	0	1	99,4	1,06	4	Emigração Portuguesa - 1909, ed. 1911
1910	592	550	42	591	1	0	0	0	99,8	1,74	1	Emigração Portuguesa - 1910, ed. 1912
1911	820	772	48	812	6	0	0	2	99,0	2,32	1	Emigração Portuguesa - 1911, ed. 1912; Movimento da População - 1907 a 1911, ed. 1913
1912	546	500	46	536	7	2	0	1	98,2	1,54	3	Emigração Portuguesa - 1912, ed. 1913; Movimento da População - 1908 a 1912, ed. 1914
1913	522	480	42	517	5	0	0	0	99,0	1,47	4	Movimento da População
1914	142	123	19	129	13	0	0	0	90,8	0,40	6	Movimento da População
1915	96	78	18	80	15	1	0	0	83,3	0,27	6	Movimento da População
1916	251	197	54	117	118	10	6	0	46,6	0,71	1	Movimento da População
1917	338	303	35	117	202	13	6	0	34,6	0,95	1	Movimento da População
1918	200	170	30	54	119	21	6	0	27,0	0,57	1	Movimento da População
1919	743	694	49	322	270	145	6	0	43,3	2,10	2	Movimento da População
1920	1369	1238	131	235	1075	54	5	0	17,2	4,04	1	Movimento da População
1921	160	133	27	131	9	16	4	0	81,9	0,47	4	Movimento da População



**Gráfico n.º 29** – Emigração no concelho de Estarreja (incluindo o actual da Murtosa), segundo o país de destino (1886-1921).



**Gráfico n.º 30** – Emigração no concelho de Estarreja (incluindo o actual da Murtosa), em percentagem da população total (1886-1921).

**Quadro n.º 18 – Emigrantes oriundos do concelho de Estarreja (1955-1988)**

Anos	África		América					Europa			Ásia	Oceânia	Total	% da população concelhia que emigrou no ano	Fonte
	África do Sul	Outros	Canadá	EUA	Brasil	Venezuela	Outros	França	RFA	Outros					
1955	0	0	0	8	78	208	22	5	0	0	0	0	321	1,30	Boletim da Junta de Emigração
1956	0	3	14	23	55	109	0	1	0	0	0	0	205	0,83	Boletim da Junta de Emigração
1957	0	1	5	12	88	80	0	1	0	0	1	0	188	0,76	Boletim da Junta de Emigração
1958	0	2	6	12	60	81	0	5	0	5	0	0	171	0,69	Boletim da Junta de Emigração
1959	0	0	20	25	68	87	0	0	0	1	0	0	201	0,81	Boletim da Junta de Emigração
1960	0	0	16	46	35	86	0	1	0	0	0	0	184	0,73	Boletim da Junta de Emigração
1961	0	1	13	22	64	93	1	3	0	0	0	0	197	0,78	Boletim da Junta de Emigração
1962	0	0	14	30	34	65	0	4	0	0	0	0	147	0,58	Boletim da Junta de Emigração
1963	0	0	22	19	54	73	0	14	2	0	0	0	184	0,73	Boletim da Junta de Emigração
1964	0	0	20	15	11	100	7	18	0	0	0	0	171	0,68	CCRC - Emigração recente no distrito de Aveiro, Coimbra, 1980, p. 45
1965	25	0	21	22	9	93	1	190	47	0	1	0	409	1,62	Boletim da Junta de Emigração
1966	47	0	16	103	12	93	0	223	32	3	0	2	531	2,11	Boletim da Junta de Emigração
1967	16	0	35	67	6	79	0	103	5	1	1	1	314	1,25	Boletim da Junta de Emigração
1968	3	1	15	71	18	92	0	96	16	0	0	4	316	1,25	Boletim da Junta de Emigração
1969	8	0	27	113	4	109	0	71	10	1	0	0	343	1,36	Boletim da Junta de Emigração
1970	0	3	19	61	9	66	0	101	79	4	0	0	342	1,39	CCRC - Emigração recente no distrito de Aveiro, Coimbra, 1980, p. 45
1971	0	6	16	93	1	75	0	29	80	4	0	0	304	1,23	CCRC - Emigração recente no distrito de Aveiro, Coimbra, 1980, p. 45
1972	1	4	12	104	4	92	0	84	47	5	0	2	355	1,44	Secretariado Nacional da Emigração - boletim anual
1973	4	0	24	95	6	89	0	89	125	12	0	0	444	1,80	Secretaria de Estado da Emigração - boletim anual
1974	1	0	42	97	3	41	0	31	45	22	0	0	282	1,14	Secretaria de Estado da Emigração - boletim anual
1975	3	0	24	89	10	32	0		15	5	0	1	179	0,73	Secretaria de Estado da Emigração - boletim anual
1976	0	0	16	60	0	20	0	7	0	1	0	1	105	0,43	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1977	0	0	7	19	0	46	0	0	0	4	0	0	76	0,31	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1978	0	0	6	31	0	23	0	6	0	0	0	3	69	0,28	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1979	0	0	19	77	2	167	0	11	0	3	1	0	280	1,14	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1980	0	0	2	35	1	144	0	8	0	5	1	0	196	0,79	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1981	0	1	11	54	0	52	1	1	0	2	1	2	125	0,48	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual

1982	2	0	5	14	1	50	0	2	0	3	0	0	77	0,29	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1983	0	0	2	33	2	0	0	25	0	1	0	0	63	0,24	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1984	0	1	5	22	0	11	0	5	0	1	0	1	46	0,18	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1985	0	0	5	25	0	15	0	6	0	1	0	0	52	0,20	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1986	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	Não temos dados
1987	0	0	8	26	0	1	0	0	0	0	0	5	40	0,15	Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas - boletim anual
1988	0	0	46	67	0	1	0	0	0	0	0	0	114	0,43	Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas - boletim anual

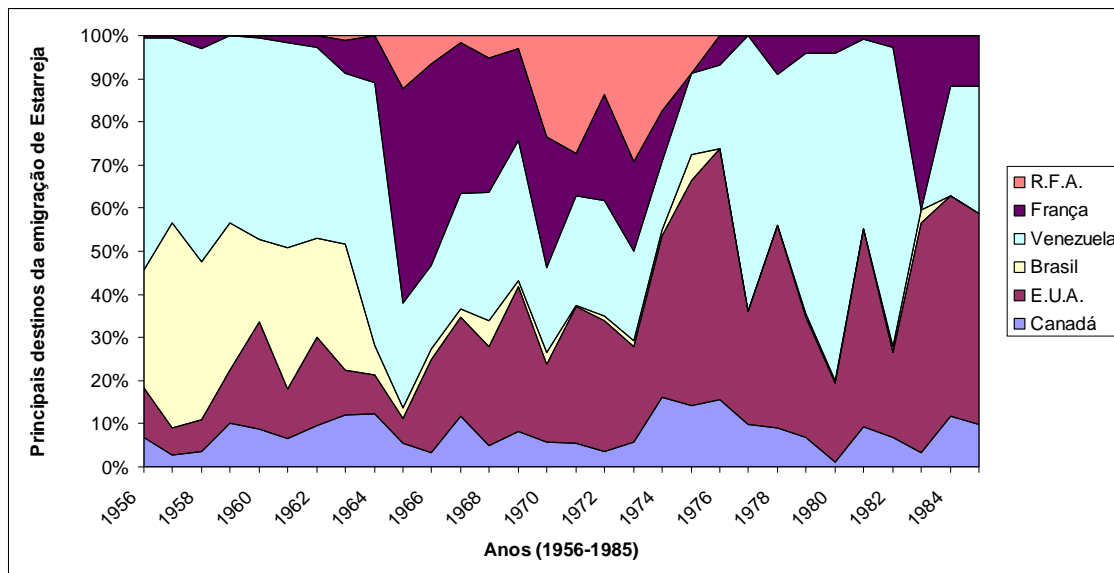
**Notas:**

Valores de emigração, por concelhos de origem e países de destino.

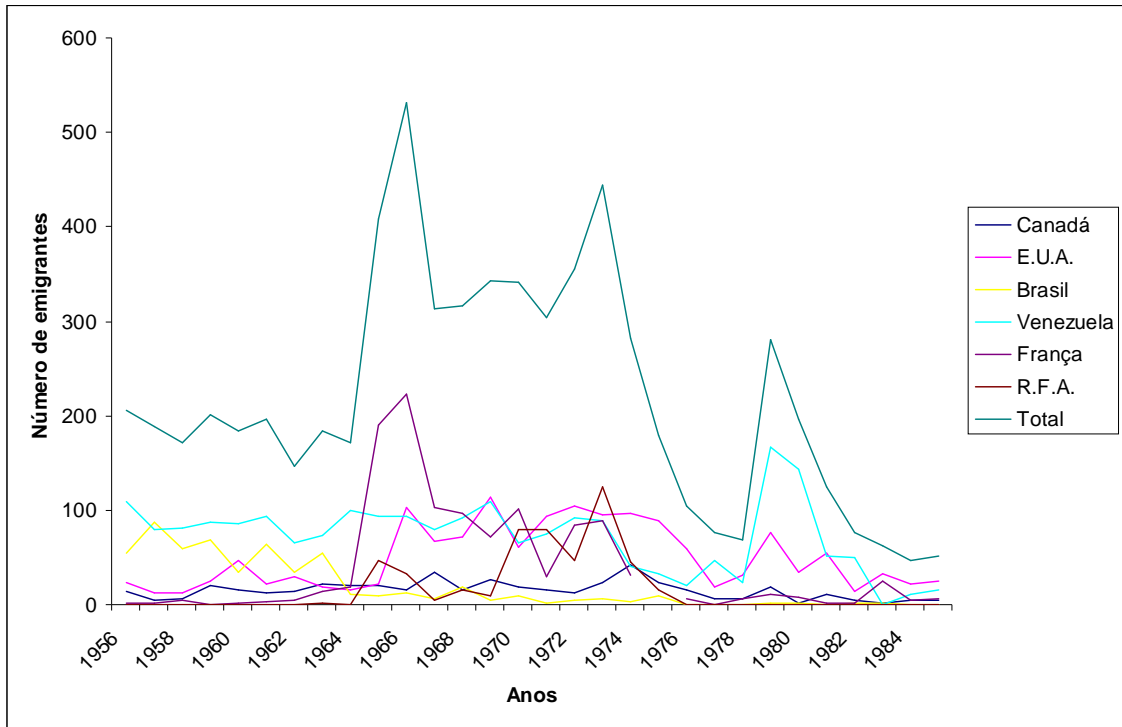
A República Federal da Alemanha só começou a ser contabilizada autonomamente a partir de 1965, sendo antes dessa data considerada como integrante do grupo Outros. Por esse motivo, neste quadro, todos os valores da R.F.A. anteriores a 1965 são zero.

Do mesmo modo, o Canadá ainda não era considerado autonomamente no ano de 1955.

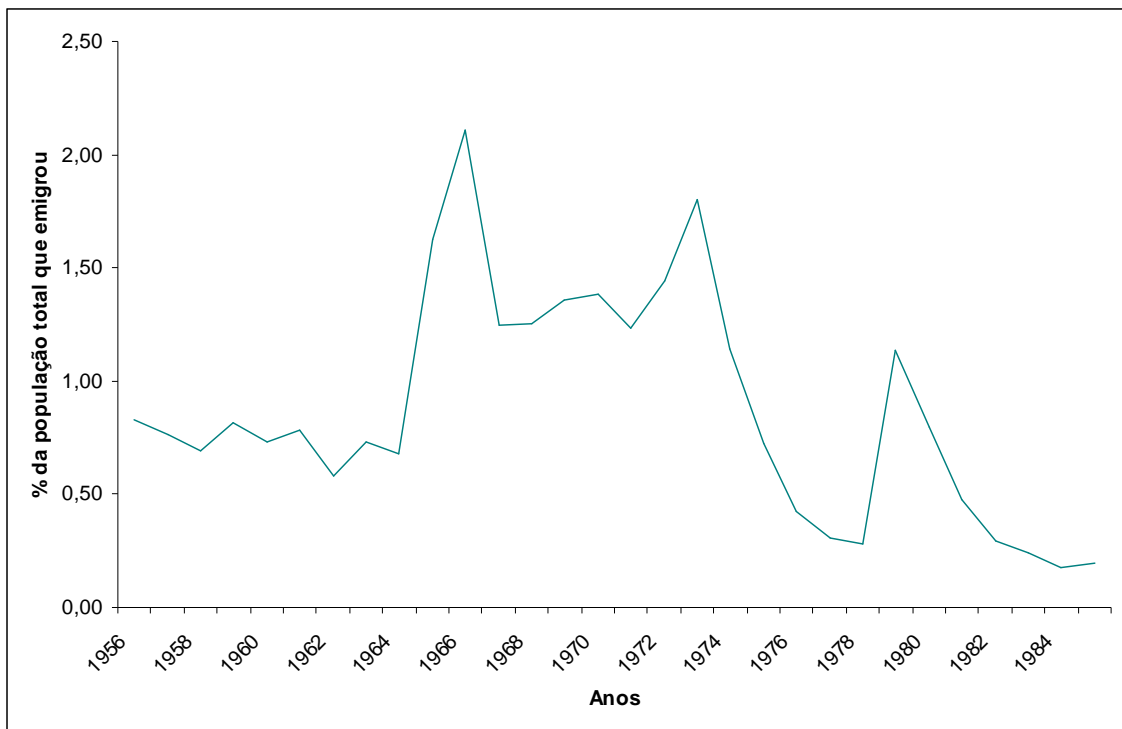
Os valores dos resultados oficiais não coincidem no total publicado e no total somatório das parcelas publicadas, nos anos de 1978 e 1973. Em 1978 o total publicado é de 89, sendo o somatório das parcelas de 69. Em 1983 o total publicado é de 94, sendo o somatório das parcelas de 63.



**Gráfico n.º 31** – Principais países de destino dos emigrantes oriundos do concelho de Estarreja, segundo a percentagem de emigrantes que seguiu para cada um (1956-1985).



**Gráfico n.º 32** – Emigração no concelho de Estarreja, segundo o país de destino (1956-1985).



**Gráfico n.º 33** – Emigração no concelho de Estarreja, em percentagem da população total que emigrou (1956-1985).

**Quadro n.º 19 – Emigrantes oriundos do concelho da Murtosa (1955-1988)**

Anos	África		América					Europa			Ásia	Oceânia	Total	% da população concelhia que emigrou no ano	Fonte
	África do Sul	Outros	Canadá	EUA	Brasil	Venezuela	Outros	França	RFA	Outros					
1955	0	0	0	15	59	110	27	0	0	0	0	0	211	1,60	Boletim da Junta de Emigração
1956	0	0	7	55	48	55	0	1	0	0	0	0	166	1,26	Boletim da Junta de Emigração
1957	0	0	4	60	59	37	0	2	0	0	0	0	162	1,23	Boletim da Junta de Emigração
1958	0	0	4	42	47	61	0	0	0	0	0	0	154	1,17	Boletim da Junta de Emigração
1959	1	0	29	50	19	40	0	0	1	0	0	0	140	1,06	Boletim da Junta de Emigração
1960	0	0	14	120	31	32	0	0	0	0	0	0	197	1,60	Boletim da Junta de Emigração
1961	0	0	10	58	46	21	0	0	0	0	0	2	137	1,11	Boletim da Junta de Emigração
1962	0	0	4	61	35	39	0	1	0	0	0	2	142	1,15	Boletim da Junta de Emigração
1963	0	0	11	77	32	64	0	0	0	3	0	1	188	1,52	Boletim da Junta de Emigração
1964	0	0	18	14	18	59	0	7	0	0	0	0	116	0,94	CCRC - Emigração recente no distrito de Aveiro, Coimbra, 1980, p. 62
1965	2	0	8	23	3	73	5	28	0	0	0	2	144	1,17	Boletim da Junta de Emigração
1966	21	0	21	372	2	69	0	76	9	1	0	0	571	4,63	Boletim da Junta de Emigração
1967	2	0	15	121	7	40	0	51	5	1	0	3	245	1,99	Boletim da Junta de Emigração
1968	2	0	9	105	6	35	0	56	2	1	0	2	218	1,77	Boletim da Junta de Emigração
1969	4	0	20	148	6	32	0	31	3	4	0	2	250	2,03	Boletim da Junta de Emigração
1970	0	0	12	128	2	40	0	43	26	9	0	0	260	2,88	CCRC - Emigração recente no distrito de Aveiro, Coimbra, 1980, p. 62
1971	0	0	9	176	5	29	0	15	28	2	0	1	265	2,93	CCRC - Emigração recente no distrito de Aveiro, Coimbra, 1980, p. 62
1972	2	2	16	208	3	49	0	20	48	1	0	1	350	3,87	Secretariado Nacional da Emigração - boletim anual
1973	0	0	18	263	0	42	0	27	85	10	0	1	446	4,93	Secretaria de Estado da Emigração - boletim anual
1974	7	0	88	198	0	16	0	11	18	3	0	0	341	3,77	Secretaria de Estado da Emigração - boletim anual
1975	0	0	29	146	1	6	0	1	4	3	0	0	190	2,10	Secretaria de Estado da Emigração - boletim anual
1976	0	0	12	59	1	2	0	9	0	0	0	0	83	0,92	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1977	0	0	1	67	3	6	0	3	0	0	0	0	80	0,88	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1978	0	0	4	109	0	1	0	6	1	1	0	0	122	1,35	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1979	0	0	5	83	0	24	0	3	1	1	5	0	122	1,35	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1980	0	0	6	50	0	24	0	4	0	1	2	0	87	0,96	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual

1981	0	0	10	125	0	38	0	1	0	2	1	0	177	1,80	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1982	0	0	1	38	0	28	1	1	0	1	0	1	71	0,72	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1983	0	0	0	30	0	18	0	0	0	1	0	0	49	0,50	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1984	0	0	1	65	0	0	0	1	0	0	0	0	67	0,68	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1985	0	0	1	41	3	4	1	7	0	1	0	1	59	0,60	Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas - boletim anual
1986	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00	Não temos dados
1987	0	0	27	26	0	0	0	0	0	0	0	0	53	0,54	Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas - boletim anual
1988	0	0	46	67	0	1	0	0	0	0	0	0	114	1,16	Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas - boletim anual

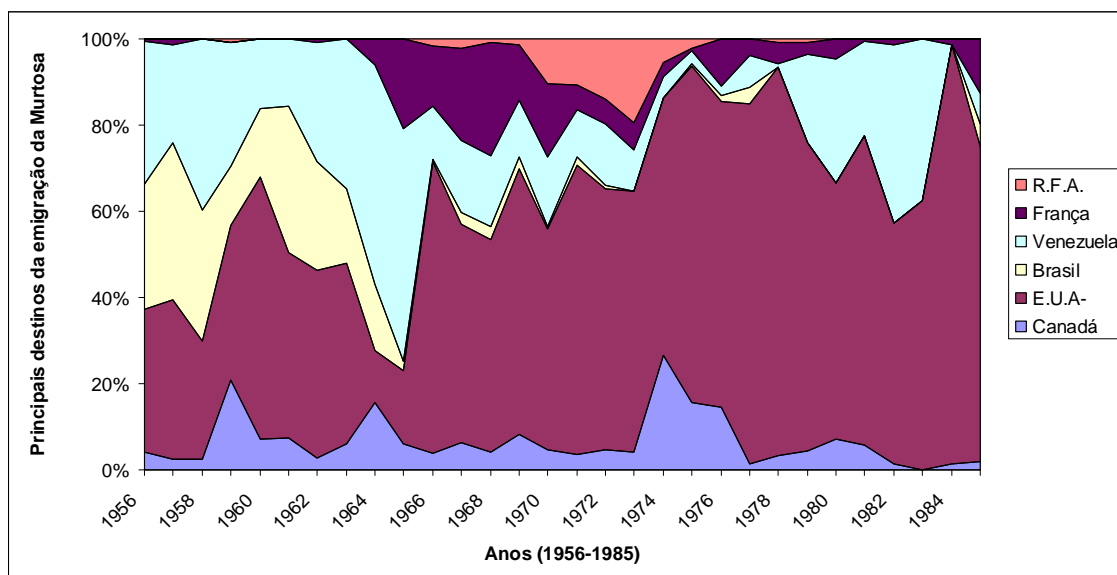
**Notas:**

Valores de emigração, por concelhos de origem e países de destino.

A República Federal da Alemanha só começou a ser contabilizada autonomamente a partir de 1965, sendo antes dessa data considerada como integrante do grupo Outros. Por esse motivo, neste quadro, todos os valores da R.F.A. anteriores a 1965 são zero.

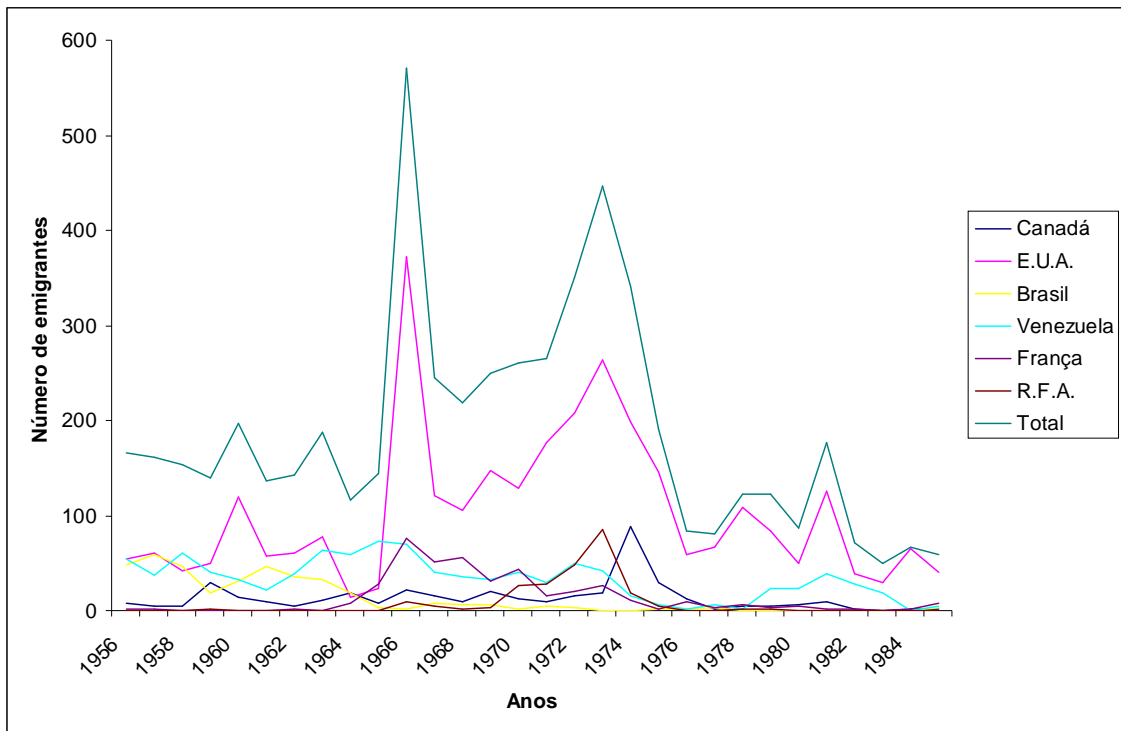
Do mesmo modo, o Canadá ainda não era considerado autonomamente no ano de 1955.

Os valores dos resultados oficiais não coincidem no total publicado e no total somatório das parcelas publicadas, nos anos de 1979 e 1985. Em 1979 o total publicado é de 117, sendo o somatório das parcelas de 122. Em 1985 o total publicado é de 37, sendo o somatório das parcelas de 59.

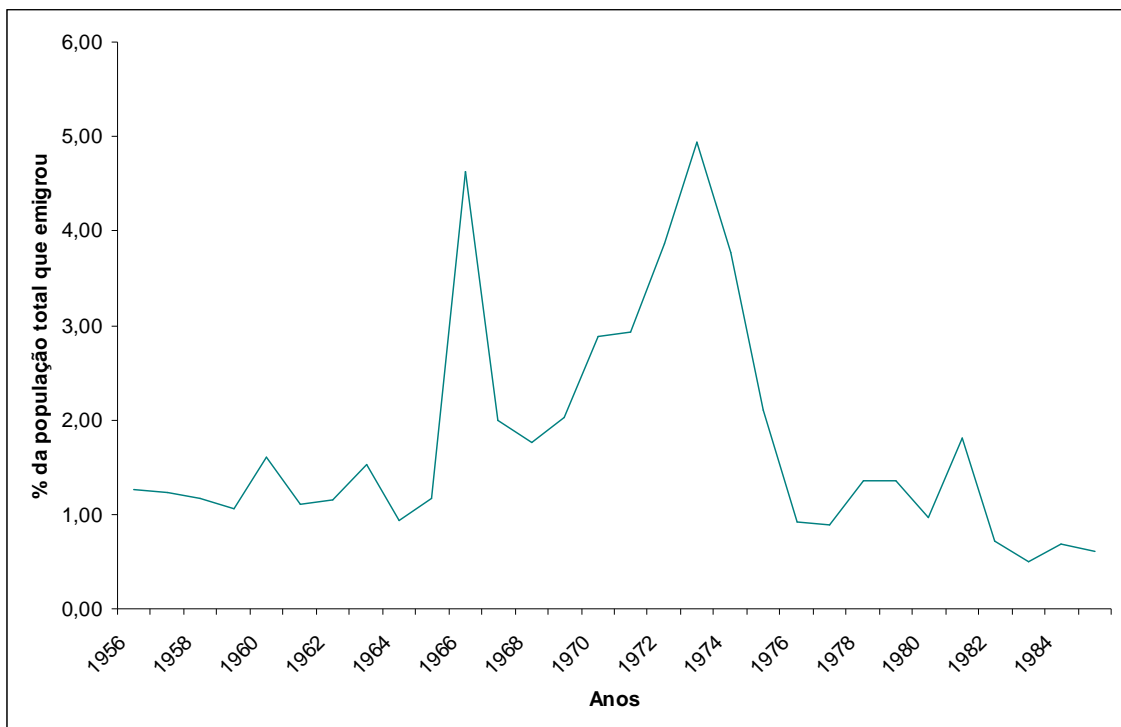


**Gráfico n.º 34** – Principais países de destino dos emigrantes oriundos do concelho da Murtosa, segundo a percentagem de emigrantes que seguiu para cada um (1956-1985).





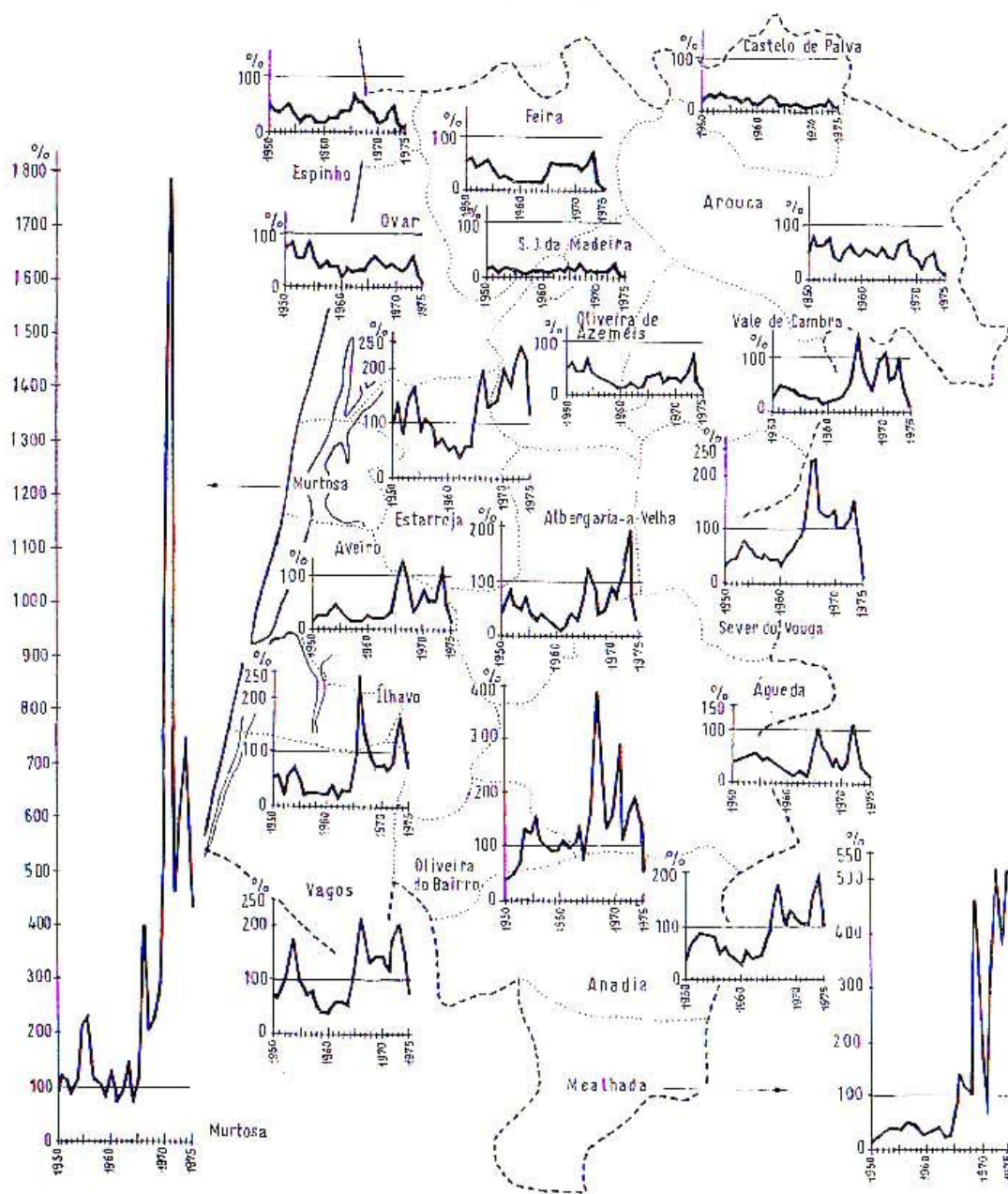
**Gráfico n.º 35** – Emigração no concelho da Murtosa, segundo o país de destino (1956-1985).



**Gráfico n.º 36** – Emigração no concelho da Murtosa, em percentagem da população total que emigrou (1956-1985).

Fig. 28

### EMIGRANTES EM PORCENTAGEM DO CRESCIMENTO NATURAL 1950 / 1975



**Figura 40** – Emigrantes em percentagem do crescimento natural, nos concelhos do distrito de Aveiro (1950-1975).  
CAETANO, Lucília – *A indústria no distrito de Aveiro*. 1986, p. 167.

**COMMERCIAL**



**AL SILVA**  
BROKER COMMERCIAL  
INVESTMENT SPECIALIST



**EXIT**  
EXIT ELITE REALTY GROUP  
600 Essex St.  
Harrison, NJ 07029

Bus: (973) 268-4000  
Fax: (973) 268-2211  
Cell: (973) 715-4254

**ESPECIALIZADO NA  
COMPRA, VENDA  
E ALUGUER DE  
Escritórios - Lojas  
Armazéns - Negócios  
e Terrenos**

**Figura 41** – Publicidade na imprensa local.  
O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 3.



**Jack Da Silva**  
Regional Owner  
Cell: (908) 416-2252



**EXIT**  
EXIT REALTY OF NEW JERSEY  
280-282 Chestnut St.  
Newark, NJ 07105  
Bus: (973) 466-0003  
Fax: (973) 466-0037

este metodo de intimidacao ... ria umas semanas, estava

**Vouga Agency**

A Agência mais antiga ao serviço da comunidade

**VIAGENS**  
IMIGRAÇÃO  
ALUGUER DE AUTOMÓVEIS  
NOTÁRIO PÚBLICO

Tel. (717) 867-1847  
1623 Calypso Ave. - Bethlehem, PA 18018

Tel. (973) 589-7151 - Fax (973) 491-9888  
85 FERRY STREET, NEWARK, NJ 07105

**Figura 42** – Publicidade na imprensa local.  
O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 9.



**M-Kay Furniture**

É O NOME A LEMBRAR!



**M-KAY FURNITURE**  
UMA FIRMA BEM PORTUGUESA SITUADA NO  
11 FRANK RODGERS BLVD.  
HARRISON, NEW JERSEY 973-483-1132  
ARMAZÉM COM EXPOSIÇÃO: 533 BERGEN ST. - HARRISON  
PROPRIETÁRIOS: FERNANDO E MARIA ROSÁRIO GRILLO

- \* A MAIOR VARIEDADE DE MÓVEIS PARA TODOS OS ESTILOS
- \* OS MELHORES PREÇOS
- \* A QUALIDADE QUE JÁ É HABITUAL!
- \* CANDEEIROS E MOBÍLIAS IMPORTADAS DE PORTUGAL
- \* SECÇÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS/corrente 110 v. e 220 v.

COLOCAÇÃO DIRECTA EM PORTUGAL  
TANTO DE ARTIGOS PORTUGUESES COMO AMERICANOS

PRECISA DE ALCATIFAR A SUA CASA OU APARTAMENTO? (TELEFONE-NOS 201-483-1132) SERVIÇO COMPLETO DE VENDA E INSTALAÇÃO

**Figura 43** – Publicidade na imprensa local.  
O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 18.





PHONES: (973) 465-9896  
(073) 817-9442

**THE  
MARKET PLACE II INC.**  
*FRUITS • VEGETABLES & DELI*

*ABÍLIO COELHO*

135 FERRY STREET

# **PRIMABEL**

*Campeão do Leitão*

**Srvimos Todo Tipo de Féstas P'ra Fora**

**BAR • RESTAURANT • CHURRASQUEIRA**

*Private Parking*  
18 Hensler Street  
Newark, NJ 07105



Tel. (973)  
344-2278 • 344-9840  
Fax: (973) 344-8372

**LEITÃO A BAIRRADA • CHICKEN • RIBS • CODFISH • ETC...**

**Figura 44** – Publicidade na imprensa local.

*O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 19.*



# Leslie

FURNITURE

Proprietários: JOAQUIM E MANUEL GUERRA



LINDAS MOBÍLIAS, PARA TODOS OS GOSTOS  
CONJUNTOS DE: SALA DE ESTAR; JANTAR;  
QUARTO DE DORMIR; COZINHA  
DIFERENTES QUALIDADES E MODELOS  
ENTREGAS GRÁTIS

MOBÍLIAS IMPORTADAS DE PORTUGAL E ITÁLIA  
**VISITE-NOS !!!**


Visite as duas lojas com salas de exposições em:  
206-208 Ferry Street - Newark, N. J. Tel 589-6549 Fax 589-1404  
ARMAZÉM E SHOW ROOM — 93-101 Ferguson St. NEWARK, N. J.

Figura 45 – Publicidade na imprensa local.  
O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 21.



N. J. Inspection  
Licence No. 11352

Tel. (973) 589-1660



**CARLOS AUTO ELECTRIC**

Auto Electric Repairs - New and Rebuilt  
Starters - Alternators - Generators - Radios - Etc.  
Foreign and American - Tune-Ups - Brakes - Alarms  
We Sell Gas and Diesel

CARLOS HENRIQUES  
Proprietor

370 SOUTH STREET  
(Cor. Van Buren St.)  
NEWARK, N. J. 07105

**Figura 46** – Publicidade na imprensa local. *O Concelho da Murtosa*, n.º 2087, 16.9.2004, p. 28.



Photography by  
**Rebimbas**

1477 MORRIS AVE.  
UNION, N. J. 07083  
Tel. (908) 851-2701  
Fax: (908) 851-2199.

*O momento mais especial  
que ficará para sempre*

**Figura 47** – Publicidade na imprensa local. *O Concelho da Murtosa*, n.º 2087, 16.9.2004, p. 28.

*Caetano's* 

**TRAVEL CENTER**

**TONY CAETANO**

VIAGENS PARATODAAPARTEDOMUNDO,  
INCLUINDO LUASDEMEI, REUNIÕESFAMILIARES,

84 Jefferson St. - NEWARK, NJ 07105

**Figura 48** – Publicidade na imprensa local. *O Concelho da Murtosa*, n.º 2087, 16.9.2004, p. 30.



**POPULAR  
FISH  
MARKET**

de  
*Manuel Nata*



Fornecemos os  
melhores  
restaurantes e hotéis

Importação de  
produtos portugueses

Azeite e Conservas

Peixe e Marisco  
Fresco

129 Ferry Street | Newark, NJ 07105

973-344-7939 

*Provavelmente o paraíso é aqui*

**TORREIRA**



 A Junta de Freguesia deseja-lhe boas férias 

**Figura 49** – Publicidade na imprensa local.  
O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. II.





## Saudação

*O Mayor de Newark sauda todos os murtoseiros radicados em Portugal e em Newark. O seu contributo para o desenvolvimento da nossa cidade merece o meu apreço e o meu agradecimento. A todos um forte abraço.*

*Sharpe James*  
Mayor - City of Newark



**Figura 50** – Publicidade na imprensa local.  
O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. IV.



# Local 472

Heavy and General Construction Laborers' Union

700 Raymond Blvd. Newark, NJ 07105

O presidente John Hibbs e toda a equipa da Local 472 felicitam os residentes da cidade de Newark e da vila da Murtosa desejando, ao mesmo tempo, muitas felicidades a todos os que continuamente trabalham para o desenvolvimento das duas comunidades irmãs.

John Hibbs	President	Business Manager
Eugene Grambo	Vice-President	Business Agent
Louis Giammarino	Recording Secretary	Business Agent
Stephen Kealy	Secretary-Treasurer	Business Agent
Donald Hibbs	Sargent-at-Arms	Business Agent
Freddie Jones	Auditor	Business Agent
Tony Santos	Auditor	Business Agent
Roger Ellis	Auditor	Business Agent
Charles Mosier	Executive Board	Business Agent
Tony Oliveira	Executive Board	Business Agent
Mike Testa	Executive Board	Business Agent
Pat Mancini		Business Agent

**NEWARK - MURTOSA**  
duas comunidades...  
um só amor



Figura 51 – Publicidade na imprensa local.

*O Correio da Murtosa*, n.º 11, Agosto/2003, p. VIII.





# Saint James HOSPITAL

Cathedral Healthcare System Newark, New Jersey, USA

*Saint James Hospital*



155 Jeferson Street - Newark, NJ 07105

Call: (973) 465-2707

- \* Cirurgia no próprio dia
- \* Urgência 24/7
- \* Cuidados Intensivos e Coronários
- \* Pediatria
- \* Maternidade
- \* Serviços de prevenção e detecção precoce
- \* Mais de 200 Médicos e 600 Empregados
- \* Programa de Voluntários
- \* Liga de Amigos de Angariação de Fundos
- \* Conselho da Comunidade

Call: (973) 465-2707

## SAUDAÇÃO



Por ocasião da geminação da Murtosa com Newark, estendemos as melhores saudações aos emigrantes do concelho da Murtosa, radicados nos Estados Unidos, especialmente os da grande cidade de Newark que nos acolheu e proporcionou oportunidades sem rival.

Céu Cirne-Neves  
Administradora

**Figura 52** – Publicidade na imprensa local.  
O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. X.



**Leslie's Wholesale Furniture Distributors**

**3 SHOWROOMS**

**Um MUNDO de ideias perfeitas**

**Leslie**  
**FURNITURE**

**Mobiliário e Decoração**

206 Ferry Street    108 Polk Street    93 Ferguson Street

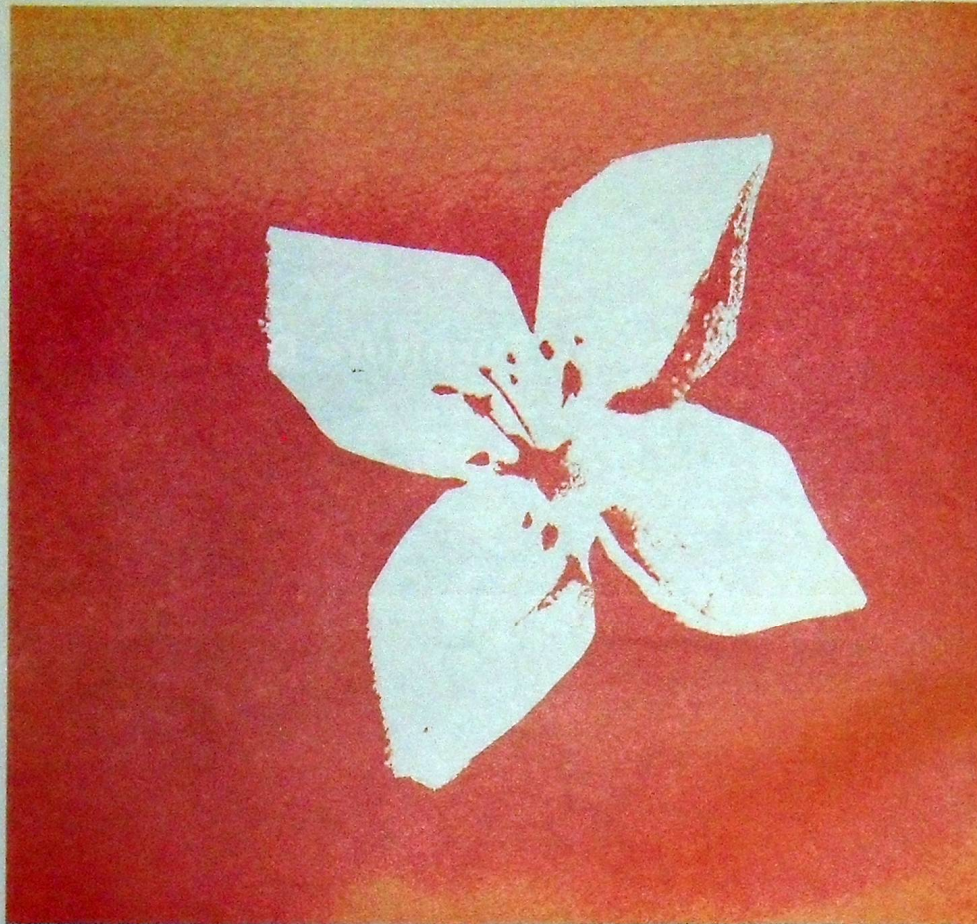
Tel. (973) 589-6549    Fax. (973) 589-1404

E-mail: LeslieFurniture@aol.com

**Newark, New Jersey**

**Figura 53** – Publicidade na imprensa local.  
O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. XI.





**O Balcão BPI da Murtosa  
acolhe-o tão bem  
como o de Newark, New Jersey.**

**Praça Jaime Afreixo, Pardelhas, Murtosa.  
65-67 Jefferson Street, Newark, New Jersey.**



**Figura 54** – Publicidade na imprensa local.  
*O Correio da Murtosa*, n.º 11, Agosto/2003, p. XII.





**BUS (973) 817-7700**  
**FAX (973) 817-8588**  
E-mail: Lula.Nogueira@LuckyRealty.com  
Web: WWW.ExitRealtyLucky.com



290 Ferry St, Newark N.J. 07105  
337 Bloomfield Ave, Newark N.J. 07107  
640 Newark Ave, Elisabeth N.J. 07208  
1338 Morris Ave, Union N.J. 07083

**TEMOS A CASA DOS SEUS SONHOS...  
CONTACTE-NOS!**



## CARLOS AUTO ELECTRIC



CARLOS HENRIQUES  
Proprietor



Auto Electric Repairs - New and Rebuilt  
Starters - Alternators - Generators - Radios  
Foreign and American - Tune-Ups - Brackets - Alarms  
We Sell Gas and Diesel

N.J. Inspection  
License No. 11352

370 South Street (Cor. Van Buren St.) Newark, N.J. 07105

Figura 55 – Publicidade na imprensa local.  
O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. 8.

### SARDO & BATISTA

#### ADVOGADOS PORTUGUESES



A. J. Batista      Rose Marie Sardo

Licenciados em  
New York, New Jersey e Tribunal Supremo dos Estados Unidos

- . Acidentes de Automóvel, Trabalho e Quedas
- . Testamentos e Partilhas de Bens
- . Divórcios . Casos Criminais
- . Escrituras de Propriedades e Negócios
- . Contratos . Refinanciamentos
- . Formação e Alteração de Companhias
- . Despejo de Inquilinos
- . Lels Comerciais

**TODO O TIPO DE CASOS CIVIS**

**134 WILSON AVE., NEWARK, NJ 07105**  
**PHONE (973) 465-4606      FAX (973) 465-5202**

Figura 56 – Publicidade na imprensa local.  
O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. 19.



# A CASA PORTUGUESA

## EVOLUÇÃO DA HABITAÇÃO NA MURTOSA

Não ha talvez povoação em Portugal, onde a evolução e fases por que tem passado o lar domestico, sejam mais curiosas e interessantes do que na Murtosa, essa enorme aldeia, mais populosa do que a maioria das nossas cidades capitães de distrito, assenta, ali, á beira da ria de Aveiro, e vivendo a existencia socegada dos que só vivem do honrado labor de cada dia, de bem comsigo e com Deus.

E' muito moderna a povoação, supondo-se fundada por algum grupo de pescadores ido de Esgueira, Aveiro ou mesmo Ilhavo.

Não deve ir muito além de 1.600 pois a mais remota referencia que se encontra a seu respeito, é do Catalogo dos Bispos do Porto, de D. Rodrigo da Cunha, publicado em 1625.



Casa primitiva. Alpendre com uma só entrada e fechando-se com portas de madeira. Alcovas nas salas e mais enfeitada exteriormente.



O segundo tipo de habitação. No alpendre vêm-se as duas portas correspondentes ás duas salas.

e todo o resto do corpo do edificio de madeira. Mas, desde que a habitação na Murtosa assentou n'um tipo de construção, as metamorfoses, por que tem passado até ao tipo actualmente adotado, são devéras interessantes.

Para o murtoseiro, essencialmente trabalhador e dedicado ao seu lar, o maior sonho, desde que constitue familia, é a construção da sua casa.

Casa cedo e, para realizar o seu sonho, que os seus magros ganhos de pescador jámais permitiram efétivar, abala para o Brasil, ás vezes 15 dias após o seu noivado, onde vae trabalhar como um moiro e amealhar ansiosamente o preço do almejado lar.

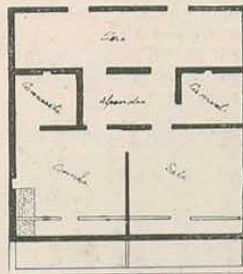


A casa primitiva. Simple, alpendre aberto, com duas entradas e sem alcovas nas salas.

O que seria a primitiva habitação d'estes colonos, é impossivel sabel-o hoje quicá a cabana de madeira e colmo ou de lama e colmo.

O adobe de lodo ainda hoje existe em muitas construções antigas e creio que até aindase fabrica. A casa de madeira é usual, especialmente na beira mar, onde lhe dão o nome de palheiros.

Na Costa Nova, as casas são exclusivamente de madeira — palheiros—; na Torreira a frontaria é de adobe de areia



Planta do tipo primeiro. Escala 1/180. Os traços a branco indicam a variante das alcovas ao fundo das duas salas.

Dois ou tres anos depois volta. Encontra já o seu primeiro filho, compra o terreno, ergue os muros da casa, assenta-lhe o telhado, deixa a sua pequena familia já lá instalada e parte de novo, ganhar o resto que lhe ha de permitir vêr realisada a sua maior aspiração.

O tipo mais antigo da casa popular na Murtosa é o de alpendre.

A casa compunha-se de duas salas quadradas, ás quaes correspondia em ca-

da extremo, na frente, uma camareta.

Entre estas ficava o alpendre, com uma ou duas entradas.

Uma das salas tinha ao canto a lareira.

Algumas vezes, quando a familia era numerosa, a casa tinha ao fundo das salas umas alcovas, correspondentes uma ou duas á sala e geralmente uma só, á cozinha, que servia de celeiro.

No baixo da pagina vê-se a planta deste tipo de habitação.

A grande fecundidade da mulher murtoseira — ha ca-saes, e não raros, que chegam a ter viate e

quatro filhos!!!, sendo vulgares os dez, doze e quinze, determinando o aumento da familia levou necessariamente ao aumento da casa, por meio de um acresceto que o murtoseiro certamente copiou nas suas viagens ao Brasil. Estilo mais moderno, não só aumentou mas aformoseou a casa.

E' o segundo tipo.

A' primeira construção juntou-se do lado, com comunicação interior, uma sala com as mesmas duas alcovas do fundo, como já existia no tipo anterior mas sem a camareta.

Aqui, aparecem já as janelas rasgadas que no anterior não existiam; aqui há já luz e ar que na casa de alpendre mal entravam.

Este segundo tipo, sugeriu eviden-



Segundo tipo de casa



Fachada lateral da casa do primeiro tipo, sem alcovas nas salas.

Figura 57 — "Evolução da habitação na Murtosa", um artigo de Humberto Bessa sobre a influência da emigração na habitação local, no início do século XX. In *Ilustração Portuguesa*, n.º 667, 2.12.1918, pp. 457-458.





O terceiro tipo d'habitação

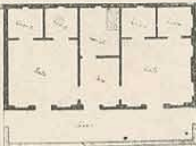
temente aos mestres de obras o terceiro tipo, todo copiado do acrescento que se juntára ao primitivo.

E' a casa mais vulgar atualmente, na Murtosa. E' o terceiro tipo.

Ou tem duas ou tres salas. Tendo tres, a do meio é mais pequena, tem uma divisão a meio para cosinha; a dos extremos, são perfeitamente eguaes e cada uma tem as mesmas duas alcovas que já encontramos nos tipos anteriores. A cada sala corresponde sua porta para a rua ou para o quintal.

Se a frente é para o quintal então, tem sempre um terraço ou eira, murado, baixo.

Planta do terceiro tipo.



A casa com sobrado

las apenas, cuja cosinha é sempre exterior.

Junto vê-se esta variante com a respetiva planta.

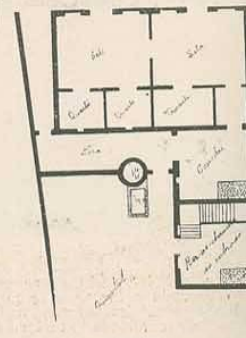
Entretanto vem surgindo também a tendencia para o chalé.

O mirantesinho no alto do telhado, uma só porta, largas janelas, mas disposição interna quasi identica.

E a partir d'aqui, o chalé multiplica-se, alinda-se, cresce em proporções, esmaltando donde a onde a casaria baixinha da Murtosa, muito branca, muito asseada sempre e muito limpa, — por que o murtoseiro é essencialmente asseado na sua habitação — e dizendo com orgulho: «aqui ha um brasileiro!»

Eis como a Murtosa tem crescido e se vem aformoseando e ilustrando, por que convem salientar que a Murtosa, é hoje, também das povoações rurais do país, a que dá maior contingente de estudantes para os cursos superiores, contando filhos seus entre os mais habéis advogados, medicos, teologos, etc.

Planta da casa de sobrado



A casa alinda-se



A transição para o chalé. A' esq'ue da vê-se o sobrado de uma casa do tipo terceiro.

A que dá para a cosinha, por necessidade do serviço d'esta importante repartição do lar domestico, evitando sujar-se o resto da casa. A outra, onde se recebem as pessoas que visitam os donos da casa, para que a não de vassasem e a ultima porque, h a vend o doentes que

HUMBERTO BEÇA.

(Desenhos e «clichés», do autor.)



O chalé alinda-se



Tres irmãos gêmeos do terceiro tipo, na es'rada do lugar do Monte



Na rua do Monte, Porto, onde as casas são todas do terceiro tipo. Os moleiros.



**Figura 59** – Casa de emigrante na Murtosa, estilo Diamantino Farinhas (Google Mapas, 13.6.2016).



**Figura 60** – Casa de emigrante na Murtosa, estilo Diamantino Farinhas (Google Mapas, 13.6.2016).





**Figura 61** – Casa de emigrante na Murtosa, estilo Diamantino Farinhas (Google Maps, 13.6.2016).



**Figura 62** – Casa de emigrante na Murtosa, estilo Diamantino Farinhas (Google Maps, 13.6.2016).



**Figura 63** – Monumento ao Emigrante (1981), na Murtosa, num postal da década de 1980.

## Texto 2

*«A 20.<sup>a</sup> parte dos portugueses fugiu de Portugal, no período de 10 anos! O Paiz vae ficar deserto?!»*

(notícia)

*«Portugal está ruído de cancos. [...] Olhem, por exemplo, o analphabetismo, que nos exhibe como um povo de ignorantes a fingir de civilizados... nas colónias africanas...*

*Há, porém peor que isso, muito peor: é o cancro da emigração. Acabamos de ver uma estatística, que bem pode chamar-se a estatística da vergonha [...]; começa em 1910, data da proclamação da República [...]. Em dez annos apenas, quasi meio milhão de portugueses deixou a sua terra, para ir, no estrangeiro, ganhar o pão de cada dia! [...]*

*Cessa, em todo o território portuguez, a faina agrícola – e ficam apenas, improduttivas, rolando no boulevard luxuoso, as cidades, congestionadas, cheias de ociosos, de funcionarios, de mendigos, de prostitutas e de gatunos! [...]*

*Na estatística em questão, vê-se que houve, nos annos de guerra, como não podia deixar de ser, uma grande baixa emigratória. É natural. Havia as medidas prohibitivas, e havia sobretudo os perigos da viagem marítima.»*

In *O Jornal de Estarreja*, n.º 1710, 15.8.1920, p. 1

## Texto 3

EMIGRAÇÃO NA MURTOSA

(notícia)

*«A emigração para o estrangeiro continua a ser medonha, devido à grande crise que vamos atravessando e tudo derivado da grande opressão que a capitania faz aos habitantes daqui, isto é, pescadores e moliceiros, que na sua maior parte constituem a população desta freguezia.*

*Hontem, para Lisboa, com o fim de seguirem para a América, seguiram daqui muitos indivíduos, que não há muito tempo poucas ou nenhuma tenções tinham de emigrar, mas agora a isso são obrigados, porque aqui nada podem fazer para garantir as suas subsistências.»*

In *Ecos do Antuã*, n.º 4, 22.9.1917

#### **Texto 4**

##### **PADAS DE PARDILHÓ** (teatro)

*«Mas outro nome há para muitos filhos da nossa terra. E tão grande que é preciso ir muito longe buscar o seu fim, sendo o seu princípio este pedaço de terra. É o emigrante: o que principia nos nossos campos e termina no Brasil, na América, na Venezuela, na África. É o que tudo abandonou por amor da mulher e dos filhos, dos pais e dos irmãos. O que se esquece de si mesmo por amor dos outros e cuja felicidade é a felicidade daqueles a quem ama!»*

In SILVA, José Bento de Almeida e – *Padas de Pardilhó* – revista de costumes regionais em 2 actos e 20 quadros. (teatro), 1950

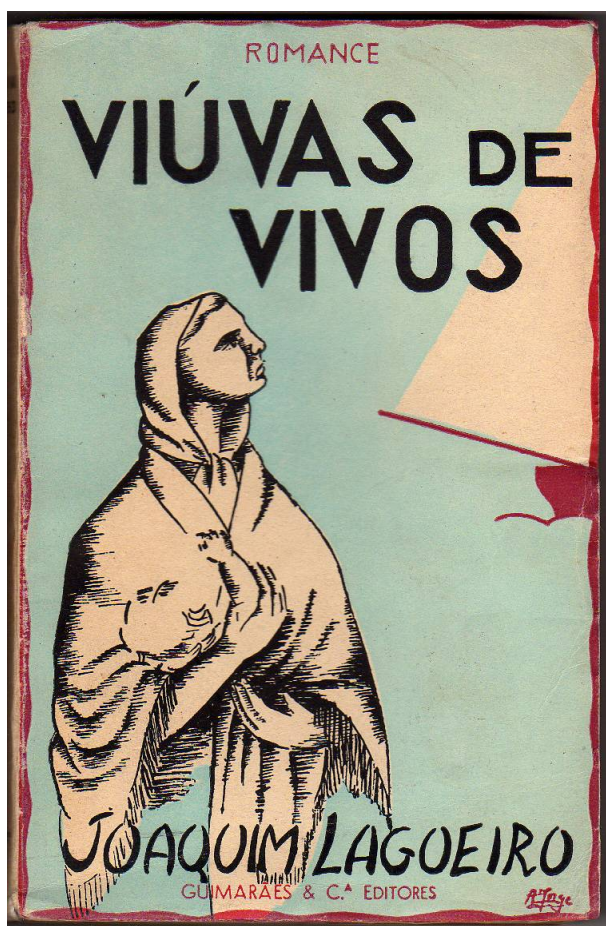
#### **Texto 5**

##### **NADA DE CONFUSÕES** (teatro)

*«Os murtoseiros estão espalhados por toda a parte e bem conhecidos são pela sua luta constante na vida. Comece por Lisboa. O que é a Madragoa senão um cantinho desta e de toda esta corda ribeirinha? Quem alta madrugada, acorda o alfacinha estrumunhado, com os seus cantantes pregões: Ó viva da costa!!!.. São as varinas, gente da Murtosa. Quem dá vida e ruído àquelas rua apregoando: Olha o Século, Diário de Notícias. Bola. é o 3,428!!.. São os ardinias, os cauteleiros, Gente da Murtosa. Atravesse o Oceano Eva às grandes cidade americanas, principalmente a Newark, e lá encontrará a colónia murtoseira, bairrista e patriótica numa luta árdua e nunca abdicando dos seus trajes, dos seus costumes, da língua portuguesa e da sua fala tão característica.»*

In CRAVEIRO JUNIOR, Manuel – *Nada de confusões* – revista fantasia de costumes regionais em 2 actos e 18 quadros. (teatro), 1950





**Figura 64** – Capa da primeira edição do romance “Viúvas de vivos” (1947), de Joaquim Lagoeiro.

### Texto 6

#### VIÚVAS DE VIVOS (romance)

«- O que eu queria do senhor José é que se encarregasse dos papéis para eu embarcar para o Brasil.

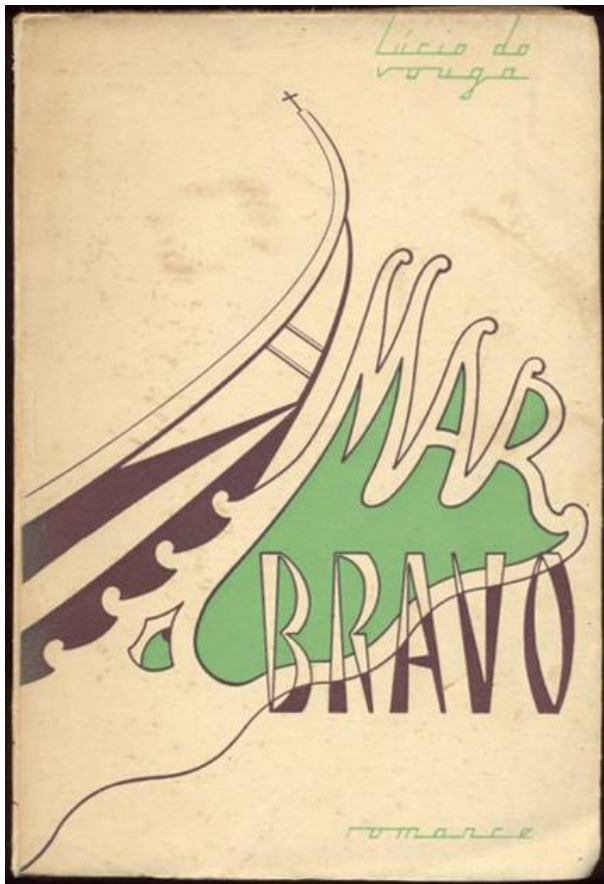
- Mas que ideia é essa, depois do que te aconteceu!

- É cá uma cisma que me não larga. Digo o Brasil, porque é terra onde me entendo, pois tanto se me dava, se não fosse isso, o Brasil como a China. Quero é sair da terra para fora e para muito longe. Tinha escolhido a América, porque lá ganha-se dinheiro que se vê. Enfim, não pude, que me prepare para embarcar e quanto antes.

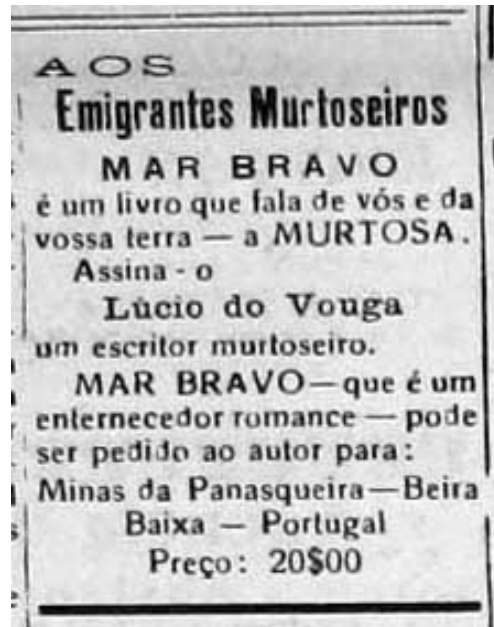
- Sendo assim, qualquer dia tornas a embarcar. Não é difícil. Mais um mês e pronto.»

«A terra é pobre, ou antes, tem gente a mais e não pode sustentar os filhos. Não há fábricas para empregar braços e a lavoura é quase só feita pelos donos dos campos. A terra está demasiadamente dividida.»

In LAGOEIRO, Joaquim – *Viúvas de vivos*. (romance) 1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Guimarães & C.<sup>a</sup> Editores, 1947, pp. 86 e 102



**Figura 65** – Capa do romance “Mar bravo” (1957), de Lúcio do Vouga.



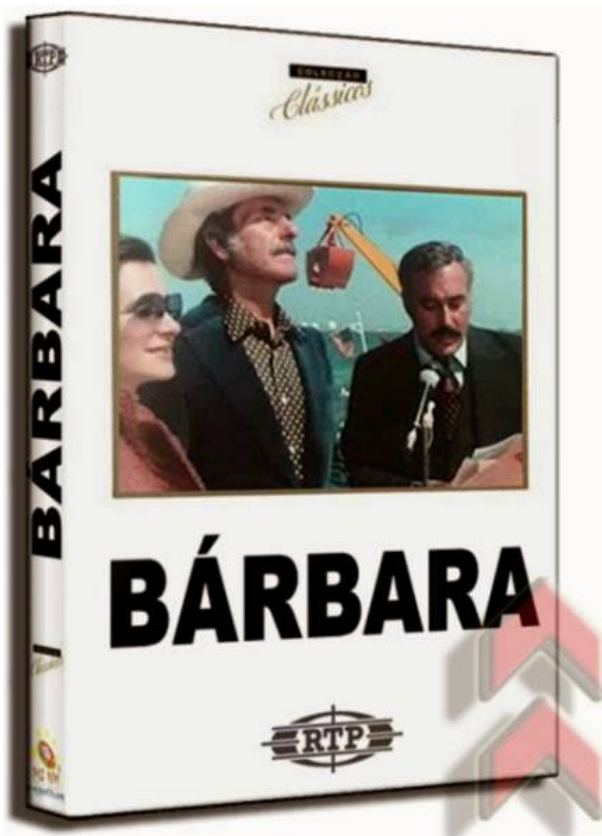
**Figura 66** – Publicidade na imprensa local ao livro “Mar bravo”, de Lúcio do Vouga. *O Concelho da Murtosa*, n.º 1349, 30.7.1958, p. 3.

### Texto 7

MAR BRAVO  
(romance)

*«Realmente eu tenho medo de abandonar tudo, mas a conquista do desconhecido atrai-me, pois é possível chegar a obter o que desejo. Deixei os meus pais, a minha terra, a minha casa, o meu campo que – valha a verdade – não é meu, é de outro, os meus amigos e tudo o mais porque em tudo quero melhorar. Eu sei que o país para onde vou é diferente do nosso, sei isso, mas que importa! [...] Serão para mim os trabalhos mais rudes? Sim, serão. Mas o que tenho eu feito toda a minha vida senão trabalhos rudes?! [...] Saudoso, não esqueço; e não esquecendo, volto. [...] Vou para grangear, para dar aos meus filhos a certeza dos dias que me não deram [...]»*

In VOUGA, Lúcio do – *Mar Bravo*. (romance) Porto, Imprensa Nacional, 1957, p. 48



**Figura 67** – Capa do filme “Bárbara” (1980), realizado para a RTP por Alfredo Tropa.

## **APÊNDICES E ANEXOS – PARTE DIDÁTICA**

# FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA / COLÉGIO BISSAYA BARRETO

Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (2.º ano – Estágio)

Horário 2015/2016

	Segunda	SI.	Terça	SI.	Quarta	SI.	Quinta	SI.	Sexta	SI.
	8h45 – 10h15 8.º História	22					10h00/15 – 11h30 Seminário Geografia Prof. Catarina Pinto	Bib.		
							11h30 – 12h15 Seminário História Prof. Joana Damasceno	Bib.		
							12h30 – 13h15 9.º Geografia	19		
	14h45 – 17h45 FLUC Seminário Geografia / História	SSG	14h30 – 16h00 9.º Geografia	19	14h30 – 15h15 Clube Europeu (Geografia)					
			16h45 – 17h30 Plano Nacional de Leitura (3.º ano)		17h30 – 18h15 Sala de Estudo (Geografia)		17h15 – 18h00 Clube Parlamento (História)	1		

Figura 1 – Horário do professor estagiário.

## SUMÁRIO:

- 1. Visita de Estudo a Oliveira de Azeméis e à Murtosa:
  - 1.1. O escritor Ferreira de Castro (1898-1974);
  - 1.2. População e migrações do concelho da Murtosa.
- 2. Pesquisa na internet por antigos emigrantes no Brasil.



8.º ano, História e Geografia  
Docente: Marco Pereira

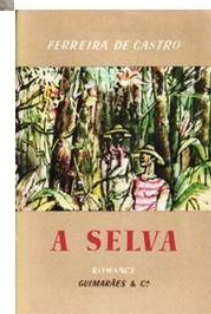
## 1. Visita de Estudo a Ol. de Azeméis e Murtosa

### 1.1. O escritor Ferreira de Castro (1898-1974):

- Natural de Ossela, Oliveira de Azeméis, emigrou para o Brasil com 12 anos;
- Os seus livros retratam o drama da emigração portuguesa no Brasil, sendo uma das suas principais obras literárias o romance "A Selva" (1930);
- Vamos visitar a casa onde nasceu e a biblioteca que doou à sua terra natal.



Ferreira de Castro



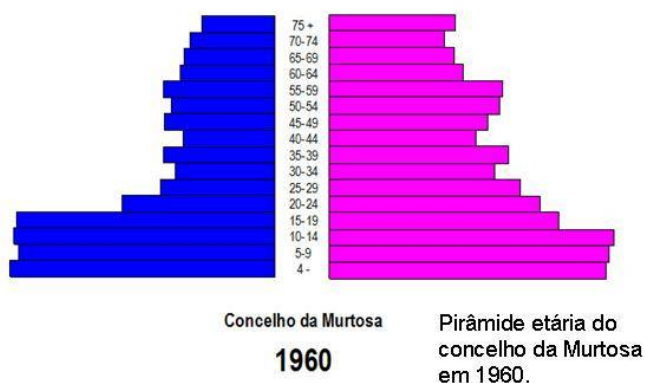
Livro  
"A Selva"



# 1. Visita de Estudo a Ol. de Azeméis e Murtosa

## 1.2. População e migrações do concelho da Murtosa:

- O que são migrações internas, emigração, imigração e demografia?
- O que é uma pirâmide etária?



# 1. Visita de Estudo a Ol. de Azeméis e Murtosa

## 1.2. População e migrações do concelho da Murtosa:

- Constrói uma pirâmide etária com os dados do quadro ao lado, respeitante ao concelho da Murtosa em 1960.
- Que conclusões se podem tirar da pirâmide etária que construístes?

**Quadro n.º 1 – Censos 1960 (INE) – População Residente segundo as idades.**

Idades	H	M
75 +	188	279
70-74	218	255
65-69	231	278
60-64	243	297
55-59	285	386
50-54	265	379
45-49	282	352
40-44	235	326
35-39	285	399
30-34	255	368
25-29	293	426
20-24	390	468
15-19	659	511
10-14	665	633
5-9	654	622
4 -	675	616

# 1. Visita de Estudo a Ol. de Azeméis e Murtosa

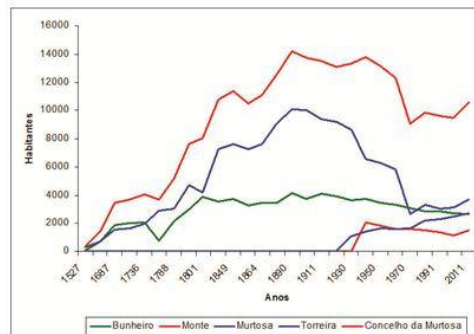
## 1.2. População e migrações do concelho da Murtosa:

- Com a introdução do milho na agricultura, no início do século XVI, a população do concelho da Murtosa começou a crescer bastante;
- A população da freguesia da Murtosa tornou-se excessiva na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX:

1800 – c. 4000 habitantes;

1900 – c. 10 000 habitantes;

2000 – c. 4000 habitantes.



Evolução da população do concelho da Murtosa.

# 1. Visita de Estudo a Ol. de Azeméis e Murtosa

## 1.2. População e migrações do concelho da Murtosa:

- **Causas para as migrações:** sobrepopulação; fragmentação das propriedades agrícolas; meses de defeso na pesca e apanha do moliço.
- **Migrações internas** sazonais: pescadores do sável no Rio Tejo; varinas em Lisboa (principalmente no bairro da Madragoa).
- **Emigração** para o Brasil (Pará), até à década de 1960, e desde então para os Estados Unidos da América.
- Consequente desproporção entre homens e mulheres na pirâmide etária da Murtosa, visível sobretudo no recenseamento de 1960.



Pesca do Sável no Rio Tejo. (Ilustração Portuguesa, 1916)



Ferry Street, em Newark, a cidade que é o principal destino dos emigrantes da Murtosa na actualidade.

# 1. Visita de Estudo a Ol. de Azeméis e Murtosa

## 1.2. população e migrações do concelho da Murtosa:

O que vamos visitar na Murtosa:

- Um museu que representa a casa rural típica da região;
- Um museu dedicado à pesca e à indústria de conservas;
- Passeio de bicicleta pelas margens da Ria de Aveiro.

É importante que prestes atenção ao que te for dito pelos professores nestes locais, que correspondem ao contexto de origem dos emigrantes da Murtosa, dos quais se falará ao longo da visita, relacionando-os com o que vais visitar.



Na Murtosa vamos andar de bicicleta.

# 2. Pesquisa por antigos emigrantes no Brasil

- **Arquivo Distrital de Aveiro:**
- <http://adavr.dglab.gov.pt> <http://adavr.dglab.gov.pt>
  
- **Family Search:**
- <https://familysearch.org/>
- (vamos procurar o “cartão de emigração” de algumas pessoas)



## Conclusões da pesquisa

Pesquisámos pelo sr. Amílcar Hernani Simões Vidal, natural da freguesia de Salreu, concelho de Estarreja.

- 1 – Que idade tinha este senhor quando emigrou pela primeira vez?
- 2 – Era casado?
- 3 – Para que lugar do Brasil emigrou?
- 4 – Sabia ler?
- 5 – Qual era a sua profissão?

Pesquisa agora pelo nome do teu familiar, ou do familiar de um dos teus colegas, que tenha sido emigrante no Brasil. De seguida responde às mesmas questões colocadas para o sr. Amílcar Vidal.

**Figuras 2 a 12** – Apresentação Powerpoint utilizada durante a aula preparatória da Visita de Estudo.



**CBB****COLÉGIO  
BISSAYA  
BARRETO****Colégio Bissaya Barreto**

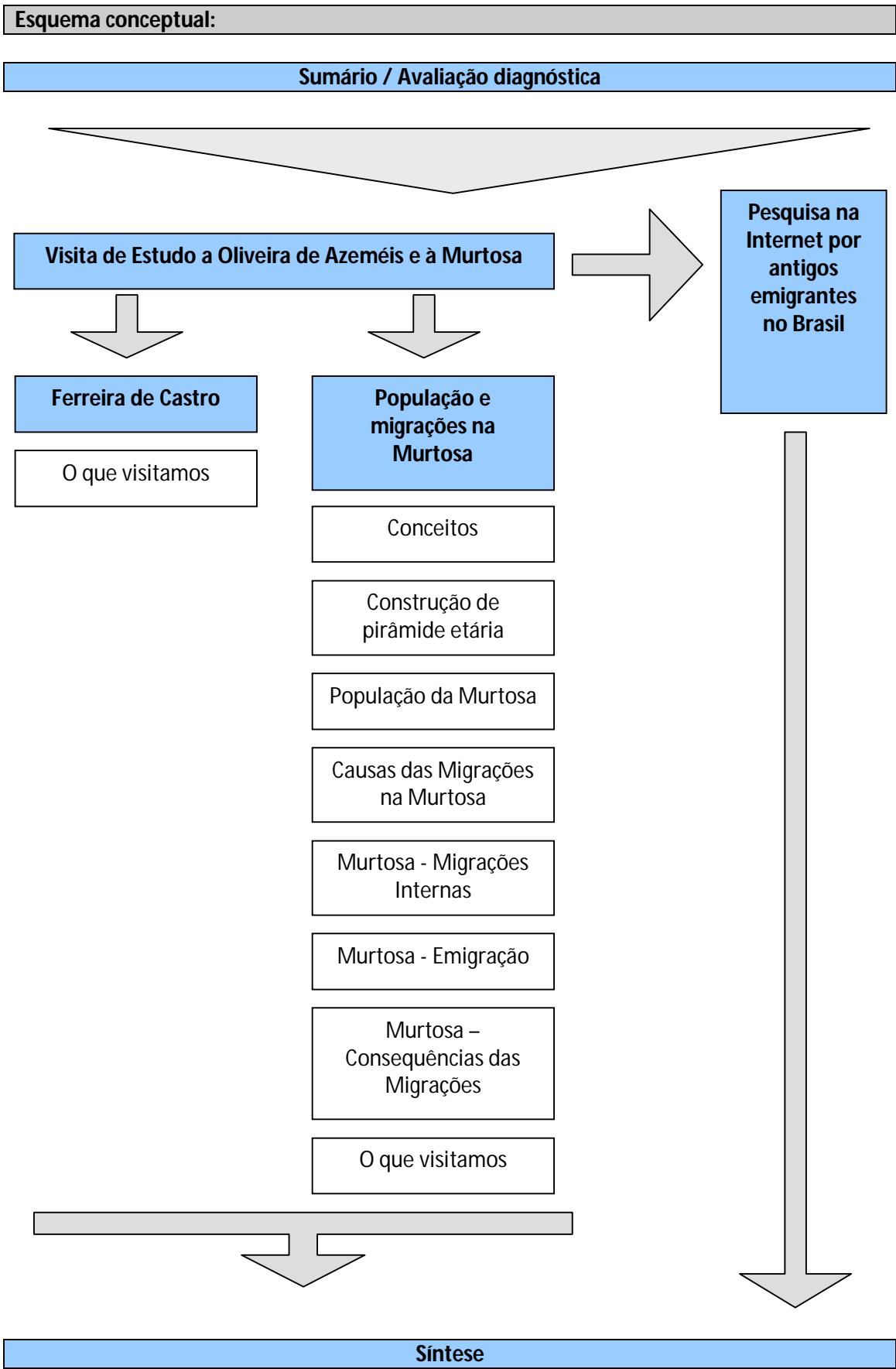
Ano Lectivo 2015/2016

<b>Domínio:</b> História e Geografia.	
<b>Subdomínio:</b> A população e o seu movimento.	
<b>Objectivos Gerais:</b> Conhecer uma região com fortes tradições de emigração, tomando contacto com diversos aspectos ligados a esta temática (tema comum a História e Geografia); Promover as relações aluno – aluno e aluno – professor.	
Aula n.º 1, 9 de Maio de 2016 (1h30)	8.º Ano, Turma A

**Sumário previsto:**

1. Visita de Estudo a Oliveira de Azeméis e à Murtosa:
  - 1.1. O escritor Ferreira de Castro (1898-1974);
  - 1.2. População e migrações do concelho da Murtosa.
2. Pesquisa na internet por antigos emigrantes no Brasil.





**a) Finalidades Educativas:**

Conhecer uma região com fortes tradições de emigração, tomando contacto com diversos aspectos ligados a esta temática (tema comum a História e Geografia).

**b) Questões Chave:**

Quem foi Ferreira de Castro?

Qual a definição de migrações internas, emigração, imigração e demografia?

O que é uma pirâmide etária?

Como se constrói uma pirâmide etária?

Que causas motivaram o número elevado de emigrantes naturais do concelho da Murtosa?

Quais as consequências do elevado número de emigrantes naturais do concelho da Murtosa?

Como pesquisar online informação sobre antigos emigrantes portugueses no Brasil?

**c) Pré-Requisitos:**

Os alunos devem ter a noção de:

População	Variação da população	Movimento da população
Recenseamento	Censos	Sobrepopulação
Fragmentação de propriedades agrícolas	Defeso	Sazonalidade
Desproporção	Ruralidade	Indústria
Pesquisa online		

**d) Conceitos:**

Migrações Internas	Emigração	Imigração
Demografia	Pirâmide etária	

**e) Metas Essenciais:**

- Identificar quem foi Ferreira de Castro;
- Diferenciar os conceitos de migrações internas, emigração, imigração e demografia;
- Caracterizar uma pirâmide etária;
- Construir uma pirâmide etária;
- Particularizar as causas que motivaram o número elevado de emigrantes naturais do concelho da Murtosa;

- Indicar as consequências do elevado número de emigrantes naturais do concelho da Murtoza;
- Pesquisar online informação sobre antigos emigrantes portugueses no Brasil.

#### **f) Descritores:**

1. Dominar conceitos relacionados com a população e seu movimento;
2. Construir pirâmides etárias;
3. Compreender os momentos na História em que ocorreram as maiores variações populacionais na Murtoza;
4. Explicar as causas que levaram às migrações de naturais da Murtoza;
5. Distinguir os principais destinos das migrações de naturais da Murtoza;
6. Inferir consequências das migrações e naturais da Murtoza;
7. Pesquisar online informação sobre emigrantes portugueses no Brasil.

#### **g) Estratégias / Actividades:**

A aula será iniciada com a redacção do sumário, projetado através do programa MicroSoft Powerpoint, de modo a informar os alunos dos assuntos a abordar.

Durante toda a aula haverá uma apresentação Powerpoint como pano de fundo, que apenas apresenta breves tópicos e algumas imagens. Além disso, ao longo da aula o docente poderá referir alguns conceitos pertinentes, relacionando-os com aspectos da matéria, e podendo redigir breves indicações no quadro negro.

A abordagem sequencial dos conteúdos iniciar-se-á com uma breve descrição da biografia do escritor Ferreira de Castro, apontando-o como um exemplo de emigrante português no Brasil, no início do século XX, que descreveu igualmente o drama de outros emigrantes portugueses naquele país. De seguida o professor indicará os locais que serão objecto da Visita de Estudo em Oliveira de Azeméis, relacionados com este escritor.

Após serão explicitados diversos conceitos (migrações internas, emigração, imigração, demografia e pirâmide etária), através de um diálogo horizontal-vertical, questionando o professor os alunos sobre o significado dos mesmos, sempre procurando que estes atinjam sozinhos as respostas correctas.

Depois de uma explicação sumária sobre como se constroem pirâmides etárias os alunos serão convidados a construir nos seus cadernos, individualmente, uma pirâmide etária do concelho da Murtoza, em 1960, com os dados de uma tabela disponibilizada pelo professor. Concluída a construção da tabela o professor questionará os alunos sobre que leituras se podem fazer da mesma, tentando que estes atinjam autonomamente conclusões.

Seguir-se-á uma breve exposição pelo professor, identificando as principais alterações quantitativas da população da Murtoza, situando-as no tempo e relacionando-as com causas concretas. Acto contínuo serão explicitadas as causas, intervalos temporais, destinos e consequências das migrações dos naturais deste concelho. Por fim, indicar-se-ão os locais que

serão objecto da Visita de Estudo na Murtosa, explicitando a relação entre os mesmos e a matéria acabada de leccionar.

Em último lugar explicar-se-á brevemente aos alunos que existem na internet fontes de informação sobre o tema da emigração, úteis tanto para a História como para a Geografia, dando o exemplo dos sites do **Arquivo Distrital de Aveiro** e do **Family Search**. Explicitadas algumas das funcionalidades destes sites, o professor guiará os alunos sobre como fazer a pesquisa de uma pessoa concreta, no **Family Search**, apurando algumas informações sobre essa pessoa. Finda esta exemplificação convidam-se os alunos a fazerem a mesma pesquisa sobre familiares seus ou dos seus colegas.

A conclusão da aula far-se-á com uma síntese da mesma, através de diálogo horizontal/vertical.

#### **h) Materiais e recursos:**

- \* Computador portátil e datashow;
- \* Apresentação Powerpoint;
- \* Computadores com ligação à internet para os alunos (um por cada dois alunos);
- \* Quadro negro e giz;
- \* Caderno e esferográfica.

#### **i) Objectivos dos materiais e recursos a utilizar:**

Computador portátil, datashow e Powerpoint	Exposição sintética da matéria a leccionar, incluindo o sumário da aula.
Computadores com ligação à internet	Pesquisa pelos alunos de antigos emigrantes portugueses no Brasil
Quadro negro e giz	Redacção pelo professor de breves tópicos no decorrer da aula.
Caderno e esferográfica	Redacção pelos alunos do sumário da aula e dos tópicos indicados pelo docente.

#### **j) Estratégias de Remediação:**

O professor acompanhará individualmente os alunos na pesquisa online, dando particular atenção àqueles que sentirem maiores dificuldades.

Será feita uma síntese de toda a matéria leccionada, no final da aula.

#### **l) Estratégias de Enriquecimento:**

Exploração da bibliografia indicada pelo professor.

#### **m) Avaliação:**

- \* Assiduidade;
- \* Pontualidade;
- \* Grelha de participação e comportamento na aula;
- \* Avaliação diagnóstica oral;
- \* Observação directa dos alunos;
- \* Ficha de Trabalho (após a Visita de Estudo).

#### **n) Bibliografia:**

- \* PEREIRA, Marco – *Migrações Portuguesas – O caso dos concelhos de Estarreja e Murtosa*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Relatório de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, 2017 (inédito).
- \* REDAL, Enric Juan (dir.), *Enciclopédia do Estudante – Vol. 3: Geografia Geral*, Carnaxide, Santillana Constância / Público, 2008, p. 40;
- \* REDAL, Enric Juan (dir.), *Enciclopédia do Estudante – Vol. 12: Geografia Descritiva*, Carnaxide, Santillana Constância / Público, 2008, p. 121;
- \* Site Arquivo Distrital de Aveiro – <http://adavr.dglab.gov.pt> <http://adavr.dglab.gov.pt>
- \* Site Family Search – <https://familysearch.org/>

#### **o) Reflexão crítica:**

#### **p) Apêndices:**



COLÉGIO  
BISSAYA  
BARRETO

## PAA - Projeto de Atividade

Procedimentos: Modelo a entregar ao Coordenador de Departamento e de Estabelecimento (consoante) para monitorização.

Anexar, se possível, proposta de guião ou outro material de referência e/ou orientação para a atividade.

**Prazos:** Planificação : Até 15 dias antes da atividade; Avaliação : Até 5 dias úteis após a realização da atividade.

TIPO DE AÇÕES (Ver Projeto Educativo e modelo de Plano Anual de Atividades) [assinalar com uma cruz]					
Visitas de Estudo	X	Exposições		Encontros / Competições	
Projetos Internos		Projetos Comunitários		Outras Atividades	

**Designação da Atividade** Visita de Estudo a Oliveira de Azeméis e Murtosa

### 1. PLANIFICAÇÃO

**Dinamizador(es):** Núcleo de Estágio de História e Geografia (Marco Pereira e João Terras)

**Docentes envolvidos:** Catarina Pinto (Geografia) e Joana Damasceno (História)

**Destinatários:** Escola: \_\_\_\_\_ Ano(s): 8.º Turma(s): A Outros: \_\_\_\_\_

**Local:** Concelhos de Oliveira de Azeméis e Murtosa **Calendarização:** 10/05/2016

**Entidades:** \_\_\_\_\_

**Meios de Transporte:** \_\_\_\_\_ **Empresa transportadora:** \_\_\_\_\_ **Contacto:** \_\_\_\_\_

**Horário:** Partida: \_\_\_\_\_ Chegada prevista: \_\_\_\_\_

**Itinerário:** \_\_\_\_\_

**Alojamento:** \_\_\_\_\_

**Refeições** À responsabilidade do aluno: \_\_\_\_\_ Restaurante: \_\_\_\_\_ Preço médio: \_\_\_\_\_ €

**Preço total por pessoa:** \_\_\_\_\_

**Contacto(s) em caso de necessidade:** \_\_\_\_\_

**Projeto Educativo:**  
**Eixos Estratégicos**  
(assinalar com cruz)

1. Resultados
2. Prestação de Serviço Educativo
3. Organização e Gestão Escolar
4. Capacidade de Auto-Regulação e Progresso

Disciplinas	Objetivos Estratégicos (Projeto Educativo)	Modo de Avaliação
História Geografia	- Conhecer uma região com fortes tradições de emigração, tomando contacto com diversos aspectos ligados a esta temática (tema comum a História e Geografia); - Promover as relações aluno – aluno e aluno – professor.	- Observação direta e informal ; - Ficha de Trabalho.

**OBSERVAÇÕES:**



## 2. TRAMITAÇÃO da Planificação

	Conselho de Turma Diretor de Turma	Coordenador de Departamento / Estabelecimento	Conselho Pedagógico
Data	/ / 2016	/ / 2016	/ / 2016
Rubrica			

OBSERVAÇÕES:

## 3. AVALIAÇÃO

Intervenientes	Avaliação			
Alunos	A preparação foi:			
	Insuficiente	<input type="checkbox"/>	Suficiente	<input type="checkbox"/> Bem conseguida <input checked="" type="checkbox"/>
	As atividades foram:			
	Pouco interessantes	<input type="checkbox"/>	Interessantes	<input type="checkbox"/> Muito interessantes <input checked="" type="checkbox"/>
O comportamento do grupo foi:				
Pouco satisfatório	<input type="checkbox"/>	Razoável	<input type="checkbox"/>	Bom <input type="checkbox"/> Muito Bom <input checked="" type="checkbox"/>
Docente(s) Dinamizador(es)	A preparação foi:			
	Insuficiente	<input type="checkbox"/>	Suficiente	<input type="checkbox"/> Bem conseguida <input checked="" type="checkbox"/>
	As atividades foram:			
	Pouco interessantes	<input type="checkbox"/>	Interessantes	<input type="checkbox"/> Muito interessantes <input checked="" type="checkbox"/>
	O comportamento do grupo foi:			
Pouco satisfatório	<input type="checkbox"/>	Razoável	<input type="checkbox"/>	Bom <input type="checkbox"/> Muito Bom <input checked="" type="checkbox"/>
Pontos Fortes		Pontos Fracos		
- Apelativo ao público – alvo.				
Professor(es) Envolvido(s)	Avaliação			
	Insuficiente	<input type="checkbox"/>	Suficiente	<input type="checkbox"/> Bem conseguida <input checked="" type="checkbox"/>
	Insuficiente	<input type="checkbox"/>	Suficiente	<input type="checkbox"/> Bem conseguida <input checked="" type="checkbox"/>
	Insuficiente	<input type="checkbox"/>	Suficiente	<input type="checkbox"/> Bem conseguida <input checked="" type="checkbox"/>
	Pontos Fortes		Pontos Fracos	

OBSERVAÇÕES:

Assinatura do(s) Dinamizador(es) e dos Docente(s) envolvidos \_\_\_\_\_

## 4. TRAMITAÇÃO da Avaliação

	Conselho de Turma Diretor de Turma	Coordenador de Departamento / Estabelecimento	Conselho Pedagógico
Data	/ / 2016	/ / 2016	/ / 2016
Rubrica			

OBSERVAÇÕES:

Coimbra, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016

**CBB**COLÉGIO  
BISSAYA  
BARRETO**Colégio Bissaya Barreto**

Ano Lectivo 2015/2016

**VISITA DE ESTUDO A OLIVEIRA DE AZEMÉIS E MURTOSA**

**Participantes:** 23 alunos (8.º ano) e 4 docentes (Catarina Pinto - Geografia, Joana Damasceno – História, os dois professores estagiários de História e Geografia).

**Data:** 10 de Maio de 2016

**Locais:** Casa-Museu Ferreira de Castro e Biblioteca Anexa (Ossela, Oliveira de Azeméis); Parque Temático Molinológico de UI (Oliveira de Azeméis); Passeio de Bicicleta Murtosa Ciclável / NaturRia (Murtosa); Casa-Museu Custódio Prato (Bunheiro, Murtosa); Comur – Museu Municipal da Murtosa (Murtosa).

**Custos:** Autocarro e motorista do Colégio, combustível e portagens; entrada individual no Parque Temático Molinológico de UI, totalizando 7,5 euros por aluno.

**9h00 – 10h30** | Trânsito Bencanta (Coimbra) – Ossela (Oliveira de Azeméis), seguindo pela A1.

**10h30 – 11h30** | Visita à Casa-Museu Ferreira de Castro e à Biblioteca Anexa (Ossela, Oliveira de Azeméis). GRATUITO.

**Descrição:** Ferreira de Castro foi um escritor português do séc. XX, cuja obra se centra especialmente na emigração portuguesa no Brasil sua contemporânea. A visita pretende dar a conhecer melhor Ferreira de Castro, a sua obra e as condições de origem e destino dos emigrantes portugueses no Brasil, no fim do séc. XIX e início do séc. XX.

**Contactos:** [património.cultural@cm.oaz.pt](mailto:património.cultural@cm.oaz.pt) | 256 600 600 | 927 994 397 (C. M. O.-Az.)

☞ Casa-Museu Ferreira de Castro e Biblioteca Anexa

[http://www.cm-oaz.pt/cultura.353/casa\\_museu\\_ferreira\\_de\\_castro.1499/casa\\_-\\_museu\\_ferreira\\_de\\_castro.a4142.html](http://www.cm-oaz.pt/cultura.353/casa_museu_ferreira_de_castro.1499/casa_-_museu_ferreira_de_castro.a4142.html)

**11h30 – 12h00** | Trânsito Ossela – UI (Oliveira de Azeméis)

**12h00 – 14h00** | Almoço (**os alunos devem trazer de casa**) e Visita ao Parque Temático Molinológico de UI (Oliveira de Azeméis). CUSTO DE 2,5 €POR PESSOA (Incluídas 2 Padinhas de UI ou 1 Regueifinha de UI).

**Descrição:** Paragem sossegada para almoço, aproveitando para testemunhar o ciclo do pão, e em particular o trabalho dos moinhos e dos fornos tradicionais de cozer pão, incluindo prova gastronómica (padas ou regueifa). Contacto com o ambiente campestre de uma região de emigrantes, no que eram as condições de origem de muitos emigrantes portugueses no passado.

**Contactos:** Dra. Catarina 925 661 458 (Parque Temático Molinológico de UI)

☞ Parque Temático Molinológico de UI

<http://ptm.cm-oaz.pt/index.php>

<http://www.cm->

[oaz.pt/oliveira\\_de\\_azemeis.1/espacos\\_naturais\\_2.297/parque\\_tematico\\_molinologico.299.html](http://www.cm-oaz.pt/oliveira_de_azemeis.1/espacos_naturais_2.297/parque_tematico_molinologico.299.html)

<https://www.facebook.com/moinhosptm/timeline>

**14h00 – 14h30** | Trânsito UI - Murtosa

**14h30 – 15h15** | Visita à Casa-Museu Custódio Prato, Bunheiro – Murtosa.  
GRATUITO.

**Descrição:** Casa rural da Murtosa, numa das regiões portuguesas de maior tradição emigratória, contactando com as condições de origem de muitos emigrantes portugueses no passado.

**Contactos:** [geral@cm-murtosa.pt](mailto:geral@cm-murtosa.pt) (C. M. M.)

☞ **Murtosa – Brochura Promocional**

[http://www.cm-murtosa.pt/output\\_efile.aspx?id\\_file=16493&id\\_object=7575](http://www.cm-murtosa.pt/output_efile.aspx?id_file=16493&id_object=7575)

☞ **Murtosa – Vídeo Promocional**

<https://vimeo.com/47670325>

☞ **Câmara Municipal da Murtosa – Visitas Guiadas**

[http://www.cm-murtosa.pt/output\\_efile.aspx?id\\_file=8447&id\\_object=4589](http://www.cm-murtosa.pt/output_efile.aspx?id_file=8447&id_object=4589)

☞ **Casa-Museu Custódio Prato**

<https://www.facebook.com/rfcamponeses/>

<http://www.cm->

[murtosa.pt/Templates/GenericDetails.aspx?id\\_object=2245&divName=604s606s608&id\\_class=608](http://www.cm-murtosa.pt/Templates/GenericDetails.aspx?id_object=2245&divName=604s606s608&id_class=608)

[http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu\\_fichaGeo.aspx?idMuseu=30&tipologia=5&regiao=161](http://roteiromuseus.ccdrc.pt/museu_fichaGeo.aspx?idMuseu=30&tipologia=5&regiao=161)

**15h30 – 16h15** | Visita à Comur – Museu Municipal da Murtosa. GRATUITO.

**Descrição:** Museu dedicado à indústria de conservas de peixe e outros alimentos, com referência à actividade piscatória tradicional local. Os pescadores da Murtosa constituíram, no passado, um grupo fortemente ligado a migrações internas (ex.: pesca do sável no Tejo) e emigração (em particular para o Brasil, primeiro, e E.U.A., mas tarde).

☞ **Comur – Museu Municipal da Murtosa**

<https://www.facebook.com/comurmuseumunicipal/?fref=ts>

[http://www.cm-murtosa.pt/output\\_efile.aspx?id\\_file=16493&id\\_object=7575](http://www.cm-murtosa.pt/output_efile.aspx?id_file=16493&id_object=7575)

**16h30 – 18h30** | Passeio de Bicicleta na Murtosa. GRATUITO.

**Descrição:** Contacto com a região da Ria de Aveiro, em particular a Murtosa, conhecendo a sua riqueza natural através de um meio de mobilidade suave com grande tradição local.

☞ **Murtosa Ciclável**

<https://www.facebook.com/MurtosaCiclavel/timeline>

<http://www.murtosaciclavel.com/>

☞ **NaturRia**

<https://www.facebook.com/groups/birdwatchingnaturia/?fref=ts>

[http://www.cm-murtosa.pt/output\\_efile.aspx?id\\_file=6488&id\\_object=3754](http://www.cm-murtosa.pt/output_efile.aspx?id_file=6488&id_object=3754)

**18h30 – 19h30** | Trânsito Murtosa – Bencanta (Coimbra), seguindo pela A1.

**OS ALUNOS NÃO SE DEVEM ESQUECER DE TRAZER DE CASA:** o almoço, lanche da manhã e da tarde, água, saco para o lixo, bloco e apontamentos e esferográfica, lenços de papel, calçado confortável.



Exmo(a). Senhor(a)  
Encarregado de Educação do aluno:  
\_\_\_\_\_,  
n.º \_\_\_\_\_, do 8.º Ano, Turma A

**Assunto:** Visita de Estudo

A fim de concretizar conhecimentos, através da observação directa e experimentação, o Colégio Bissaya Barreto vai realizar uma visita de estudo com os alunos da turma do seu educando.

Solicitamos por isso a devolução desta declaração devidamente assinada, autorizando ou não a participação do seu educando.

**Objectivos:**

- Conhecer uma região com fortes tradições de emigração, tomando contacto com diversos aspectos ligados a esta temática (tema comum a História e Geografia);
- Promover as relações aluno – aluno e aluno – professor.

**Locais a visitar:** Concelhos de Oliveira de Azeméis e Murtosa.

**Data:** 10/Maio/2016

**Partida:** 9h00

**Chegada:** 19h30

**Custo da visita:** 7,5 Euros

**Professores responsáveis:** Marco Pereira e João Terras (Núcleo de Estágio de História e Geografia).

**Professores acompanhantes:** Catarina Pinto (Geografia) e Joana Damasceno (História).

**Nota:** ver anexo.

Com os melhores cumprimentos

O Professor responsável

.....  
Declaração

Declaro que autorizo/não autorizo (riscar o que não interessa) o meu educando \_\_\_\_\_, n.º \_\_\_\_\_, do 8.º Ano, Turma A, a participar na visita de estudo a Oliveira de Azeméis e Murtosa, em 10/Maio/2016.

Coimbra, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

O Encarregado de Educação

**Ficha de Trabalho – História e Geografia – 8º ano**

Nome | \_\_\_\_\_ N° | \_\_\_\_\_

Ano/Turma | 8.º A Data | \_\_\_\_\_

Classificação | \_\_\_\_\_ Prof. | \_\_\_\_\_

Encarregado de Educação | \_\_\_\_\_



**Ano Letivo 2015/2016**  
**3º Período**

**LÊ ATENTAMENTE O ENUNCIADO ANTES DE COMEÇARES A RESPONDER**

**VISITA DE ESTUDO A OLIVEIRA DE AZEMÉIS E MURTOSA**

1. Atenta no quadro seguinte, que representa a população do concelho da Murtosa, de acordo com os Censos de 1960, realizados pelo Instituto Nacional de Estatística.

**Quadro n.º 1 – Censos 1960 (INE) – População Residente segundo as idades.**

Idades	Concelho da Murtosa	
	H	M
75 +	188	279
70-74	218	255
65-69	231	278
60-64	243	297
55-59	285	386
50-54	265	379
45-49	282	352
40-44	235	326
35-39	285	399
30-34	255	368
25-29	293	426
20-24	390	468
15-19	659	511
10-14	665	633
5-9	654	622
4 -	675	616

1.1. Constrói uma pirâmide etária a partir dos dados do quadro.

2. Completa os espaços em branco no texto seguinte:

Ao longo da sua história, a população do concelho da Murtosa tem vivido essencialmente da \_\_\_\_\_. A crise desta actividade e da apanha do moliço, essencial à actividade \_\_\_\_\_, devido à imposição pelas autoridades de meses anuais de defeso, deixou muitas pessoas sem trabalho. Para garantir a sua subsistência, e de suas famílias, muitos viram-se obrigados a \_\_\_\_\_. Os países a que estas pessoas se dirigiram foram, principalmente, o \_\_\_\_\_, até à década de 1960, e \_\_\_\_\_, desde essa altura. Este fenómeno teve impacto na pirâmide etária do concelho, do que é exemplo a desproporção de \_\_\_\_\_ face a \_\_\_\_\_ entre a população adulta.

3. Une os conceitos da coluna da esquerda com as suas identificações correctas na coluna da direita.

1. Migrações internas
2. Imigrante
3. Emigrante
4. Demografia

A. Pessoa que sai do país de referência para trabalhar ou residir noutra país.
B. Movimentos da população dentro do mesmo país
C. Pessoa vinda de outro país que entra no país de referência para trabalhar ou residir.
D. Ciência que estuda a população

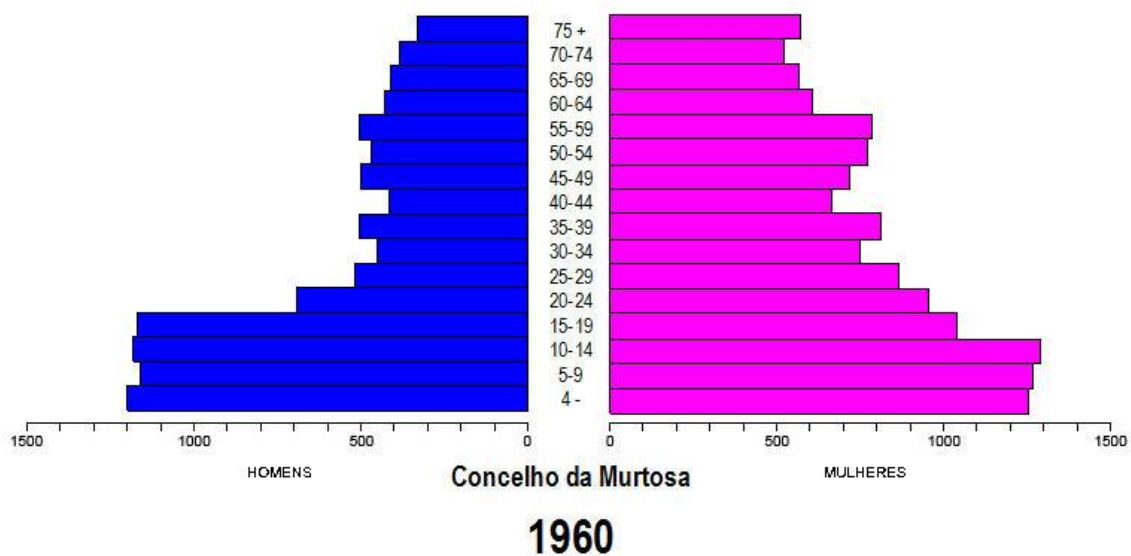
4. Gostaste da Visita de Estudo? Porquê?

**Bom Trabalho!**  
**O Núcleo de Estágio de História e Geografia.**



**SOLUÇÕES DA FICHA DE TRABALHO:**

1.



2. Pesca, agrícola, emigrar, Brasil, Estados Unidos da América, homens, mulheres.

3. 1-B, 2-C, 3-A, 4-D.

4. Resposta livre.



COLÉGIO  
BISSAYA  
BARRETO

Colégio Bissaya Barreto

## AVALIAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO

Locais visitados: \_\_Oliveira de Azeméis e Murtosa\_\_

Data : \_\_10/5/2016\_\_

Intervenientes : 8.º ano (23 alunos) e 4 docentes

Professor(es) responsável(eis): \_\_Marco Pereira\_\_

\_\_João Terras\_\_

Professores acompanhantes: \_\_Catarina Pinto\_\_

\_\_Joana Damasceno\_\_

Total de alunos : \_23\_ Ano(s) : \_8.º\_ Turma(s): \_A\_

Consecução dos objectivos :

Os objectivos propostos foram atingidos? Sim

Não  Porquê ?

\_\_Sim, uma vez que a visita resultou em satisfação geral para os alunos e professores, tanto pela vertente recreativa como pelo enriquecimento de conhecimentos proporcionado. \_\_

Aspecto(s) positivo(s) da visita de estudo :

\_\_A visita foi do agrado de todos os intervenientes e bastante enriquecedora de conhecimentos \_\_

Aspecto(s) negativo(s) da visita de estudo :

\_\_Choveu durante a estadia da Murtosa, o que levou a que fosse encuartada a duração do passeio de bicicleta pelas margens da Ria de Aveiro, conhecendo o quadro natural e económico de origem dos emigrantes. \_\_

Ocorrências :

\_\_\_\_\_

Sugestões :

\_\_\_\_\_

Coimbra, 12/5/2016

Professor(es) Responsável(eis)

## ÍNDICE DE APÊNDICES E DE ANEXOS

### PARTE CIENTÍFICA

<b>Quadro n.º 1</b> – População dos actuais concelhos de Estarreja e Murtosa, entre 1527 e 2011. ....	p. 100
<b>Quadro n.º 2</b> – Censos 1864 – Presentes, População de Facto. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 104
<b>Quadro n.º 3</b> – Censos 1878 – Presentes, População de Facto. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 106
<b>Quadro n.º 4</b> – Censos 1890 – População de Facto. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 108
<b>Quadro n.º 5</b> – Censos 1900 – População de Facto. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 109
<b>Quadro n.º 6</b> – Censos 1911 – População de Facto. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 110
<b>Quadro n.º 7</b> – Censos 1920 – População de Facto. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 111
<b>Quadro n.º 8</b> – Censos 1930 – População de Facto. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 112
<b>Quadro n.º 9</b> – Censos 1940 – População Presente. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 114
<b>Quadro n.º 10</b> – Censos 1950 – População Presente. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 116
<b>Quadro n.º 11</b> – Censos 1960 – População Residente. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 118
<b>Quadro n.º 12</b> – Censos 1970. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 120
<b>Quadro n.º 13</b> – Censos 1981. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 122
<b>Quadro n.º 14</b> – Censos 1991. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 124
<b>Quadro n.º 15</b> – Censos 2001. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 126
<b>Quadro n.º 16</b> – Censos 2011. Dados para a pirâmide etária. ....	p. 128
<b>Quadro n.º 17</b> – Emigrantes oriundos do concelho de Estarreja, incluindo o actual da Murtosa (1886-1921) .....	p. 157

<b>Quadro n.º 18</b> – Emigrantes oriundos do concelho de Estarreja (1955-1988) .....	pp. 159-160
<b>Quadro n.º 19</b> – Emigrantes oriundos do concelho da Murtosa (1955-1988) .....	pp. 162-163
<b>Gráfico n.º 1</b> – Evolução da população dos actuais concelhos de Estarreja e Murtosa, desde o Numeramento de 1527 até aos Censos de 2011. ....	p. 102
<b>Gráfico n.º 2</b> – Evolução da população das freguesias dos actuais concelhos de Estarreja e Murtosa, desde o Numeramento de 1527 até aos Censos de 2011. ....	p. 103
<b>Gráfico n.º 3</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1864). ....	p. 105
<b>Gráfico n.º 4</b> – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1864). ....	p. 105
<b>Gráfico n.º 5</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1878). ....	p. 107
<b>Gráfico n.º 6</b> – Pirâmide etária do concelho de Murtosa (1878). ....	p. 107
<b>Gráfico n.º 7</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja, incluindo a Murtosa (1890). ....	p. 108
<b>Gráfico n.º 8</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja, incluindo a Murtosa (1900). ....	p. 109
<b>Gráfico n.º 9</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja, incluindo a Murtosa (1911). ....	p. 110
<b>Gráfico n.º 10</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja, incluindo a Murtosa (1920). ....	p. 111
<b>Gráfico n.º 11</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1930). ....	p. 113
<b>Gráfico n.º 12</b> – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1930). ....	p. 113
<b>Gráfico n.º 13</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1940). ....	p. 115
<b>Gráfico n.º 14</b> – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1940). ....	p. 115
<b>Gráfico n.º 15</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1950). ....	p. 117
<b>Gráfico n.º 16</b> – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1950). ....	p. 117
<b>Gráfico n.º 17</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1960). ....	p. 119
<b>Gráfico n.º 18</b> – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1960). ....	p. 119
<b>Gráfico n.º 19</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1970). ....	p. 121
<b>Gráfico n.º 20</b> – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1970). ....	p. 121
<b>Gráfico n.º 21</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1981). ....	p. 123
<b>Gráfico n.º 22</b> – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1981). ....	p. 123
<b>Gráfico n.º 23</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (1991). ....	p. 125
<b>Gráfico n.º 24</b> – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (1991). ....	p. 125
<b>Gráfico n.º 25</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (2001). ....	p. 127
<b>Gráfico n.º 26</b> – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (2001). ....	p. 127

<b>Gráfico n.º 27</b> – Pirâmide etária do concelho de Estarreja (2011). .....	p. 129
<b>Gráfico n.º 28</b> – Pirâmide etária do concelho da Murtosa (2011). .....	p. 129
<b>Gráfico n.º 29</b> – Emigração no concelho de Estarreja (incluindo o actual da Murtosa), segundo o país de destino (1886-1921). .....	p. 158
<b>Gráfico n.º 30</b> – Emigração no concelho de Estarreja (incluindo o actual da Murtosa), em percentagem da população total (1886-1921). .....	p. 158
<b>Gráfico n.º 31</b> – Principais países de destino dos emigrantes oriundos do concelho de Estarreja, segundo a percentagem de emigrantes que seguiu para cada um (1956-1985). .....	p. 160
<b>Gráfico n.º 32</b> – Emigração no concelho de Estarreja, segundo o país de destino (1956-1985). .....	p. 161
<b>Gráfico n.º 33</b> – Emigração no concelho de Estarreja, em percentagem da população total que emigrou (1956-1985). .....	p. 161
<b>Gráfico n.º 34</b> – Principais países de destino dos emigrantes oriundos do concelho da Murtosa, segundo a percentagem de emigrantes que seguiu para cada um (1956-1985). .....	p. 163
<b>Gráfico n.º 35</b> – Emigração no concelho da Murtosa, segundo o país de destino (1956-1985). .....	p. 164
<b>Gráfico n.º 36</b> – Emigração no concelho da Murtosa, em percentagem da população total que emigrou (1956-1985). .....	p. 164
<b>Figura 1</b> – Ocupação do litoral por naturais das freguesias marinhas dos concelhos de Estarreja e Murtosa. ....	p. 130
<b>Figura 2</b> – Marchande de poisson de Pardilho / Vendedeira de peixe de Pardilhó. In: Moeurs, usages et costumes de tous les peuples du monde. Vol. II – Europa. ed. Auguste Wahlen, Bruxelas, Librairie Historique-Artistique, 1844. ....	p. 131
<b>Figura 3</b> – Mde. de poissons de Pardilhé et Murtoja (Portugal) / Vendedeira de peixe de Pardilhó e Murtosa (Portugal). In: Espagne et Portugal - Musée Cosmopolite. Album de costumes espagnols et portugais. ed. Aubert, Paris, c. 1850. ....	p. 132
<b>Figura 4</b> – Varina da Murtoza. In: Álbum de Costumes Portuguezes, ed. David Corazzi, Lisboa, Typographia Horas Romanticas, 1888. ....	p. 133
<b>Figuras 5 a 8</b> – Reportagem: “Os pescadores de Vila Franca”, Ilustração Portuguesa, 1913, II, pp. 759-762. ....	pp. 134, 135, 136, 137
<b>Figuras 9 a 11</b> – Reportagem: NAVARRA, Pedro de – “Pesca do Sável”, Ilustração Portuguesa, 1916, I, pp. 158-160. ....	pp. 138, 139, 140
<b>Figura 12</b> – AMORIM GIRÃO, Aristides de – Geografia de Portugal, 1941, p. 301. ....	p. 141
<b>Figura 13</b> – A emigração legal portuguesa (1855-1973). In SERRÃO, Joel – A emigração portuguesa. 1977. ....	p. 143

<b>Figura 14</b> – A emigração portuguesa – transição da prevalência do movimento transoceânico para a prevalência do movimento intra-europeu (1950-1975). In ARROTEIA – A emigração portuguesa. 1983, p. 15. ....	p. 144
<b>Figura 15</b> – A emigração portuguesa para o Brasil, na sua fase final de prevalência (1955-1980). In ARROTEIA – A emigração portuguesa. 1983, p. 23. ....	p. 144
<b>Figura 16</b> – A emigração portuguesa para os Estados Unidos da América (1955-1980). In ARROTEIA – A emigração portuguesa. 1983, p. 27. ....	p. 144
<b>Figura 17</b> – Publicidade na imprensa local. A Voz de Estarreja, n.º 1, 1.1.1885, p. 4. ....	p. 145
<b>Figura 18</b> – Publicidade na imprensa local. A Voz de Estarreja, n.º 1, 1.1.1885, p. 4. ....	p. 145
<b>Figura 19</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho de Estarreja, n.º 1, 10.10.1901, p. 4. ....	p. 146
<b>Figura 20</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho de Estarreja, n.º 1, 10.10.1901, p. 4. ....	p. 146
<b>Figura 21</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho de Estarreja, n.º 1, 10.10.1901, p. 4. ....	p. 147
<b>Figura 22</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho de Estarreja, n.º 1, 10.10.1901, p. 4. ....	p. 147
<b>Figura 23</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho de Estarreja, n.º 1, 10.10.1901, p. 4. ....	p. 148
<b>Figura 24</b> – Publicidade na imprensa local. O Jornal de Estarreja, n.º 1441, 25.4.1915, p. 4. ....	p. 148
<b>Figura 25</b> – Publicidade na imprensa local. O Jornal de Estarreja, n.º 1684, 15.2.1920, p. 4. ....	p. 149
<b>Figura 26</b> – Publicidade na imprensa local. O Jornal de Estarreja, n.º 1684, 15.2.1920, p. 4. ....	p. 149
<b>Figura 27</b> – Publicidade na imprensa local. O Jornal de Estarreja, n.º 1684, 15.2.1920, p. 4. ....	p. 150
<b>Figura 28</b> – Publicidade na imprensa local. A Voz de Estarreja, n.º 136, 23.9.1922, p. 3. ....	p. 151
<b>Figura 29</b> – Publicidade na imprensa local. Revista da Torreira, n.º 2, 15.1.1923, p. 4. ....	p. 152
<b>Figura 30</b> – Publicidade na imprensa local. O Progresso da Murtosa, n.º 167, 20.10.1932, p. 2. ....	p. 152
<b>Figura 31</b> – Publicidade na imprensa local. O Progresso da Murtosa, n.º 193, 20.4.1933, p. 3. ....	p. 153
<b>Figura 32</b> – Publicidade na imprensa local. O Progresso da Murtosa, n.º 193, 20.4.1933, p. 3. ....	p. 153



<b>Figura 33</b> – Publicidade na imprensa local. O Progresso da Murtosa, n.º 276, 22.12.1934, p. 3. ....	p. 154
<b>Figura 34</b> – Publicidade na imprensa local. O Progresso da Murtosa, n.º 276, 22.12.1934, p. 3. ....	p. 154
<b>Figura 35</b> – Publicidade na imprensa local. O Progresso da Murtosa, n.º 306, 20.7.1935, p. 3. ....	p. 155
<b>Figura 36</b> – Publicidade na imprensa local. O Progresso da Murtosa, n.º 306, 20.7.1935, p. 3. ....	p. 155
<b>Figura 37</b> – Publicidade na imprensa local. O Progresso da Murtosa, n.º 306, 20.7.1935, p. 3. ....	p. 156
<b>Figura 38</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho da Murtosa, n.º 614, 10.9.1938, p. 4. ....	p. 156
<b>Figura 39</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho da Murtosa, n.º 1025, 30.3.1949, p. 2. ....	p. 156
<b>Figura 40</b> – Emigrantes em percentagem do crescimento natural, nos concelhos do distrito de Aveiro (1950-1975). CAETANO, Lucília – A indústria no distrito de Aveiro. 1986, p. 167. ....	p. 165
<b>Figura 41</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 3. ....	p. 166
<b>Figura 42</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 9. ....	p. 166
<b>Figura 43</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 18. ....	p. 166
<b>Figura 44</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 19. ....	p. 167
<b>Figura 45</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 21. ....	p. 168
<b>Figura 46</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 28. ....	p. 169
<b>Figura 47</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 28. ....	p. 169
<b>Figura 48</b> – Publicidade na imprensa local. O Concelho da Murtosa, n.º 2087, 16.9.2004, p. 30. ....	p. 169
<b>Figura 49</b> – Publicidade na imprensa local. O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. II. ....	p. 170
<b>Figura 50</b> – Publicidade na imprensa local. O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. IV. ....	p. 171
<b>Figura 51</b> – Publicidade na imprensa local. O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. VIII. ....	p. 172
<b>Figura 52</b> – Publicidade na imprensa local. O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. X. ....	p. 173

<b>Figura 53</b> – Publicidade na imprensa local. O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. XI. ....	p. 174
<b>Figura 54</b> – Publicidade na imprensa local. O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. XII. ....	p. 175
<b>Figura 55</b> – Publicidade na imprensa local. O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. 8. ....	p. 176
<b>Figura 56</b> – Publicidade na imprensa local. O Correio da Murtosa, n.º 11, Agosto/2003, p. 19. ....	p. 176
<b>Figuras 57 e 58</b> – “Evolução da habitação na Murtosa”, um artigo de Humberto Bessa sobre a influência da emigração na habitação local, no início do século XX. In <i>Ilustração Portuguesa</i> , n.º 667, 2.12.1918, pp. 457-458. ....	pp. 177 e 178
<b>Figura 59</b> – Casa de emigrante na Murtosa, estilo Diamantino Farinhas (Google Mapas, 13.6.2016). ....	p. 179
<b>Figura 60</b> – Casa de emigrante na Murtosa, estilo Diamantino Farinhas (Google Mapas, 13.6.2016). ....	p. 179
<b>Figura 61</b> – Casa de emigrante na Murtosa, estilo Diamantino Farinhas (Google Mapas, 13.6.2016). ....	p. 180
<b>Figura 62</b> – Casa de emigrante na Murtosa, estilo Diamantino Farinhas (Google Mapas, 13.6.2016). ....	p. 180
<b>Figura 63</b> – Monumento ao Emigrante (1981), na Murtosa, num postal da década de 1980. ....	p. 181
<b>Figura 64</b> – Capa da primeira edição do romance “Viúvas de vivos” (1947), de Joaquim Lagoeiro. ....	p. 184
<b>Figura 65</b> – Capa do romance “Mar bravo” (1957), de Lúcio do Vouga. ....	p. 185
<b>Figura 66</b> – Publicidade na imprensa local ao livro “Mar bravo”, de Lúcio do Vouga. <i>O Concelho da Murtosa</i> , n.º 1349, 30.7.1958, p. 3. ....	p. 186
<b>Figura 67</b> – Capa do filme “Bárbara” (1980), realizado para a RTP por Alfredo Tropa. ....	p. 186
<b>Texto 1</b> – Estrangeiros em Estarreja. In <i>O Jornal de Estarreja</i> , n.º 3013, 25.1.1958, p. 2. ....	p. 142
<b>Texto 2</b> – «A 20. <sup>a</sup> parte dos portugueses fugiu de Portugal, no período de 10 anos! O Paiz vae ficar deserto?!». In <i>O Jornal de Estarreja</i> , n.º 1710, 15.8.1920, p. 1. ....	p. 182
<b>Texto 3</b> – Emigração na Murtosa. In <i>Ecos do Antuã</i> , n.º 4, 22.9.1917. ....	p. 182
<b>Texto 4</b> – Padas de Pardilhó. In SILVA, José Bento de Almeida e – Padas de Pardilhó – revista de costumes regionais em 2 actos e 20 quadros. (teatro), 1950. ....	p. 183
<b>Texto 5</b> – Nada de Confusões. In CRAVEIRO JUNIOR, Manuel – Nada de confusões – revista fantasia de costumes regionais em 2 actos e 18 quadros. (teatro), 1950. ....	p. 183

**Texto 6** – Viúvas de Vivos. In LAGOEIRO, Joaquim – Viúvas de vivos.  
(romance) 1.ª ed., Lisboa, Guimarães & C.ª Editores, 1947, pp. 86 e 102 .....p. 184

**Texto 7** – Mar Bravo. In VOUGA, Lúcio do – Mar Bravo. (romance) Porto,  
Imprensa Nacional, 1957, p. 48 .....p. 185

## **PARTE DIDÁCTICA**

1. Horário do Professor Estagiário.....	p. 188
2. Aula de preparação para a Visita de Estudo (Powerpoint).....	p. 189
3. Aula de preparação para a Visita de Estudo (planificação).....	p. 195
4. Projecto de Actividade – Visita de estudo.....	p. 201
5. Roteiro da Visita de Estudo.....	p. 203
6. Autorização do encarregado de educação para participação do seu educando.....	p. 205
7. Ficha de Trabalho e respectivas soluções.....	p. 206
8. Avaliação da Visita de Estudo.....	p. 209